UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

ALESSANDRA DA SILVA CARNEIRO

O Guesa em New York:
Republicanism e Americanism em Sousaândrade.

Exemplar revisado

São Paulo

2016

ALESSANDRA DA SILVA CARNEIRO

Exemplar revisado

De acordo,

Prof. Dr. Vagner Camilo.

O Guesa em New York:

Republicanismo e Americanismo em Sousândrade.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Camilo

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Cg

Carneiro, Alessandra da Silva
O Guesa em 'New York': Republicanismo e
Americanismo em Sousândrade. / Alessandra da Silva
Carneiro ; orientador Vagner Camilo. - São Paulo,
2016.
214 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Literatura Brasileira.

1. Sousândrade. 2. Republicanismo. 3. Estados
Unidos. 4. Século XIX. 5. Literatura Brasileira. I.
Camilo, Vagner, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **O Guesa em New York: Republicanismo e Americanismo em Sousândrade**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutora em Letras.

Aprovada em: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico à minha mãe,
Maria Antônia da S. M. Carneiro
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Vagner Camilo, pela oportunidade de desenvolver este trabalho e pela confiança no seu êxito.

Ao Carlos Torres-Marchal, amigo e interlocutor sousandradino, pelos diálogos orientadores, pela generosidade em compartilhar comigo seu conhecimento e fontes de pesquisas, além do constante incentivo para eu seguir estudando Sousândrade.

Ao Prof. Dr. Vivaldo Andrade dos Santos, pela acolhida quando do meu estágio na Georgetown University e pelas contribuições no exame de qualificação.

À Prof^{ra}. Dr^a. Marília Librandi-Rocha, docente da Stanford University, pelas contribuições no exame de qualificação.

À Maria Angela Leal, bibliotecária da *The Oliveira Lima Library* (Washington D.C), pelo auxílio e atenção quando ali estive pesquisando. Agradeço também ao colega Eduardo Schmidt Passos, estagiário da mesma biblioteca, pela ajuda com bibliografia.

À Christine Wirth, da Longfellow House (Cambridge – MA), por ter facilitado o acesso aos materiais que eu procurava e por ter me recebido no local quando o mesmo encontrava-se fechado para visitação.

Sou grata também por toda assistência local que recebi enquanto pesquisadora na *Houghton Library* (Universidade de Harvard), *Lauinger Library* (Georgetown University), *Library of Congress* (Washington D.C) e na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* (Paris).

Agradeço à Rosely de Fátima Silva e ao Julio Henrique Fuji, funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, pela competência profissional e amizade.

Às queridas Marilene Santana, Tatiana Moysés, Thatiane Mendonça e Vanessa R. Ferreira da Silva, pela amizade e suporte durante todos esses anos.

Aos amigos Alexandre José B. da Costa, Carlos Alberto V. Borba, Konsti Gauckler, Luana Barossi, Paulo Marcos M. Cernelos, Romulo Lelis Lima (obrigada pelos conversas sobre o Max Weber) Sinei Sales e Vânia González, pela força e incentivo.

À minha família, pelo afeto, por entender minhas ausências, em suma, por tudo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento à Pesquisa (CNPq), pela bolsa de doutorado sem a qual este trabalho não teria sido possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em conjunto com a FULBRIGHT, pela concessão da bolsa de estágio de doutorado sanduíche nos Estados Unidos (2013/2014).

À FULBRIGHT/USA pela bolsa do *pre-academic program* que permitiu o meu aperfeiçoamento em língua inglesa, durante o primeiro semestre de 2013, na University of Kentucky/ Center for English as a Second Language.

Da Liberdade espero ; da Republica,
 Onde os erros debatem-se ; da calma
 Que succede ao furor ; da bella e pudica
 Mãe moral ; do céu íntimo em cada alma.
 E do Eden as serpentes que, mudando,
 Co'os seculos renovam-se, esmagadas
 Serão da Vencedora.
 (...)

Nunca ao me separar dos altos mares,
 Tristezas senti tantas qual a esta hora —
 Vejo o do Capitolio, além nos ares,
 Emblema liberal, a vencedora,
 A terrivel Mulher sagrada e bella,
 E qual sonhara Brutus — scintillando
 Dentro do coração divina estrella
 E a fronte a alevantar, tão pura estando !
 Qual de Colombo é o meu adeus — do amante
 De todo o continente e a natureza,
 Da patria do Pacifico e do Atlante,
 De Pocahontas, de Moema, ou o Guesa

(O Guesa, Canto X)

RESUMO

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **O Guesa em New York: Republicanismo e Americanismo em Sousândrade**. 2016. 214 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta tese analisa a poesia de Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), ou Sousândrade, e tem por objetivo discutir o imaginário político republicano como elo de ligação entre os poemas *O Guesa*, especialmente o Canto Décimo (1877), *Novo Éden: Poemeto da adolescência, 1888-1889* (1893), *Harpa de Ouro* (189?) e a continuação *O Guesa, o Zac* (1902). A cronologia dessas obras indica que é a partir dos anos vividos por Sousândrade nos Estados Unidos que as figurações da República passam a permear os seus escritos. No Canto Décimo, gestado em Nova York, Sousândrade traça um panorama da sociedade estadunidense na década de 1870 e, embora haja críticas à certas práticas econômicas nesse canto, conforme discutiremos com vagar, destaca-se a emulação do poeta em exaltar aquele modelo sociopolítico. Essa atitude do escritor maranhense afinava-se com a visão de brasileiros imigrados nos Estados Unidos naquele mesmo período, os quais formavam uma rede de pensadores liberais comprometidos com a modernização do Brasil. Esse diálogo transatlântico que começa a ser traçado entre Estados Unidos e Brasil caracteriza uma alternativa ao modelo de civilização europeu até então em voga, tema ainda pouco explorado pela historiografia literária. De volta a pátria, Sousândrade dá prosseguimento ao seu fazer poético e, além do seu engajamento na nova conjuntura política do país, dedica-se à construção do mito fundador da República brasileira nos poemas concebidos desde 1893. A trajetória do poeta republicano foi marcada pelo seu anseio de progresso e modernização do Brasil, tarefa na qual ele empenhou-se política e literariamente.

Palavras-chave: Sousândrade; Republicanismo; Estados Unidos; Século XIX; Literatura Brasileira.

ABSTRACT

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **The Guesa in New York: Republicanism and Americanism in Sousândrade's works.** 2016. 214 f. Dissertation (PhD) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

The aim of this thesis is to analyze the images of the republican system of government in Sousândrade's poetry, where Sousândrade is the pen name of the poet Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902). Our discussion will focus on the poems *The Guesa*, specially the *Canto Tenth* (1877), *New Eden* (1893), *Golden Harp* (189?) and the continuation of the first, *The Guesa*, the *Zac* (1902). Considering the time frame these poems were published we can affirm that it was since the years Sousândrade has lived in the United States, that the ideas related to the Republic system started to permeate all his literary work. In the *Canto Tenth*, which was written in New York City, Sousândrade provides an overview of the American society of 1870s and, although the author criticizes certain economic practices in this poem, as it will be discussed in detail in this thesis, he praises its sociopolitical model to Brazil. Doing that the writer shares the same understanding on the American society that Brazilian immigrants in the United States had during the same time. These Brazilian immigrants used to form a network of liberal thinkers committed to the modernization of Brazil. The beginning of this transatlantic dialogue between the United States and Brazil expressed an alternative to the European model of civilization, which was until then the predominant model. This change of civilization models is still until now little explored by literary historiography. Back to his homeland, Sousândrade continued to write poetry and, in addition to his commitment to the new political situation of the country, he devoted himself to construct the founding myth of the Brazilian Republic in the poems conceived since 1893. The trajectory of the poet was marked by his desire for progress and modernization of Brazil and that he engaged himself both politically and literarily.

Key words: Sousândrade; Republicanism; United States; 19th Century; Brazilian Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O Guesa em New York	24
1.1 O (não) lugar da poesia sousandradina.....	24
1.2 Aspectos da poesia sousandradina.....	36
1.3 Sousândrade em Nova York.....	49
1.3.1 A influência de José Carlos Rodrigues: Sousândrade e O Novo Mundo	54
1.4 Sousândrade e a exportadora Burdett & Pond.....	62
1.5. O imaginário dos Estados Unidos na literatura brasileira oitocentista: Sousândrade, Salvador de Mendonça e Adolfo Caminha	68
2. O Inferno na república dos Estados Unidos	77
2. 1. O Canto Décimo d'O Guesa: contexto, <i>Wall Street</i> , a bolsa de valores, e a ideia de Inferno.....	77
2.2 <i>Wall Street</i> : a associação da usura com mal	79
2.2.1 A ficcionalização de Wall Street	84
2.3 O elogio ao ouro e o <i>éthos</i> protestante no Canto Décimo	100
2.3.1 Greenback e Gold Standard: a República dos Estados Unidos e o Império do Brasil.....	109
2.4 Desfocando o <i>Inferno de Wall Street</i>	112
3. Entre o Inferno e o Éden, figurações do feminino no Canto Décimo	116
3.1 <i>A mulher</i> nos Estados Unidos: o periódico feminino brasileiro e as percepções da nova-iorquina por Sousândrade	116
3.1.1 O imaginário da nova-iorquina fútil.....	123
3.1.2 O imaginário da nova-iorquina benevolente.....	129
3.2 As mulheres e o movimento <i>Free Love</i> nos Estados Unidos.....	131
4. O Éden republicano no Brasil	144
4. 1. "Vinde à meditação, jovens do mundo!": o modelo da liberdade republicana dos Estados Unidos para o Brasil	144
4. 1. 1. A ideia de um éden republicano	147
4.2 A construção de uma narrativa legitimadora da República brasileira em <i>Novo Éden, Harpa de Ouro e O Guesa, O Zac</i>	156
4.2.1 Mártires republicanos: Tiradentes e Princesa Isabel	164
4.2.2 Princesa Isabel: a Marianne tupiniquim.....	172
4.2.3 A interlocução com Joaquim Nabuco, República e Positivismo	175
4.3 Educação para a formação dos cidadãos republicanos	179
4.3.1. Educação para os negros e indígenas	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
Referências Bibliográficas.....	193
<i>Anexo A</i>	205
Poesia Inédita: O Oiteiro-da-Cruz.....	205
<i>Anexo B</i>	206
Cartas Inéditas	206
Sousândrade a Ferdinand Denis	206
Sousândrade a Henry Wadsworth Longfellow	207
Sousândrade às editoras do periódico A Mulher	208
Sousândrade a Joaquim Nabuco.....	210
<i>Anexo C</i>	212
Artigo Inédito: Mais Elementos	212

Introdução

A poesia de Sousândrade desperta interesse por diversos aspectos, como o sentimento pan-americano, abordado por Claudio Cuccagna¹, que contrasta com a produção nacionalista do Romantismo no Brasil; a posição crítica na caracterização do índio, assunto que foi nosso objeto de estudo no mestrado²; a apropriação moderna do gênero épico, tema trabalhado por Luiza Lobo³ e Sebastião Moreira Duarte⁴; o estudo da forma com base nas categorias estéticas românticas, tema estudado por Pedro Reinato⁵, além das inovações linguísticas que o aproximam do Modernismo, aspecto explorado por Augusto e Haroldo de Campos⁶. Sousândrade também se destaca pelas figurações dos Estados Unidos no canto décimo d'*O Guesa*, tema incomum na literatura brasileira oitocentista, visto que na segunda metade do século XIX o modelo cultural brasileiro ainda era majoritariamente voltado para a Europa, sobretudo para a França. No entanto, a mudança desse cenário já estava em curso na década de 1870, quando o poeta maranhense foi morar em Nova York.

Em 2011, quando este trabalho teve início, dois estudos sobre a presença de brasileiros nos Estados Unidos e, conseqüentemente, sobre as imagens dos Estados Unidos no Brasil, foram trazidos a público, são eles: *Contradições da Modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875)*, por Marcus Vinicius de Freitas, e *Brazilian Images of the United States, 1861-1898: a working version of modernity?*, por Natalia Bas. Considerando a escassez de estudos sobre as relações socioculturais e político-econômicas entre esses países no referido período, ambos os trabalhos nos ajudam a refletir sobre a presença de Sousândrade nos Estados

¹ CUCCAGNA, Claudio. **A Visão do ameríndio na obra de Sousândrade**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

² CARNEIRO, Alessandra da Silva. **Do tatu fúnebre ao Lar-titú**: implicações do Indianismo no Canto Segundo do poema *O Guesa*, de Sousândrade. Dissertação (mestrado). 2011. 135 f - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

³ LOBO, Luiza. **Épica e Modernidade em Sousândrade**. 2ª Ed. rev. Rio de Janeiro: 7Letras. 2005

⁴ DUARTE, Sebastião Moreira. **Épica Americana**: O Guesa, de Sousândrade e o Canto General, de Pablo Neruda. Tese (doutorado). 1993. 346 f. Graduate College of the University of Illinois at Urbana-Champaign, 1993.

⁵ REINATO, Pedro Martins. "Harpa que se desfarpá": forma e fragmento em *O Guesa*, de Sousândrade. 2015. Tese (doutorado) –FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁶ CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Unidos e, somado a isso, mesmo que de passagem, o poeta também é citado pelos autores. Bas reproduz a interpretação canônica de Sousândrade como um crítico dos problemas na política e economia dos Estados Unidos, além dos desvios morais daquela sociedade, e considera a posição crítica do poeta exceção entre os demais brasileiros admiradores do modelo de civilização estadunidense⁷. Freitas, por sua vez, destaca a importância de Sousândrade para os editores da *Aurora brasileira* e menciona a publicação do seu poema *Leila* no periódico estudantil, na edição de 20 de maio de 1874⁸, o que nos surpreendeu.

Marcus Freitas aborda em seu livro o círculo de estudantes brasileiros, mormente oriundos da elite paulista, da área de ciências aplicadas na Universidade de Cornell, em Ithaca, reunidos em torno do referido periódico, cujo mote era: “República, modernidade do Estado, educação liberal, modernidade tecnológica”, em suma, “civilização” (FREITAS, 2011, p. 109). Esses estudantes que, por volta de 1870, iam buscar nos Estados Unidos diploma nos diversos ramos da Engenharia, sobretudo, ao retornarem para o Brasil com o saber adquirido no exterior consideravam-se protagonistas da modernização nacional. Natalia Bas observa o mesmo em sua tese de doutorado e argumenta que figurações dos Estados Unidos como sociedade moderna estiveram presentes no imaginário das elites política e intelectual brasileiras já na década de 1860. Porém, a historiadora enfatiza que, quando muito, os estudos sobre as relações entre os dois países usam como marco temporal o ano de 1889, quando da proclamação da república, embora a maioria esteja focada no século XX, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se consolidam como grande potência política e econômica⁹.

Em *Brazilian Images of the United States* a autora escreve que antes de 1870, quando os brasileiros começavam a visitar os Estados Unidos com mais frequência, as imagens desse país existentes no Brasil chegavam por meio de intérpretes europeus, como Alexis de Tocqueville, Michel Chevalier and Édouard Laboulaye (BAS, 2011, p.20-21). A partir de 1870, a “norte-americanização” do Brasil, de acordo com a autora, passa a contar com agentes nacionais, como no caso dos estudantes brasileiros, eles próprios produtores de uma imagem dos Estados

⁷ Cf: BAS, 2011, p. 235.

⁸ Cf: FREITAS, 2011, p. 99.

⁹ Cf: BAS, 2011, p. 25.

Unidos ligada à modernização apoiada na formação técnica. De acordo com Bas, os brasileiros que imigravam para os EUA já não viam na Europa o paradigma de civilização e modernidade, pois o exemplo daquele país ao norte do continente Americano mostrava-se mais próximo da realidade nacional, visto que a sua trajetória de:

(...) an ex-colony which had successfully abolished slavery, established a democratic political regime where civil and political freedoms thrived and which was positioning itself at the forefront of industrial progress based technical and scientific education, that country was presented by them as a model of society desired for Brazil. (BAS, 2011, p.233)

Considerando que a ideia de norte-americanização, ou promoção do *American way of life*, refere-se normalmente à política do governo estadunidense para fortalecer a sua influência e dominação em outros países, a norte-americanização do Brasil que nos fala a pesquisadora da University College London é um caso diferenciado e ela redefine o termo como “Americanisation from the South” ou ainda “Americanisation from within” (BAS, 2011, p. 34), pois esse processo contou com os próprios brasileiros como agentes. Ao contrário de serem passivos na recepção de produtos e imagens dos Estados Unidos, os brasileiros imigrados atendiam a interesses específicos com vistas à modernização do Brasil. Para Bas, ao adotar o modelo estadunidense de civilização, questionava-se indiretamente a supremacia da civilização europeia e apontava-se que o futuro estava na América, cuja progresso significava a evolução das raízes europeias no continente Americano, a partir de uma perspectiva positivista da história. Ao mirar o exemplo de modernização estadunidense, constituído pela ideia de país civilizado, com economia crescente e estabilidade política em ambiente livre e democrático, os pensadores liberais brasileiros, e incluímos aqui com toda certeza Sousândrade, aspiravam que o Brasil se tornasse a contrapartida dos Estados Unidos ao sul do continente.

Posto isso, no **primeiro capítulo** discorreremos sobre o período que Sousândrade viveu em Nova York, quando a sua produção poética adquiriu características que destoavam do que era produzido no Brasil à época, tanto na

temática quanto na forma. É pertinente considerar a temporada de Sousândrade nos Estados Unidos entre 1871 a 1878 e, após um breve período no Brasil, entre 1880 a 1884¹⁰, quando ele retorna definitivamente à pátria, para entendermos o não lugar que o poeta maranhense ainda ocupa no cânone literário nacional. Acreditamos que as surpreendentes inovações na linguagem nos dois episódios infernais d'*O Guesa* foram possíveis em virtude do impacto da experiência que o poeta brasileiro viveu.

Destacamos alguns aspectos que a poesia sousandradina adquiriu nesse período, como a adaptação e a apropriação que o poeta faz dos versos *limericks*, as diversas vozes que constituem o poema, mais especificamente os cantos infernais, além das referências sociais e históricas estadunidenses que compreendem a narrativa. Sousândrade, originário de uma província periférica do Império do Brasil, foi tragado pelo extremo oposto da vida na república estadunidense em plena expansão industrial e econômica, cujo caldeirão cultural fervilhava e o atraía. Mas também o confundia com a simultaneidade de acontecimentos diários estampados nos jornais, a diversidade de culturas e idiomas, bem como o funcionamento efetivo do sistema político republicano que ele idealizava para o Brasil.

Ainda nos Estados Unidos, Sousândrade não se rendeu ao vaticínio de que sua poesia só encontraria público dali a cinquenta¹¹ anos e fez chegar a Longfellow, o célebre poeta romântico estadunidense, notícias do seu trabalho, conforme pudemos apurar em pesquisas que realizamos durante o período do estágio desenvolvido nos Estados Unidos com bolsa da Capes/Fulbright (2013/2014). Apesar das rupturas com o cânone presentes n'*O Guesa*, Sousândrade parece não ter pretendido romper com as regras do fazer poético e, inclusive, desculpava-se

¹⁰ Sousândrade estava de volta ao Brasil em 4 de outubro de 1884, conforme noticiado na imprensa ludovicense: "Entrados hoje nos vapor Brunswick : (...) Dr. Joaquim de Souza Andrade, D. Maria Bárbara de Souza Andrade (...)" in: **O Paiz**. São Luís, 4 de out.1884. p. 3

Cf: Hemeroteca Digital Brasileira – BN:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=704369&PagFis=7300>> Acesso 31 agost. 2015.

¹¹ O poeta escreveu na *Memorabilia* de 1877: "Ouvi dizer já por duas vezes, que 'o *Guesa Errante* será lido cinquenta anos depois'; entristeci— decepção de quem escreve cinquenta anos antes." In: SOUSÂNDRADE. **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. Frederick G. WILLIAMS & Jomar MORAES (Org.). São Luís: Edições AML, 2003. p. 489.

com aqueles que viram no seu trabalho inépcia formal¹². Daí talvez decorra a sua admiração declarada por um poeta erudito como Longfellow, ao passo que o brasileiro nunca se referiu à liberdade das formas de *Folhas de Relva*, de Walt Whitman, por exemplo.

Posto que a experiência de Sousândrade nos Estados Unidos foi um divisor de águas para sua poética (e política), procuramos entender quais foram as motivações do brasileiro para deixar seu país, bem como quais foram as condições da sua permanência no exterior. Apesar de destino pouco comum na década de 1870, os Estados Unidos já figuravam como contraponto de desenvolvimento socioeconômico em relação à Europa, como já dissemos, e uma rede de brasileiros foi formada a partir de Nova York tendo como mentor José Carlos Rodrigues. Sousândrade fez parte dessa rede e esteve ligado ao periódico de Rodrigues, *O Novo Mundo* (1870-1879), além da exportadora de borracha de Belém à Nova York, a *Burdett & Pound*.

Por fim, notamos que imagens dos Estados Unidos começam a despontar na literatura brasileira nessa época, a exemplo de Salvador de Mendonça e Adolfo Caminha. Este último, republicano como Sousândrade, escreveu sobre a viagem que fez ao país do Norte em 1886, expressando a sua admiração pela modernização e progresso industrial e econômico creditados à liberdade, democracia e educação existentes nos Estados Unidos. Salvador de Mendonça no seu romance *Marába*, praticamente ignorado pela historiografia literária, constrói imagens semelhantes às de Caminha, mas em 1875, quando o romance foi publicado, o autor ainda não viajara para aquele país, fato que pode indicar que as imagens dos Estados Unidos circulantes no Brasil por essa época chegavam por meio de relatos de brasileiros imigrados. Nesse sentido, exerceram papel fundamental o periódico brasileiro mensal publicado nos Estados Unidos à época, *O Novo Mundo* (1870-1879), ou ainda *A Aurora Brasileira. Periódico Litterário e Noticioso* (1873-1875), este uma iniciativa dos alunos brasileiros na Universidade

¹² Na *Memorabilia* de 1876, lemos: “O poema (*O Guesa*) foi livremente esboçado todo segundo a natureza singela e forte da lenda, e segundo a natureza própria do autor. Compreendi que tal poesia, tanto nas ásperas línguas do norte como nas mais sonoras do meio-dia, tinha de ser a “que reside toda no pensamento, essência da arte”, embora fossem “as formas externas rudes, bárbaras ou flutuantes”. E ainda, na *Memorabilia* de 1877: “Esquecendo-se de si próprio, o Autor escuta com cuidado quanto ouve no poema, venha da crítica ou venha do coração; procura melhorar sempre o verso por causa do pensamento, ainda que de mais em mais prejudicando as formas.” Idem. p. 484.

de Cornell incentivado por aquele, ambos os periódicos pretendiam informar os brasileiros no Império sobre os acontecimentos na América do Norte.

Assim como os romancistas, e os estudantes imigrados, Sousândrade também exalta a modernidade estadunidense no poema *O Guesa*, embora não deixe de criticar o que considerava desvios no desenvolvimento pleno daquela república. No entanto, têm-se dedicado muito mais atenção à análise da sua investida contra “as distorções econômicas e as injustiças sociopolíticas associadas ao seu progresso” (WILLIAMS, 1976. p. 12). Esses temas encontrados no canto décimo são comumente interpretados como uma visada premonitória ou *avant-garde* dos problemas do desenvolvimento do capitalismo e, inclusive, da sua crise na contemporaneidade, como no caso dos irmãos Campos, para quem Sousândrade: “Lançou-se a uma problemática internacional, a luta anti-colonialista, buscando uma conscientização da americanidade em termos continentais e denunciando premonitoriamente as contradições do capitalismo” (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p.123)

FIGURA 1 - Do lado direito, a capa da terceira edição de *Re Visão de Sousândrade* (2002) com o retrato do poeta consumido por labaredas que remetem a canícula do *Inferno de Wall Street*. Do lado direito, uma publicação de 2013 que traduz versos de *O Inferno de Wall Street e outros poemas* para o alemão. O que é sugestão na capa do lado direito é explícita na do lado esquerdo: a associação de Sousândrade com crise do capitalismo no século XXI expresso pelas torres gêmeas consumidas por chamas, no centro financeiro de Manhattan.

Em face disso, Sousândrade já foi considerado o poeta brasileiro precursor do *arielismo*. Conceito oriundo da obra *Ariel* (1900) do uruguaio José Enrique Rodó, o *arielismo* expressa, *grosso modo*, a visão maniqueísta das culturas latino-americana e anglo-saxão como opostas, pois a primeira seria elevada e espiritual, ao passo que a segunda seria medíocre e materialista. Rodó buscou a simbologia dessa oposição entre as Américas para suas investidas contra o imperialismo estadunidense nas personagens da peça *A Tempestade*, de Shakespeare, protagonizada por Ariel e Cáliban.

A primeira menção a Sousândrade associado ao Arielismo aparece em 1967, poucos anos após o poeta ter sido incluído no debate crítico literário brasileiro, no livro *The modern culture of Latin America*, de Jean Franco. Este autor escreve que a primeira edição d'*O Guesa* publicada em Nova York em 1877 compreende: "an attack on North American materialism" (FRANCO, [1967] 1970, p. 61). Reverberações dessa leitura aparecem no artigo *Calibán: Apuntes Sobre la Cultura de Nuestra América*, de Roberto Retamar, onde Sousândrade é citado como exemplo de escritor latino-americano que, mesmo antes de 1898, ano da intervenção americana na guerra entre Cuba e Espanha pela independência do primeiro, quando os interesses imperialista dos Estados Unidos em relação ao sul do continente acentuava-se e o sentimento do *arielismo* começava a tomar força, foi capaz de perceber o perigo dos interesses *yankees* na América Latina, conforme podemos conferir no excerto abaixo:

Aparte de casos hispanoamericanos como el de Bolívar y el de Martí, entre otros, la literatura brasileña conocía el ejemplo de Joaquín de Sousa Andrade, o Sousândrade, en cuyo extraño poema *O Guesa Errante* el canto X está consagrado a "O inferno de Wall Street", una *Walpurgisnacht* de bolsistas, politicastros y negociantes corruptos. (RETAMAR, 1997, p. 83)

Do mesmo modo que nos trabalhos supracitados, no artigo *Discovering "os ianques do sul": towards an entangled Luso-Hispanic history of Latin America*, de Ori

Preuss¹³, Sousândrade é citado como autor de “*O inferno de Wall Street, an attack on US materialism*” (PREUSS, 2013, p. 160). Essas interpretações baseiam-se em apreciações limitadas do canto décimo e desconhecem a posição favorável de Sousândrade em relação a intervenção dos Estados Unidos pela liberação de Cuba do domínio espanhol, conforme lemos em texto publicado no jornal *O Federalista* em 1898, no qual o poeta escreve: “Ora, somos de America: e Mac-kinley acaba de bombardear á Europa em justíssima causa por uma perola das Antilhas, assim como a outros intromettidos brazões Floriano mandava receber à bala” (SOUSÂNDRADE, 1898, p.03) A investida contra a Espanha ocorrida durante o governo de William McKinley, presidente dos Estados entre 1897 e 1901, comparar-se-ia à ofensiva do presidente Floriano Peixoto no levante contra seu governo conhecido como Revolta da Armada (1893), associado à restauração da Monarquia, daí então a referência de Sousândrade a “outros intromettidos brazões¹⁴.”

Sousândrade expressa na passagem sentimento americanista na defesa da autonomia política do continente em relação à Europa, o que nos remete ao lema “América, para os americanos” da doutrina Monroe, cujo forte interesse imperialista parece não ter preocupado o poeta à época. Encontramos alusão à Guerra das Antilhas também nos poemas *Harpa de Ouro (1888-1889)*, obra póstuma, e *O Guesa, o Zac* publicado um mês antes da morte do poeta, em 1902, como continuação do canto décimo segundo d’*O Guesa*¹⁵:

¹³ Cf: PREUSS, Ori. Discovering “os ianques do sul”: towards an entangled Luso-Hispanic history of Latin America. *Revista Brasileira de Política Internacional*. 56 (2): 157-176, 2013. p.160. Disponível em <http://ref.scielo.org/4p3rgq>. Acesso 24 set. 2015

¹⁴ Artigo inédito, anexo a esta tese, publicado em: **O Federalista**, São Luís, 25 out.1898. Mais elementos, p.03. Nesse mesmo artigo **Sousândrade faz referência à Guerra de Canudos**. Inicialmente, ele fala da agitação que se deu no Rio de Janeiro após a “quêda de Moreira Cesar”, menção a Antônio Moreira César (1850-1897), coronel do exército brasileiro e chefe da terceira expedição contra Canudos, na qual foi abatido. Adiante no texto, o autor também menciona Antônio Conselheiro: “(...) outro despachante geral, toma algum dinheiro para inteirar o preço de uma gorda vacca leiteira, que vai a toda pressa comprar antes que outros a comprem, e volta, sem mais dinheiro, com umas cabrinhas magras com seu bode a que as crianças chamavam *Antonio Conselheiro*.” Sousândrade, como republicano histórico, não aprovava o Conselheiro, que simpatizava o direito divino dos reis, por motivos religiosos. Por isso, Canudos seria uma ameaça ao ideal republicano do poeta.

¹⁵ *O Guesa, O Zac* foi publicado no jornal *O Fereralista* em março de 1902. O poema foi descoberto por Jomar Moraes e Fredrick Williams em 1970 e recolhido pela primeira vez no livro *Sousândrade: Inéditos*, publicado também em 1970.

'Bombardeada a Europa, à ventura
'Antilhana pérola'!

(Harpa de Ouro, p.436)

...
Em Cuba, a Espanha; o trono d'Inglaterra
No Canadá; nas costas do Pacífico
O ibério insulto – ardia a Cordilheira;
E a sós, no Atlântico, Washington magnífico.

(E o Cidadão Americano à Espanha
Real bombardeará.... Vereis o atlântico
Em fogo, a pedir arras das campanhas
De tanta crueldade. Aos céus o cântico)

(O Gueza, o Zac, 2003, p. 202)

No trecho *de Harpa de Ouro* lemos que a Europa foi “bombardeada” pelos Estados Unidos para assegurar o futuro, ou “ventura”, de Cuba, dita a pérola das Antilhas devido às riquezas geradas ao Reino da Espanha (o Haiti, sob domínio Francês, também era assim chamado). Em *O Zac*, o destaque aos Estados Unidos como a república livre nas Américas protagonizada por Washington parece dar-lhe a prerrogativa de interferir na geopolítica do continente. McKinley, presidente à época da Guerra pela independência de Cuba, é caracterizado no poema como “o Cidadão” que atacará um “Reino” inteiro, fazendo-o recuar e arrepender-se das mazelas perpetrada nas Antilhas. Ambas as passagens expressam sentido favorável à intervenção estadunidense no conflito entre Cuba e Espanha, pois a mesma correspondia à defesa do continente americano dos interesses da monarquia europeia.

Como se vê, a leitura cristalizada da poesia de Sousândrade como crítica do materialismo da sociedade estadunidense não ficou restrita aos intérpretes nacionais, por isso acreditamos ser importante problematizar a mesma com base no *corpus* sousandradino. Assim, no **segundo capítulo** argumentamos que a crítica ao sistema financeiro dos Estados Unidos não é a tônica do poema e muito menos uma caracterização premonitória das contradições do capitalismo moderno. Sousândrade critica no canto décimo práticas econômicas específicas e não o capitalismo em si. O estudo desse canto nos leva a afirmar que o mesmo é, sobretudo, uma exaltação ao modelo político republicano dos Estados Unidos

enquanto inspiração para o Brasil, mesmo quando o poeta critica os seus problemas de ordem político-social. No entanto, é necessário analisarmos as referências às falhas do sistema econômico estadunidense, bem como a associação entre *Wall Street* e o inferno, pois essa foi uma temática presente na literatura dos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, informação que nos ajuda a pensar o diálogo do poeta brasileiro com essa produção literária.

Nesse aspecto, nos valem do livro *Wall Street in the American novel* (1980) no qual Wayne W. Westbrook explica que a ideia de Wall Street enquanto lugar infernal foi recorrente no século XIX, em face do abismo social que começava a se delinear por conta da concentração de riqueza nas mãos de uma minoria que lucrava com os negócios na bolsa de valores, ao passo que a classe trabalhadora era subjugada aos *robber barons*. Essa interpretação do desajuste social da época foi motivada pelo pensamento de tradição puritano/protestante que associava a especulação e a usura às forças malignas, visto que o mandamento era trabalhar como forma de louvar a Deus e sem colocar os ganhos à frente desse ritual. A riqueza por meio do trabalho era benção divina e o seu contrário a condenação. Esse imaginário em torno de *Wall Street* está presente em romancistas estudados por Westbrook mas também no poeta Edmund Clarence Stedman, sobre o qual nos deteremos a fim de estabelecer diálogo com Sousândrade, tentativa essa que nos possibilita afirmar que o poeta brasileiro estava afinado com essa temática literária em voga no período em questão. Jose Martí também é mencionado ao longo dessa discussão quando condena o culto à riqueza nos Estados Unidos em trechos da coletânea de artigos *Escenas Norte-Americanas*.

Westbrook, com suas análises sobre a relação entre *Wall Street* e o mal condicionado por uma perspectiva religiosa nos Estados Unidos oitocentista, nos conduz para a discussão sobre o elogio ao ouro e o éthos protestante no canto décimo. Se no fragmento do *Inferno de Wall Street* a especulação financeira é associada ao mal, quando o Guesa conclui a travessia desse plano inferior, o ouro, ou dinheiro, é louvado. Para a análise do *elogio ao ouro* nos apoiamos em Max Weber e o seu estudo sobre *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, o qual nos ajuda a interpretar um longo trecho a favor do dinheiro e do progresso desde que provenientes do trabalho diário, dedicado e honesto.

A fim de sustentar nossa leitura do *elogio ao ouro* no canto décimo, esclarecemos que a menção ao ouro na passagem analisada não está ligada à polêmica econômica vivida pelos Estados Unidos desde a Guerra de Secessão (1861-1865) sobre o retorno ao padrão ouro ou a permanência do papel moeda, questão referida como *Greenback versus Gold Standard* na década de 1870.

Ao longo de todo o canto décimo Sousândrade traça as diretrizes para o Brasil moderno mesmo quando aponta as falhas da república dos Estados Unidos, pois essa era também uma forma de prevenir a futura república brasileira de incorrer nos mesmos erros. Mesmo com as críticas à especulação financeira no *Inferno*, o que desponta como a causa dos problemas sociais nos Estados Unidos é a disfunção da instituição familiar. Disso decorre o nosso interesse em tirar o foco das estrofes que tratam do tema da bolsa de valores, ou *desfocar o Inferno de Wall Street*, para focarmos em outra temática de maior ocorrência: o cumprimento do papel social atribuído à mulher como requisito para o bom funcionamento do organismo social. A figura da mãe destaca-se no canto décimo como aquela que prepara seus filhos para a cidadania, para a vida social na república, de forma íntegra.

Ao debruçarmo-nos sobre as figurações do feminino em Sousândrade no **terceiro capítulo**, além do canto décimo, comentaremos o poema *Flirtation*, que é situado em Manhattan, publicado postumamente no livro *Liras Perdidas*, e também uma carta inédita de Sousândrade enviada a duas estudantes brasileiras de medicina em Nova York, editoras de um periódico fundado nessa mesma cidade voltado para o público feminino no Brasil. A análise desse material aponta para a semelhança entre o imaginário da nova-iorquina por Sousândrade e a ampla discussão da época a respeito do papel reservado às mulheres na sociedade. Pelo menos duas imagens da mulher estadunidense foram recorrentes, a saber: a jovem fútil e a matrona benevolente. Esse assunto é abordado na coletânea de ensaios contidos em *America Imagined: Explaining the United States in Nineteenth-Century Europe and Latin America* (2012) que traz alguns exemplos de visões de estrangeiros que viajaram aos Estados Unidos no século XIX, dentre eles Jose Martí, cujas observações sobre a nova-iorquina coincidem com as de Sousândrade. Ambos viam a mulher como responsável pelo equilíbrio e manutenção do lar, por

isso as novas funções atribuídas a elas além do âmbito doméstico foram interpretadas como acarretadoras do desequilíbrio social.

Sousândrade ilustra bem essa questão ao condenar as mulheres integrantes do movimento *Free Love*, cuja bandeira principal era a da refutação do casamento enquanto contrato social; ao passo que traça o seu ideal de mulher sadia para o organismo republicano personificada na esposa dedicada do presidente Rutherford B. Hayes (1877-1881), vista pelo poeta como guardiã da chama pátria e tão essencial quanto seu companheiro chefe de estado para a política. As numerosas menções ao *Free Love* no poema são negativas e parecem encobrir o temor sobre o rebuliço social que a extensão dos direitos civis às mulheres poderia causar na sociedade. Além disso, a mulher virtuosa simbolizava a república Mãe-pátria, talvez daí decorra a insatisfação do poeta com o correspondente real do seu ideal de mulher republicana.

Ao procurarmos entender a experiência de Sousândrade nos Estados Unidos e o impacto da mesma na sua produção literária chegamos à conclusão que não é possível ignorar a influência dessa experiência quando do seu retorno ao Brasil, tanto na sua atuação política quanto na sua produção literária. Desse modo, no **quarto capítulo**, abordamos a produção poética de Sousândrade posterior aos anos que ele viveu nos Estados Unidos. De volta ao Maranhão, Sousândrade continuou escrevendo *O Guesa* até 1902, quando foi publicado *O Guesa, o Zac*. Em 1893 o poeta publicou *Novo Éden: poemeto da adolescência (1888-1889)* e por essa mesma época deve ter escrito *Harpa de Ouro (1888-1889)*, publicado postumamente. Em comum esses poemas possuem o tema da república brasileira. Ao trabalharmos com os poemas republicanos de Sousândrade notamos a intenção do poeta em criar uma narrativa legitimadora para a república brasileira proclamada em 1889. Sempre tendo como paradigma os Estados Unidos, Sousândrade elege como símbolo da nova fase política brasileira Tiradentes e, curiosamente, a princesa Isabel, descrita como irmã de G. Washington, o primeiro presidente estadunidense.

De volta ao Brasil, especificamente a partir de 1888, quando o nosso escritor abraça a propaganda republicana na coluna *Centelhas* do jornal *Novo Brasil*, a atividade política de Sousândrade foi intensa. Ele assumiu o cargo de

primeiro prefeito de São Luís quando da proclamação da república e chegou a lançar candidatura ao senado em 1893 e 1899¹⁶, porém sem sucesso. Por tudo isso, recorreremos aos seus artigos, alguns inéditos¹⁷, publicados nesse ínterim no intuito de lançar luz à nossa leitura desses poemas. Material novo que também trazemos para a argumentação desse último capítulo, uma carta de Sousândrade para Joaquim Nabuco, de 1896, nos conduz à visão evolutiva da história ligada ao Positivismo do maranhense.

A trajetória de Sousândrade foi delineada pelo seu desejo de progresso e modernização do Brasil, anseio que ele buscou construir retoricamente, na sua obra poética, mas também na atuação política. Arriscaríamos dizer, apoiados em Julio Ramos em *Contradições da Modernidade na América Latina: literatura e política no século 19* (2008), que a temporada estadunidense de Sousândrade lhe valeu como experiência da civilização moderna na sua procura por modelos para conter a barbárie e o caos brasileiros, como foi característica dos homens de letras latino-americanos nesse período.

¹⁶ Cf: **Diário do Maranhão**, jornal do comércio, lavoura e indústria. São Luís, 30 out. 1893; **Diário do Maranhão**, jornal do comércio, lavoura e indústria. São Luís, 8 jun. 1899.

¹⁷ Chamamos de “inéditos” os textos de Sousândrade publicados na imprensa oitocentista que não foram compilados na obra *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade* (2003), e com os quais travamos contato por meio de pesquisas em bibliotecas e arquivos. Desde 2012, muitos desses escritos podem ser visualizados na Hemeroteca Digital Brasileira, no site da Biblioteca Nacional, conforme indicaremos ao longo desta tese.

1. O Guesa em *New York*

1.1 O (não) lugar da poesia sousandradina

As avaliações da crítica literária sobre a contribuição da obra de Sousândrade para a literatura nacional já oscilaram entre os juízos que o taxaram de poeta menor¹⁸ (CANDIDO[1957], 2007), ao extremo oposto dos que o consideraram grande precursor do modernismo e pai do concretismo (CAMPOS; CAMPOS [1964], 2003). Dadas a sua ruptura formal e abordagem temática sem precedentes na história da literatura brasileira oitocentista, os cantos segundo e décimo d'*O Guesa*, que marcam as célebres descidas do protagonista ao *Inferno* - a primeira no Brasil, no Amazonas, a segunda nos Estados Unidos, em Nova York - desafiam os estudiosos da poesia sousandradina. Esse não lugar de Sousândrade na literatura brasileira talvez possa ser entendido pelo diferente contexto e referenciais à sua disposição à época da tessitura dos cantos citados, os quais escapavam da dimensão da nossa literatura oitocentista.

Sousândrade, em boa medida, respondeu às convenções da estética romântica desde *Harpas Selvagens*, seu primeiro livro de poemas publicado no Rio de Janeiro em 1857, até os primeiros cantos d'*O Guesa*, mais precisamente do I ao VII, como já propôs Luiza Lobo (1979, p.39). Todavia, ocorre uma mudança radical no estilo da poesia do maranhense a partir do canto oitavo, publicado em Nova York no ano de 1877, na primeira versão de *Guesa Errante*. Posteriormente, Sousândrade modificou o título eliminando o adjetivo por dar-se conta que a palavra *Guesa*, em idioma Chibcha, já carregava o significado de errante, sem lar.

¹⁸ Em *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido inclui Sousândrade entre “Os menores” poetas do Romantismo, embora reconheça nele alguma originalidade: “não sendo melhor poeta, Sousa Andrade é por certo mais original do que os outros”. In: CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p. 522. No geral, os julgamentos são feitos com base em *Harpas Selvagens* (1857). De outra forma, no resumo *O Romantismo no Brasil*, publicado em 2001, Candido lê o autor d'*O Guesa* na chave da inovação da linguagem, bem como da ruptura que o poeta representa em relação a tópica do sentimentalismo romântico. Cf: CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. 3^a Ed. São Paulo: Humanitas, 2012.pp. 52-54.

Na década de 1880, o canto oitavo ganhou uma segunda versão e foi renumerado como canto décimo na edição d'*O Guesa* publicado dessa vez em Londres.

O que conhecemos hoje como *Tatuturama* e *Inferno de Wall Street* ganharam forma nos primeiros anos da década de 1870, em Nova York, e foi intenção do autor conferir unidade formal a esses dois momentos infernais d'*O Guesa*. Por isso, o canto segundo que, nas primeiras versões publicadas a partir de 1867, no *Semanário Maranhense*, ligava-se formalmente à balada, foi lapidado para ligar-se à forma do canto décimo¹⁹. A estrutura desses dois episódios surpreende, pois a predominância dos versos de dez sílabas com rimas cruzadas (a-b-a-b) ou interpoladas (a-b-b-a) cede lugar para quintilhas de hexassílabos, no caso do *Tatuturama*, e octossílabos, no caso do *Inferno*, com rimas em a-b-c-c-b, as quais nos remetem a estrutura dos versos *limerick*. O quarto verso mais parece uma quebra do terceiro, que rima internamente, por isso ele é sempre curto. São também características marcantes nesses cantos uma espécie de rubrica teatral, onde as personagens ou situações das estrofes são apresentados; sem contar o emprego de palavras em diversos idiomas, além do português e inglês, línguas indígenas, italiano, francês, latim, holandês.

Tendo em vista a singularidade da poesia sousandradina e o estranhamento que ela teria causado à época, motivo não raro apontado para justificar a pouca recepção do poema, que estaria na vanguarda do seu tempo ao antecipar estéticas que a literatura brasileira só consagraria no Modernismo, Marília Librandi-Rocha, em *O "caso" Sousândrade na história literária brasileira*, propõe que:

Se pensarmos que o poeta não antecipou, mas que percebeu o que era possível perceber e realizar em seu tempo, isso não lhe tira, ao contrário, aumenta o mérito de sua sensibilidade poética que foi capaz de configurar ou capturar o movimento que estava lá em circulação, mas não recebera ainda sua forma poética correspondente e que portanto **a sua concepção e prática literária estavam sintonizadas no seu próprio tempo com outras possibilidades que a historiografia literária unificadora não poderia registrar**, pois seus parâmetros eram outros e Sousândrade escapava certamente a

¹⁹ CARNEIRO, 2011, p. 28

esses parâmetros. (LIBRANDI-ROCHA, 2009, p.183-184, grifo nosso)

Conforme Librandi-Rocha, a não acolhida da poesia de Sousândrade no século XIX pode ser atribuída à sua não conformidade em relação aos modelos unificadores da época; mas isso não significa que a sua produção estivesse fora das possibilidades de criação literária de seu tempo. Pensamos também ser significativo o fato de o poeta não ter restringido os seus temas e formas a um único referencial, do mesmo modo que não limitou a sua existência a uma única geografia. É intrigante refletir sobre qual o público leitor que o escritor maranhense almejava para sua obra, pois escreveu durante longo tempo em português em país estrangeiro e muitas vezes sobre temas alheios ao Brasil, como no caso do canto décimo.

Como dissemos, as duas primeiras edições que *O Guesa* obteve foram publicadas no exterior, em Nova York e Londres, respectivamente, e foram promovidas pelo próprio autor, provavelmente em tiragens limitadas cuja divulgação e distribuição ficaram também ao seu encargo, já que ele nunca contou com patrocínio oficial. É fato que Sousândrade esteve ligado a uma rede de brasileiros vivendo nos Estados Unidos, potenciais leitores do seu trabalho, que além de dominarem o código de escrita da obra também compartilhavam dos mesmos referentes estadunidenses com os quais ele dialogava. No entanto, o escritor maranhense não parece ter pretendido um público tão restrito, conforme discutiremos na sequência.

Sousândrade admirador de Longfellow

Sousândrade foi admirador do poeta Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), de quem pretendeu ser conhecido pelo seu trabalho literário. Mas

antes de passarmos a isso, lembramos os versos do canto décimo²⁰ d'*O Guesa*, onde Sousândrade expressa pesar pela morte do bardo, o “pai da poesia” dos Estados Unidos:

Está de lucto a Musa americana
 Pelo pae da poesia. Emmudecida,
 Vencida jaz a fronte soberana
 Triste do bardo e a bella acção de vida :
 Longos, cabelo e barba, qual a neve
 Brancos, do velho harpista a divindade
 Illuminavam. Chora-o pois quem teve
 D'elle uma crença e guarda-lhe a saudade.
Farewell ao melhor genio e tão nobre
 Da americana social poesia,
 A Longfellow *farewell* ! (canto décimo p. 272)²¹

Sousândrade enviou a Longfellow um exemplar do livro *Obras Poéticas* contendo uma dedicatória onde já se referia a ele como “the father of the American poetry”. O referido livro ofertado ao poeta de *Evangeline* foi publicado em Nova York em 1874 e compreende uma compilação de poemas que inclui os quatro primeiros cantos de *Guesa Errante*, os livros *Eólias* e *Harpas Selvagens*. Além desse volume, consta também na biblioteca pessoal de Longfellow uma separata dos cantos V e VII (este último modificado para canto nono na edição londrina) do *Guesa Errante*, antecidos por uma errata datada de “New York 1876”, além da *Memorabilia* contendo apreciações de críticos diversos sobre a obra.

Dentre essas apreciações da poesia de Sousândrade reunidas na *Memorabilia* está a do brasilianista francês Ferdinand Denis, quem também recebera de Sousândrade um exemplar de *Obras Poéticas* (1874) contendo uma longa dedicatória em formato de missiva²². O referido exemplar, consultado por

²⁰ Longfellow é citado outras duas vezes no mesmo Canto, especificamente no “Inferno de Wall Street”. Cf: canto décimo, p. 232; 245.

²¹ Todas as citações d'*O Guesa* foram retiradas do original da última versão publicada pelo poeta. SOUSÂNDRADE. **O Guesa**. Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 188?. Disponível no site do Instituto de Estudos Brasileiros da USP em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/COG/Media/COG9544.pdf>>

²² Sousândrade escreveu a Denis dizendo que: “alguma palavras de um grande escritor bastam para inspirar um longo poema”; e explica ao brasilianista o seu projeto geral para a composição d'*O Guesa*, que até então contava com apenas quatro cantos impressos. Sousândrade conheceu a lenda *música* do *Guesa* por meio da enciclopédia *L'Univers*, especificamente na seção *Colombie et Guyanes* escrita por Stanislas Marie César Famin. No entanto, o poeta acreditou que Ferdinand Denis fosse o

nós, esta localizado no acervo de obras raras da *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, em Paris, e é praticamente desconhecido da crítica sousandradina. Ferdinand Denis respondeu a Sousândrade elogiando-o pelos belos quadros da natureza que figuravam no poema²³.

Em pesquisa efetuada por nós tanto na *Houghton Library*, biblioteca de manuscritos e obras raras da Universidade de Harvard, quanto no acervo da *Longfellow House*, local em Cambridge onde residiu o poeta e ainda conserva o seu acervo pessoal, não foi possível confirmar se o poeta brasileiro conheceu pessoalmente o estadunidense, conforme a intenção manifesta por Sousândrade na referida dedicatória (ver a figura 2). Outro indício que nos leva a acreditar no possível contato entre os poetas é a existência de um cartão de visita de Sousândrade encontrado por acaso²⁴ dentro de um exemplar de *Os Lusíadas*, vertido em língua inglesa, na biblioteca pessoal de Longfellow. Também na *Houghton Library*, tivemos contato com uma carta inédita de Sousândrade endereçada ao poeta Longfellow, da qual falaremos mais adiante, mas não temos notícias da provável resposta deste último.

FIGURA 2 - Dedicatória de Sousândrade a Longfellow no livro *Obras Poéticas* (1874), lê-se: "Before I go myself to see the father of the American poetry"

autor, uma vez que *Brésil* também integrava o tomo I do segmento sobre a América na referida enciclopédia.

²³« Vous êtes un de ces amant de la Nature et c'est ce qui un accent, si touchant et sincère à la fois, à vous chants ». Cf: DENIS *apud* SOUSÂNDRADE, 2003, p. 487. Na mesma carta, Ferdinand Denis também prevenia Sousândrade que ele não era o autor de *Colombie* e solicita ao poeta brasileiro que substituísse nos créditos da abertura d'*O Guesa* o seu nome pelo o de Famin.

²⁴ Agradeço à Christine Wirth, responsável pelos arquivos da *Longfellow House*, pelo achado, enquanto me auxiliava nas pesquisas que realizei naquele local.

FIGURA 3 - Cartão de Visita de Sousândrade localizado na Longfellow House, em Cambridge – MA. O endereço do consulado brasileiro em Nova York foi acrescentado à mão por Sousândrade.

É patente que Sousândrade desejou ser conhecido pela autoridade literária que era Longfellow, mesmo escrevendo em língua portuguesa, já que era de amplo conhecimento que o bardo estadunidense era especialista em línguas modernas, o que talvez facilitasse sua compreensão do Português. O autor dos célebres poemas épicos *Evangeline* (1847) e *The Song of Hiawatha* (1855) foi um dos escritores de maior prestígio ao longo do Romantismo estadunidense - movimento que emancipou a literatura nacional do peso da tradição inglesa e cujo período áureo se deu por volta de 1850 - e também exerceu grande influência sobre os poetas românticos. Como se sabe, *Evangeline* teve excelente recepção entre os nossos escritores e recebeu algumas traduções para o português.

Pesquisando nos diários do bardo estadunidense disponíveis na *Houghton Library*, localizamos o registro de quarta-feira, 15 de abril de 1874 onde Longfellow registra o recebimento da tradução de Franklin Doria e "specimens of two other translations into Portuguese", por José de Góes Filho e Flávio Reimar, pseudônimo do escritor maranhense Gentil Homem Almeida Braga²⁵.

²⁵ Sousândrade nutria grande estima por este último e dedica o Canto Nono d'*O Guesa* a ele e a Joaquim Serra. Os três maranhenses são coautores do romance coletivo *Casca da Caneleira*, de 1866.

A tradução de Franklin Dória ganhou resenha não assinada em *O Novo Mundo* em 23 de abril de 1874, mas Sousândrade é apontado como o autor²⁶. O poeta maranhense escreveu outras vezes para o jornal anonimamente, conforme declarou José Carlos Rodrigues na edição do jornal de 23 de fevereiro de 1873: "O Sr. Andrade (...) escreveu algumas das notas literárias, e outras, que aparecem em nosso nº 37 (estando nós ausentes) e que por modéstia não quis assinar" (*O Novo Mundo*. 23 fev. 1874, p. 83). A apreciação da obra *Evangeline* vertida para a língua portuguesa reconhece a dificuldade inerente ao trabalho de tradução de poesia entre línguas de origens distintas, mas não deixa de criticar duramente a inabilidade de Dória na tarefa empreendida:

(...) o Sr. Franklin Doria escolheu o peor methodo possivel de traduzir a poesia ingleza. Elle propôs-se traduzir a Evangelina 1º litteralmente, e 2º, em verso, e elle não conseguiu fazer uma conciliação satisfactoria destas duas condições. No sacrificio da primeira á segunda, elle não transladou fielmente LONGFELLOW; no sacrificio do verso á lettra elle teve de escrever um verso frouxo, que por conseguinte não faz justiça á Evangelina de Longfellow (*O Novo Mundo*, 23 abr.1874, p. 125).²⁷

A resenha publicada em *O Novo Mundo* também menciona as demais tentativas de tradução parciais do livro por Góes Filho e Flávio Reimar. As ponderações que nela encontramos indicam familiaridade do seu autor pela versão original do poema de Longfellow, bem como admiração pela versificação desse épico. Se considerarmos que o espaço reservado pelo jornal brasileiro à literatura contava com a colaboração de Sousândrade e que o mesmo espaço nunca publicou nada sobre Walt Whitman, talvez seja indício de que o público brasileiro, incluindo Sousândrade, leitores de Longfellow não puderam reconhecer o valor da obra Whitman, cuja produção literária desvinculava-se do academicismo e refinamento

²⁶ Cf. LIMA, Costa. O campo visual de uma experiência antecipadora: Sousândrade. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 489.

²⁷Cf: Hemeroteca Digital Brasileira:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=122815&PagFis=741>>

intelectual dos quais o autor de *Evangeline* - também professor na Universidade de Harvard - era o grande expoente. Nos parecem igualmente expressivos os intertextos e menções que Sousândrade faz a Longfellow em seus escritos, conforme comentaremos adiante, dentre outros autores estadunidenses, como Ralph Waldo Emerson, ao passo que não há nenhuma referência a Whitman.

O silêncio sobre Whitman

Em 1855 desabrochava pela primeira vez *Leaves of Grass*, obra rizomática contendo inicialmente 12 poemas, que Walt Whitman continuou expandindo até 1892 (ano de sua morte) quando o livro abrigava 400 poemas. Whitman inovou ao escolher como tema central da sua poesia o povo, ou mais precisamente o “eu” que absorvia toda a vida ao seu redor, como lemos em *Song of myself* por meio de uma linguagem coloquial, desvinculada da métrica ou rima.

No mesmo ano da publicação de *Leaves of Grass*, Longfellow lançava *The Song of Hiawatha*, que encontrou imediata acolhida do público leitor nacional e internacional. Efetivamente, por essa época Longfellow era poeta de enorme prestígio e, ao criar mitos indígenas e celebrar a natureza do seu país, foi o responsável por tornar a literatura dos Estados Unidos conhecida e respeitada internacionalmente. No entanto, a sua poesia marca uma fase de mudança nas letras estadunidenses e até o final do século XIX Whitman o superaria. Longfellow foi um poeta de transição do tema da **Natureza** nacional para o tema do **Eu** (*Self*) nacional²⁸ whitmaniano que, de acordo com os postulados de Alexis de Tocqueville, deveria ser a tópica genuína da poesia na democracia estadunidense.

Sobre isso, Joshua Calhoun no ensaio *Democracy in American Poetry: Longfellow, Whitman, and the "Tyranny of the Majority"* explica que Alexis de Tocqueville considerou que as tópicas da literatura erudita na Europa aristocrática

²⁸ Cf. CALHOUN, Joshua. Democracy in American Poetry: Longfellow, Whitman, and the "Tyranny of the Majority". In: **South Atlantic Review**, Vol. 70, No. 1 (Winter, 2005), p. 21.

não poderiam vigorar no contexto democrático transatlântico. Por isso, a América deveria criar seus próprios temas, como o da exaltação da natureza (assim como Ferdinand Denis escreveu sobre a poesia brasileira). De acordo com Calhoun:

Tocqueville central argument is that democratic people, though interested in descriptive poetry about Nature, will ultimately idealize themselves. Young America might have appreciate external poetic sources; **mature, she values "Song of myself" over The song of Hiawatha** (CALHOUN, 2005, p.24, grifo nosso)

Assim, Tocqueville diagnosticou a oscilação do gosto literário nos Estados Unidos que mais tarde explicaria o sucesso de um poeta tão original como Whitman e o esquecimento de Longfellow, não raro menosprezado nos dias de hoje pela crítica do seu país. De todo modo, em meados de 1870 Longfellow ainda fazia sombra sobre Whitman, e Sousândrade, escrevendo por essa época, estabelecia n’*O Guesa* intertexto com *The Song of Hiawatha*.

Esse poema épico conta a história do líder indígena *Hiawatha*, da comunidade dos Iroquois, em versos tetrâmetros trocaicos provenientes da Kalevala, a epopeia nacional da Finlândia. A escolha por esses versos octassílabos, cuja ênfase recaem sobre as sílabas ímpares, adequavam-se melhor para reprodução do som do falar indígena ao ouvido anglófono e com eles Longfellow oferecia aos leitores “personagens míticas e ensinamentos moralizantes” (CALHOUN, 2005, p. 32). O guerreiro indígena de Longfellow é citado nas seguintes passagens do canto décimo d’*O Guesa*:

Quão formosa tu és ! quão sorridente,
Joven America ! em teu seio ondula
Um sangue de oiro, generoso, ardente :
E do Hiawatha o canto a ti modula
O inspirado cantor ;

(p. 190)

(Ursa no cio espesinhando 'dahlias' = *violets* e
despojando HIAWATHA morto-apóstolo ; JOSEPHUS
beijando -lhe a mão, 'spiritual' :)

— ' *I am wordly ! . . never speak Spanish ?* '
== *She-Bear* . . . Birdies valham-me, Deus ! . .
— Nem Messrs. Donovan
Renovam
Coirões sanctos-Bartholomeus ? ? . . .

(p. 253)

Vale realizarmos breve digressão para comentar os versos acima. Sousândrade menciona, na primeira estrofe da sequência, a exaltação da "joven (sic) America", personificação da república dos Estados Unidos em figura feminina, por Longfellow, o "inspirado cantor" do (*the song of*) *Hiawatha*. Na estrofe seguinte, já no Inferno, a referência é mais complexa e o guerreiro do poema encontra-se dominado e espoliado por uma "ursa no cio", que é também indiferente à natureza cantada por Longfellow em seu poema, como podemos interpretar pelo seu gesto de pisotear flores. A *She-Bear* conversa com "Josephus", ou o José bíblico (CAMPOS, 2002, p.422), e parece buscar "renovação" ou rejuvenescimento entre os apóstolos, mas sua aproximação pode tratar-se de um engodo, pois a estrofe abre-se com "HIAWATHA morto-apóstolo" já despojado por ela.

Embora Longfellow possuísse maior prestígio que Whitman quando Sousândrade escreveu as estrofes supracitadas, por essa mesma época *Leaves of Grass* já havia repercutido estrondosamente e estava em sua quinta edição. Logo, é provável que Sousândrade não ignorasse Whitman completamente. Maria Clara Bonetti Paro, considera que "a omissão do nome de Whitman por Sousândrade deve ter sido motivada pela sua dúvida quanto ao valor estético e moral da poesia do poeta americano" (PARO, 2004, p. 182). Portanto, a especialista no cantor de *Song of Myself* considera que além das questões da forma, o conteúdo erótico e homoerótico da poesia whitmaniana pode ter sido obstáculo para a recepção do seu trabalho.

Lembramos que Jose Martí, por exemplo, um dos poucos escritores latino americanos a reconhecer a importância da obra de Whitman em seu tempo, ao fazê-lo não deixou de refutar o teor homossexual da mesma, afirmando que sua:

(...) linguagem tem parecido lasciva aos que são incapazes de entender a sua grandeza; imbecis tem havido que, quando celebra em *Calamus*, com as mais ardentes imagens da língua humana, o amor dos amigos, acreditaram ver, com melindres de colegial impudico, o retorno àquelas indignas ânsias de Virgílio por Cebetes e de Horácio por Giges e Licisco” (MARTÍ 1983 [1887], p. 109)

Martí exime-se das polêmicas morais envolvendo Whitman e constata que a inovação da linguagem requerida pela celebração do povo em sua poesia causava estranhamento nos leitores apegados às formas fixas e temas românticos canônicos, por isso “aqueles que foram criados com leite latino, acadêmico ou francês, não poderiam entender aquela graça heroica” (1983, p. 105) do poeta de *Leaves of Grass*.

A exemplo de Sousândrade, nenhum outro escritor brasileiro do século XIX fez menção a Walt Whitman, do mesmo modo que os periódicos brasileiros publicados nos Estados Unidos, como o jornal estudantil *Aurora Brasileira*, além do caso já citado de *O Novo Mundo*, não se manifestaram a respeito do poeta camarada. Marcus Vinicius de Freitas considera que tal omissão por parte dos estudantes brasileiros nos Estados Unidos é prova de que: “o discurso de modernidade não os atingiu em bloco ou sem nuances. Romantismo e realismo são partes integrantes do contexto modernizante em que eles se encontravam” (FREITAS, 2011, p. 102). Assim como Martí, Freitas parece considerar que o peso da tradição cultural europeia, no caso francesa, predominante no Brasil foi entrave para a recepção dos nossos homens de letras ao que de mais ousado se produzia na literatura dos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Por outro lado, o excerto citado de Martí elucida o quão a questão era muito mais complexa.

Sem pretender forçar nenhuma relação entre os autores, Sousândrade e Whitman podem ser aproximados no que concerne aos temas referentes à

democracia estadunidense e à turbulenta vida nova-iorquina, além da coincidência no emprego de certos recursos de composição correntes no meio jornalístico, como no caso da colagem de temas que não se relacionam entre si. Tanto em *Song of myself* quanto no *Inferno* do canto décimo ocorre a justaposição de cenas, ideias e personagens diversos em uma mesma estrofe, semelhantemente ao modo que as notícias aparecem estampadas no jornal, sem conexão lógica necessária, às vezes coincidindo cronologicamente, outras vezes nem tanto. Essa característica que em Whitman denominou-se de “efeito catálogo” possibilita “(...) uma multiplicidade de visões e um ritmo dinâmico, quase hipnótico, como se as palavras disparassem para os olhos do leitor toda a diversidade do Universo” (LOPES, 2008 p. 309). Do mesmo modo, em Sousândrade, o amalgamento de diferentes manchetes retiradas dos jornais nova-iorquinos da época permeia o *Inferno* do canto décimo de maneira caótica e hermética, sobretudo para o leitor que não dominasse os mesmos referentes. Em relação aos recursos poéticos empregados pelos autores em questão, em estudo anterior²⁹ realizado por nós foi demonstrado que o uso de topônimos³⁰ também são similares em *Song of myself* e no *Inferno*.

Se aceitarmos, então, que Sousândrade foi receptivo à poesia de Longfellow, mas não de Whitman, as semelhanças que podem ser traçadas entre o poeta d’*O Guesa* e aquele de *Leaves of Grass* sugerem que a inovação da poesia sousandradina produzida nos Estados Unidos, possivelmente, foi fomentada pelo mesmo contexto que gerou Whitman. Assim, como afirma Librandi na citação apresentada anteriormente: “o poeta não antecipou, mas percebeu o que era possível perceber e realizar em seu tempo”- e espaço, acrescentaríamos à hipótese de Librandi. Espaço estrangeiro, que extrapolava o universo cultural brasileiro, e que por isso possibilitou a produção original de um autor que ainda hoje não conseguimos alocar em apenas um movimento literário nacional.

²⁹ Cf: CARNEIRO, Alessandra da Silva. A New York de Sousândrade e Walt Whitman. In: **Miscelânea**: Revista de Pós-Graduação em Letras. UNESP – Campus de Assis. ISSN: 1984-2899. Assis, vol.7, jan./jun.2010.Disponível em:<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v7/alessandra.pdf>. Acesso 09 nov.2015. Citamos aqui pontualmente este artigo escrito para a disciplina de pós-graduação “O poema moderno: leituras e intersecções”, ministrada pelo Prof.Dr. José Horácio Costa e pela Prof^a. Dr^a. Annie Gisele Fernandes no segundo semestre de 2008, na FFLCH/USP; pois embora o exemplo citado seja pertinente para o argumento desenvolvido acima, o referido artigo apresenta ideias muito primárias em relação a Whitman e Sousândrade, as quais foram amadurecidas e eventualmente descartadas pela autora desta tese.

³⁰ Idem, pp. 105-106.

1.2 Aspectos da poesia sousandradina

As referências extratextuais n' *O Guesa*

Sousândrade é exceção na poesia brasileira oitocentista sobretudo pelo acabamento formal que deu aos cantos segundo e canto décimo d' *O Guesa*, mas a temática também não deixava de ser novidade para a literatura nacional. Conforme escreveu um crítico do *Diário do Povo* (RJ) em 1869 - cujo texto foi reproduzido na *Memorabilia* de 1872 - no longo poema sousandradino predomina o caráter da “peregrinação de um poeta, que desabafa as suas mágoas em viagem, descreve as paisagens que observa, e assimila o seu estado interior aos quadros mais ou menos melancólicos que o rodeiam” (SOUSÂNDRADE *apud* Moraes; Williams, 2003, p. 482). Associada à descrição romântica das paisagens, o poeta também inclui informações de cunho histórico referente aos locais visitados, o que em muitos momentos torna as referências herméticas ao leitor despreparado.

Por isso, os glossários existentes da obra sousandradina são muitas vezes auxiliares indispensáveis à leitura, como no caso daquele presente em *Revisão de Sousândrade*, ou na edição atualizada d' *O Guesa* (2012) organizado por Luiza Lobo, bem como a variedade de artigos recentes escritos por Carlos Torres-Marchal, publicados na *Eutomia: revista online de Literatura e Linguística* (UFPE), nos quais o pesquisador desvenda muitas referências às personagens e aos acontecimentos da obra sousandradina. Não por acaso o poeta planejava que *O Guesa* haveria “de ser no fim acompanhado do seu mapa histórico e geográfico” (SOUSÂNDRADE, [1876], 2003, p.), mas infelizmente o poema ficou inacabado e esse apêndice nunca existiu. Passados mais de cento e dez anos desde a publicação da continuação do canto décimo segundo d' *O Guesa*, ocorrida no mês anterior ao da morte do seu autor, os recursos de mídia disponíveis *on-line* nos possibilitam reconstruir em boa medida esse mapa imaginado por Sousândrade, seja pesquisando nas grandes plataformas de busca na Rede Mundial de Computadores, seja explorando as bases de dados mantidas por renomadas instituições de Ensino, além de organizações governamentais como a *Library of Congress* ou a Biblioteca Nacional (RJ), e sites

acadêmicos que abrigam um enorme acervo de materiais relacionados ao século XIX.

Augusto de Campos escreveu recentemente sobre esse assunto o ensaio *Re-WWW-Visão: Gil engendra em Gil Rouxinol*, onde ele discorre sobre a experiência de empreender buscas na internet sobre informações de verbetes relacionados ao *Inferno de Wall Street* que ficaram incompletos até a terceira edição revista e aumentada do estudo *Re Visão de Sousândrade* (2002). Campos mostra que os resultados foram profícuos ao analisar, com base em informações oriundas de pesquisas na Rede, algumas estrofes do poema, dentre elas a que contém o enigmático verso “Gil engendra em gil-rouxinol”, mais conhecido por meio da música *Gilberto Misterioso*, de Caetano Veloso (*Araçá Azul*/1973). O referido crítico diz haver na passagem alusão a um caso de infanticídio ocorrido nos Estados Unidos em 1876 e bastante divulgado nos jornais da época. Sousândrade teria reaproveitado a matéria jornalística e reelaborado o fato a partir do imaginário mitológico envolvendo a metamorfose dos seres, no qual o bebê assassinado transformava-se em rouxinol. O significado da palavra “gil” é essencial para a interpretação da passagem e de acordo com o crítico remeteria a algo como “astúcia, esperteza, como consignam vários dicionários” (CAMPOS, 2015, p. 223)³¹; mas, Augusto de Campos não cita nenhuma referência que nos possibilite confirmar o dito.

Essa característica d’*O Guesa* talvez justifique o título que já lhe foi atribuído de poema “criado para os leitores do futuro³²”, já que o público oitocentista não contava com ferramentas para reconstruir o método de trabalho do escritor maranhense, que com suas colagens de fatos, impressões e imagens produziu um intrincado mosaico, difícil de ser apreendido naquele período e que ainda hoje não prescinde de material de apoio. De todo modo, é importante enfatizar, entendemos que todos os elementos captados por Sousândrade no poema estavam disponíveis em seu tempo e por isso não se trata da obra de um visionário.

³¹ Artigo publicado originalmente na *Errática Revista On-line*, disponível em: <<http://www.erratica.com.br/opus/128/RE-WWW-VISAO.pdf>> Acesso: 12 Nov.2015

³²Cf.<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-guesa-um-livro-criado-para-os-leitores-do-futuro,438823>>

A estrutura em *limerick* no Cantos Segundo e Décimo d'*O Guesa*

A forma de ambos os episódios em que a personagem *Guesa* desce ao plano inferior foram possivelmente inspiradas nos versos *limerick*, conforme primeiro apontaram os críticos Augusto e Haroldo de Campos³³ e, posteriormente, Luiza Lobo. Esta última dedica o quarto capítulo do seu livro *Épica e Modernidade em Sousândrade* a esse tópico, já os Campos não se alongaram na questão. Nosso intuito aqui é recuperar brevemente algumas informações essenciais para a compreensão do *limerick* para pensar sua presença em *Sousândrade*. Para isso utilizaremos algumas referências não citadas pelos críticos, ou mencionadas apenas *en passant*.

Edward Lear, escritor e artista plástico, em 1846 reuniu no ilustrado *A Book of Nonsense* despretensiosos poemas curtos para crianças que o consagraram como o responsável pela popularização dos versos que mais tarde, no final do século XIX, foram chamados de *limerick*³⁴. O *nonsense* no título de Lear não se refere propriamente à falta de sentido ou coerência das histórias narradas, mas ao absurdo ou excentricidade das situações descritas nos cento e doze poemas que constituem o livro. Como explica a especialista Lúcia Bastos: "o nonsense é um uso criativo da linguagem (...) que rompe com o limite da regra linguística, desafiando-a, a incorpora. Rompe-se com a expectativa, palavras novas e mesmo outros mundos são criados" (BASTOS, 1996, p.47). Edward Lear compreendia o *nonsense* como uma filosofia e uma resposta aos altos e baixos da vida na qual "one suffers from first & laughs at afterwards" (LEAR, 2001). O humor proveniente dessa

³³ Os irmãos Campos também consideraram a hipótese de que *Sousândrade* possa ter baseado-se "em esquemas rítmicos da própria tradição portuguesa", a exemplo do *Cancioneiro Geral de Garcia Resende*. Cf. CAMPOS; CAMPOS, 2003, p. 52.

³⁴ Constatamos que nas primeiras edições do livro Lear não se preocupou em dar a estrofe a forma de quintilhas, embora a métrica possibilite a reorganização dos versos, conforme feito nas edições posteriores. Conferir, por exemplo, a versão presente no *Complete limerick book* (1925), onde os poemas aparecem com a estrutura supracitada. Cotejar, por exemplo, as edição de 1862 disponível no site Google Books: <https://books.google.com.br/books?id=oAwGAAAAQAAJ&dq=the%20book%20of%20nonsense&hl=pt-BR&pg=PA6#v=onepage&q=the%20book%20of%20nonsense&f=false> ; com edição estadunidense de 1904 encontrada no site Internet Archive: <https://archive.org/stream/nonsensebooks01leargoog#page/n26/mode/2up> . As citações encontradas neste texto foram retiradas da edição disponibilizada pelo Projeto Gutenberg: http://www.gutenberg.org/files/982/982-h/982-h.htm#2H_4_0111.

prática seria a manifestação de uma liberdade espiritual e independência que poderiam temporariamente superar as adversidades e fatalidades da vida. De acordo com Noakes, organizadora do volume *The Complete Nonsense and Other Verses*, na comédia antiga, como em Aristófanes, já havia elementos do *nonsense* em personagens que se apartavam da sociedade e como forma de criticá-la criavam um mundo paralelo onde as regras e convenções sociais eram inválidas³⁵. Posto isso, consideremos os exemplos selecionados do livro de Lear:

25.

There was an Old Man of Columbia,
Who was thirsty, and called out for some beer;
But they brought it quite hot,
In a small copper pot,
Which disgusted that man of Columbia

53.

There was an Old Man of Melrose,
Who walked on the tips of his toes;
But they said, "It ain't pleasant,
To see you at present,
You stupid Old Man of Melrose."

112.

There was a Young Lady of Clare,
Who was sadly pursued by a bear;
When she found she was tired,
She abruptly expired,
That unfortunate Lady of Clare.

São características dessa forma fixa do *limerick* a apresentação do local e do tema nos dois primeiros versos, seguidos pela ação descrita no quarto e terceiro versos. As histórias contadas são cômicas e não raro fazem rir pela fragilidade da personagem principal que acaba tragicamente, como podemos visualizar no último *limerick* citado no qual a *Lady of Clare* é devorada por um urso. Para o quinto verso é esperado um *gran finale* que surpreenda. Desse ponto de vista, Lear seria qualitativamente inferior em comparação com os praticantes modernos desse

³⁵ Cf: LEAR, Edward. *The Complete Verse and Other Nonsense*, Ed. NOAKES, Vivien. London: Penguin, 2001. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=r2qvhZQqSMwC&lpg=PT948&dq=limerick%20verses&pg=PT5#v=onepage&q&f=false>

gênero literário, pois o seu último verso normalmente repete o primeiro. Mas vale lembrar que essas são características que o gênero adquiriu posteriormente a Lear, sobretudo nos anos de 1907 e 1908 devido ao “Limerick craze” (REED, 1925, p. 21), uma verdadeira mania por criar *limericks* impulsionada por incontáveis competições ocorridas na Inglaterra.

As rimas geralmente repetem o esquema a-a-b-b-a, havendo exceções como no caso do primeiro exemplo acima que é constituído pelo esquema a-b-c-c-a, lembrando o ritmo a-b-c-c-b mormente empregado por Sousândrade nos infernos do canto segundo e canto décimo. Outra semelhança entre os versos selecionados de Lear e Sousândrade é a menor extensão do quarto verso em comparação com os demais. A referida associação do *limerick* com o *nonsense* também foi atribuída à poesia sousandradina, mas acabou por esvaziar-lhe o sentido³⁶, embora haja um intenso diálogo com acontecimentos e notícias da época, bem como críticas às mazelas sociais que muitas vezes só podem ser recuperados pela compreensão do contexto no qual o poeta escreveu³⁷.

Linda Marsh informa que a palavra *limerick* entrou oficialmente para os dicionários de língua inglesa somente em 1898 com a aceção de “indecent nonsense verse³⁸”. No entanto, *Limerick* é também o nome da cidade irlandesa onde, no passado, a prática oral dos versos seria uma tradição nas confraternizações, caracterizando-se como “drinking songs”, precisamente canções entoadas ao brindar (MARSH, 1997, p. IX)³⁹. Embora a falta de decoro seja associada a alguns tipos de *limerick*, conforme a aceção de 1898, a sua base é o humor. Luiza Lobo, usando como referência o *The Complete Limerick Book*, compilação de poemas organizada por Langford Reed, lista vários tipos de

³⁶ Sobre Sousândrade e o *nonsense* como negação de sentido, conferir: CERNICCHIARO, Ana Carolina. “O Inferno de Wall Street” e a linguagem da loucura Revista. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, Ano I – Vol. 01- Jul., 2008

³⁷ Cf: TORRES- MARCHAL, Carlos. Crônicas do Inferno. In: **Eutomia**: revista online de Literatura e Linguística (Recife), Ano I – Vol. 01- Jul., 2008 & Crônicas do Inferno II. In: **Eutomia**: revista online de Literatura e Linguística (Recife), Ano I – Vol. 02 – Dez., 2008.

³⁸ MARSH, Linda (Ed). **The Wordsworth Book of Limericks**. Kent, Great Britain: Wordsworth Editions, 1997. p. IX

³⁹ Em *The Complete nonsense book* encontramos a seguinte versão: “The Limerick apparently derives its name from a song, popular at convivial gatherings in Ireland about a century ago, in which each of an interminable set of verses dealt with the adventures of an inhabitant of a different Irish town, something in the manner of the modern Limerick, and had to be invented on the spur of the moment, each line by a different singer, after which the whole company roared out a chorus commencing with the invitation, “Will you come up to Limerick?” (REED, 1925, p. 18)

limericks que teriam sido praticados por Sousândrade, como o: “ a) infantil; b) nonsense; c) sexual; d) político; e) literário e f) “tongue-twisting (trava-língua) ” (LOBO, 2005, p. 164). Entretanto, essas subdivisões foram organizadas por Reed em 1925, isto é, após a “Limerick Craze”, por isso acreditamos ser pouco provável que o poeta maranhense tenha tido contato com essa variedade de categorias *limericks*.

A autora de *Épica e Modernidade em Sousândrade* também escreve que o contato do poeta com o *limerick* se deu em meados da década de 1850 quando ele teria viajado à Inglaterra (LOBO, 2005, p.151). Embora o brasileiro tenha estado na Europa entre 1854 e 1856, demorando-se na França, não há indícios da sua passagem pelo país anglófono, o que só ocorreria na década de 1880⁴⁰. De todo modo, a estrutura dos versos *limerick* adquiriu grande popularidade na língua inglesa e também tiveram manifestações nos Estados Unidos, conforme os exemplos de Mark Twain (1835-1910) e Oliver Wendall Holmes (1809-1894), citados no livro *The Wordsworth Book of Limericks* (1997). Holmes, por exemplo, escreveu sobre o famigerado Reverendo Beecher, também citado por Sousândrade n’*O Guesa*:

The Reverend Henry Ward Beecher
Called a hen a most elegant creature,
The hen, pleased with that,
Laid an egg in his hat,
And thus did the hen reward Beecher.

(HOLMES *apud* MARSH, 1997, p. 43)

Holmes faz trocadilho entre o nome do Reverendo da igreja de Plymouth e a sonoridade dos versos sobre a galinha que o recompensa pelo elogio à ela botando um ovo em seu chapéu: **Henry Ward Beecher/ hen reward Beecher**. O

⁴⁰ Cf: TORRES-Marchal, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade II — As errâncias e os pousos do Guesa. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, 11 (1): 5-30, Jan./Jun. 2013 & Torres-Marchal, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade. In: Revista Eutomia –Ano 3 – Edição 1 – Julho 2010.

religioso é citado oito vezes no *Inferno* do canto décimo, como exemplo citamos as duas estrofes que estão na página 232 do poema:

8

(RMO. BEECHER pregando :)

— Só Tennyson, só, só Longfellow,
S'inspiram na bôa moral :
Não *strikers* Arthurs,
Donahues,
Nem Byron João, nem Juvenal !

(...)

11

(BEECHER-STOWE e H. BEECHER :)

— Mano Laz'rus, tenho remorsos
Da pedra que em Byron lancei ...
== Caiu em mim, mana
Cigana !
Elle, á gloria ; eu, fóra da lei !

(canto décimo, p. 232)

Na primeira estrofe ouvimos a pregação do Reverendo em relação à boa e má conduta moral de algumas personagens, dentre elas os poetas Longfellow e Lord Byron. Este último, ao contrário do primeiro, não seria exemplo de boa moral. A estrofe da sequência explica o motivo por meio do diálogo do Reverendo com sua irmã Harriet Beecher Stowe, autora do romance abolicionista *A Cabana do Pai Thomás* (1852). Byron foi acusado de ter traído sua esposa com sua meia irmã, escândalo que obteve bastante repercussão na época e que a escritora Beecher Stowe teria ouvido da própria esposa de Byron, Anne Isabella Byron . Os versos ironizam a condenação da conduta de Byron por Harriet, cujo irmão também foi acusado, julgado e absolvido pela relação amorosa que teve com uma senhora casada da sua paróquia. O caso Tilton-Beecher, como ficou conhecido na época, é mencionado várias vezes no canto décimo. Assim, o Reverendo Beecher, de moral duvidosa, prega a boa moral e critica Byron, ao passo que a pedra lançada contra esse por sua irmã Beecher Stowe, ironicamente, o atinge. As estrofes citadas também ilustram outros recursos poéticos dos quais Sousândrade lançou mão nos

dois *Infernos* d'O Guesa, como a apresentação das personagens entre parênteses seguidas por dois pontos e o uso de travessões para indicar as vozes que intervêm na estrofe. Sousândrade chamou de “título” o verso inicial entre parênteses, que funciona no poema como a didáscalia no teatro, na qual os autores oferecem indicações para a atuação dos atores. A dinâmica teatral do Inferno também é impostada pelo uso do travessão simples e sobretudo do duplo, este inovação sousandradina para marcar o dialogismo da cena. Marcando a intervenção de uma segunda voz na estrofe, Sousândrade apropriou-se do limerick de maneira bastante original.

Recapitulando, Edward Lear embora tenha sido o responsável pela difusão dos versos *limericks*, nunca classificou os seus próprios poemas como tal. Além disso, poemas com estrutura semelhante a do *limerick* datam pelo menos desde o ano de 1300 (MARSH, 1997, p. IX) e podem também ser encontrados em algumas passagens da obra de Shakespeare, conforme mencionam os irmãos Campos (2002, p. 51) e Luiza Lobo (2005, p.153), embora sem citar nenhum exemplo. A partir dessa menção dos críticos, apuramos que em *Otelo*, ato 2/cena 3, quando as personagens cantam ao brindar (*drinking song*), Shakespeare confere à passagem estrutura e ritmo que lembram o *limerick*:

And let me the canakin clink, clink;
And let me the canakin clink.
A soldier's a man;
A life's but a span;
Why, then, let a soldier drink⁴¹.

O excerto contém cinco versos e possui rima em a-a-b-b-a, conforme a estrutura do *limerick*, e o tilintar das canecas de bebidas também rimam internamente; no entanto, é evidente que a estrutura e o ritmo são os elementos preponderantes que nos possibilitam pensar os versos acima enquanto *limericks*.

⁴¹Cf: SHAKESPEARE, W. **Othello, the Moore of Venice**. Disponível em: <<http://shakespeare.mit.edu/othello/othello.2.3.html>>

Além do exemplo shakesperiano citado, outros trechos associados ao *limerick* podem ser encontrados em *Hamlet*⁴², ato 4/cena 5 e *Rei Lear*⁴³, ato 3/ cena 4.

Portanto, a origem da forma poética popularizada em meados do século XIX e que podemos reconhecer em Shakespeare está atrelada à tradição oral que remonta a Idade Média. Assim como associamos essa forma ao *limerick*, mesmo sem ter Shakespeare escrito propriamente *limericks* - gênero de pouco prestígio estético literário e cuja função é geralmente entreter com enredo cômico e desfecho surpreendente - é possível que também Sousândrade tenha tido contato com essa estrutura da tradição antiga, talvez nos Estados Unidos, e se apropriado da mesma nos *Infernos d'O Guesa* sem pretender ligar-se ao *limerick*.

As vozes que conduzem a narrativa n'O Guesa

A adaptação dos versos *limericks* por Sousândrade nos *Infernos* constitui-se de um emaranhado de vozes de personagens, conforme o uso de travessão simples e duplo nos indica. Mas essa característica não fica restrita a esses episódios, visto que algumas vozes constroem a narrativa em *O Guesa*. É possível identificar facilmente pelo menos duas delas, mas de acordo com um dos críticos especializados no poeta haveria ainda a presença de uma terceira e até uma quarta voz.

Há no poema uma voz épica que é responsável pelo fio narrativo principal, e uma voz lírica, expressa entre aspas, que divaga entre lembranças e sentimentos em relação ao narrado pela primeira voz. A personagem *Guesa* expressa-se normalmente na parte subjetiva, mas por vezes também se confunde com a voz do narrador em terceira pessoa. Sobre isso, Luiza Lobo escreve que sempre ocorre o uso das "(...) aspas quando o poeta emprega a 'voz do personagem' " (LOBO, 2005, p. 21-22). No entanto, há casos em que a personagem intervém sem essa marcação textual, como no início do canto décimo quando o *Guesa* chega aos Estados Unidos.

⁴²Cf: SHAKESPEARE, W. **The tragedy of Hamlet, Prince of Denmark**. Disponível em: <<http://shakespeare.mit.edu/hamlet/hamlet.4.5.html>>

⁴³Cf: SHAKESPEARE, W. **King Lear**. Disponível em <<http://shakespeare.mit.edu/lear/lear.3.4.html>>

Sebastião Moreira Duarte, autor de *Épica Americana: O Guesa, de Sousândrade e o Canto General, de Pablo Neruda* (1993) - estudo comparativo entre os dois poetas cujo argumento central é que *O Guesa* ilustra a transição do modelo da épica renascentista para a épica moderna, esta plenamente realizada por Neruda –, escreve que uma das características que marcam o distanciamento d'*O Guesa* do modelo épico renascentista é justamente essas "muitas vozes enunciativas" (DUARTE, 1993, p.1988) presentes na sua trama. Assim, Duarte indica a presença de uma terceira voz n'*O Guesa*, que "interfere para trazer o comparecimento do público, como uma espécie de **glosa de um coro dramático**" (DUARTE, 1993, p.188, grifo nosso). Outrossim, uma quarta voz, a do leitor, é exortada a integrar a ação; contudo, vale pontuar que essa quarta voz não chega a se manifestar na narrativa.

A terceira voz, que pode ser definida como desdobrada, conforme Duarte, é atrelada ao discurso da voz épica, majoritariamente em terceira pessoa, que por vezes suspende a narração para que aconteça uma espécie de diálogo com o leitor ou explicação do plano narrativo. Vejamos dois exemplos retirados do canto décimo, um anterior ao *Inferno de Wall Street* e o outro, também citado por Duarte, ao final do mesmo fragmento:

Porque, não haver mais crucificados,
Quando ha mais do que nunca phariseus,
Indica . . . e a **vós** mesmos os cuidados
Deixo da conclusão dos cantos meus.

(canto décimo, p. 230)

Mas, **voltemos** os olhos desgostosos
D'este circ'lo : e, porque é na liberdade
(Qual d'ella á luz os céus são mais formosos)
Mais tenebro, talvez, — e á christandade.

(canto décimo, p. 261)

Sebastião Moreira Duarte cita dois outros exemplos pertinentes extraídos do canto segundo e que também se referem à fala da terceira voz direcionada ao leitor, considerado por ele como uma quarta voz:

Amava o Guesa Errante esses cantares
 Longinquos a deshoras nas aldeias ;
 Se aproximava, triste, dos logares
 Tão saudosos —
 " **Saltemos** nas areias . —

(canto segundo, p.23)

(...)
 — Deixo eu este assumpto depravado :
 Que **desculpem-me** o triste recitado
 Do que ás bordas se vê do Solimões.

(canto segundo, p.42)

Chama-nos atenção esse direcionamento ao leitor (vós – nós) que, conforme Moreira Duarte escreve, configura um “coro dramático”. O “eu” conversa e convoca os leitores para o confronto com o narrado.

Essa característica d’*O Guesa* faz lembrar a dialética nós-mundo da qual trata W.R Johnson em *The Idea Of Lyric*. Johnson chama de “poesia coral” (*choral poetry*) esse tipo de situação retórica em poesia, que seria um desdobramento da *solo poetry*, caracterizada pela relação eu-mundo da poesia lírica. Grosso modo, Johnson explica que a poesia coral moderna, tende a reafirmar a nossa conexão uns com os outros na tentativa de negar a alienação do mundo em que vivemos, pós-revolução industrial e oprimido pelo sistema econômico. Frente à fragmentação do mundo moderno, a poesia coral procura restabelecer a metáfora de comunidade (*communitas*):

Fragmented persons fashion fragmented worlds, and
 fragmented worlds produce fragmented persons. What modern
 choral attempts to do is to put an end to this vicious circle and
 to reestablish the great metaphors for *communitas* as the
 proper and central metaphors for the human conditions
 (JOHNSON, 1982, p. 178)

Jonhson explica que a poesia coral é uma tentativa de nos religar ao mundo e a nós mesmo ao representar a comunidade cantando para e pela (for/to)

comunidade sobre esperanças e paixões por ordem e continuidade de tudo aquilo que é compartilhado. Mas isso é menos a afirmação da existência de uma comunidade íntegra que a possibilidade de existência da mesma. A poesia coral expressa a necessidade de unir forças em prol da construção dessa sociedade ideal.

Leaves of Grass (1860) de Walt Whitman é citado em *The Ideia of Lyric* como exemplo da fusão entre poesia lírica solo e lírica coral, na qual ocorre uma estranha harmonia dissonante entre o Whitman que se alegra e se entristece de uma maneira pessoal e o Whitman que imagina, representa e explica as alegrias e tristezas comuns da humanidade. Whitman fala sobre a sua relação com as coisas e o mundo, das delícias, conflitos e possibilidades dessa relação e convida também o seu leitor para essa experiência. Ambos os modos da lírica, solo e coral, de acordo com postulados da antiguidade, eram igualmente válidos e importantes para a formação do ser humano (JOHNSON, 1982, 176-77).

Sem pretender forçar nenhuma relação entre autores, haja vista as razões explicitadas anteriormente, acreditamos ser possível afirmar o mesmo sobre o coral de vozes *n'O Guesa*. Sobretudo nos *Infernos* do segundo e décimo cantos, observamos que a fragmentação da narrativa e da linguagem contrasta com as passagens do canto nas quais a terceira voz (coral) que evoca o leitor pretende subsumir as críticas realizadas no conjunto de desafios para que a República ideal - talvez possamos arriscar aqui o seu paralelo com a ideia de *communitas* -, pudesse ser plenamente realizada. É o que podemos depreender das estrofes citadas há pouco, nas quais a voz do narrador épico faz sua ressalva sobre os acontecimentos que serão relatados antes da passagem pelo *Inferno*, bem como realiza o balanço do narrado após a sua saída dali.

Também nos chama atenção quando Johnson destaca a presença da poesia coral em Ezra Pound e o seu engajamento em criticar o sistema financeiro, característica essa estabelecida por Augusto e Haroldo de Campos como elo comparativo entre Pound e Sousândrade - além dos aspectos estilísticos como o “imagismo” e a “dicção estético ideogrâmica” (CAMPOS; CAMPOS, 2002). Os concretistas também não deixaram de notar a semelhança entre as múltiplas vozes em *The Cantos* e no *Inferno de Wall Street*:

The Cantos foram definidos pelo próprio Pound como “conversa entre homens inteligentes”. Allen Tate, em 1936, advertia: “Não há apenas uma pessoa a falar, trata-se de um **monólogo de muitas vozes**”. Para o “Tatututema” e “Inferno de Wall Street” isto também é válido. Desaparece a ideia de solilóquio. As personagens – como as máscaras poundianas – assumem a iniciativa do discurso. E se interpelam. E se interpolam. Tudo é matéria dialogada: travessões simples e duplos, em quase todas as estrofes, assinalam as falas das *dramatis personae*. (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 64, grifo nosso)

Para Johnson, Ezra Pound dedicou-se excessivamente ao ataque daquilo que impedia a concretização da sua ideia de *communitas*, isto é, da realização de um **paraíso terrestre**:

Pound's passion for *communitas* was extraordinary both for its intensity and for its delicacy, and his reverence for fertility and renewal beautifully rendered page after page, is among precious things in modern poetry. More than anyone he saw *communitas* being wantonly, cynically, sacrificed to the velleities of secular materialism, and he saw fertility and renewal being annihilated by the greed of uncontrolled technologies. So, great choral poet that he was, **he tried to imagine paradise, which is what every choral poetry tries to imagine**. (JOHNSON, 1982, p. 193, grifo nosso)

Johnson escreve que a poesia coral é a mais poderosa e atrativa das formas literárias modernas, mas sendo esta um desdobramento da lírica, cuja permanência tem sido negada, a voz coral é entendida como monólogo anônimo ou meditação filosófica (1982, p.191), como no caso de *Song of Myself*, ou, como vimos no excerto dos irmãos Campos sobre Pound: “um monólogo de muitas vozes”. Em Sousândrade as diferentes vozes procuram mostrar a narrativa de pontos de vista diversos como forma de realizar a síntese da problemática apresentada. Em outra passagem do canto décimo, Sousândrade também fala em “vozes que ressoam forte” em defesa da República, conforme discutiremos oportunamente neste trabalho. Do mesmo modo que o diálogo nós-mundo estabelecido procura apontar

a superação do horror narrado e o alcance do paraíso. Assim como em *The Cantos* de Pound, Sousândrade empenha-se n'*O Guesa* em identificar e condenar tudo e todos, não apenas problemas suscitados pela ordem econômica, que impossibilitam a plena realização do seu ideal de um **éden terrestre**, democrático e republicano, temática que perpassa *O Guesa* e que também está presente nas obras posteriores *Novo Éden* e *Harpa de Ouro*.

1.3 Sousândrade em Nova York

Conforme exposto anteriormente, a estada de Sousândrade em Nova York causou impacto na sua produção literária, visto que naquela cidade o poeta buscou novos temas e formas de expressão para a sua poesia. A crítica sousandradina, todavia, dispõe de poucas informações sobre esse período crucial na trajetória do homem e do poeta Sousândrade. Acreditamos ser importante conhecer as condições de permanência do brasileiro nos Estados Unidos, como: quais eram suas atividades, onde ele vivia e qual era o seu círculo social, pois isso nos possibilita refletir sobre o seu lugar de fala ao venerar e execrar a sociedade estadunidense no canto décimo d'*O Guesa*, sobretudo.

Nesse aspecto, pensamos na Nova Crítica Econômica (*The New Economic Criticism*) e sua proposta de abordagem da obra pelo viés da “produção”, que se caracteriza pela reflexão sobre as condições socioeconômicas da produção literária. Essa abordagem leva em consideração tanto aspectos biográficos quanto o contexto cultural, social e econômico para a análise da obra e, assim, liga-se ao *Novo Historicismo*, ramificação dos Estudos Culturais, que possibilita uma visão ampla do texto em relação ao seu contexto. A Nova Crítica Econômica, e seu critério da “produção”, busca refletir sobre “how do literary works both reflect and shape individual economic behaviors and the wider economic practices of an historical period?” (WOODMANSEE; OSTEN, 1999, pág. 33).

Esse é um questionamento complexo, mas parcialmente válido para pensarmos a relação entre a produção literária de Sousândrade nos Estados

Unidos e o seu comportamento econômico individual. Isto é, como as condições da permanência do poeta brasileiro em Nova York podem estar relacionadas (*reflect*) com que lemos no canto décimo? Ou ainda, estaria Sousândrade condenando práticas econômicas que também eram suas (*shape*), a exemplo do escritor Mark Twain, apostador falido da *New York Stock Exchange* que ironizou por meio da literatura a sua própria condição? Longe de oferecer respostas absolutas, essas indagações nos permitem ponderar algumas interpretações já cristalizadas sobre as referências socioeconômicas n'*O Guesa*.

Sousândrade aportou em Nova York em 19 de maio de 1871, possivelmente atraído por um convite de José Carlos Rodrigues para atuar junto ao periódico *O Novo Mundo* (1870-1879), fundado no ano anterior. Como veremos, Rodrigues foi referência para os brasileiros que deixavam o Brasil rumo à América do Norte durante a década de 1870. O poeta viajou em companhia da sua filha Maria Bárbara de Souza Andrade, fruto do casamento com Mariana de Almeida e Silva, e sua filha ilegítima Valentina de Souza Andrade, provavelmente com uma escrava, que tinha como função cuidar da pequena Maria Bárbara⁴⁴. Sua chegada foi noticiada em *O Novo Mundo* em 24 de junho de 1871:

Está em New York o Sr. Joaquim de Souza-Andrade, do Maranhão, onde tem já publicado dois volumes de poesia, de cujo mérito muito reateremos (sic - teremos) ocasião de escrever quando sair à luz uma segunda edição que o autor propõem-se a imprimir brevemente nastic idade (sic - nesta cidade). (*O Novo Mundo*, 24 jun.1871, p. 142)

A hipótese de que um dos propósitos da viagem de Sousândrade era educar Maria Bárbara em terras americanas também é plausível, principalmente se considerarmos suas posições políticas e a sua crença de que a República não poderia prescindir da democratização do Ensino. Contudo, a crítica estabeleceu

⁴⁴ Conferir o artigo: *Contribuições para uma biografia de Sousândrade — III. "As filhas do poeta"*, no qual Carlos Torres Marchal traz novas informações sobre a vida de Maria Bárbara e argumenta de maneira inédita sobre a existência de Valentina ou Vanna, filha bastarda do poeta. In: Torres-Marchal, Carlos, *Contribuições para uma biografia de Sousândrade - III. As filhas do poeta*. Revista Eutomia (Recife) 13(1): 5-31, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/585/414>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

que uma doença de Maria Bárbara teria sido a razão para Sousândrade deixar o Maranhão⁴⁵. Essa conclusão foi, na verdade, baseada no editorial d'*O Novo Mundo* de fevereiro de 1877 que dava notícia sobre o perfil do poeta. Sob o título de “O Gueza Errante” o editorial trazia uma breve nota biográfica precedida da crítica elogiosa ao seu poema escrita por J. M. Pereira da Silva, publicada originalmente no jornal *A Reforma*, do Rio de Janeiro. No editorial lemos:

(...) o nosso poeta vive muito retiradamente no confim de New York, em Manhattanville, a sete milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto n'uma casa de família ele vê a cruz no cimo do Sacré Coeur onde se está educando sua filha, cuja delicada saúde fel-o trocar por este clima do Maranhão. (*O Novo Mundo*, fev. 1877, p. 39)

Maria Bárbara já se encontrava matriculada no Colégio do Sagrado Coração apenas um mês após a chegada de Sousândrade em Nova York⁴⁶. Mas os registros da instituição indicam que ela passou apenas por duas consultas médicas no período que ali esteve⁴⁷, o que nos parece invalidar a versão de que a mesma sofria de problemas de saúde. *O Novo Mundo* publicou em 24 de novembro de 1871, a pedido de Sousândrade, uma notícia sobre a sua vida escolar. O texto descreve as características das acomodações do colégio católico voltado para educação de estudantes do sexo feminino acompanhada por uma gravura do prédio. Ao final comenta que: “Além da filhinha do Sr. Andrade, estão agora educando-se no Instituto três outras brasileiras, duas filhas do Dr. Gama Lobo, do Rio de Janeiro (agora na Europa), e uma do Sr. Amaral, negociante no Pará”.

A composição da matéria constitui uma propaganda do colégio possivelmente com o objetivo de encorajar as famílias brasileiras, leitoras do jornal, a enviarem suas filhas para serem instruídas nos Estados Unidos. Talvez por não ter conseguido recrutar mais estudantes mulheres, passados três anos o suplemento *Páginas para senhoras* d'*O Novo Mundo*, lamentava em uma breve nota

⁴⁵ Cf. CAMPOS; CAMPOS, 2002. p. 652; WILLIAMS, 1976, p. 10-11; LOBO, 2005, p. 38 e CUCCAGNA, 2004, p. 25.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ Cf: Torres-Marchal, Carlos. “Contribuições para uma biografia de Sousândrade — III. As filhas do poeta” *Eutomia*, Recife, 13 (1): 5-31, jul. 2014. p. 17-18.

que havia poucas brasileiras vivendo nos Estados Unidos, dentre elas: “... duas meninas de colégio, uma do Sr. J. de Souza Andrade, o bem conhecido poeta do Maranhão e a outra do Sr. Amaral, negociante paraense. ” (*O Novo Mundo*, 23 out.1874. p. 21).

Baseado no mesmo texto d’*O Novo Mundo* que dá notícias sobre a saúde frágil de Maria Bárbara como motivo da ida de Sousândrade aos Estados Unidos, tornou-se corrente a informação de que ele residia na parte mais alta da cidade. Essa informação, no entanto, é incompleta, pois há indícios que Sousândrade habitou em diferentes localidades como, em 1873, no Hotel Hamilton, situado na rua 125 com a 8ª avenida, próximo ao colégio de Maria Bárbara e na 30 Colonnade House, no Lafayette Place, em 1882. (TORRES-MARCHAL, 2013, p. 21).

Além desses endereços, o paulistano Thomaz de Aquino e Castro, um dos estudantes recepcionados por José Carlos Rodrigues na sua chegada a Nova York em 1872, com destino a Universidade de Cornell onde se matricularia no curso de Engenharia Mecânica, registrou o seguinte sobre seu encontro com Sousândrade:

(...) fomos visitar o nosso companheiro de viagem o Dr. C. da Costa Ferreira, no hotel Washington, que está situado na afamada Broadway, uma das grandes artérias da vida circulante de New York, e que caracteriza o movimento da cidade; mil ou mais carruagens cruzam-na incessantemente e o pelotão de povo que caminha a pé chega muitas vezes a embarçar-se (...) **Chegados ao Hotel Washington, o Dr. Ferreira apresentou-nos ao seu amigo, o distinto poeta maranhense J. de Souza Andrade que há muito estava alli hospedado.** No decurso da conversação viemos a saber que nos achávamos no primeiro lugar histórico de New York: aquelle hotel era a antiga casa do Capitão Kennedy, construída na sua volta da Europa em 1760, chefes inglezes a occuparão durante a guerra; alli viverão Cornwallis, Clinton, Howe e depois Washington e Talleyrand. (*Aurora Brasileira*. 20 de maio de 1874, p. 61-62, grifo nosso in FREITAS, 2011, CD-ROM)

A citação acima traz a informação nova de que Sousândrade também residiu no Hotel Washington, na 1 Broadway, no extremo sul de Manhattan. Essa informação agrega elemento interessante para pensarmos a sua estadia naquela cidade. Sousândrade morou em um local de grande movimento e agitação, nas

proximidades de Wall Street, Trinity Church e Bowling Green⁴⁸, citados n'*O Guesa*, bem como da redação d'*O Novo Mundo* e da *Burdett & Pond*, empresa importadora de borracha a qual ele esteve ligado, como explicaremos adiante. Além disso, a referência ao Hotel Washington nos remete imediatamente as primeiras estrofes do canto décimo:

De liberdade e amor sou imigrante
Na pátria que abre os seios ao estrangeiro.

A elles eu me recolho. Dão-me abrigo
Tetos, que em outros tempos abrigaram
George Washington. (...)

(canto décimo, p. 186)

O edifício do hotel Washington serviu de quartel onde abrigou-se o então general George Washington durante o período da guerra pela independência dos Estados Unidos. Adiante no poema, *O Guesa*, recém-chegado em Nova York tem um encontro imaginário com o pai da liberdade americana, com quem dialoga sobre o tempo passado, presente e futuro. Contudo, apesar do seu passado respeitável, quando da estadia de Sousândrade o hotel não carregava nenhum *glamour*, como dá a entender a impressão de André Rebouças, que lá também esteve um ano antes de Sousândrade, em 1873: "O Washington Hotel teve a gloria de receber o imortal Washington; esteve em moda por muitos anos; hoje é um hotel de 3ª classe⁴⁹." (REBOUÇAS, 1938, p. 246).

As informações de Rebouças nos mostram que Sousândrade, por esse período, não vivia isolado em uma espécie de "torre de marfim" nas proximidades do colégio de Maria Bárbara, área rural ao sul de Manhattan, conforme escreveu o

⁴⁸ Luiza Lobo, por exemplo, apresenta perspectiva contrária a nossa em relação a rotina de Sousândrade em Manhattan: "(...) Ele tomava o bonde puxado a burro que descia a serpenteante Avenida Broadway, da zona oeste alta rumo à leste baixa. Nesta, travava contato com a bolsa de valores de Wall Street e o capitalismo emergente". (LOBO, 2005, p. 10).

⁴⁹ André Rebouças escreveu em seu diário que por conta da sua cor hospedou-se, com restrições, no hotel Washington após ter sido recusado pelos demais hotéis da cidade. Rebouças oferece indicativo da influência de José Carlos Rodrigues quando registra que passados dez dias no hotel Washington "graças ao prestimoso amigo Rodrigues" (REBOUÇAS, 1938, p. 253), conseguiu mudar-se para o French's Hotel, em quarto vizinho ao dele.

editorial d'*O Novo Mundo* de 1877 e a crítica, posteriormente, corroborou. Nos seus primeiros anos em Nova York, Sousândrade encontrava-se no ponto nevrálgico do capitalismo norte-americano e, possivelmente, com poucos meios de subsistência, como a sua estadia no hotel Washington, estabelecimento de terceira classe, parece indicar.

1.3.1 A influência de José Carlos Rodrigues: Sousândrade e O Novo Mundo.

Sabemos que os textos assinados por Sousândrade publicados em *O Novo Mundo* foram poucos e esparsos⁵⁰, mas que é provável que existam contribuições suas não identificadas, como também foi o caso de André Rebouças. O engenheiro baiano teve diversos artigos anônimos publicados n'*O Novo Mundo*, mas mantinha em seu diário registros de quando os mesmos eram enviados a Rodrigues, fato que hoje nos permite identificar a autoria das suas contribuições⁵¹, bem como ter ciência da quantia de 200\$000 mensais que por elas ele recebia⁵². Por isso, apesar de Rodrigues assinar como único redator d'*O Novo Mundo* e afirmar ser o seu único responsável⁵³, não há dúvida que ele mantinha colaboradores remunerados, como parece ter sido o caso de Sousândrade.

André Rebouças também escreveu em seu diário sobre um encontro que teve com Sousândrade nas dependências d'*O Novo Mundo* em 21 de junho de 1873, quando já estava pronto para deixar os Estados Unidos em direção ao Rio de Janeiro:

⁵⁰ São elas: **A emancipação do Imperador** - J. de Souza Andrade, Manhattanville, nov. 9, 1871. *O Novo Mundo*, 24/11/1871, p. 31; **O Estado dos índios**- J. de Souza, NY, março 10. *O Novo Mundo*, 23/3/1872, p. 107; **Notas Literárias** - *O Novo Mundo*, 23/10/1873, p.10; **Anchieta ou o Evangelho nas Selvas**- S.A. -*O Novo Mundo*, 23/2/1876, p.103; **Literatura**- S. A.- *O Novo Mundo*, agosto de 1877, p. 186; **Estrofas**- S. A. - *O Novo Mundo*, setembro de 1877, p. 211 e ainda "MEMORABILIA"- transcrição de "*O Novo Mundo*", de fevereiro de 1877. Este não é propriamente um artigo, mas a transcrição da apreciação crítica do poeta assinada por Pereira da Silva.

⁵¹ Para uma lista com todos os artigos de André Rebouças publicados em *O Novo Mundo* ver: TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças: da Engenharia Civil à Engenharia Social**. Tese de doutorado, f 314. Unicamp – IFCH, 2004. p. 314-316.

⁵² Cf. REBOUÇAS, 1938, p. 278.

⁵³ Em "Aviso Importante" sobre a fundação da *The Novo Mundo Association*, Rodrigues diz: (...) Felizmente, apesar de termos estado só, inteiramente sós, na redação d'*O Novo Mundo*, cada um de seus 57 numeros tem sido embarcado pontualmente para o Brazil". In: **O Novo Mundo**. Jul 23, 1875, p. 238.

(...) despedi-me do poeta Souza Andrade do Maranhão, autor da 'Guêza errante'(sic). Deu-me notas sobre a lenda fundamental do seu poema, para enviar a Carlos Gomes como assunto de um libreto". (REBOUÇAS, 1938, p. 255).

Rebouças foi grande amigo e incentivador da carreira de Carlos Gomes, o que devia ser do conhecimento de Sousândrade. Apesar da sugestão do poeta, não encontramos qualquer trabalho de Carlos Gomes com base n'*O Guesa*.

Assim, é importante considerar a ligação de Sousândrade com *O Novo Mundo* antes de 1875, quando ele oficialmente passa a ter vínculo com o jornal de Rodrigues, ao integrar a *The Novo Mundo Association* - que passou a ser dona d'*O Novo Mundo* -, pois isso pode nos ajudar a entender os motivos da sua mudança para os Estados Unidos. A chegada do maranhense a Nova York, em 1871, bem como suas atividades naquela cidade, foram imediatamente noticiadas no jornal de Rodrigues. Quatro anos depois, provavelmente devido a relação próxima entre ambos os brasileiros, Sousândrade foi nomeado vice-presidente daquela Associação composta por sete diretores e três funcionários⁵⁴, dentre os quais o poeta era o único não estadunidense. José Carlos Rodrigues frisava que: "elegendo para Vice-Presidente o Sr. Souza Andrade a Diretoria quis reforçar o elemento brasileiro na Associação, atraindo tão distinto cavalheiro e literato, que mostrou a sua fé na empresa por bela subscrição de seu capital social⁵⁵." Rodrigues permanecia como dono de 3/4 do periódico atuando como gerente, tesoureiro e editor.

Indício que pode corroborar a nossa hipótese é o endereço do escritório do periódico que Sousândrade usou na carta-dedicatória a Ferdinand Denis em 1874, anteriormente citada, como podemos visualizar abaixo:

⁵⁴"Os funcionarios são: Presidente, o Sr. W.H. Parsons, Vice-Presidente, o Sr. J. de Souza Andrade; Secretario, o Sr. N. Heath Junior; Gerente, Thezoureiro e Editor, o ex proprietário". In: *O Novo Mundo*, Jul. 23, 1875. Vol. V, nº58, p. 238.

⁵⁵ Idem.

FIGURA 4 - Assinatura e endereço na dedicatória a Ferdinand Denis escrita por Sousândrade na folha de rosto de *Obras Póéticas* - 1874

O uso do endereço comercial do jornal de José Carlos Rodrigues em uma carta de teor pessoal do maranhense endereçada ao destacado brasilianista francês pode indicar o vínculo (empregatício) de Sousândrade com *O Novo Mundo* antes de 1875.

José Carlos Rodrigues (1844 - 1923⁵⁶) foi reconhecido e respeitado pelos nomes mais importantes da imprensa dos Estados Unidos⁵⁷. Nesse país, além de *O Novo Mundo: Periodico Illustrado do progresso da Edade* (1870-1879), Rodrigues também foi proprietário da revista *La América Ilustrada*, fundada em 1872 e que em 1874 uniu-se ao *El mundo Nuevo*. A publicação de *El Mundo Nuevo-La América Ilustrada* existiu até 1875. Em 1877 Rodrigues funda a *Revista Industrial. Agricultura, minas, manufacturas, artes mechanicas, transportes e commercio* (com a colaboração de Rebouças), que circulou até 1879, quando *O Novo Mundo* também encerrou expediente. De volta ao Brasil, Rodrigues também exerceu papel importantíssimo para o desenvolvimento da imprensa nacional em fins do século XIX e princípio do século XX⁵⁸ estando à frente do *Jornal do Commercio*, do qual foi correspondente durante longos anos.

⁵⁶ Rodrigues faleceu em 28 de junho de 1923, em Paris. Por ser casado com uma inglesa com quem tinha duas filhas, seu corpo foi transladado para Londres para ser sepultado pela família. Cf: Death of a Brazilian Journalist. **The Financial Times** (London, England), Monday, July 23, 1923; pg. 5; Edition 10, 814.

⁵⁷ Há referências a um banquete promovido em 1909 por Joaquim Nabuco, então embaixador do Brasil em Washington DC, em homenagem a José Carlos Rodrigues, que reuniu as personalidades mais influentes da imprensa estadunidense. Cf: CARDIM, Elmano. José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra. In: **Revista do IHGB**, v. 185, out/dez/1944. p. 137; e também: LIMA, J.C Alves. **Recordações de homens e cousas do meu tempo**. Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos, Spicer & Cia: Rio de Janeiro, 1926. pp. 141- 144.

⁵⁸ Cf: JUNQUEIRA, Júlia Ribeiro. Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues (1867-1923). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

Entretanto, a trajetória de sucesso que Rodrigues obteve desde os Estados Unidos foi antecedida por uma polêmica. Em 1867, quando deixou o Brasil, ele era acusado do crime de estelionato, cometido quando exercia a função de oficial de gabinete no Ministério da Fazenda. Com uma ordem de pagamento falsa, Rodrigues tentou receber irregularmente junto ao Tesouro do Império o valor doze contos e trezentos mil-réis⁵⁹. O jornalista só voltaria ao Brasil em 1890, após o crime prescrever, já na condição de proprietário do *Jornal do Commercio*.

Quando chegou aos Estados Unidos, antes de fundar *O Novo Mundo*, o fluminense trabalhou como tradutor, além de jornalista correspondente para a imprensa brasileira⁶⁰. Nesse princípio de carreira, já foi dito que Rodrigues “obteve auxílio de rico comerciante de Nova York que importava borracha do Amazonas, o que lhe -permitiu melhorar a sua revista [*O Novo Mundo*].” (Gauld, 1953, p. 429)⁶¹. Mas, o mais provável é que o periódico era mantido pelas propagandas de produtos estadunidenses nele veiculadas. Sobre isso, é interessante observar que em 1878⁶² *O Novo Mundo* apresentava-se como o melhor e quase único meio, até então, de fazer circular no Brasil as invenções, negócios e ideias americanas e com isso validava junto aos comerciantes estadunidenses as vantagens em anunciar nas suas páginas⁶³.

Havia também a possibilidade de os comerciantes exporem amostras dos seus produtos anunciados no periódico (que eram dos mais diversos: desde medicamentos, produtos de beleza e higiene pessoal até tecnologias que atendiam à indústria, ao comércio, à agricultura, à urbanização das cidades, etc.) nas dependências da *Novo Mundo Agency* (“for years past the recognized headquarters

⁵⁹ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Rui: o homem e o mito**. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro. 1964, p. 153

⁶⁰ Cf. BOEHRER, George C. A. Jose Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879. In: **Journal of Inter-American Studies**, Vol. 9, No. 1 (Jan., 1967), pp. 127-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/165161>>. Acesso 11 set. 2013

⁶¹ GAULD, Charles Anderson. José Carlos Rodrigues. O patriarca da imprensa carioca. In: **Revista de História**, nº 16, Ano IV, Out/Nov 1953. pp. 427-438. (São Paulo). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/35784/38500>>. Acesso 30 nov.15.

⁶² O mesmo informe foi publicado ao longo das edições do periódico em 1878. Aquele contido no exemplar do mês de Janeiro, por exemplo, pode ser conferido no seguinte endereço da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=122815&PagFis=2062>>. Acesso 30 nov. 2015

⁶³ A nota fala também do espaço da *Revista Industrial*, fundada por Rodrigues em 1877, como novo espaço para veiculação de propagandas de produtos estadunidenses.

of American interests in Brazil", conforme lemos na chamada) localizada no Rio de Janeiro e sem custos no envio. Com isso, o *self-made man* José Carlos Rodrigues firmava-se como o intermediário entre os brasileiros na Corte e o que de mais moderno se produzia nos Estados Unidos, caracterizando aquilo que Nathalia Bas chamou de "Americanisation from the South" ou ainda "Americanisation from within", conforme explicamos na introdução desta tese.

Também considerado por Bas parte desse processo de "americanização de dentro", observamos que o proprietário de *O Novo Mundo* promovia o sistema de Ensino estadunidense por meio do periódico, como atesta a mencionada propaganda sobre o colégio do Sagrado Coração, onde estudava a filha de Sousândrade. Efetivamente, Rodrigues foi o grande incentivador na ida de estudantes brasileiros para os Estados Unidos durante a década de 1870, além de receber aqueles que desembarcavam em Nova York como confirmava Thomaz de Aquino e Castro em suas *Impressões de uma viagem do Rio de Janeiro a Ithaca*: "O Dr. Rodrigues é incontestavelmente, permita-se dizer, o patrono dos estudantes brasileiros nos Estados Unidos" (*Aurora Brasileira*. Ano I. nº 8. 20 mai. 1874 p. 61)⁶⁴. Em alguns casos, Rodrigues também recomendava os jovens às instituições de Ensino. De acordo com Marcus Vinícius Freitas, muitos brasileiros que deixavam o Brasil com destino a Universidade de Cornell⁶⁵, como no caso do aspirante a engenheiro mecânico, foram influenciados tanto pelas palestras que o professor Frederick Hartt, dessa mesma instituição, proferira no Brasil, quanto pelas propagandas sobre Cornell publicadas em *O Novo Mundo*:

Mais do que o trabalho de divulgação feito por Hartt, através de conferências e de sua presença no Brasil, a formação daquele elo entre Cornell e os jovens brasileiros contou com a fundamental contribuição de elementos da intelectualidade brasileira, sobretudo de um deles, atuante em Nova York, o

⁶⁴ Disponível em FREITAS, 2011. CD-ROM.

⁶⁵ *O Novo Mundo* publicou uma nota, no seu primeiro número (vol. 1, n. 1, p. 14, 24-out-1870) sobre estudantes brasileiros nos Estados Unidos: "ALEM do estudante brasileiro na Eschola de agricultura do Massachusetts [v.1, n.1, p. 11 – "folgamos de ver entre os nomes dos 120 estudantes (do Massachusetts Agricultural College) o de um Brasileiro, o Sr. Barreto Fiusa, da Bahia"], a que nos referimos em outro lugar, ha neste paiz cerca de doze estudantes brasileiros na eschola politecnica de Troy, na universidade de Cornell, e na academia industrial de Philadelphia." Cornell (apesar das ligações de Rodrigues com a universidade) aparece em segundo "logar". No n. 103 (julho de 1879), p. 154, informa que se formaram 2 engenheiros pela U. de Cincinnati; houve 9 graduandos pela Universidade de Syracuse e 1 pela [Eschola Politecnica de] Troy.

jornalista José Carlos Rodrigues, diretor e proprietário do jornal “O Novo Mundo”, **além do poeta Joaquim de Souza Andrade**, contribuidor regular do jornal e seu vice-presidente entre 1875 e 1879, quando o jornal fechou as portas. (FREITAS, 2011, p. 33, grifo nosso)

Se consideramos que Sousândrade esteve ligado a *O Novo Mundo* desde a sua chegada a Nova York, é bem provável que, como afirma Freitas, ele tivesse tanta participação quanto Rodrigues nas propagandas das Universidades americanas veiculadas no periódico com destino ao Brasil.

Em *Recordações de Causas e Homens do meu tempo*, José Custódio Alves Lima, que em companhia de Aquino e Castro viajou do Brasil aos Estados Unidos rumo à Universidade de Cornell, conta sua experiência durante os anos vividos no país estrangeiro e corrobora a afirmação supracitada de seu colega sobre a figura catalisadora que era Rodrigues. Alves de Lima escreve: “O primeiro brasileiro com quem me encontrei em New York foi o Dr. José Carlos Rodrigues, na direção do *Novo Mundo*, e correspondente do ‘Jornal do Comércio’”. E ainda:

Em 1876 a colônia brasileira, ainda que muito diminuta, era constituída, quase que exclusivamente, de elementos de São Paulo e de alguns rapazes de Minas. Por certo que nunca deixamos de ter um cônsul⁶⁶ em Nova York, mas o nosso de facto, para nos guiar, nos aconselhar, fora sempre o Dr. José Carlos Rodrigues...⁶⁷ (LIMA, 1926, p. 50)

A atenção que Rodrigues despendia para orientar os brasileiros recém-chegados, a despeito de qualquer cargo oficial, de fato, chama atenção. Não por acaso, em 1874 o seu jornal publicou uma nota não assinada atribuindo a Luiz Henrique Ferreira de Aguiar o título de “mau cônsul”. De acordo com a nota, era consenso entre os brasileiros que aportavam em Nova York que o cônsul deveria

⁶⁶ Que nessa época já deveria ser Salvador de Mendonça, recém nomeado.

⁶⁷ Continua: “A nossa colônia estava concentrada em Ithaca e Philadelphia, a primeira sob a direção espiritual de Frederico Hartt, discípulo de Agassiz, dois nomes fulgurantes na geologia brasileira, e a segunda, mas antiga ainda, fundada pelo estudante Alfredo Ellis, posteriormente um dos mais sólidos esteios do Senado brasileiro.”

aposentar-se em decorrência das “irregularidades” que vinha cometendo motivadas pela sua “idade decrépita”. O próprio cônsul, em exercício desde 1841, reconheceria a sua situação, mas não abdicava do cargo por considerar os vencimentos da aposentadoria insuficientes para as suas necessidades⁶⁸. É possível que o reconhecimento das falhas do serviço diplomático brasileiro por Rodrigues o tenha levado ao exercício de atividades consulares, reforçando a influência do seu jornal bem como a da sua figura entre os brasileiros imigrados.

Ferreira de Aguiar faleceu em 1875 e no ano seguinte Salvador de Mendonça, então recém nomeado para o consulado em Baltimore, assumiu o posto de cônsul geral do Brasil em Nova York. O cargo foi conseguido pelo seu amigo Barão de Paranapiacaba, com o intermédio do Visconde do Rio Branco junto ao Imperador, o que causou bastante polêmica, pois tratava-se de um republicano, um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870, assumindo um cargo do Império⁶⁹. Sousândrade foi um dos correligionários que repudiaram a decisão de Salvador de Mendonça, tanto que na edição d’*O Guesa* que sairia no ano seguinte a nomeação, em 1877, o então cônsul-geral do Brasil em Nova York não escapou dos seus versos satíricos no canto décimo:

(DOM PEDRO substituindo o beijamão e nauseado
d’incensos ; GENERAL GRANT aspirando-os :)

(...)

Pois ‘republicanos que temos
São qual Salvator,’ querem pão :
Se o damos, bem falam ;
Estralam
Se o não damos . . . fome de cão !

(canto décimo, p. 242)

⁶⁸ Cf.: *O Novo Mundo*, Vol. IV, nº 46, Jul. 23, 1874, p.75

⁶⁹ Salvador de Mendonça teria, contudo, consultado os seus correligionários e concluído que o aceite não traía as suas convicções políticas, uma vez que: “... no regime que vigorava, os cargos não pertenciam ao Imperador, mas ao Gabinete responsável; que os republicanos não poderiam ser excluídos deles; que não era sequer lugar de confiança política o que me era oferecido, e que, conseguintemente, não haveria quebra nem derrogação do credo republicano em aceitá-lo.” (SUSSEKIND DE MENDONÇA, 1960, p. 103).

O contexto da estrofe acima remete a passagem de D. Pedro II pelos Estados Unidos em 1876 para participar da Exposição Universal da Filadélfia, evento que fez parte das comemorações do centenário da Independência daquele país. Sousândrade ironiza a boa imagem propagada do Imperador na imprensa, que o reconheceu como monarca de ideias liberais, ao mesmo tempo que critica problemas no governo do Presidente Grant. O “Salvator⁷⁰” em questão é o próprio Salvador de Mendonça, ridicularizado por aceitar as migalhas do Império em detrimento da sua posição republicana. Portanto, de acordo com as estrofes, os republicanos do calibre de Mendonça agiriam mais por interesse que por convicção, pois só “ladrariam”, ideia associada a “fome de cão”, ou reclamariam do governo, quando não beneficiados pela política do favor na concessão de cargos públicos.

Antes de tornar-se cônsul, Salvador de Mendonça foi também convidado por José Carlos Rodrigues para trabalhar nos Estados Unidos. Em carta enviada ao recém viúvo Mendonça, Rodrigues dizia: “Não quererá você vir ajudar ao redator de “Novo Mundo”, trazendo seus filhinhos e educando-os ao sol da liberdade americana?”. (RODRIGUES *apud* SUSSEKIND DE MENDONÇA, 1960, p.102). Embora não se conheça nenhum convite semelhante enviado a Sousândrade, a formulação da proposta de Rodrigues a Mendonça, de ir educar os filhos no estrangeiro e trabalhar em *O Novo Mundo*, nos remete imediatamente ao que o pai de Maria Bárbara acabou por realizar em Nova York.

Logo, Sousândrade não seria exceção entre os brasileiros que se dirigiam aos Estados Unidos tendo José Carlos Rodrigues como referência. Acreditamos que, com o incentivo de Rodrigues, o poeta maranhense - de antemão nutrido de admiração pela República norte-americana e entusiasmado pelo seu modelo educacional - , fixou residência em Nova York com o objetivo de viver o seu ideal político e educar a sua filha nas “brisas gentis da liberdade” (canto décimo, p. 214).

⁷⁰ O Glossário do *Inferno de Wall Street* e *Re visão de Sousândrade* é o primeiro a anotar que “Salvator” refere-se a: “Salvador de Mendonça, político republicano, nomeado cônsul nos EUA por D. Pedro II. Vale notar que, curiosamente, o esclarecimento só aparece na terceira edição dessa obra. Nada consta sobre isso nas edições de 1964 e 1982. Cf.: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 434.

1.4 Sousândrade e a exportadora Burdett & Pond

José Carlos Rodrigues também foi incentivador e protetor do nova-iorquino Emil Schwerdtfeger, quem teve os estudos custeados pelo brasileiro na Universidade de Cornell. Rodrigues igualmente financiou a publicação de *History and development of the English Verb*⁷¹ (1874), resultado de uma dissertação que concedeu a Schwerdtfeger, então com dezesseis anos de idade, um prêmio de destaque entre os estudantes da língua inglesa. Da mesma forma que Rodrigues, Sousândrade possuía grande estima pelo jovem estudante, pois o conteúdo da carta que ele enviou a Longfellow em 1874 referia-se às suas poesias. Sousândrade enviou amostras do trabalho de Emil solicitando ao respeitado bardo que avaliasse o material e escrevesse algumas linhas de “benevolent criticism” as quais serviriam de introdução a um livro que ele generosamente publicaria como presente ao seu amigo.

Emil Schwerdtfeger foi considerado um dos alunos mais brilhantes da Universidade de Cornell em decorrência da sua habilidade no estudo de línguas clássicas e modernas. Mas ele nos chama atenção não só pelo destaque intelectual, que lhe valeu a admiração e dedicação de Rodrigues e Sousândrade, mas também pelo seu fim trágico, que inclusive ecoou n’*O Guesa*⁷². Consternado devido a uma doença grave, Emil cometeu suicídio quando tinha apenas 19 anos e deixou um bilhete de despedida onde desejava que parte do seu acervo de livros fosse entregue a Rodrigues e Sousândrade. A notícia do suicídio de Emil e o bilhete deixado por ele foram publicados no *New York Times* em março de 1877⁷³.

⁷¹ No prefácio ao livro de Emil encontramos a seguinte passagem "... it was on my testimony to its value as a contribution to the study of the English language, that his friend, Dr. J. C Rodrigues, editor of "*O Novo Mundo*", in New-York City, to whom he is in debt for his education at the Cornell University, generously offered to print it at his own expense". In: **A dissertation on the history and development of the English verb**. Disponível em: <<https://archive.org/details/dissertationonhi00schwrich>>

⁷² No canto décimo d’*O Guesa*, Sousândrade fala do suicídio de “Emílio” que: “Das musas do futuro o tão querido/ Joven discípulo — oh ! quão doloroso/ Que é este testamento do suicido,/Que não s’ entenderá ! Drama doloso !” (canto décimo, p. 200)

⁷³ **New York Times**. New York, 08 mar. 1877. Suicide at Cornell. A Young student of much intellectual promise ends his life with a Pistol — His last letter. p.08

Dito isso, o que particularmente nos interessa observar nessa carta sobre o poeta Emil que Sousândrade enviou a Longfellow é o endereço que o brasileiro utiliza. Sousândrade assina com a localização da empresa *Burdett & Pond*, importadora de borracha⁷⁴ originária do Pará a Nova York, elemento que, assim como no caso da carta enviada a Ferdinand Denis constando o endereço d'*O Novo Mundo*, pode ser indício de alguma ligação do maranhense com a referida empresa. Em ambos os casos o uso de endereços comerciais em cartas de conteúdo pessoal leva a crer que Sousândrade estava usando seu endereço profissional, onde possivelmente passaria a maior parte do tempo. Somado a isso, outro detalhe importante é que a *Burdett & Pond* aparece nos registros da *Academy of the Sacred Heart* como a responsável pelo pagamento das despesas da filha de Sousândrade⁷⁵. Por isso, acreditamos ser possível que a exportadora nos EUA descontasse dos ordenados de Sousândrade os pagamentos feitos ao colégio de Maria Bárbara. Entretanto, também reconhecemos que a filial da empresa em Belém prestava serviço de transferência de dinheiro junto à matriz em Nova York, como o repasse de verba proveniente do governo do Pará destinado ao pagamento dos estudos de brasileiros patrocinados pelo Estado⁷⁶.

⁷⁴ A *Burdett & Pond* também trabalhava com a importação de outros produtos brasileiros (e exportação de produtos norte-americanos), como café, açúcar, couro, castanha etc, mas a borracha era o principal produto. Algumas notas sobre a cotação dos produtos da empresa foram publicadas no jornal Diário de Belém. Conferir, por exemplo: **Diário de Belém**. Anno XIV, nº 69, Março 29, 1881. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=222402&PagFis=6429>>. Acesso 01 out. 2015

⁷⁵ TORRES-MARCHAL, Carlos. Contribuições para uma biografia de Sousândrade II - As errâncias e os pousos do Guesa. **Eutomia**, Recife, 11 (1), Jan/Jun. 2013, p. 15. Disponível em:

<<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/240/202>>. Acesso: jul. 2015

⁷⁶ De acordo com o “offício” que lemos no *Jornal do Para* do dia 6 de agosto de 1874, publicado também em outras edições. O documento pode ser conferido no link:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=219339&PagFis=6231>>

FIGURA 5 - Endereço da *Burdett & Pond* na carta de Sousândrade a Longfellow

Como pode ser visualizado acima, a *Burdett & Pond* localizava-se na 174 Water Street, na parte baixa de Manhattan, ainda hoje é uma rua próxima a Wall Street. O nome da empresa é formado pelo último sobrenome dos seus donos Charles P. Burdett e Samuel G. Pond. Este último era o responsável pela filial da importadora de borracha bruta e “outros produtos da América do Sul” (*New York Times*, 25 set. 1884) em Belém do Pará, a *Samuel G. Pond & Cia.* A *Burdett & Pond* suspendeu suas atividades em 1884 com uma dívida estimada em \$300,000. O motivo da falência, segundo o *The New York Times* de setembro daquele mesmo ano, foi a baixa nos negócios no ano anterior e a má colheita no Pará, o que teria acarretado queda no ritmo das importações e por fim sua suspensão. O *The Sun* também noticiou a falência no comércio da borracha brasileira, informando que: “the failure caused much surprised and general regret. Delayed remittances from Para, Brazil, and too much money in real estate are said to be the causes” (*The Sun*, 25 set. 1884).

A existência da filial paraense da exportadora de borracha nos remete ao canto décimo d’*O Guesa* e a menção a um certo velho *Pond* do Pará (“OLD-PARÁ-POND”) e a sua relação com a borracha:

(Yankee protestante em paraense igreja catholica :)

— Que stentor ! que pancadaria
 Por Phallus, Mylitta ! Urubú,
 Pará-engenheiro :
 Newyorkeiro

Robber-Índio . . . bailo o *tatú* !
(canto décimo, p. 234)

('OLD-PARÁ'-POND zeloso da sua sapucaya ; a VOZ :)

— Borracha . . . tanto ! alma-cachaça . . .
Tanto ! tanto . . . cada mulher !
De qual natureza
E' o Guesa ? ..
== Deu mais á ' Brief ' que Webstér ! ..
(canto décimo, p.253)

(Barbaros IN-HOC-SIGNO-VINCES ; ARCTURUS curvado
ante o CRUZEIRO :)

— P'ra que q'rias Pará, Urso-Yankee,
Que só tem borracha por Deus ? ..
== Cruz-Carioca, Praguay venceste ? ..
Os Celestes
São muito mais nossos que teus !

(canto décimo, p. 255)

Na primeira estrofe, o “Yankee protestante” na igreja católica paraense pode ser entendido como um adepto da religião protestante ou simplesmente como quem protesta contra agonia de sofrer pancadaria. O Yankee roga não por santos cristãos, mas pela divindade Milita (ou *Mylitta*, em inglês), a Vênus do povo assírio-babilônico, cuja adoração incluía orgias em templos sagrados. A menção ainda a Falo, ou *Phallus* em inglês, completa a ideia do rito orgiástico à deusa pagã da fertilidade no recinto católico. Em suma, o contexto é de sincretismo cultural, incluindo a dança do tatu (turema) indígena, mencionada no verso derradeiro.

O *Yankee* chama a um engenheiro do Pará de “urubú” e acusa um outro “newyorkeiro” de roubar dos índios, possivelmente, borracha, se considerarmos o emprego do substantivo adjetivado “robber (de) índio⁷⁷” que pela sonoridade e contexto remete ao substantivo *rubber*, borracha em inglês. Não passa despercebida essa forma inusitada que o poeta realiza a formação do substantivo adjetivado misturando a estrutura do funcionamento do português com o inglês. Sousândrade antecede ao substantivo o termo que o qualifica como se fossem palavras compostas, como ocorre também nas palavras: Pará-engenheiro, Urso-

⁷⁷ É do nosso conhecimento que “India Rubber” era a denominação comum da borracha no século XIX. Ver, p. ex., a revista *India Rubber World* (1889-1954).

Yankee e Cruz-Carioca. Na primeira estrofe supracitada ainda há o emprego do sufixo "-eiro", do português, no lugar do sufixo "-er", do inglês, na formação do substantivo "newyorkeiro" indicando a proveniência nova-iorquina (*new yorker*) daquele que trapaceia os índios no Pará.

Na estrofe posterior, a "VOZ", referindo-se ao "OLD-PARÁ'-POND", fala em borracha, cachaça e mulheres e, diante disso, indaga sobre qual a definição do dicionário para a "natureza", entendida como inclinação para um desses fatores, do *Guesa*. A última estrofe questiona o interesse do "Urso-Yankee" pela borracha do Pará. A palavra urso pode referir-se na passagem ao *bear*, jargão utilizado na bolsa de valores para caracterizar o especulador que provoca a baixa do mercado, como comentaremos no tópico *A ficcionalização de Wall Street*. Portanto, as estrofes que fazem menção a Pond são de tom negativo. Além de ser acusado de roubar os índios, Pond também é associado ao vício de álcool ("alma-cachaça...tanto") e posto como mulherengo ("tanto...cada mulher!"), além de intenso explorador da borracha ("borracha... tanto!"), se considerarmos o uso repetido e isolado do advérbio "tanto" como indicativo numérico.

Tendo em vista, então, o possível vínculo de Sousândrade com a *Burdett & Pond*, é inevitável questionar o modo satírico-crítico que ele se refere a um de seus sócios, assim como às atividades da empresa em Belém. Teria Sousândrade sido prejudicado em transações com a importadora de borracha? Ou ainda, ele teria sido afetado pela falência da mesma em 1884? Embora não se possa ser categórico em relação aos empreendimentos de Sousândrade em Nova York, ao menos nos parece defensável a ideia de que ele não foi somente crítico do sistema econômico estadunidense da segunda metade do século XIX, mas, de algum modo, também seu partícipe. Ao menos a personagem *Guesa* não é mera observadora crítica da especulação e roubo na bolsa de valores, mas também atuante nas suas operações⁷⁸, mesmo que coagido pelos seus algozes, como narrado nos seguintes versos:

⁷⁸ O pesquisador Carlos Torres-Marchal também sugere que Sousândrade fora um investidor frustrado da bolsa de valores de Nova York . Cf.: Crônicas do inferno II – O Guesa em Wall Street. *Eutomia*, Recife, 11 (1): 5-30, jan./Jun. 2013 Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volume2/especial-destaques/Cronicas-do-Inferno-II_Carlos-Torres-Marchal.pdf>

(NORRIS, *Attorney* ; CODEZO, *inventor* ; YOUNG, *Esq., manager* ; ATKINSON, *agent* ; ARMSTRONG, *agent* ; RHODES, *agent* ; P. OFFMAN & VOLDO, *agents* ; algazarra, miragem ; ao meio, o GUESA :)

— Dois ! trez ! cinco mil ! se jogardes,
 Senhor, tereis cinco milhões!
 == Ganhou ! ha ! haa ! haaa !
 — Hurrah ! ah !..
 — Sumiram... seriam ladrões ? ..

(canto décimo, p. 231)

Na passagem acima o *Guesa* está cercado por especuladores na bolsa, dentre eles é possível identificar o gerente Young e o agente Atkinson, ligados a *Delaware and Hudson Canal Co.*, empresa do ramo de ferrovias. As demais personagens são definidas como agentes (da bolsa de valores), exceto o advogado Norris e o inventor Codezo que, como o próprio *Guesa*, por não serem diretamente associados a nenhum empreendimento, talvez fossem neófitos nas transações em *Wall Street*. O *Guesa*, ao meio do alarido inerente a *New York-Stock Exchange*, é incentivado a jogar por um ganho milionário que de pronto se lhe revela uma quimera. A imagem da euforia rapidamente tomada pela frustração de ter sido enganado é intensificada pelo uso que Sousândrade faz da expansão e regressão das vogais *aa* e das consoantes *hh* nas onomatopeias presentes no terceiro e no quarto versos que intensificam a frustração do *Guesa* em ter sido enganado (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 54). Imagem que se sobrepõe ao início da estrofe, quando o *Guesa* é flagrado eufórico e atuante na *New York Stock-Exchange*. Há ainda outra passagem no mesmo canto que trata da relação do *Guesa* com a bolsa de valores ao sugerir a queda do câmbio pelo seu afastamento, acompanhado por Dom Pedro II e pelo General Grant, presidente dos Estados Unidos:

(Correctores achando causa á baixa do câmbio em
 WALL-STREET :)

— *Exeunt* Dom Pedro, Dom Grant,
 Dom Guesa, que vão navegar :

Seus lemes são de oiro
 Que o Moiro
 Das vagas amansam do mar.

(canto décimo, p. 248)

Em suma, Sousândrade foi bastante ativo durante sua estadia nos Estados Unidos, a despeito do que já se afirmou sobre o seu distanciamento da dinâmica de Manhattan, do seu feitio reservado e solitário. A ligação do poeta maranhense com *O Novo Mundo* e a importadora *Burdett & Pound*, ilustra que sua ocupação ali não era apenas cuidar da filha e dedicar-se à literatura. Ao ressignificar por meio da poesia acontecimentos ligados à vida nova-iorquina, Sousândrade toma distância retórica, pois escrevia a partir do interior dos acontecimentos. O posicionamento de exilado, inclusive em sua própria terra, funciona como “estratégia de legitimação do sujeito literário” (RAMOS, 2008, p. 222), de acordo com que escreveu Julio Ramos em relação a Jose Martí. No caso do poeta maranhense a condição de exilado ou, mais precisamente, deslocado do lugar social de origem é a premissa para criticar práticas e comportamentos que o envolviam em Nova York.

1.5. O imaginário dos Estados Unidos na literatura brasileira oitocentista: Sousândrade, Salvador de Mendonça e Adolfo Caminha

Além do poeta Sousândrade, o romancista (antes de cônsul), Salvador de Mendonça e Adolfo Caminha, este último conhecido pelo romance *O Bom Crioulo* (1895), trabalharam o imaginário sobre os Estados Unidos como metrópole moderna, exemplo de civilização e progresso na literatura num período em que o cenário europeu ainda era o preferido da maioria dos nossos escritores. É necessário estabelecer que a escolha dessa tríade, a qual comentaremos a seguir, foi motivada pela sua atuação no campo literário, critério que justifica a pouca atenção que dedicamos, por exemplo, ao já citado André Rebouças, que visitou os

Estados Unidos em 1873, e Joaquim Nabuco, que em 1876 passou a exercer funções diplomáticas no mesmo país. Ambos os brasileiros registraram, em diário pessoal, já publicados, a impressão que tiveram da república do Norte.

É sabido que pelo menos desde 1836 o modelo de civilização francês foi perseguido pelos homens de letras no Brasil como caminho para emancipação cultural do país em relação a Portugal, como declarava Gonçalves de Magalhães no seu *Ensaio sobre a História da Literatura Brasileira*, considerado fundador do nosso Romantismo. Ao passo que no âmbito econômico, ao longo do século XIX, as relações entre Brasil e Grã-Bretanha foram majoritárias, assim, pensar a presença dos Estados Unidos no Brasil nesse período, seja na esfera sociocultural ou político-econômica, ainda é uma senda pouco explorada. Por isso a relevância em retomar essas obras que ficaram à margem do cânone literário oitocentista e notar como Adolfo Caminha e Salvador de Mendonça, além de Sousândrade, viram no progresso dos Estados Unidos a alternativa para que o Brasil também se transformasse em potência político-econômica ao sul do Continente.

No país dos Ianques (1894), Adolfo Caminha reuniu crônicas da viagem que fez aos Estados Unidos a bordo do *Almirante Barroso*, navio que representou o Brasil na Exposição Industrial de Nova Orleans, em 1886. As crônicas da viagem realizada entre 19 de fevereiro e 7 de dezembro de 1886 foram originalmente publicadas em Fortaleza em 1890, no Jornal *O Norte*. Em *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*, Bezerra lembra com Brito Broca que naquela época as representações da Europa, especialmente Paris, eram mais correntes na Literatura, o que tornava o relato de Caminha “um dos primeiros depoimentos de escritor brasileiro sobre os Estados Unidos, motivo bastante para despertar interesse, não se tratasse de uma obra quase desconhecida (...) cujo valor tanto está a exigir uma revisão.” (BROCA, 1992, p. 177). O crítico de *Horas de Leitura* vê no gênero relato de viagem de Caminha uma novidade na literatura brasileira, além do destino inusitado para a época.

No livro, Caminha reflete sobre os motivos para a prosperidade dos Estados Unidos, dentre os quais ele aponta a independência da mulher creditada à educação igualitária entre os sexos:

Habituaados, homens e mulheres, a uma educação livre, vivendo uns e outros em comum desde criança, as americanas não se confundem nunca diante dos homens. Nos Estados Unidos o belo sexo é respeitado como em parte alguma. (CAMINHA, 1894, p. 30)

Caminha destaca o empreendedorismo tecnológico e o nacionalismo dos cidadãos que se dedicavam ao trabalho incansável em prol do crescimento da nação. Segundo ele eram: “Incansáveis os americanos! Nenhum povo os excede em temeridade e perseverança. Sequiosos de glórias para o seu país, ávidos de empreendimentos que causem assombro ao mundo...” (CAMINHA, 1894, p. 48). O entusiasmo de Adolfo Caminha com o progresso estadunidense é exacerbado e ele confessa que, se não tivesse o Brasil como pátria, gostaria de ser americano do Norte. O autor faz um retrato admirado do movimento frenético de Nova York, ou a “Londres americana”, como refere-se diversas vezes àquela cidade no seu relato. Vale a citação da passagem:

Aí é que os carros se atropelam, que os transeuntes se abalroam numa confusão burlesca e indescritível de que a nossa Rua do Ouvidor não dá sequer a menor idéia. Negociantes, capitalistas, banqueiros, corretores, operários e vagabundos acotovelam-se, empurram-se, pisam-se os calos e vão seguindo adiante, sem olhar pra trás, carregados de embrulhos, suando no verão, que costuma ser muito forte em Nova Iorque. A gente vê-se abarbada para romper aquela multidão cerrada, compacta e egoísta. Um cosmopolitismo sem igual em parte alguma. Americanos, ingleses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, gente de todas as nacionalidades, até turcos com os seus costumes esquisitos, confundem-se nas ruas de Nova Iorque, enchendo-as em ondas sucessivas e tumultuosas, como em dias de carnaval no Rio. Parece mesmo, à primeira vista, que o elemento estrangeiro absorve o nacional, tão numeroso é aquele. Custa, porém, a encontrar-se um português ou um brasileiro. (CAMINHA, 1894, p. 49)

A impressão de Caminha sobre a quase ausência de conterrâneos nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1880 confirma como aquele país

ainda não era um destino em evidência entre os brasileiros à época. Para Thomas Skidmore, Caminha, enquanto republicano e admirador do modelo de desenvolvimento americano, via os Estados Unidos como “the opposite of formal, hierarchical Brazilian Empire. It was the ready example to cite in summoning Brazilians to make their country a freer, more modern nation” (SKIDMORE, 1986, p.76). O mesmo pode ser dito sobre Sousândrade, anos antes de Caminha, no canto décimo d’*O Guesa*, quando o poeta convocava os brasileiros a deixarem a Monarquia para aprender com a liberdade dos Estados Unidos *in loco*, conforme discorreremos no quarto capítulo.

Escrevendo sobre a exposição de 1886, em New Orleans, Caminha criticava o Império de D. Pedro II pela omissão em dar ao Brasil posição de destaque no panorama mundial, fato que se prolongava desde a Exposição Universal de 1876:

O Brasil – é triste dizê-lo – fizera-se representar de modo bem insignificante. Brilharíamos pela ausência, se o Governo não tivesse a lembrança de mandar o *Almirante Barroso*. (...) Na célebre Exposição de Filadélfia não sabíamos à última hora como e onde acomodar os produtos deste país, em consequência de não ter o governo mandado construir um pavilhão especial. (CAMINHA, 1894, p.24).

A primeira publicação de *No País dos Ianques* aconteceu quatro anos após a viagem do autor, em 1890, na aurora do regime republicano. Assim, nos chama atenção o trecho que dá sequência ao excerto há pouco citado:

Agora que somos república, torna-se duplamente preciso que patenteemos ao mundo inteiro a infinita variedade de nossas produções agrícolas, a opulência invejável da flora brasileira e da indústria já bastante adiantada deste belíssimo país, cuja natureza extasiou Humboldt, Agassiz e tantos outros sábios da Europa. Se cada Estado souber cumprir seu dever não poupando esforços para esse nobilíssimo fim, certo desta vez não teremos que corar perante as outras nações como nos tempos do anacrônico império do sr. d. Pedro II. (CAMINHA, 1894, p.26)

Conforme lemos acima, a Monarquia teria desperdiçado o grande potencial natural e industrial que o Brasil possuía, e que poderia viabilizar acordos comerciais internacionais. Por isso, urgia que a República mudasse a imagem de si mesma para o mundo e, como podemos supor, para Caminha, o modelo de desenvolvimento e modernização para o nosso país eram os Estados Unidos.

*Marába*⁷⁹: *Romance Brasileiro* (1875), de Salvador de Mendonça, conta a história trágica da relação amorosa entre os amigos de infância Lúcia, moça de família outrora abastada que passava por dificuldades financeiras, e Agenor, moço que solidificou sua fortuna após uma temporada nos Estados Unidos⁸⁰. O narrador nos conta que Agenor decidiu deixar o Brasil por quê:

pretendia dotar a sua terra natal com alguma grande industria que a fizesse prosperar rapidamente; como meio de realização do seu projeto deliberou estudar no grande teatro da atividade humana como se manejam os instrumentos do engrandecimento de um povo. (MENDONÇA, 1875, p. 67-68)

Passados dez anos, Agenor retorna da sua experiência “no grande teatro da atividade humana” tendo multiplicado a sua riqueza, embora não se saiba em que

⁷⁹ O título da obra destaca uma personagem secundária e refere-se a uma idosa filha de bugres que, como explica o autor, recebera a “alcunha de Marába, designação vulgar de todo o animal mestiço no sertão, e porventura corruptela da locução indígena marabá.” (MENDONÇA, 1875, p. 64).

⁸⁰ O romance de Salvador de Mendonça traz carta-prefácio de José de Alencar, mas apesar do nome do grande romancista do Império como legitimador do livro, este apresenta deficiências literárias apontadas pelo próprio autor que reconhece a impossibilidade de consagrar-se como escritor devido sua “índole literária, o modo de concepção e a própria forma”. (MENDONÇA, 1875. p.VI). Apesar disso, Brito Broca vê valor histórico em *Marába* e a considera obra romântica de transição para o Realismo. Broca se atém ao posicionamento (não declarado) do autor no romance em relação a uma polêmica lançada por Dumas Filho no panfleto *L'Homme-Femme*, o qual questionava se a mulher adúltera deveria ser penalizada com a morte pelo marido traído. As personagens de Mendonça conversam sobre essa questão pouco antes de Agenor, personagem que se colocava contra tal barbaridade, assassinar a recém esposada Lúcia ao descobrir que ela já havia estado com outro homem. Assim, para Broca, Salvador de Mendonça advogava que para aquela questão não haveria lei absoluta e, assim, o romancista “... dava a Dumas Filho réplica semelhante à de Eça de Queirós em *As Farpas* (...). Possui assim *Marába*, uma significação histórica pela qual não deve ficar esquecido” Cf: Broca, Brito. *Marába, o Romance de Salvador de Mendonça*. In: **Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas**: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo. Campinas: Editora da Unicamp. 1991.p.63.

tipo de atividade financeira ele estivera envolvido, ou se completou estudos formais no estrangeiro. Agenor nos parece ser o primeiro *self-made man* brasileiro representado na literatura.

Em *O movimento Litterario no Brazil*, publicado em *O Novo Mundo*, dizia-se que em Marába "pouco movimento dramático existe no enredo que se arrasta languido e vacillante, apenas aviventando pelas chispas d'um ou outro dialogo espirituoso, e bem sustentado" (*O Novo Mundo*, 23 abr. 1875, p. 174). Concordamos com essa apreciação crítica e acrescentamos que os diálogos sobre a proclamação da República no Brasil, que é pano de fundo da narrativa, também merecem ser destacados.

Por meio das falas de Agenor podemos vislumbrar as imagens da política americana no pensamento dos republicanos moderados brasileiros, a exemplo do próprio Salvador de Mendonça, que no ano seguinte ao da publicação de *Marába* tornar-se-ia funcionário do Governo Imperial ao assumir o cargo de cônsul geral do Brasil em Nova York. Em diálogo entre Agenor e Marialva, tio de Lucia, este pronuncia-se em prol de uma revolução pela queda da Monarquia, ao que Agenor retrucava que só a mudança de regime político não mudaria o Brasil para melhor, pois os homens mudariam ao sabor das instituições⁸¹. Para Agenor o povo brasileiro era apático e indolente, votava mal e por interesse pessoal. Por isso, para ele, era necessária uma revolução de ideias, primeiramente, e investimento na Educação antes do advento da República. Agenor enfatiza: "Educação, instrução ao

⁸¹ Encontramos a mesma opinião de Agenor mais tarde na personagem machadiana do Conselheiro Aires, no romance *Esaú e Jacó* de 1904. Nesse romance, Machado de Assis ironiza a mudança de regime político no Brasil como mera troca de rótulo, assim como a mudança de tabuleta da confeitaria da personagem Custódio, que deixava de se chamar "Confeitaria do Império" para carregar um título mais adequado à nova condição política do país, sem, contudo, se comprometer com a palavra "república" no novo letreiro, pois temia-se que essa poderia ser passageira. Citando John Gledson: "(...) uma confeitaria – indica a superficialidade da mudança: é simplesmente um lugar onde as coisas são enfeitadas e se tornam atraentes ao olhar. Cada regime, pelo que parece, é um produto artificial, com pouca ligação substantiva com a realidade que pretende representar". GLEDSON, John. *Esaú e Jacó*. In: **Machado de Assis: Ficção e História**. Trad. COUTINHO, Sônia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 174. Como se vê, Machado de Assis não atribuiu à República a solução para os males do Brasil. No caso de Sousândrade, este republicano convicto, frustrou-se com o novo regime instaurado. Se durante os anos da Monarquia o poeta foi propagandista da liberdade republicana, tanto nos artigos jornalísticos quanto n'*O Guesa*, na fase posterior a queda de Dom Pedro II a sua produção literária passou a focar nos reparos que deveriam ser feitos para que o novo regime funcionasse, pois aquela não era a República que ele sonhara. Sua frustração com a República também aparece nos poemas *O Novo Éden: 1888-1889*, publicado em 1893 e *Harpas de Ouro* (1889-1899), publicado postumamente. Portanto, acreditamos que ambos os autores, escrevendo após a queda da Monarquia, partilhavam da mesma descrença em relação ao novo regime político em vigor.

povo, deve ser o seu, o nosso mote. A República norte-americana é grande e próspera, como é grande e próspera a Suíça, porque ambas são morigeradas e cultas” (MENDONÇA, 1875, p. 85-86). Ao que Marialva rebate: “ - Pois foi isso o que o Sr. Agenor de Andrade foi aprender aos Estados Unidos? Para não ser republicano não precisa ir tão longe, bastava ficar na Corte ...” (MENDONÇA, 1875, p. 84-85).

Para Agenor, ao invés da busca pela mudança súbita de sistema político, dever-se-ia primeiramente implementar no Brasil o paradigma educacional americano com o fim de promover a reforma social e a modernização do país. Agenor defende que o povo deveria também emancipar-se economicamente, pois "tender só a descentralização política e administrativa não é tudo". (MENDONÇA, 1875, p. 89). De acordo com ele os auspícios eram bons:

Noto em toda a zona da província que tenho atravessado um desenvolvimento e uma expansão que me enche de orgulho: dizem-me que por aqui já o trabalho não é desdouro, que vai diminuindo o número dos bacharéis e crescendo o dos industriais". (MENDONÇA, 1875, p. 89).

É interessante observar acima a referência negativa aos bacharéis em oposição aos industriais. Na época do romance o termo “industriais” referia-se aos indivíduos dedicados ao “engenho em lavrar e fazer obras mecânicas”, conforme acepção do *Dicionário Moraes*⁸², detalhe que nos remete àqueles com formação na área de agricultura e ciências voltadas para atividades práticas, como a engenharia, não por coincidência a formação mais buscada por brasileiros nos Estados Unidos a partir de 1870. Os bacharéis, em alta no funcionalismo público na Monarquia, começavam a ser taxados de “inúteis” ao desenvolvimento do Brasil moderno. Como veremos no quarto capítulo, em Sousândrade, o papel fundamental da Educação também desponta como tema, tanto em sua obra poética como nos artigos que ele escreveu para a imprensa republicana no Brasil. Contudo, enquanto poeta de formação clássica, oriundo da terra onde Odorico Mendes traduzia Ovídio

⁸²Cf.: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/2/industrial>

e Homero, o poeta não superestima a formação técnica. Também ao contrário de Salvador de Mendonça, Sousândrade advogava que a proclamação imediata da República era o primeiro passo para a reforma do Brasil rumo à modernização

Thomas Skidmore, em *Brazil's American Illusion: from Dom Pedro II to the Coup of 1964*, analisa como que desde 1870 a presença dos Estados Unidos no Brasil suscitara diferentes opiniões sobre as relações bilaterais entre ambos. Ora visto como modelo a ser seguido, ora como ameaça a soberania nacional a ser evitado, o exemplo dos Estados Unidos mostrava-se válido para pensar o *status quo* nacional. Ambos os países se assemelhavam na dimensão continental e abundantes recursos naturais, além do Brasil ter atravessado processos sociais, históricos e econômicos semelhantes aos da experiência norte-americana, a exemplo da centralidade da escravidão na base do desenvolvimento do país durante séculos e, posteriormente no caso brasileiro, o estabelecimento de grande número de imigrantes em seus territórios. Todavia, o desenvolvimento social, político e econômico dos dois países se mostrava bastante diverso.

Marcus Vinicus de Freitas, em *Contradições da Modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875)*, e Nathalia Bas, em *Brazilian images of the United States, 1861-1898: A working version of modernity?*, analisam a presença dos Estados Unidos como paradigma da modernidade no Brasil oitocentista, ao lado da presença cultural francesa e econômica inglesa, mais comumente estudadas. Ambos os autores abordam a imigração de brasileiros nos Estados Unidos especialmente na década de 1870, o que nos permitem situar Sousândrade junto à essa rede de pensadores liberais que viam a República do Norte como novo padrão de desenvolvimento e prosperidade a ser buscado em favor da inserção do Brasil no rol das nações civilizadas, para usar uma expressão bastante em voga no século XIX. Natalia Bas, contudo, argumenta que essa tendência vinha ganhando espaço entre os brasileiros pelo menos uma década antes, como é evidenciado pela fala de Tavares Bastos em 1862, quem se autodefinia:

(...) um entusiasta frenético da Inglaterra, mas só compreendo bem a grandeza deste povo quando contemplo a da república que ela fundou na América do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra; é preciso conhecer os Estados-Unidos. (...)

Queremos chegar à Europa? Aproximemo-nos dos Estados Unidos. É o caminho mais perto essa linha curva. (BASTOS, 1863, p. 354)

Sousândrade, Salvador de Mendonça e Adolfo Caminha chamam atenção para o papel fundamental do trabalho no crescimento do país e da urgência em mudar o cenário nacional, cuja população era apática e “suava” pouco, como acusa Agenor, personagem de Mendonça (1875, p. 83). Sousândrade, em textos publicados no Brasil e nos Estados Unidos, especificamente o artigo *O Estado dos Índios* (1872) e a carta *A sociedade brasileira contra a escravidão* (1881), aborda a necessidade de captar mão de obra qualificada para trabalhar pelo Brasil moderno e para isso defende a capacitação tanto dos índios quanto dos negros, conforme veremos no quarto capítulo. Em suma, Sousândrade, Mendonça e Caminha viam a modernidade capitalista norte-americana, sob a égide do povo instruído e trabalhador, como o ideal de progresso e exemplo para o Brasil.

A propósito disso, é pertinente lembrar com Julio Ramos que os intelectuais latino-americanos do século XIX não se opunham ao mundo capitalista como os europeus que, sobretudo na Inglaterra, responderam a Revolução Industrial opondo ciência e técnica à poesia. Para Ramos:

(...) na América Latina, onde frequentemente os homens de letras administram, até as últimas décadas do século 19, o projeto do progresso, a oposição [ciência e técnica *versus* poesia] demora a ser formulada até o final do século, especialmente nas regiões em vias de modernização. (RAMOS, 2008, p. 180)

A admiração do poeta Sousândrade pelo desenvolvimento e progresso estadunidense é destaque no canto décimo, embora haja críticas aos problemas sociopolíticos. Em relação ao sistema econômico capitalista, Sousândrade faz críticas pontuais, conforme discutiremos ao longo do próximo capítulo.

2. O *Inferno* na república dos Estados Unidos

2. 1. O Canto Décimo d'O *Guesa*: contexto, *Wall Street*, a bolsa de valores, e a ideia de *Inferno*

Em meados de 1870, quando o canto décimo d'O *Guesa* era gestado em Nova York, os Estados Unidos atravessavam um período marcado pela expansão econômica, urbanização, industrialização e inovação tecnológica, bem como pela especulação, pela corrupção nas transações comerciais e na política, além dos escândalos sociais. Esse período que corresponde às décadas seguintes ao término da Guerra de Secessão (1861-1865) até o final do século XIX ficou conhecido como *Gilded Age*, ou Idade Dourada, devido à obra conjunta de Mark Twain e Charles Dudley Warner *The Gilded Age: A Tale of Today* (1873), na qual são satirizadas as bases corruptas do brilho aparente dessa época. Sousândrade realiza, então, o balanço desse contexto da sociedade estadunidense, ressaltando a dualidade desse momento histórico ao tratar do que chamaremos de aspectos “positivos” e “negativos”. Esses dois polos temáticos são evidenciados no canto décimo pelo contraste entre os quartetos decassílabos, de maior recorrência ao longo de todo o poema, e as quintilhas de octossílabos inspiradas no *limerick* que constituem o *Inferno de Wall Street*. Frederick Williams acredita que foi intenção do poeta deixar que o conteúdo interferisse na forma dessa passagem como estratégia para causar impacto não apenas sonoro mas também visual no leitor⁸³.

Como aspectos “positivos”, ou admirados pelo poeta, consideramos, por exemplo, os versos que tratam da abertura do país aos imigrantes: “patria que abre os seios ao estrangeiro ⁸⁴”; da liberdade religiosa: “São multiplas as fórmias por que adoram ;/ Mas, uma a crença ⁸⁵” e da Educação: “Gloriosas/ Abrem suas mil portas as escholas/ A uma infancia feliz⁸⁶”. O poema também exalta episódios

⁸³ “He wanted his message portrayed in graphic terms to impress the reader through more than just his ear.” (WILLIAMS, 1976, p. 20)

⁸⁴ Canto décimo, p. 186.

⁸⁵ Canto décimo, p. 188.

⁸⁶ Idem.

importantes da história dos Estados Unidos, como a Guerra pela independência e a Guerra de Secessão. A primeira marcando o nascimento da República e a última vista como a luta do governo pelo povo contra os privilégios da aristocracia, cuja importância, além de ter restabelecido a União, residia na libertação dos escravos do Sul. Desse ponto de vista, Sousândrade considerava a República dos Estados Unidos da segunda metade do século XIX como o ideal de democracia, a “Espartana gentil! da liberdade”.

Por outro lado, os aspectos “negativos”, ou criticados, são evidenciados nas 176 estrofes que compõem a segunda descida da personagem Guesa ao inferno, na passagem que os irmãos Campos denominaram *Inferno de Wall Street*, quando a personagem *Guesa* fugindo dos Xeques muíscas que pretendiam sacrificá-la “penetra em New-York-Stock-Exchange” (Canto Décimo, p. 231) e censura o que vê: a corrupção e a fraude no governo do presidente Grant, a especulação financeira na bolsa de valores e a degradação dos valores morais daquela sociedade como, por exemplo, a deturpação da religião evidenciada pela acusação de adultério envolvendo Henry Ward Beecher, pastor da igreja de Plymouth, no Brooklyn, a fragilidade da instituição familiar e o decorrente divórcio, além do desvio do papel social imposto às mulheres.

O canto décimo, portanto, no qual está inserido o fragmento *Inferno de Wall Street*, apresenta visões distintas sobre a sociedade estadunidense. As críticas concentram-se majoritária e estrategicamente no *Inferno*, sobre o qual falaremos a seguir.

2.2 *Wall Street*: a associação da usura com mal

A famigerada Wall Street é assim chamada devido a uma muralha, mais especificamente uma paliçada, que fora construída pelos holandeses em 1653, onde hoje é a região da baixa Manhattan, para proteger a Nova Amsterdam do ataque dos colonos da Nova Inglaterra e da aproximação indesejada dos nativos.⁸⁷ Essa região reuniria mais tarde comerciantes e mercadores locais interessados em compra e venda de ações e empréstimos⁸⁸. *Wall Street* se transformaria em sinônimo da bolsa de valores, a *New York Stock - Exchange* e, portanto, de transações milionárias e ascensão de novos ricos; mas também de engodo e decadência. Não surpreende que esse cenário tenha fascinado escritores no século XIX interessados em recriar literariamente as implicações da sua dinâmica. Esses escritores não se contentaram em apenas captar o poder do capital financeiro, mas também buscaram penetrar no âmago da cultura estadunidense da época, assim como nos desejos mais recônditos dos investidores de *Wall Street* (WESTBROOK, 1980. p. 06.)

De acordo com Wayne Westbrook, autor do estudo *Wall Street in the American Novel*, os autores estadunidenses que escreveram sobre a bolsa de valores de Nova York no século XIX foram conduzidos pela concepção puritana de pecado que condenava o enriquecimento por meio de jogos e especulação, pois isso seria uma forma de corrupção e devassidão. Desse modo, o imaginário em torno de *Wall Street* envolve frequentemente forças malignas, pecado e condenação (ao inferno). Essa recorrência de ideias em torno de *Wall Street* situa-se em um momento da história estadunidense no qual a ética puritana passava por um processo de secularização impulsionado pela rápida transformação do país nos anos posteriores ao fim da Guerra Civil. Assim, ao passo que os Estados Unidos iam se transformando em uma sociedade mercantil e competitiva, não só o puritanismo se tornava obsoleto, mas também o protestantismo e sua devoção ao trabalho perdia seu caráter sagrado. Segundo Westbrook:

⁸⁷ Cf. CHARTRAND, René. **The forts of colonial North America**: British, Dutch and Swedish colonies. 2010, p. 15.

⁸⁸ Cf.: GEISST, Charles R. **Wall Street**: A History. Oxford University Press. Updated Edition, 2012.

Hard work and individual initiative were supposed to have been the means to material prosperity. The system of monopolistic enterprise, however, spawned and nurtured on Wall Street in the late nineteenth century, violated traditional Puritan-Protestant beliefs. Wealth and power became concentrated in the hands of a small minority, while the vast numbers of the public spent their lives in serfdom, subjected to the money lords and barons. The evil inherently associated with excessive money and commerce in the seventeenth-century Puritan mind revived and became symbolized by the modern financial marketplace. (WESTBROOK, 1980, p. 8-9)

A prosperidade material deveria ser consequência do esforço individual e dedicação ao trabalho. Assim, o demônio transfigurado no homem de negócio de *Wall Street*, que enriquecia em transações ilícitas, era o responsável pelo desequilíbrio da ordem divina e, portanto, desencadeador das mazelas sociais. Esse tipo de homem de negócios foi associado aos *robber barons* ou barões ladrões, como ficaram conhecidos os grandes capitalistas sem escrúpulos da época. O termo *robber barons* é uma alusão aos senhores feudais da Idade Média que monopolizavam vias estratégicas por onde o comércio fluía e cobravam taxas ilegais dos viajantes que por ali passavam. A referência aos magnatas das estradas de ferro como *robber barons* remonta a 1870⁸⁹, mas se fez notar em 1880 num panfleto anti-monopolista de fazendeiros do Kansas. A expressão popularizou-se nos Estados Unidos após a crise de 1929 quando Matthew Josephson publicou *The Robber Barons: The Great American Capitalists, 1861–1901* (1934)⁹⁰.

⁸⁹ Cf.: The Atlantic Monthly 26(154):199, agosto 1870.

⁹⁰ Contudo, com a repercussão desse estudo de Josephson, surgiu uma escola revisionista que refuta que os industrialistas do período pós-guerra civil tenham sido tiranos ávidos apenas por construir seu próprio Império, esses teriam sido, em realidade, empreendedores corajosos, arquitetos do progresso dos Estados Unidos que agiram de acordo com as condições de seu tempo. Sobre isso conferir, por exemplo, o artigo: BRIDGES, Hal. The Robber Baron Concept in American History. In: *The Business History Review*. v. 32, n. 1, pp. 1-13, Spring, 1958.

FIGURA 6 - Our robber barons

Ilustração originalmente publicada na revista *Puck* em 14 de junho de 1882⁹¹.

⁹¹ Disponível em Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA: <<http://www.loc.gov/pictures/item/2012647214/>> Acesso em 12Jun.2014

Na imagem acima visualizamos alguns *robber barons* que assaltam o cidadão pagador de seus impostos. No primeiro plano do canto inferior esquerdo está identificado Jay Gould, que carrega em seu chapéu a inscrição “monopolista de estrada de ferro” (*R. Road Monopolist*). Ele é quem parece coordenar a ação na qual William H. Vanderbilt (filho mais velho do comodoro Cornelius Vanderbilt), representando as corporações; Cyrus W. Field, representando o monopólio dos telégrafos; Russell Sage, representando a agiotagem (*stock jobbing*) e, por fim, George M. Robeson, representando o Congresso, dilapidam o dinheiro público. Enquanto o Congresso estrangula o cidadão com impostos injustos a Agiotagem rouba o seu salário e o Monopólio de telégrafos procura mais algum trocado no bolso da calça do pagador de impostos, totalmente rendido. No plano de fundo a ação continua. Do lado direito, no alto de uma colina está o “Castelo do Monopólio”, para onde as riquezas da nação escoam ilegalmente. Do lado direito as fábricas encontram-se fechadas, ao passo que os navios estão atracados atrás da corrente do protecionismo do governo. Em *O inferno de Wall Street* há também menção direta ao *robber baron* Jay Gould e a venda de ações de estradas de ferro na bolsa de valores:

(Xèques surgindo risonhos e disfarçados em Railroad-managers, Stockjobbers, Pimpbrokers, etc., etc., apregoando :)

— Hárlem ! Erie ! Central ! Pennsylvania !
 == Milhão ! cem milhões !! mil milhões !!!
 — Young é Grant ! Jackson,
 Atkinson!
 Vanderbilts, Jay Goulds, anões !

(canto décimo, p. 231)

Acima, os xequês algozes do Guesa aparecem disfarçados em magnatas que controlavam os negócios de estradas de ferro, dentre eles estão Vanderbilt e Jay Gould, designados como “anões”. Vale ressaltar que a problemática em torno dos *robber barons* não é a riqueza em si, mas o monopólio, a especulação em *Wall Street* e o excesso de ganhos não provenientes do trabalho enquanto ritual diário,

elemento concebido pela mentalidade religiosa-cultural protestante da época como imprescindível para a manutenção da ordem social. Jose Martí (1853-1895), poeta, jornalista e revolucionário cubano exilado em Nova York, expressou opinião semelhante sobre a riqueza:

(...) pues así como **es gloria acumularla com um trabajo franco y brioso**, así es prueba palpable de incapacidad y desvergüenza, y delito merecedor de pena escrita, el fomentarla por métodos violentos o escondidos, que deshonran al que los emplea, y corrompen la nación en que se practican” (MARTÍ, 1991, [1888, vol.11], p. 426, grifo nosso)

Assim como Sousândrade, Martí também repudiava as grandes fortunas construídas às custas da massa pobre de trabalhadores. Para ele era um crime social a existência de tanta miséria convivendo com a ostentação do luxo. Martí tinha desprezo pelo o que ele chamava de “el culto a la riqueza”, pela admiração e status que a sociedade americana conferia àqueles que faziam fortunas não importando os meios, ao passo que condenava os pobres, por isso a sua defesa de que os ricos, assim como os cavalos puro-sangue, tivessem a origem de sua riqueza comprovada para que todos pudessem conferi-la. (MARTÍ, 1991, p. 426).

Jose Martí lança crítica direta a Jay Gould (1836-1892), o *robber baron*, também mencionado por Sousândrade, elemento que reforça a afinidade de pensamento crítico entre os dois autores imersos no mesmo contexto histórico-social e econômico estadunidense, embora não haja evidência que ambos tenham se conhecido. No entanto, Rachel Price acredita ser possível que o brasileiro e o cubano tenham tido contato, ou pelo menos frequentado eventos de interesse em comum nos Estados Unidos (PRICE, 2014, p. 77). Em 5 de setembro de 1884, em correspondência para o jornal *La Nación*, de Buenos Aires, Martí descreve uma marcha de trabalhadores na qual chama atenção uma alegoria da opressão do trabalhador pelo monopólio:

“Un trabajador lleva a cuestas, como carga que lo abrumba, al monopolio, representado en la caricatura de Jay Gould, gran

estratégico de Corporaciones y Bolsas, que en sus manos tiene las bridas de empresas innumerables (...) Jay Gould es reciamente odiado: **pequeñín es, como una peonía**: una pera madura le importa más que los dolores todos, y los impulsos y centelleos todos de los hombres (...) Jay Gould ha de velar de noche, entre sus riquezas insolentes y estériles, **como un duende hambriento en una cueva**: ¡ oh almas infelices, aquellas exclusivamente consagradas al logro, amontonamiento y cuidados del dinero! Han de debatirse en soledad terrible, como si estuvieran encerradas en una sepultura.” (MARTÍ, 1975 [1884, vol.10], p. 84, grifo nosso)

Jay Gould é caracterizado como um duende ávido por riqueza que, dentro de uma caverna, sequer dorme para não despregar o olho do seu dinheiro e Martí lamenta a sorte de milionários como esses, pois seriam seres decadentes e de alma infeliz, fadados à solidão eterna da sepultura.

A associação de Jay Gould com um duende, entidade noturna da mitologia europeia, por um lado, pode tratar-se de uma alusão irônica a sua estatura diminuta, a qual também se refere Sousândrade, característica que é reforçada por Martí quando descreve Jay Gould como sendo tão pequeno quanto uma flor de peônia. Por outro lado, Martí relaciona a usura de Jay Gould com a degradação da alma e aquisição de traços diabólicos que fazem parte do imaginário ligado aos duendes e gnomos ávidos por tesouros. Esses elementos utilizados para descrever Jay Gould reforçam o que nos diz Westbrook (1980) sobre a associação que escritores do século XIX nos Estados Unidos estabeleceram entre a usura e o mal.

2.2.1 A ficcionalização de Wall Street

O imaginário do mal e trevas infernais permeia toda uma série de obras sobre a *New York Stock-Exchange* produzidas nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX. Por isso, podemos pensar Sousândrade em diálogo com esses escritores que foram também seus contemporâneos em Nova York. Em *O Guesa* a associação entre Wall Street e o inferno é reforçada pela referência às

célebres descidas ao plano inferior de Orfeu, na mitologia grega, de Dante, na *Divina Comédia* e de Eneias, na *Eneida*. A referência à *Divina Comédia* também lembra a obra de James Medbery *Men and Mysteries of Wall Street* (1870), ao descrever o funcionamento do *Long Room* da bolsa de valores, seu alvoroço, calor e figuras lúgubres:

Supple youths loom up above the level, with feet apparently planted upon nothing and standing firmly there, snapping up an odd lot of Pacific Mail here, and selling five thousand Michigan Southern there, buying a "put," making a loan, doing it all in the same moment like flashing lightning, and then like lightning disappearing in the broadcloth darkness. **Dante, gazing down into this human craze, would have added another book to *II Inferno*.** (MEDBERY, 1870, p. 41, grifo nosso)

Wayne Westbrook cita Nathaniel Hawthorne e Herman Melville como os primeiros escritores a associarem dinheiro com o mal e a condenarem o mercado financeiro na literatura americana. Em Nathaniel Hawthorne, por exemplo, o autor destaca a obra *The house of the Seven Gables* (1851) na qual a personagem Pyncheon, sob influência de uma maldição de família, é movida por uma ambição vaidosa e possuída por um desejo fáustico de riqueza e poder. A ideia entre dinheiro, decadência e definhamento do ser humano aparecem associadas. No caso de Herman Melville, o autor cita *Moby Dick* (1851), com a personagem do capitão Ahab, descrito como “the confidence man masquerading as a businessman and broker” que sempre buscava obter lucro nos seus empreendimentos econômicos, oferecendo um protótipo dos *robber barons* do final do século (WESTBROOK, 1980. p 11).

Em *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*, ao contrário do que o subtítulo sugere, o tema da economia não aparece, mas o cenário situado em Wall Street deixa entrever a alienação do indivíduo naquele contexto:

Wall Street is a street of alienation, isolation, and emptiness. (...) In a sterile and void world of bonds, mortgages, and title

deeds, the individual, like Bartleby, is reduced to the pathetic insignificance of a human copying machine, creating nothing, contributing nothing, thinking nothing. (WESTBROOK, 1980. p 14)

Para Westbrook, a figura chave do conto de Melville não é Bartleby, mas o advogado que o emprega. Este representaria a “money-conscious society”, dado que em certa altura da narrativa a personagem verbaliza que o modo mais fácil de vida era o melhor. Além disso, o advogado se orgulhava de ter como um de seus clientes o capitalista John Jacob Astor, cuja má fama era conhecida por:

(...) debauching and swindling American Indians, defrauding the city of New York out of land and taxes, and becoming a major property owner in the city by swiftly foreclosing mortgages if interest was not paid exactly on time. Astor, who inflated his enormous fortune with securities purchased in the panic of 1837 and was the richest man in America a decade later, is a name the lawyers boasts. (WESTBROOK, 1980. p 14)

Ainda de acordo com o mesmo crítico, uma produção em larga escala de romances sobre Wall Street está concentrada em fins de 1880 e 1890, como no caso do clássico *The rise of Silas Lapham* de 1885, escrito por William Dean Howells. Este romance conta a história de um honesto homem de negócios que se corrompe em operações na bolsa, fazendo, inclusive, acordos financeiros com o demônio para obter cada vez mais lucros. Silas Lapham perde seus antigos valores puritanos e beira a decadência. Contudo, a sua ascensão (*the rise*) ocorre quando a personagem se redime dos seus pecados e abandona *Wall Street*, voltando a viver como um sujeito simples e puro. *The rise of Silas Lapham* trata do retorno a inocência perdida, ao éden de uma era pré-capitalista. Essa volta às origens é condizente com a defesa de Howells por uma irmandade cristã entre os homens e contra o individualismo capitalista. Howells repudiava o liberalismo econômico e a livre iniciativa porque acreditava que tais práticas tornavam as pessoas

mesquinhas, gerando a desigualdade e injustiças sociais (WESTBROOK, 1980. p.58).

Os romances *Honest John Vane*, de John W. De Forest, e *Sevenoaks: A story of to-day*, de Josiah G. de Holland, ambas publicadas em 1875, foram obras inspiradas em trapaças financeiras de grande repercussão durante o *Gilded Age*. Sousândrade também se inspirou em personagens e incidentes da sociedade estadunidense na composição do canto décimo, como ele próprio atesta na *Memorabilia* de 1877: “o Auctor conservou nomes proprios tirados á maior parte de jornaes de New York e sob a impressão que produziam”. Portanto, transformar criticamente elementos extra-literários da ordem do dia em ficção é uma característica que Sousândrade compartilha com escritores nos Estados Unidos do último quartel do século XIX.

Honest John Vane foi inspirado no escândalo político e financeiro do *Crédit Mobilier* (1872), encabeçado por Oakes Ames. O *Credit Mobilier* foi um esquema envolvendo uma construtora de mesmo nome, responsável pelo estabelecimento da ferrovia *Union Pacific Railroad*, que para tirar proveito dos incentivos concedidos por leis federais fraudava informações relativas a seus projetos em andamento. Muitos políticos foram acusados de compactuar com o esquema recebendo por isso ações das empresas, inclusive o Presidente Grant (DOBSON, 2007, p. 146).

O romance de Holland, *Sevenoaks: A story of to-day*, faz referência a James Fisk, conhecido por fraudes na venda de ações e cujo assassinato, em 1872, foi interpretado por muitos de forma moralista. O Reverendo Beecher (quem Sousândrade não deixa de criticar pelo envolvimento com uma senhora casada, caso amplamente divulgado pela imprensa da época) considerou a morte de Fisk como castigo providencial pela sua vida desregrada e trapaças financeiras. De acordo com a ética religiosa do período, em ambas as obras a ganância pelo dinheiro degrada não só os protagonistas, especuladores em Wall Street, mas toda a sociedade.

Mark Twain, crítico fervoroso dessa época e cuja obra *The Gilded Age* empresta nome ao período, destaca-se entre os autores de romances financeiros pelo humor, diferentemente dos autores supracitados que abordaram Wall Street

de forma austera. Twain, pseudônimo Samuel Clemens, foi negociante e empreendedor ávido por riqueza, tendo sofrido várias quebras que o levaram a falência. Para Westbrook, considerando esse dado biográfico, o tratamento que Clemens dá ao tema de Wall Street sugere o deboche da sua própria avidez por dinheiro. Dentre os exemplos de tratamento satírico da especulação financeira por Twain o crítico comenta as obras *The Innocents Abroad* (1869), *The Gilded Age* (1874), *The adventures of Huckleberry Finn* (1884) e *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* (1889).

Chama-nos atenção *The Innocents Abroad*, que trata do comércio de escravos na Turquia. A venda de garotas negras é descrita como se fossem ações ou *commodities* em estilo bem próximo de como estes informes apareciam em jornais da época. Assim, Westbrook observa que a crítica de Twain foca menos o vergonhoso comércio de escravos que o interesse dos americanos por notícias referentes a alta do mercado de ações, não importando que mercadoria fosse. Essa característica de *The Innocents Abroad* faz lembrar a influência da linguagem jornalística no canto décimo d'*O Guesa*, mais precisamente nas estrofes que satirizam *Wall Street* ou que criticam os problemas sociais, além da apropriação literária de temas tirados de notícias de jornais.

Do rol de romancistas citados em *Wall Street in the American Novel* emerge o poeta Edmund Clarence Stedman (1833-1908), mais conhecido pelos seus trabalhos críticos, como *Victorian Poets* (1875) e *Poets of America* (1885), os quais ainda hoje são obras de referência. Stedman também atuou como editor e jornalistas, além de ter sido membro da bolsa de valores de Nova York, o que lhe gerou a alcunha de *broker-poet*. Ele também escreveu um estudo histórico intitulado *New York Stock Exchange: its History, its Contributions to National Prosperity, and its Relation to American Finance at the Outset of the Twentieth Century* (1905). Segundo seus biógrafos, os negócios que Stedman mantinha em *Wall Street* serviam para sustentar seu trabalho de escritor (TOMSICH, 1971, p.114), assim como o livro que ele escreveu sobre a bolsa de valores teria sido motivado mais por necessidade financeira que por interesse genuíno no assunto (SCHOLNICK, 1988, p. 28-29), no entanto, reconhecemos que essas afirmações

possam pretender tirar atenção das atividades de Stedman como homem de negócios em função da valorização da sua imagem de homem de letras.

A familiaridade com a vida econômica de sua época rendeu-lhe poemas satíricos sobre o tema, como é o caso de *Pan in Wall Street* (1867) e *Israel Freyer's Bid for Gold* (1869). Além desses, *The Diamond Wedding* (1859), embora não se relacione diretamente com a bolsa de valores, faz crítica ao interesse financeiro nas relações interpessoais. Para ficarmos, então, no terreno da poesia, nos deteremos nas próximas linhas a esses três poemas de Stedman, cuja temática nos possibilita estabelecer diálogo com o canto décimo d'O Guesa.

Israel Freyer's Bid for Gold chama atenção tanto por ter Wall Street como cenário e tema, quanto pela associação entre os especuladores com o mal, detalhe que também nos remete ao *Inferno* de Sousândrade. Esse poema foi inspirado no *Black Friday* (1869), uma tramoia financeira do *Gilded Age* facilitada pela crise econômica do pós-guerra que ocasionou a escassez da circulação do ouro em espécie e número abundante de papel moeda, ou *greenbacks*, conversíveis em ouro. Como medida para restabelecer o equilíbrio econômico o governo passou a vender o seu excedente de ouro por *greenbacks*, cujo valor flutuante permitia mantê-lo a baixos preços, em caso de grande procura, ou elevá-lo, em caso de baixa demanda. Conscientes dessa manobra, os especuladores Jay Gould, citado anteriormente, e seu comparsa James Fisk montaram um esquema para compra de ouro em larga escala para ser estocado com o intuito elevar o seu valor no mercado e revendê-lo a altas cifras. O governo quando soube do esquema liberou a venda de \$4,000,000 em ouro reduzindo o seu valor que andava na casa dos \$ 160-62 para \$130, frustrando o plano dos especuladores e causando grande instabilidade na economia da época.

O poema contém o total 125 versos e pode ser dividido em duas partes. Na primeira narra-se a especulação no mercado do ouro por Israel Freyer, ou Albert Speyers, *broker* a serviço de Fisk e Gould responsável por puxar a alta do preço do ouro. Ao passo que a segunda faz uma reflexão crítica sobre o espaço que a sociedade americana concedia aos *self-made men*, que não escapavam de serem indivíduos torpes que poderiam arruiná-la em prol de interesses próprios. Esses, chamados de *Railway Kings*, são os próprios *robber barons* que com o lucro

oriundo de negócios escusos envolvendo ferrovias entravam para o mundo da especulação na bolsa. Vale mencionar que pouco antes do *Black Friday*, Jay Gould e James Fisk haviam tomado à frente dos negócios da *Erie Railroad*, de Cornelius Vanderbilt (DOBSON, 2007). *Israel Freyer's Bid for Gold* inicia-se com a imagem de toda a riqueza dos Estados Unidos contida em um anel que repousa em uma única mão de gigante:

ZOUNDS! how the price went flashing through
 Wall Street, William, Broad Street, New!
 All the specie in all the land
 Held in one Ring by a giant hand --
 For millions more it was ready to pay,
 And throttle the Street on hangman's-day.
 Up from the Gold Pit's nether hell,
 While the innocent fountain rose and fell,
 Loud and higher the bidding rose,
 And the bulls, triumphant, faced their foes.
 It seemed as if Satan himself were in it:
 Lifting it -- one per cent a minute --
 Through the bellowing broker, there amid,
 Who made the terrible, final bid!
 High over all, and ever higher,
 Was heard the voice of Israel Freyer, --

(STEDMAN, 1908, p. 93-96)

O ouro contido no anel (ring) é uma referência aos especuladores que tentavam dominar o mercado do ouro (estratégia também conhecida como *corner*), haja vista que o substantivo “ring” em inglês, além de anel, também se refere a um grupo de pessoas envolvidas em atividade ilegal. Assim, a primeira estrofe do poema introduz a estratégia de Freyer em dominar o mercado do ouro em *Wall Street*. O ouro, expressão de usura, é também associado diretamente ao inferno, localizado ao fundo de uma mina aurífera (“Up from the Gold Pit's nether hell”). Ainda nesta estrofe, o *bull* que provoca a alta dos preços é descrito como a própria transfiguração do demônio.

Faz-se necessária breve explicação sobre os termos *bull* e seu par oposto *bear* usados ainda hoje no jargão da bolsa de valores para determinar a alta e a baixa do mercado, respectivamente. O especulador considerado um *bull* é aquele que compra títulos por baixos preços para lucrar com a sua venda. O *bull* age

apostando na valorização do mercado de ações e lucra quando sua expectativa se confirma, o que pode ser causado por fatores reais ou por especulação inescrupulosa. Por outro lado, o *bear* acredita na queda do mercado de ações e antecipa a negociação de fechamento de contratos ou compra de títulos. Em caso de baixa do mercado o *bear* lucra com a efetiva compra de títulos por preços rebaixados e lucra com a venda de ações do negócio adquirido. O *bear* lucra com a diferença entre os valores da compra e da venda.

Os termos *bull* e *bear* são usados metaforicamente por representar o modo como o touro e o urso agem, considerando que o touro usa seus chifres para lançar objetos para cima - na caça ou na luta, por exemplo - ao passo que o urso usa suas presas para trazer objetos para o solo⁹². Nas imagens abaixo vemos uma representação alegórica da batalha feroz entre ambos os animais em *Wall Street*, seguida pela representação da mesma rua revirada com *bulls* e *bears* mortos e empilhados após o *Black Friday*.

FIGURA 7 - Allegorical scene on Wall Street, bulls and bears in fierce battle⁹³

⁹² Cf: Dobson, John M. **Bulls, bears, boom, and bust**: a historical encyclopedia of American business concepts. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, Inc, 2007. p. 141-142.

⁹³Library of Congress Prints and Photographs Division. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2007682363/>

FIGURA 8 -What a fall was there, My countrymen!⁹⁴

No poema de Stedman, ao passo que o valor do ouro aumenta, em consonância com as exaltadas ofertas do *bull* Israel Freyer, o pânico entre os *bears* também cresce diante do temor pelos estragos em nível nacional que aquela operação poderia causar:

That ominous voice, would it never tire?
 "Five millions more! -- for any part
 (If it breaks your firm, if it cracks your heart),
 I'll give One Hundred and Sixty!"

One Hundred and Sixty! Can't be true!
 What will the bears-at-forty do?
 How will the merchants pay their dues?

⁹⁴ Library of Congress Prints and Photographs Division . Illus. in: Harper's weekly, v. 13, 1869 Oct. 16, p. 672. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/97519098/>. A título de curiosidade, observamos que o título da imagem faz referências a peça *Julius Caesar*, de Shakespeare: "O, what a fall was there, my countrymen! Then I, and you, and all of us fell down, Whilst bloody treason flourished over us". (Ato 3, Cena. 2,1. 190-2)

How will the country stand the news?
What'll the banks -- but listen! hold!

Mas logo vêm a notícia do blefe. O valor do ouro, com a mesma velocidade que vinha subindo, despenca:

Down, down, down, the premium fell,
Faster than this rude rhyme can tell!
Thirty per cent the index slid,
Yet Freyer still kept making his bid, --
"One Hundred and Sixty for any part!"
-- The sudden ruin had crazed his heart,
Shattered his senses, cracked his brain,
And left him crying again and again (...)

Na estrofe supracitada, depois da sua tentativa frustrada de golpe, a personagem Freyer está arruinada e é tomada pela insanidade. A imagem abaixo foi publicada no jornal *Harper's weekly*, em 16 de outubro de 1869 e faz referência ao *Black Friday*, ocorrido no mês anterior:

FIGURA 9 - Gold at 160

Gold at 130⁹⁵

⁹⁵ In: *Harper's weekly*, 1869 Oct. 16, p. 663. Disponível:
<http://www.nytimes.com/learning/general/onthisday/harp/1016.html>. Acesso: 15 set. 2015

Na primeira imagem vemos um homem eufórico em posse de dois receptáculos indicando o valor de \$10,000 em cada um deles. Logo atrás o observa uma figura esbelta com pés semelhantes aos de um animal, bigodes hirsutos e orelha em formato de chifre - caracterização que lembra a mistura de um ser humano com um bode, esta representação do demônio que remonta à Bíblia. Na sequência o mesmo homem aparece desprovido do dinheiro e com o mesmo demônio mostrando-lhe por cima do ombro sua declaração de falência. Nosso argumento aqui é que tanto a tira de jornal, quanto o poema de Stedman, corroboram a visão religiosa da época que associava os especuladores de *Wall Street* com entidades malignas, logo, seres degradados que cedo ou tarde seriam punidos por transgredirem a tradição puritana/ protestante, como mencionado anteriormente.

Além da associação de Freyer com o demônio, outro detalhe interessante no poema é que os especuladores de má fé, como ele, são contrastados com os pobres honestos e religiosos. Para esses especuladores não haveria crença que pudesse salvá-los da condenação divina, nem mesmo atos de suposta generosidade para compensar-lhes toda a ganância, tais como a fundação de colégios ou de igrejas, surtiriam efeito.

But tell me what prayer or fast can save
Some hoary candidate for the grave,
The market's wrinkled Giant Despair,
Muttering, brooding, scheming there, --
Founding a college or building a church
Lest Heaven should leave him in the lurch!

Diferentemente, no canto décimo d'*O Guesa* os milionários que investiram na fundação de instituições de ensino, como Vassar e Cooper, são curiosamente os únicos que aparecem ilesos da condenação do inferno sousandrino, como podemos conferir na estrofe abaixo, quando o *Guesa* emerge do *Inferno de Wall Street*:

E voltava, do inferno de Wall-Street,
 Ao lar, á escola, ao templo, á liberdade;
 De Vássar ou de Cooper ao convite
 Voltava-se p'ra os céus. — Que linda tarde !

“Os céus” para onde o Guesa retorna é o seu (novo) éden erigido pela família (“lar”), pela Educação (“a escola”), pela religião (“ao templo”) e a pela República (“a liberdade”), conforme aparecem no segundo verso da estrofe acima. O “convite” de Cooper e Vássar destacam o papel da educação nesse contexto. Matthew Vassar fundou em 1861 a *Vassar Female College*, dedicado a educação feminina sem restrição de etnia ou credo, ao passo que Peter Cooper fundou em 1859 a *Cooper Union for the Advancement of Science and Art*, instituição voltada para educação de ambos os sexos também sem restrições de etnia ou credo⁹⁶.

Nesse ponto, mais uma vez, é possível traçar um paralelo entre Sousândrade e Martí - que como já vimos anteriormente, nas referências a de Jay Gould, foi um crítico do monopólio e da especulação financeira -, pois esse também expressou admiração pelas atitudes filantrópicas do milionário Cooper. De acordo com Gonzalez, ao passo que Martí abominava aqueles que construía fortunas por meio da exploração das classes menos favorecidas, também admirava os milionários que com ações filantrópicas empenhavam-se em amenizar o sofrimento dessa mesma classe, como no caso de Peter Cooper, que foi alvo de tamanha admiração de Martí que “ not even Emerson inspired a more ardent obituary from his pen than did Peter Cooper at the time of his death in 1883” (GONZALES, 1953, p. 36-37)

De volta aos comentários sobre *Israel Freyer's Bid for Gold*, para Robert J. Scholnick, Stedman critica demasiadamente no poema a figura secundária de Albert Speyers, quando poderia ter centrado mais em Fisk, o real “vilão” do *Black*

⁹⁶ Cf.: Unger, Harlow, G. **Encyclopedia of American Education**. 3ª Ed. New York: Infobase, 2007. p. 302; 1180-81.

Friday, segundo ele, desvelada apenas na segunda parte do poema sobre os Railway Kings. Scholnick também menciona que:

Stedman identifies the reciprocal relationship of an American public that worships success at any cost and the explicit abuses of a "clow" like Fisk. **If his social vision had been larger, he may well have been able to develop the art of exposing such abuses and cultural patterns; certainly there was ample material close at hand.** (SCHOLNICK, 1988, p.121)

Conforme o trecho supracitado, esse amplo material social da época em torno do culto à construção de riquezas sem escrúpulo, pouco explorado por Stedman em *Israel Freyer* - também capturado por Martí em suas crônicas sobre os Estados Unidos, mas não em sua obra poética - encontra-se magistralmente desenvolvido no canto décimo d'*O Guesa* pelas referências, muitas vezes herméticas, ao turbilhão de acontecimentos na vida social e econômica estadunidense, trabalhadas em uma estrutura poética nada convencional. Ao contrário de Sousândrade, Stedman chamou atenção com sua sátira ao culto da riqueza sem inovar a forma de expressão poética, mas pode ser comparado ao poeta brasileiro pela presença de elementos jornalísticos em sua poesia, como transformar em matéria literária notícias da ordem do dia. Outro traço que diferencia ambos os poetas é o tempo de maturação dos seus poemas, que no caso de Sousândrade eram comumente modificados a cada nova edição, ao contrário de Stedman que compunha e publicava no ritmo acelerado das notícias de jornal, a exemplo de *Israel Freyer's bid for gold*, estampado no periódico *Tribune* apenas quatro dias após a manobra especulativa de Fisk e Gould em *Wall Street*.

Juntamente a *Israel Freyer's bid for gold* (1869), o poema *The Diamond Wedding*, publicado dez anos antes no *New York Tribune* (1859) é considerado uma sátira social escrita no calor da hora e de rápida observação pelo público. Apesar da boa recepção, ambos os poemas são apontados como textos de pouco lirismo, ao contrário de *Pan in Wall Street* (1867), reconhecido como literariamente melhor acabado. Os três títulos mencionados integram a compilação de oito poemas de Stedman organizados sob a rubrica de *Poems of Manhattan*.

The Diamond Wedding constitui uma sátira a um casamento pomposo entre um rico cubano e uma nova-iorquina de status social inferior ao do seu companheiro. Esse poema nos chama atenção pela oposição entre Eros, deus do amor na mitologia grega, evocado como “Love” no poema e “Mammon”, sobre o qual já tratamos anteriormente, que foi consagrado na literatura como entidade promotora da usura e cobiça, referindo-se ao luxo e riqueza. Além da caracterização do interesse financeiro da mulher em relação ao casamento, este um dos temas que abordaremos no próximo capítulo em relação às figurações do feminino n’*O Guesa*. Destacamos os seguintes versos:

O Love ! Love ! Love ! what times were those,
 Long ere the age of belles and beaux
 And Brussels lace and silken hose,
 When, in the green Arcadian close,
 You married Psyche, under the rose,
 With only the grass for bedding!
 (...)
 But now, True Love, you 're growing old
 Bought and sold, with silver and gold,
 Like a house, or a horse and carriage!
 (...)
 And the compact sweet
 Is not complete,
 Till the high contracting parties meet
 Before the altar of Mammon;
 And the bride must be led to a silver bower,
 Where pearls and rubies fall in a shower
 That would frighten Jupiter Ammon!

(STEDMAN, 1902, p. 99 - 100)

Nos versos supracitados, a evocação ao amor puro da mitologia grega que remonta a Eros e Psiquê é contrastada com o amor em Manhattan da segunda metade do século XIX, onde esse passa a ser apenas mais um produto que pode ser comprado e vendido por prata e ouro e, logo, associado a Mamom/dinheiro. Edmund Clarence Stedman tomou como ponto de partida para a composição *The Diamond Wedding* o casamento entre o rico Marquês Don Esteban de Santa Cruz de Oviedo e a jovem nova-iorquina Frances Amelia Bartlet, filha de um ex-tenente da

marinha dos Estados Unidos e cuja condição social era inferior a do noivo, por isso no poema Stedman sugere que a união era na verdade uma transação financeira, ou “a mercenary sale”, como nos explica John Tomsich (TOMSICH, 1971, p.114).

O terceiro poema do grupo *Poems of Manhattan* que dialoga com os temas tratados por Sousândrade no canto décimo é *Pan in Wall Street*. Como o próprio título indica, o poema trata da presença do deus grego “dos bosques, dos campos, dos caçadores, dos pastores e dos rebanhos⁹⁷”, naquela “sordid city” (STEDMAN, 1908, p. 91) tocando sua flauta que interfere no ritmo frenético daquele turbilhão financeiro. A música tocada por Pan emerge entre os ruídos dos pregões em Wall Street e a serenidade do badalar dos sinos da Trinity Church (centralizada ao fundo da imagem n.2), mais precisamente na escadaria do Federal Hall:

JUST where the Treasury's marble front
Looks over Wall Street's mingled nations;
Where Jews and Gentiles most are wont
To throng for trade and last quotations;
Where, hour by hour, the rates of gold
Outrival, in the ears of people,
The quarter-chimes, serenely tolled
From Trinity's undaunted steeple,—

Even there I heard a strange, wild strain
Sound high above the modern clamor,
Above the cries of greed and gain,
The curbstone war, the auction's hammer ;
And swift, on Music's misty ways,
It led, from all this strife for millions,
To ancient, sweet-do-nothing days
Among the kirtle-robed Sicilians.

A multidão de credos e nacionalidade diversas absortas no comércio e cotação de preços de ações e commodities em *Wall Street* é tocada pela mística do som da flauta de Pan, que as remete ao *dolce far niente* da antiguidade (“to ancient, sweet-do-nothing-days”). Todos são encantados pelo lirismo da flauta de Pan e param para ouvi-lo:

(...)

⁹⁷ Cf: Universidade Federal de Campina Grande: “Só biografias”, verbete sobre Pã, disponível em : <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGPan000.html>. Acesso em: 15 set. 2015

Even now the tradesmen from their tills,
With clerks and porters, crowded near him.

The bulls and bears together drew
From Jauncey Court and New Street Alley,
As erst, if pastorals be true,
Came beasts from every wooded valley ;
The random passers stayed to list (...)

(STEDMAN, 1902, p. 90- 91)

Mas, surpreendentemente, a força policial se faz presente para por fim àquela tranquilidade subitamente instaurada em *Wall Street* e, como que para garantir que o caos continuasse, insulta o fauno e o joga das escadas do *Federal Hall*. Dessa maneira corretores e transeuntes seguem o seu rumo e *Wall Street* volta ao seu ritmo habitual.

Portanto, os temas e críticas à Nova York do século XIX presentes na poesia de Sousândrade podem ser encontradas em outros escritores-observadores daquele contexto. Essas críticas, geralmente direcionadas a especulação financeira na bolsa de valores e a supervalorização do dinheiro em detrimento de preceitos ético-morais daquela sociedade, ajustam-se a uma visão de época condicionada pela percepção Puritana/Protestante, conforme Westbrook (1980), da condenação do lucro por meios escusos. Assim, a afirmação dos irmãos Campos de que Sousândrade teria denunciado "premonitoriamente as contradições do capitalismo" (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 123) é questionável.

Ademais, é importante ter esse panorama em vista, pois ele nos ajuda a pensar o contexto de produção do canto mais intrigante d'*O Guesa*, que por sua estrutura cifrada nos previne de compartilhar quais eram as suas referências imediatas. Pensar Sousândrade enquanto autor que absorvia as notícias de jornais de Manhattan e as retrabalhava em seus poemas é essencial para lançar luz à sua obra.

2.3 O elogio ao ouro e o *éthos* protestante no Canto Décimo

Em *Re Visão de Sousândrade*, marco nos estudos sobre o poeta maranhense no século XX, Augusto e Haroldo de Campos analisam o canto décimo d'*O Guesa* com base nas referências aos homens de negócios e às estratégias econômicas de *Wall Street* e o relacionam ao inferno financeiro poundiano, a visão de um mundo devorado pela usura, segundo eles:

(...) o Inferno sousandradino **põe a ênfase nos poderes nefastos do dinheiro**. Crítica semelhante, aliás, se pode vislumbrar ainda em textos de Shakespeare e Goethe, comentados por Karl Marx no excerto sobre o dinheiro visto pelo prisma da "inversão e confusão de todas as qualidades humanas", o dinheiro como "poder alienado da humanidade". (CAMPOS & CAMPOS, 2002. p.62-63)

Na citação acima, a propósito da menção que os irmãos Campos fazem ao texto *Dinheiro*, de Karl Marx, encontramos nesse a seguinte passagem sobre a peça teatral *Timão de Atenas*, de Shakespeare:

Enquanto tal poder *inversor*, o dinheiro se apresenta também contra o indivíduo e contra os vínculos sociais etc, que pretendem ser, para si, *essência*. Ele transforma a fidelidade em infidelidade, o amor em ódio, o ódio em amor, e a virtude em vício, o vício em virtude, o servo em senhor, o senhor em servo, a estupidez em entendimento, o entendimento em estupidez. Como o dinheiro, enquanto conceito existente e atuante do valor, confunde e troca todas as coisas, ele é então a confusão e a troca universal de todas as coisas, portanto, o mundo invertido, a confusão e a troca de todas as qualidades naturais e humanas. (MARX, 2004, p. 160)

A tragédia shakesperiana conta a história do ateniense Timão, homem rico e rodeado de amigos pela sua conhecida generosidade. Quando Timão vai a falência ele descobre que seus supostos amigos eram interessados apenas em sua fortuna, acontecimento que o decepciona profundamente. Timão deixa Atenas para

viver recluso e sob estado de misantropia. No estudo *Sobre Literatura e Arte*, Marx e Engels comentam sobre a representação do dinheiro nessa peça de Shakespeare (também em Goethe) e como as sociedades antigas o conceberam como "agente subversivo, como o dissolvente mais ativo da sua organização e dos seus costumes populares" (MARX, 1974, p. 59). Na nota de rodapé elaborada por Marx, lemos o seguinte trecho extraído de *Timão de Atenas* :

Ouro! ouro amarelo, luzidio, precioso! ... Eis aqui o suficiente para tornar o preto branco, o feio belo, o injusto, o vil nobre, o velho jovem, o cobarte valente!... O que é tal coisa, ó deuses imortais? É o que desvia dos vossos altares os padres e os acólitos... Esse escravo amarelo constrói e destrói as vossas religiões, obriga a abençoar os malditos, a adorar a lepra branca; coloca os ladrões no banco dos senadores e confere-lhes títulos, homenagens e genuflexões. É ele que faz uma jovem noiva da viúva velha e gasta... Vamos, argila danada, prostituta do gênero humano (...) (SHAKESPEARE *apud* MARX, 1974, p. 59)

O excerto supracitado trata do poder inverso do dinheiro, dito o “escravo amarelo” e a “prostituta do gênero humano”. No entanto, ao nosso ver, Sousândrade não corrobora essa ideia da força deturpadora do dinheiro em relação aos valores ético-morais na sociedade, conforme sugerem os Campos, visto que logo após a passagem do Guesa pelo *Inferno de Wall Street* notamos a ocorrência do **elogio ao ouro** enquanto metonímia de dinheiro. O emprego do vocábulo ouro por dinheiro, no poema, é reforçado se considerarmos a questão referente a substituição do padrão ouro (*gold standard*) por dinheiro em papel (*greenback*) nos Estados Unidos na década de 1870, embora Sousândrade não problematize a questão e apenas empregue um termo pelo outro.

No canto décimo, nas estrofes seguintes ao inferno de *Wall Street*, o dinheiro (ouro) e acúmulo de riqueza não são descritos como nocivos, pelo contrário, os mesmos são insígnia de merecimento. No início das estrofes que caracterizam o que chamamos aqui de *elogio ao ouro*, chama atenção a evocação inicial que faz lembrar o referido trecho de *Timão de Atenas*:

Oiro ! oiro ! — Ninguém condemne o amigo
 Unico seu na sociedade hodierna,
 Que dá-lhe o pão, o amor, o leito, o abrigo
 E o templo onde se adora a Voz eterna !

Respeitai o vosso oiro, o grande arcano
 Que é elle, o mais profundo e precioso
 Sangue do coração sagrado e humano
 Da terra, vossa mãe ! o generoso

Mediador da luz e dos progressos,
 Juiz supremo dos homens : vêde-os, nobres
 D'elle ás auras e tumidos possessos,
 Ou vis nojentos quando d'elle pobres ;

Vêde a virtude, vêde a honestidade
 Que por elle trabalha, como fica
 Poderosa e sublime de verdade !
 A alma é grande, e mais elle a magnífica ;

A alma é torpe, e mais torpe elle a revela ;
 Por elle prostitue-se . . . a prostituta ;
 Afina-se por elle e mais, mais bella,
 A bella e formossissima impolluta.

Qual ' o melhor engaste do diamante, '
 O symbolo social, elle a alegria
 Vê-se crear ; voltar o amado ao amante
 E o foragido á patria, que o perdia.

(...)

Sem elle, volta o mundo á barbaria ;
 Corrente em que se volve a humana vaga,
 Das nações equilibrio — se diria
 Que a Providencia o enviou, lume que afaga

Dos olhos do homem a visão ; ao ouvido
 Som de clarim, que o estimula e brada
 ' Á civilização ! ' a treva ao olvido
 Quando ao oiro, da luz abriu-se a estrada !

(canto décimo, p. 261-262)

A defesa do poder do capital no desenvolvimento da sociedade moderna é latente. De acordo com os termos empregados acima, sem o poder transformador do dinheiro não há “civilização”, não há a “luz” do conhecimento e nem “estrada” para o progresso, – é importante ter em perspectiva que a época em que o canto

décimo foi escrito é marcada pela expansão e melhorias das estradas de ferro, nos Estados Unidos. Em suma, sem o dinheiro esses empreendimentos não teriam sido possíveis e o mundo voltaria ao que o poeta expressa como “barbaria”. O dinheiro é elevado a categoria de único amigo na sociedade atual, pois ofereceria os meios de sustento a quem por ele trabalhasse. O exposto nos possibilita estabelecer analogia entre o poema sousandradino com o que nos ensina Weber sobre a ética protestante, pois a visão sousandradina do dinheiro parece ligar-se ao *éthos* do trabalho no protestantismo ascético.

Max Weber no ensaio seminal sobre *A ética Protestante e o “espírito” do capitalismo* discute como que uma nova atitude em relação ao trabalho, visto como “vocação” (*Beruf*) contribuiu para o desenvolvimento do Capitalismo moderno:

Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas com o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. (WEBER, 2004. p.72)

No poema, é pelo trabalho que a virtude e a honestidade são exercitadas, por isso a alma já grandiosa é enaltecida pelo labor. Do mesmo modo, o “forte” e o “justo” são recompensados. No entanto, o poder nefasto do dinheiro aparece relacionado àqueles que desrespeitam os princípios éticos divinos do trabalho, como no caso da prostituta de alma cada vez mais infame ou o indivíduo vicioso destruído pelo próprio vício. Aqueles que ignoram os preceitos religiosos da riqueza já são indivíduos de alma torpe cuja ação só lhes acentua o caráter. Em síntese, nefasto não é o dinheiro, mas a alma de quem o busca por meios escusos. Ainda de acordo com Weber, o trabalho é:

(...) o cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradecer a Deus em todas as situações, que esta e

somente esta é a vontade de Deus, e por isso toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igualmente perante Deus" (WEBER, 2004, p. 73).

Portanto, o dinheiro só é digno se proveniente do trabalho enquanto **vocação**, fundamentada no cumprimento do “dever para com Deus numa vida quotidiana regida pela moral” (GIDDENS, 1984, p.185). Essa é uma característica marcante do Protestantismo ascético que passa a atribuir às atividades mundanas um significado ritualístico de adoração divina, ao contrário do catolicismo e suas práticas extramundanas de adoração em busca da salvação. Para o protestantismo a salvação eterna da alma independe das ações do indivíduo, daí o **desencantamento do mundo** ou “desmagificação” (PIERUCCI, 2013) da vida, pois aqueles que serão salvos da danação eterna já foram predestinados.

Se o que define a salvação eterna da alma é a **predestinação**, a dedicação ao trabalho e decorrente acúmulo de capital apenas designam quem são os escolhidos. Do contrário, aqueles que não trabalham e não acumulam riqueza são condenados, considerados inferiores, “vis nojentos”, conforme o excerto sousandradino acima, ou ainda pessoas “doentes”, conforme nos explica Giddens:

(...) A acumulação da riqueza só é condenada na medida em que pode tentar o homem a levar uma vida ociosa; porém, quando a riqueza é adquirida através do cumprimento ascético do dever designado pela vocação, não só é tolerada, como ainda se reveste de valor moral. “Desejar ser pobre é o mesmo que desejar ser doente”, argumentavam os calvinistas.” (GIDDENS, 1984, p. 219).

Além de Sousândrade, a relação entre protestantismo, dedicação ao trabalho e progresso material foi notada pelo pensador liberal brasileiro Tavares Bastos, ao comentar sobre o ritmo acelerado da prosperidade dos Estados Unidos da segunda metade do século XIX que, dentre outros fatores, dever-se-ia ao “espírito liberal da reforma protestante, a moralidade, o amor ao trabalho” (BASTOS, 1863, p. 324). Também José Carlos Rodrigues compartilhava essa ideia,

pois para ele o progresso dos Estados Unidos explicava-se parcialmente pela prática do protestantismo atrelada à formação profissional (CAMPOS, G., 2001, p.180). José Carlos Rodrigues chegou a defender nas páginas de *O Novo Mundo* que progresso semelhante aos dos Estados Unidos só seria alçado no Brasil por meio da adoção do Protestantismo: "Dizemol-o franca e abertamente: o futuro de nossa patria repousa todo no maior ou menor desenvolvimento que entre nós tiver a Igreja Christã, a Evangelica, o Protestantismo emfim" ([**O Novo Mundo**, VIII, 88. April,]1878, p. 75.)

No *Inferno de Wall Street*, encontramos críticas às grandes fortunas estabelecidas durante o *Gilded Age* que, por basearem-se em formas escusas de acúmulo de riquezas, não obedeciam ao “cumprimento ascético do dever designado pela vocação” (GIDDENS, 1984, p. 219), como no caso dos Vanderbilt e Gould, ligados a negócios de ferrovias, cujas vendas de ações movimentavam a bolsa de valores de Nova York. Como foi a tônica da época, muitas dessas empresas estiveram envolvidas em casos de fraude e corrupção. Há, contudo, ecos das críticas ao “deus material”, o perpetrador da “infâmia” no mundo, também fora do *Inferno de Wall Street*. Mas a voz poética não parece convencida dos seus malefícios:

Qual dos Incas o Sol rege o universo,
Da terra a vida social tu moves,
Janus de duas frentes ! e és perverso
Corruptor da virtude, dizem, ouves ?

Tu, ‘ deus material, ’ salve ! que ao mundo
Publicas-lhes a infamia, á infamia os fôrças
Do vulpino impostor, do corvo immundo,
Dos terríveis Catões almas de corças !

Salve ! que és o salario ao jornaleiro
Da liberdade e o verbo com que o homem
‘ Faça se, ’ diz em seu dia de imperio,
Tu sempre joven oiro ! Astros assomem

Teus, e ao esplendor elevam-se as nações ;
Nobilita-se a oppressa independencia ;
Té por vezes reergue-se a consciencia :
E insultam-te portanto . . . em oblações.

(canto décimo, p. 262-263)

Em monólogo endereçado ao “jovem oiro” a voz poética compara seu poder de governar o mundo com a função mítica exercida pelo deus Sol no universo Inca. Na sequência, a referência à perversão, à corrupção e à infâmia atribuídas ao mesmo são apenas reportadas (“dizem, ouves?”), não há acusação direta. Pelo contrário, os motivos que por vezes levariam à aversão ao dinheiro se explicariam pelo seu poder libertador concedido aos homens o que, por outro lado, o torna propulsor de conflito de interesses. Conforme lemos, é por meio do dinheiro que se pode elevar a consciência (“reergue-se a consciencia”) e alterar *status quo*, daí a razão pela qual na referida passagem o jovem ouro é insultado em oblações de amor e ódio (“salve!”). Assim, à revelia dessa essência ambígua, esse “Janus de duas frentes”, deus de duas caras, só na aparência apontaria para dois pesos e duas medidas, haja vista que, nas estrofes supracitadas, o seu balanço é positivo.

Nos versos “és o salario ao jornaleiro/ Da liberdade e o verbo com que o homem/ ‘Faça se’, diz em seu dia de imperio” destaca-se a referência ao verbo fazer, que na sua forma reflexiva insinua a liberdade do sujeito em **fazer-se**, ainda que sobre a opressão dos seus “dias de Império”, ou da privação de ser quem se é. Os cinco últimos versos citados retomam a associação do ouro com o sol, que resplandece sob as nações oprimidas, como insígnia da liberdade. Sousândrade experimentou essa liberdade engendrada pelo dinheiro já que não foi patrocinado pelo poder imperial, como era a tônica entre os poetas românticos dependentes do mecenato de d. Pedro II, situação que lhe conferia certa autonomia para criticar o governo brasileiro.

Em *L’argent dans la littérature* (1880), Émile Zola trata dessa liberdade que o dinheiro possibilitava aos escritores na nova conjuntura econômica da Europa da segunda metade do século XIX. No ensaio, Zola compara a situação do escritor na época do reinado de Luís XIV com o contexto no qual ele escrevia e conclui que a dignidade, respeito e maiores possibilidades de trabalho aos homens de letras encontravam-se na atualidade. Efetivamente, para Zola o dinheiro emancipara o escritor e a literatura:

C'est l'argent, c'est le gain légitimement réalisé sur ses ouvrages qui l'a délivré de toute protection humiliante, qui a fait de l'ancien bateleur de cour, de l'ancien bouffon d'antichambre, un citoyen libre, un homme qui ne relève que de lui-même. Avec l'argent, il a osé tout dire, il a porté son examen partout, jusqu'au roi, jusqu'à Dieu, sans craindre de perdre son pain. L'argent a émancipé l'écrivain, l'argent a créé les lettres modernes. (ZOLA, 1889, p. 71)

O exposto nos permite aproximar os versos de Sousândrade com a reflexão de Zola menos pela semelhança entre a experiência de ambos os escritores, que pela contiguidade da visão do ofício de escritor, talvez condicionada pelo espírito da época (*zeitgeist*), no capitalismo moderno⁹⁸.

É pertinente notar ainda que no *Inferno de Wall Street* o “deus material” aparece sob o signo de Mamom, ou o “deus-uno Mammão”, deus ou demônio da riqueza. (CAMPOS & CAMPOS, 2002, p. 425). A palavra mamom, cuja etimologia é controversa, significa “riqueza” em aramaico. A associação da mesma ao deus da usura e cobiça remonta à Bíblia, no Sermão da Montanha, quando Jesus diz que “não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6:24). Na literatura, foi o poeta John Milton, em *O Paraíso Perdido* (1667), quem estabeleceu a imagem de Mamom como um anjo caído⁹⁹. Talvez a referência mais intrigante ao mesmo esteja ao final do fragmento, quando o *Guesa* está prestes a ser sacrificado por uma quadrilha de *bears* (“ring d’ursos”), os especuladores da bolsa, em uma espécie de ritual de sagração a Mamom:

(Magnético *handle-organ* ; *ring* d’ursos sentenciando á
pena-última o architecto da PHARSALIA ; odysseu

⁹⁸ Vale acrescentar que Álvares de Azevedo, antes de Sousândrade, tematizou o dinheiro na poesia romântica de maneira irônica. Para uma breve ideia sobre a questão do dinheiro na literatura brasileira oitocentista, consultar: SANTOS, Vivaldo Andrade dos. As encenações do capital no romantismo brasileiro. In: **Teresa** revista de Literatura Brasileira. n.12-13, São Paulo, p.192-2014, 2013.

⁹⁹ Cf.: **Encyclopaedia Britannica**, Or, A Dictionary of Arts, and Miscellaneous Literature. Vol. XII, Ed. 6ª. London: Edinburgh, 1911, p. 538;
Online Encyclopedia <http://encyclopedia.jrank.org/MAL_MAR/MAMMON.html>

e nem aos corolários do progresso. O acúmulo de capital não é retratado como problema *per se*, mas sim a tônica do enriquecimento sem escrúpulos centrada menos no labor que no lucro. A crítica de Sousândrade é dirigida aos excessos das transações financeiras fraudulentas em *Wall Street* das quais as grandes fortunas do *Gilded Age* originavam-se.

2.3.1 *Greenback e Gold Standard: a República dos Estados Unidos e o Império do Brasil*

Em face da discussão anterior, faz-se necessário realizarmos breve incursão sobre a questão monetária relativa ao padrão ouro (*gold standard*) e o papel-moeda (*greenback*) na qual esteve envolvida a economia dos Estados Unidos no período do pós-guerra e que se acenturia na década de 1870 devido a força que o partido dos defensores do *greenbacks*, o *Greenback Party*, vinha ganhando¹⁰³. Esse tema também está presente no canto décimo de forma peculiar, pois demarca a oposição entre Monarquia e República. Contudo, é preciso não olvidar que quando Sousândrade refere-se apenas ao ouro, em outras passagens do mesmo

¹⁰³ O *Greenback-Labor* ou *National Party* lançou candidatos à presidência dos Estados Unidos entre 1876 e 1884, mas sem conseguir eleger ninguém. Contudo, em 1878 quinze dos seus correligionários foram eleitos membros do congresso. Cf.: Calhoun, Charles W. *The political Culture: public life and the conduct of politics*. In: **The Gilded Age: Perspectives on the Origins of Modern America**. New York: Rowman & Littlefield, 2007. p. 245. Foi no auge desses acontecimentos que James A. Garfield - eleito presidente dos Estados Unidos em 1881, mesmo ano em que morreu em decorrência de um atentado - escreveu *The currency Conflict*, no qual ele defende a retomada do padrão ouro. Garfield, membro da comissão eleitoral de 1876, apreensivo com o apoio crescente ao *Greenback-Party* propõe-se a escrever um artigo historicizando a necessidade transitória que foi adoção do papel moeda e, por fim, a necessidade de aboli-lo. A posição de Garfield nesse texto é explicitamente partidária. Conferir: *The currency Conflict*. In: **The Atlantic Monthly**, February 1876, pp. 219-236. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/AtlanticMonthly-1876feb-00219>>. O *Novo Mundo*, em notícia de 5 de dezembro de 1878, faz um apanhado geral sobre o desfecho das eleições daquele ano. Comenta a ameaça que o *Greenback Party* representou no início do processo eleitoral, ressaltando que o mesmo havia sido devidamente derrotado pelos Republicanos. O *Greenback Party* é chamado no texto de "inimigo do crédito nacional" por defender a emissão de mais papel moeda. Cf.: **O Novo Mundo**. Vol. VIII, nº 96. Dez, 1878. p. No artigo *A crise financeira*, de 1875, sobre os problemas econômicos que o Brasil atravessava, o *greenback* é mencionado. O artigo adverte que se tomasse cuidado com a emissão de mais papel moeda a fim de evitar a mesma inflação do *greenback* nos Estados Unidos, que valeria apenas 84 cents dos 100 que deveria valer. Cf.: **O Novo Mundo**, Vol. V., nº 56. Maio, 1875. p. 190. Ver também: *A questão do meio circulante nos Estados Unidos*. **O Novo Mundo**, Vol. IV, nº 46. pp. 174-75

canto, ele o emprega enquanto metonímia de dinheiro e não como referência ao gold standard.

Antes da Guerra Civil o sistema monetário estadunidense era baseado em moedas de ouro e prata, com predominância da primeira¹⁰⁴. Mas em 1862, em meio à guerra, o país entrou em uma crise fiscal agravada pela especulação do ouro. Assim, para a União manter-se no *front* de batalha foi necessária a emissão de dinheiro em papel não conversível em espécie, o *greenback*, como o dólar foi chamado devido a sua cor verde no reverso da cédula. Com o fim do conflito entre o norte e o sul dos Estados Unidos veio à tona a discussão sobre a volta ao padrão ouro ou a manutenção do papel moeda. Com essa polêmica surgiu também um amplo debate na sociedade da época em torno da concepção de valor.

Por um lado, os defensores do padrão ouro advogavam que o dinheiro possuía valor flutuante, associado à inflação, ao passo que o ouro possuiria valor intrínseco e por isso estável. Por outro lado, os defensores do papel moeda, os *greenbackers* retorquiam que também o valor do ouro não passava de uma convenção social e que caso esse fosse desmonetizado perderia praticamente a sua representatividade financeira, até então considerada inerente. A convenção em torno da valoração do ouro serviu de argumento para que os partidários do papel-moeda reivindicassem a validação das notas pelo governo, enquanto representante do povo, uma vez que as mesmas e o próprio ouro não carregariam valor intrínseco. Os defensores do padrão ouro ridicularizavam essa proposta já que para eles o governo não detinha poder para determinar o quanto valia o dinheiro. Os especuladores financeiros também temiam que o governo ficasse encarregado de tal tarefa, pois abrir-se-ia precedente para que o poder estatal também intervisse em outras esferas que eram igualmente constructo social, como a propriedade, a riqueza e o capital. Não por acaso, os favoráveis ao *greenback* foram apontados como comunistas (CARRUTHERS; BABB, 1996, p. 1580)

Em *The Color of Money and the Nature of Value: Greenbacks and Gold in Postbellum America*, Bruce Carruthers and Sarah Babb analisam diversos documentos referentes aos anos de 1860-1879 sobre essa polêmica e mostram como o debate do lado dos defensores do padrão ouro estava assentado na

¹⁰⁴ NUGENT *apud* CARRUTHERS; BABB, 1996, p.1561

tradição, ao passo que os favoráveis ao papel-moeda recorriam aos ideais da razão iluminista¹⁰⁵ e ao progresso. Para esses últimos os primeiros viviam no passado porque, a exemplo da aristocracia, o ouro também era um anacronismo deslocado no presente, assim era necessário renunciar ao padrão ouro, “the currency of kings”, como forma de romper definitivamente com o despotismo monárquico, herança do império britânico (HEYWOOD *apud* CARRUTHERS; BABB, 1996, p. 1571).

Essa visão da naturalização do valor do ouro relacionada com o despotismo dos reis, nos remete a seguinte estrofe do canto décimo, da seção *Inferno de Wall Street*:

(PRESIDENTE GRANT com impassibilidade e seus ministros
BABCOCK, BELKNAP, etc. lendo o SUN e cumprimentando
a DOM PEDRO :)

— De *greenback* as almas saudam
Ao ventre de ouro Imperador !
== ‘ *Bully Emperor* ’ incrente
Em sua gente,
É tal rei tal reino, Senhor ?

(canto décimo, p.240)

Na estrofe citada, o presidente Grant, indiferente, acompanhado pelos seus ministros, dos quais apenas dois são nomeados, cumprimentam a Dom Pedro II. Ulysses Grant em nome do seu povo, as “almas de costas verdes”, curva-se em sinal de irônica reverência ao “ventre de ouro” do Rei do Brasil. Na sequência são os ministros de Grant, Orville Babcock e William Worth Belknap, acusados de corrupção, episódio fartamente divulgado na imprensa da época, que fazem a provocação à tirania do Imperador, o “bully emperor¹⁰⁶” que não confiaria em seu povo. A sugestão implícita na pergunta retórica é que o Imperador também não

¹⁰⁵ Sobre o apelo à razão por parte dos *greenbackers*, também James A. Garfield, defensor do padrão-ouro, no referido *The Currency Conflic*, chama de “fato interessante” a posição dos *greenbackers*, ou *soft-money men*, em buscar na literatura existente argumentos para embasarem sua posição. Cf. GARFIELD, 1876, p. 224.

¹⁰⁶ Observamos que o adjetivo “bully” relacionado comumente a “tirano” pode também significar informalmente algo ou alguém “excelente”, como usado pela imprensa americana no século XIX em relação ao Imperador do Brasil. No entanto, levando em consideração o contexto do poema, o emprego de “bully” pode conter ambos os significados.

seria confiável aos olhos do povo. A resposta de Dom Pedro à essa provocação de Grant vem à altura na estrofe seguinte, quando ele justamente questiona : “Por que, Grant, á penitenciaria/ Amigos vos vão um por um”, em referência aos atos ilícitos dos funcionários presidenciais.

Cotejando as versões desse episódio publicadas em 1877 e 1886 notamos que a segunda estrofe originalmente usava a palavra “áureo” no lugar de “oiro”: “De aúreo ventre ao Imperador !”, portanto, à luz da análise de Carruthers e Babb, notamos que a derradeira versão do canto décimo, com a opção pela palavra ouro, acentua o contraste entre a Monarquia brasileira e a República dos Estados Unidos por meio da referência ao padrão ouro e o *greenback*, metáfora do atraso *versus* modernização.

2.4 Desfocando o *Inferno de Wall Street*

Embora seja importante situar o canto décimo no contexto de produções sobre o tema da bolsa de Nova York no século XIX, acreditamos que, ao contrário do que a fortuna crítica do poeta tem sustentado, o canto décimo não é sinônimo de *Inferno de Wall Street*. Frederick Williams foi o primeiro a fazer essa ponderação em 1976, porém raramente lembrada pelos estudos que o seguiram. O tema de *Wall Street* e as finanças aparecem apenas no início do fragmento¹⁰⁷, especificamente nas cinco primeiras estrofes das 176 contidas na edição derradeira do poema (c. 1887). Do mesmo modo, lembramos que a chegada do *Guesa* em Nova York não ocorre no *Inferno* e por isso sua primeira visão da cidade não é a do caos da bolsa de valores. Por exemplo, antes da sua incursão infernal iniciada na *New York Stock-Exchange*, o *Guesa* é visto na boêmia nova-iorquina:

Nas noites suas de Hoffman¹⁰⁸, com ella. . .

¹⁰⁷ Ver: Frederick G. Williams. **The Wall Street Inferno: A poetic Rendereing of the Gilded Age.** Chasqui, Vol. 5, nº2 (Fev. 1976), pp. 15-32

¹⁰⁸ Observar que a grafia usada no poema inclui apenas um “n” ao nome Hoffman, o que reforça a sua relação com a *Hoffman House*. Contudo, a recente reedição do poema promovida por Luiza Lobo

Nos doirados salões de Nova-York,
 Nas praças os *meetings*, onde vela
 Das ideias a lei, que nada extorque ;

Das azas das nocturnas mariposas
 Pendido o *maltrajado* Guesa-Errante,
 De Danae logra ou Leda as doces rosas,
 Já feito chuva de oiro, ou cysne amante.

(canto décimo, p. 189)

As “noites de Hoffman” referem-se ao hotel *Hoffman House*, projetado por Reed, Wall & Company e inaugurado em 1864. Este era considerado um dos hotéis mais bonitos e luxuosos de Nova York na época que Sousândrade ali esteve¹⁰⁹. O edifício foi demolido em 1915¹¹⁰. Contudo, o personagem *Guesa*, outrora poderoso e sedutor ardiloso comparado a Zeus, parece não estar em condições de arcar com essa pompa, por estar mau vestido e dependente “dela”. Nos dois últimos versos, Dânae e Leda referem-se às personagens da mitologia grega seduzidas por Zeus que as possuiu, no caso da primeira, metamorfoseado em chuva de ouro e, no caso da segunda, em cisne. Na estrofe citada, quem encontra-se metamorfoseado não é o Guesa, mas as mulheres transformadas em borboletas noturnas, das quais ele depende.

O poder mercantil e o progresso da movimentada Nova York causam no Guesa profunda admiração quando da sua chegada à cidade, e não ocorre a associação desses elementos com problemas ou causas da degradação social:

O mercantil poder, as ondas do oiro,

e Jomar Moraes grafa o nome com duplo “n”, o que pode levar a associação pouco plausível com o escritor romântico alemão Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann. Cf.: **O Guesa**. Luiza Lobo (Org). AML; Ponteio: São Luís; Rio de Janeiro. 2012, p. 301.

¹⁰⁹ Em **Mark Twain's Letters**, volume que reúne correspondência de Samuel Clemens, autor do *The Gilded Age*, encontramos a seguinte descrição do Hoffman House: " On 10 September (1874) the Clemenses, accompanied by Clara Spaulding, left Elmira for New York City, where they checked into the Hoffman House (...) This hotel, built in 1864, was one of the most beautiful in the city. Built of white marble, it boasted an art gallery, a sixty-square-foot banquet hall, and, according to Clemens, "the best table in New York." In: Frank, Michael B.; Smith, Harriet Elinor (editors). *Mark Twain's letters*. Vol.6 - 1874-1875. University of California Press: Berkeley; Los Angeles, 2002. Conferir também: Gabriellan, Randall. **Along Broadway**. Arcadia: Charleston SC, 2007. p. 66

¹¹⁰ Hirsh, Jeff. **Images of America: Manhattan Hotels 1880-1920**. Arcadia: Charleston SC, 1997, p. 92

Do progresso os labores, o aturdiram,
E este achitectural (sic) fausto thesoiro
Em doricos florões, que no ar deliram ;

E as formosas virtudes practicadas
No lar, no templo e nas ruidentes ruas,
Da liberdade o povo tendo hasteiadas
Ovantes palmas das conquistas suas

(canto décimo, p.229)

Em estrofes anteriores ao *Inferno*, as críticas que nele serão levadas a cabo são ponderadas:

Porque os males que estão na sociedade,
Em todos 'stão, qual no ar, que á luz se agita,
A contagação da peste ; e a liberdade
Só fugindo, ou vencendo á morte, a evita.

Feliz quem houve os annos seus primeiros
De nobres paes virtuosos á pureza !
Esse combaterá seus proprios erros,
Voltando sempre á antiga natureza (...)

(canto décimo, p. 230)

Os versos da segunda estrofe acima soam como prelúdio para a entrada do *Guesa* na *New York Stock Exchange*. A virtude e pureza da família são ressaltadas e postas como determinantes da boa formação de carácter. Por outro lado, é de se supor que na ausência de tais valores não há virtude e nem retidão de princípios, mas deflagração dos erros, vícios e corrupção no seio da sociedade. O tema da disfunção familiar, e não o capital, é apontado outras vezes como causa de problemas sociais. No início do canto, chega-se mesmo a questionar:

— Mas, d'onde vem o mal, quando a Republica
Bem cumpre seu dever — a escola, o templo ?
— Talvez do interprete, ou da menos pudica
Deusa do lar, á meninice o exemplo.

A escola ensina, o templo ensina ; emtanto
 Nenhuns que a fraude e o latrocínio domem :
 Ai ! dos paes falta o amor, do berço o incanto
 Que fórma o coração moral do homem !

(canto décimo, p. 195)

Portanto, até aqui, não há associação entre o dinheiro e degradação social. De acordo com as estrofes acima, o sistema republicano de governo, a educação e a religião são instituições que, funcionando bem, sustentariam uma sociedade ideal. Problemas como a “fraude” e o “latrocínio “ são atribuídos ao desvio de caráter oriundos do berço onde falta virtude e honestidade. Entendemos a “menos pudica/Deusa do lar”, ou mulher sem recato e, portanto, não ajustada ao papel feminino imposto pela sociedade, como uma crítica à figura da mãe (evocada outras vezes no mesmo canto), que de acordo com o poema é elemento vital para a manutenção dos valores da família e exemplo para a “meninice”. Dentre as várias referências ao papel da mãe enquanto responsável pela índole dos indivíduos sociais, o poeta apresenta sua “tese” citando exemplos de personalidades por ele admiradas:

Eia á revolução ! Tendes a these

De Washington na mãe, na mãe do Christo,
 Que educam homens taes da idéa ao imperio,
 Da sciencia ás virtudes, do infinito
 Ás creações de Newton e de Homero !

(canto décimo, p. 196)

Nesse ponto chama atenção o tom conservador do poema ao atribuir os desvios morais da sociedade ao papel insuficiente da mulher enquanto “deusa do lar”, por isso se faz necessário discutirmos as figurações da mulher estadunidense no canto décimo.

3. Entre o *Inferno* e o *Éden*, figurações do feminino no Canto Décimo.

3.1 *A mulher nos Estados Unidos: o periódico feminino brasileiro e as percepções da nova-iorquina por Sousândrade*

A filha de Sousândrade e outras duas meninas em idade escolar eram as únicas estudantes brasileiras nos Estados Unidos de que se tinha notícia até 1874, conforme publicado no já citado suplemento *Páginas para senhoras* de *O Novo Mundo*. A admiração de Sousândrade pelo sistema educacional estadunidense era notória, tanto pela sua atitude de levar consigo Maria Bárbara para estudar naquele país, quanto pelas figurações do tema da Educação no canto décimo d'*O Guesa*, como quando, por exemplo, o poeta aborda quão poderosas são as nações que priorizam a educação da sua mocidade, conforme os versos abaixo:

(...) Como poderosas
Levantam-se as nações, que á luz auroram
Doce do Christianismo ! — Gloriosa

Abrem suas mil portas as escholas
A uma infancia feliz ; e nos gymnasios
Dos prados de ranunclos e de violas,
Dos rios de crystaes e de topazios,

Exercita-se a athleta mocidade —
As virgens e os donzeis concorrem, luctam,
E das parelhas á velocidade
Ou da leda regatta, ao premio exultam.

(canto décimo, p.188)

Assistimos à personificação das nações que despertam poderosas de seu sono à luz do cristianismo e cujas primeiras atividades ainda no alvorecer do dia voltam-se para a expansão do acesso à educação pelo abrir metafórico de suas mil portas de escolas destinadas à formação dos jovens. Nessa sociedade que desperta

para o desenvolvimento, moças e rapazes são educados sob a máxima latina do *mens sana in corpore sano*, pois também exercitam seus corpos de atletas. O excerto refere-se a oferta de educação sem distinção de gênero, o que nos remete às instituições americanas citadas no poema *Cooper Union for the Advancement of Science and Art* e *Vassar Female College*, esta última voltada para a formação de mulheres. Assim, poder-se-ia considerar que o poeta brasileiro acreditava na educação igualitária entre homens e mulheres, porém, veremos que a educação feminina em sua perspectiva é menos ferramenta de emancipação cívico-social, que exercício moralizante com vistas a reforçar as obrigações da mulher enquanto “deusa do lar”, como lemos no poema.

Não se pretende aqui incorrer na leitura anacrônica das ideias sousandradinas ao argumentarmos que a concepção da educação feminina do poeta brasileiro não pressupunha a emancipação efetiva das mulheres, em outras palavras, que não previa que, por meio da instrução, as mesmas pudessem tornar-se independentes do jugo masculino e desempenhar qualquer papel fora do âmbito familiar. Nosso objetivo é mostrar como que Sousândrade foi um homem de seu tempo e, portanto, sua atitude de educar sua filha nos Estados Unidos, quando a educação feminina no Brasil Império sofria restrições, caracteriza-lhe posição de vanguarda apenas se considerarmos o atraso da mentalidade local, já que suas atitudes eram consoantes com a marcha das ideias na sociedade estadunidense.

Em 1875, Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) chega em Nova York com o intuito de estudar. Posteriormente, em 1881, já matriculada no curso de medicina, na *New York Medical College and Hospital for Women*, funda com Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira (1865-1885), sua conterrânea e colega de curso também recém chegada, o periódico *A Mulher: Periodico illustrado de Litteratura e Bellas-Artes*. Essa publicação definia-se como “consagrado aos interesses e direitos da mulher brasileira” e foi publicado entre janeiro e junho de 1881¹¹¹, caracterizando-se pelo ímpeto de advogar a capacidade intelectual e direito da mulher brasileira de se formar no ensino superior e exercer uma

¹¹¹ A leitura do sexto número de *A Mulher* não oferece nenhum indício do fim do seu ciclo em Nova York, o que parece sugerir que sua interrupção se deu inesperadamente. Há informações sobre a continuidade do periódico em Pernambuco, cujo número sétimo teria sido publicado em 1883, mas não tivemos acesso a este material.

profissão com competência e seriedade, assim como era reservado aos homens. Nessa época as mulheres eram impedidas de frequentar cursos em nível superior no Brasil, situação só alterada em 1879 com a lei Leôncio de Carvalho¹¹².

Maria Augusta entrou para a história como a primeira médica brasileira¹¹³. Desde a sua chegada nos Estados Unidos, ela chamou atenção da imprensa brasileira que destacava o seu progresso e infortúnios enquanto estudante no exterior ¹¹⁴. Maria Augusta foi inclusive beneficiária da ajuda financeira do Imperador Dom Pedro II para manter-se na faculdade, quando sua família enfrentava grave crise financeira, ajuda que a recém formada agradeceu em nota publicada no periódico quando do recebimento do seu diploma¹¹⁵. Diferentemente, os biógrafos de Josefa divergem sobre sua conclusão do curso de medicina nos Estados Unidos. Mas, de acordo com notícia publicada no jornal do Recife em janeiro de 1883, quando retornou ao Brasil ela interrompera o terceiro ano do curso¹¹⁶.

O conteúdo de *A Mulher*, conforme pudemos apreender da leitura do primeiro ao sexto exemplar, com exceção do quinto, disponíveis no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹¹⁷, compreendia breve notícia sobre atividades de mulheres, normalmente americanas, biografia de perfis femininos de destaque na época, tendências sobre moda, partituras para piano, produção literária (poesia) de autoria feminina - mas também masculina, como Longfellow e Gonçalves Dias – além de propagandas sobre últimas tendências americanas em máquinas de costura e produtos de beleza. Também encontramos notícias sobre

¹¹² O "Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879" permitia a inscrição de estudantes do sexo feminino nos cursos de farmácia, obstetrícia e de cirurgião dentista, então disponíveis. A lei ainda determinava que para as estudantes mulheres: "haverá nas aulas lugares separados". In: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>>

¹¹³ Em biografia de Josefa de Oliveira publicada em *O mercantil* em decorrência de sua morte, Sylvio Guanabara afirma que a jovem não chegou a concluir o curso de medicina devido à problemas de saúde. Cf.: Guanabara, Sylvio. Mercedes de Oliveira. *O Mercantil* (Petrópolis) ano. xxix, n. 34 p. 3. Col. 1-3. 4ª-feira, 13-mai-1885. Contudo, o *Dicionário de Mulheres do Brasil* (2001) afirma que a pernambucana se graduou nos Estados Unidos.

¹¹⁴ Schumacher, Schuma; Brazil, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. pp. 296-99; 366-68.

¹¹⁵ *A Mulher: Periódico Illustrado de Sciencias, Litteratura e Bella-Artes*. Ano I, Vol. 4. Abril, 1881. p.30

¹¹⁶ Josefa teria interrompido seus estudos para "procurar alívio a sofrimentos que a têm acabrunhado durante o tempo que tem estado nos Estados Unidos". Cf: Jornal do Recife 05-jan-1883, p. 1, col. 6. I.

¹¹⁷ Cf: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=732907&PagFis=0>

eventos e personalidades relativos ao Brasil nos Estados Unidos. Em síntese, apesar da intenção do jornal em trazer informações que elevassem intelectualmente as mulheres, seu conteúdo era superficial e não trazia assuntos científicos, por exemplo, na área da saúde, como se poderia esperar de duas estudantes de medicina, mesmo que a missão do jornal não fosse tratar de ciências médicas propriamente.

Diante disso, no quarto número de *A Mulher*, de abril de 1881, as redatoras desculpam-se pelas deficiências do periódico e, ao que parece, defendem-se da crítica de que o mesmo era inútil. Elas prometem falar mais de medicina nos números posteriores e argumentam que os críticos eram impiedosos por não considerarem a boa intenção e as dificuldades em levar tal projeto a cabo, visto que elas empregavam no periódico o pouco tempo livre que possuíam. Josefa e Maria Augusta ainda descreviam a si mesmas como:

(...) duas brasileiras que, abandonando a pátria, que separando-nos do seio das caras famílias, fizemos o grande sacrifício de vir estudar medicina, no intuito de ser úteis ao nosso país, e de servir à humanidade aflita. Cremos ser dignas de proteção assim como a nossa empresa, não pela revelação de superiores inteligências, mas pelo bom desejo que temos de ser úteis à pátria e aos nossos. (*A mulher*, n. 4, abr., 1881, pág. 26)

Sousândrade manifestou-se sobre as críticas feitas às estudantes em carta de apoio que lhes enviou com data de 12 de janeiro de 1881. Na missiva, ainda não explorada pelos estudiosos acadêmicos do poeta, ele parabeniza as editoras pela fundação do jornal nos Estados Unidos, a República de onde, segundo ele, os exemplos para o Brasil do futuro deveriam partir. Sousândrade ironiza os críticos que diziam ser o jornal mal escrito (sem os contestar, todavia) e lembra que o mesmo fora dito sobre *O Novo Mundo*, embora as ideias e não a forma da publicação fossem o mais importante. Além disso, Sousândrade enfatiza que a civilização só chegaria ao Brasil por meio da ciência e que as mulheres instruídas é que preparariam os cidadãos, seus filhos, para essa nova era. Vejamos um trecho:

(...) à sociedade moderna não é bastante o perfeito coração maternal, e só a mulher científica será a mulher emancipada; **somente as sciencias lhe poderão preservar esse coração glorioso n'aquella esphera de belleza moral**, especie de calma divina, a qual crea-lhe a felicidade forte da consciencia e é a bemaventurança da família (SOUSÂNDRADE, *Correspondencia dos Estados Unidos*, 1881).

Interessa-nos observar como que, na carta, Sousândrade manifesta explicitamente que a educação feminina deveria ser um meio de “elevação da mulher pelas virtudes e pelas sciencias”, pois na sociedade moderna não bastava que a mulher tivesse “o perfeito coração maternal”, era necessário que a mãe de família se “emancipasse” por meio dos estudos. Entretanto, a emancipação a qual ele se referia não significava a independência da mulher, mas sim saberes que ela deveria dominar para o bem-estar de sua família. Sousândrade conclui a carta declarando-se admirador das estudantes pela fundação do periódico e informa que sua filha Maria Bárbara já era assinante.

É mister notar que Sousândrade dialoga com uma visão da época sobre a mulher como a responsável pela moral da família, precisamente com o culto do “womanhood” (feminilidade) vigente nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX. Como nos explica Stacy A. Cordery, em *Women in Industrializing America*, a mulher:

(...) was assumed – and assumed herself to be – morally superior to her husband and closer to God. (...) She was the model wife and mother, and her highest calling was to bear and raise children. Onto her shoulders devolved the responsibility for hearing not only polite and well-mannered children but also children well-schooled in the precepts of Christianity. (CORDERY, 2007, p.120)

Portanto, a mulher era considerada moralmente superior ao seu marido e, por isso, a responsável por manter o equilíbrio da família, além da boa educação dos filhos

com base nos princípios cristãos. Desse modo, o estudo deveria servir para dotar as mães de família com sabedoria que seria útil ao lar.

Além da possibilidade de receber educação formal, as americanas também tinham a oportunidade de trabalhar fora de casa, pois o mercado de trabalho para as mulheres aumentou sensivelmente durante a Guerra de Secessão, visto que a maioria dos homens jovens estava prestando serviço militar. Além disso, os anos que se seguiram ao final da Guerra de Secessão (1861-65) foram marcados pela expansão econômica, industrialização e consequentemente pelo aumento na oferta de empregos também para elas. As atividades reservadas às trabalhadoras do sexo feminino, contudo, podiam variar conforme seu nível social. No caso das americanas brancas de classe média o papel de dona de casa guardiã e submissa à família não se anulava, pois suas atividades fora do âmbito doméstico geralmente estavam ligadas ao trabalho filantrópico, o que era equivalente a cuidar da própria família, conforme Cordery: “Nursing the spiritual and physical health of her immediate family had its analogy in serving the needs of strangers” (CORDERY, 2007, p.121).

Essas mulheres também podiam exercer atividades burocráticas, como contadoras, digitadoras, estenógrafas e copistas, ou seja, serviços que exigiam pouco esforço físico (CORDERY, 2007, p.133). De outra forma, mulheres provenientes de extratos sociais inferiores atuavam, normalmente, como trabalhadoras assalariadas nas fábricas. Essas eram geralmente jovens imigrantes ou filhas de imigrantes recentes, solteiras e habitantes de zonas urbanas e que precisavam ajudar na renda familiar. Embora a transformação do cenário econômico dos Estados Unidos incluísse cada vez mais a força de trabalho feminina, nem sempre a mudança nas atribuições às mulheres era vista com simpatia. Observadores estrangeiros, embora admirassem a independência da mulher americana, não deixaram de expressar receio sobre as possíveis consequências do espaço que elas iam conquistando fora de casa (MILLER, 2012), como foi o de Sousândrade e Jose Martí.

De acordo com Julio Ramos (2008), Martí entendeu que a instituição familiar estava em crise na sociedade estadunidense da segunda metade século XIX e via nisso o “esgotamento de todo um sistema de vida, de entender e representar o

mundo; mentalidade que seguia operando sobre a sua visão da cidade capitalista, ao longo de seus anos nova-iorquinos” (Ramos, 2008, p. 211-12). A crise da família é entendida por Martí como consequência do lugar que a mulher vinha ganhando na sociedade industrial e da masculinização do feminino que o trabalho acarretava¹¹⁸. Vejamos o trecho abaixo citado por Ramos, extraído de *Coney Island*:

Devemos perguntar às mulheres qual é o fim natural de sua sede inextinguível de prazer e distração. Devemos perguntar se (...) depois podem levar a seus lares essas sólidas virtudes, esses doces sentimentos, a bondosa resignação, aquele evangélico poder de consolo que mantém a esperança numa casa arrasada pela desventura, inspirando em seus filhos o desprezo pelos prazeres materiais e o amor pelas satisfações internas que tornam os homens felizes e fortes (...). (Martí, [1991, vol.19, p.124] *apud* Ramos, 2008, p. 212)

Como se vê, a mulher que não se dedicava exclusivamente à família era mal vista por Martí, que entendeu o trabalho feminino como mero desejo por “prazer” e “distração”, o que estragava-lhes as virtudes. Por outro lado, Martí dizia compreender que as mulheres possuíam a mesma capacidade que os homens para desempenhar qualquer ofício, mas, para o cubano, nenhuma dessas mulheres era tão encantadora quanto aquela que ao invés de procurar trabalhar como homem, tratava de cuidar do seu homem¹¹⁹.

De acordo com o exposto, a crise da família decorrente da mudança do papel social da mulher, que então almeja estudar e trabalhar fora de casa, também

¹¹⁸ Walter Benjamin também registrou análise semelhante em relação ao papel que a mulher ganhava fora de casa e a masculinização dos seus traços pelo trabalho na Europa da primeira metade do século XIX. Para ele: “o século XIX começou a empregar a mulher, sem reservas, no processo produtivo, fora do âmbito doméstico. Fazia-o preponderantemente do modo primitivo: colocava-a em fábricas. Assim, com o correr do tempo, traços masculinos surgiam, pois o trabalho febril os implicava, sobretudo os visivelmente enfeiantes. Formas superiores de produção, inclusive na luta política como tal, podiam também favorecer traços masculinos, mais de uma forma mais nobre”. BENJAMIN, Walter, **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo** - Obras Escolhidas - Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.p. 91.

¹¹⁹ Martí, referindo-se à France Folsom, esposa do Presidente americano Stephen Grover Cleveland, escreve: “Pero ninguna de estas damas despierta el cariño mostrado en todas partes a la joven esposa del Presidente, que a la faena ingrata de trabajar como el hombre, prefiere la más útil y difícil de consolarlo”. (MARTÍ, 1991[1887, Vol.11], p. 135).

implicava a crise da sociedade, pois já não se teria mais assegurada a formação de homens íntegros, educados com moralidade conforme os preceitos cristãos. É interessante o contraponto que Martí estabelece entre os prazeres materiais e as satisfações internas do ser humano, pois o desejo por um desses dois polos dependeria dos valores aprendidos com a mãe ainda no lar. Como vimos no capítulo anterior, em *Desfocando o Inferno de Wall Street*, Sousândrade também relacionava problemas sociais como a fraude e o latrocínio não apenas à conjuntura do sistema econômico da época, mas à falta de bons exemplos e amor da família responsável pela formação “do coração moral do homem” (canto décimo, p. 195).

3.1.1 O imaginário da nova-iorquina fútil

A exemplo de Sousândrade e Martí, a liberdade da mulher nos Estados Unidos impressionava os observadores estrangeiros, mas também os intrigava. Nicola Miller analisa, no ensaio *Liberty, Lipstick, and Lobster*, que desse estranhamento geralmente decorriam duas interpretações da mulher estadunidense, são elas: a mulher benevolente (*philanthropic woman*) e mulher superficial (*cosmetic woman*). A primeira é idealista, geralmente descendente de puritanos, imune às paixões mundanas e propensa a ajudar o próximo, ao passo que a segunda é materialista, busca a satisfação própria e bens de consumo (MILLER, 2012). Esse último tipo de mulher é jovem, fútil, volúvel e associada ao *flirtation*, prática considerada corrente entre as jovens. O *flirtation*, ou flerte, contudo, seria desprovido de intenção sexual e apenas expressaria uma prática cultural que confundia os estrangeiros, como alertava o diplomata espanhol J. Bustamante y Campuzano após viagem aos Estados Unidos. Citando Miller:

One Spanish diplomat found the flirtatiousness of US women a potential minefield for any recently arrived European male. **Flirtation was a “national pastime”** he observed – “an

American woman who does not flirt is not an American" – but also a "sweet illusion" for the European man who found himself the recipient of "a beautiful New York girl's smile". Although such a smile would be "very significant in other countries", in the United States such flirtation "never last more than one week" and were simply a local custom, not to be taken to heart (MILLER, 2011, p. 93, grifo nosso).

Em Sousândrade encontramos imagens desses dois tipos de mulheres que trata Miller. A mulher fútil, leviana e dada ao flerte, por exemplo, aparece n'*O Guesa* mas também em *Liras Perdidas*, no poema intitulado *Flirtations*¹²⁰. Neste, por exemplo, três moças em idade escolar flertam com um homem, ao que tudo indica, mais velho que elas:

FLIRTATIONS

Ninguém ande à encruzilhada
Por noites de São João –
Vejam a mal-assombrada,
Meninas! "Oh, a visão!..."

– Cora, qual é tua sorte?
"Na Quinta Avenida, à corte,
Casarei."
– Sempre never cada Fanny?
"Morrerei."
– E tu, Augusta, rubores?
Vão ver, que sorte de amores...
"Eu sonhei."

Pior do que encruzilhadas
De visões; portas e escadas
Destes céus de Manhattán
Com que aí stão-se aninhando
Alvoradas? matinando
Toda a noite até manhã?
"Fogo! fogo! é rato! é gato!"
– Matinada de Babel!

¹²⁰ *Flirtations* foi originalmente publicado no jornal O Globo em 15 set. 1889 como *Liras Perdidas*, II. O mesmo foi renomeado e reunido na obra *Liras Perdidas*, publicada postumamente (1970) e compilada na obra *Poesia e Prosa Reunidas* (2003, p.471), por Jomar Moraes e Frederick Williams. O mesmo também pode ser consultado on-line no endereço: < <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/0006-02976.html#47>>. Acesso: 02mar15.

Meninas, mudem de quarto,
Há mais quem durma no hotel!

São as três; doirada tarde,
Vêm da escola e em risos ledos,
O olhar longínquo de que arde,
Atiram beijos co'os dedos.

Ora, estudando as lições:
"Diga, diga, as professoras
Deram tese – Os dois vulcões
Maiores – Belas senhoras,
Há crescenças... sobre os Andes
Que são da terra as mais grandes...
Rindo Fanny, Cora alada
E ar Augusta de graduada –
"Andes são serras: vulcões,
Sir! os maiores do mundo!?"
– Oh! que estão no céu profundo
Chamas lançando em festões?
"Yes! Yes!"
– Que rugem? `strugem
Com lavas bravas?!
"Yes! Yes!"
– São, my girl, dois corações...
"Oh! oh! oh!"

(Manhattanville)

Na primeira estrofe aconselha-se que as meninas não andem por encruzilhadas em "noites de São João" devido "a visão" de assombrações, o que sugere uma atmosfera mística ligada à forças ocultas. Corta-se então a cena e na segunda estrofe o encontro das garotas com "a visão" é confirmado, mesmo sob advertência do eu-lírico. Essa "visão" revela-lhes a sorte e Cora sabe que se casará na Quinta Avenida, ao passo que Fanny parece fadada a solteirice e Augusta sonha com "amores". Não podemos deixar de notar a menção a São João e sua ligação com os festejos juninos brasileiros, quando também Santo Antonio, popularmente conhecido como o "santo casamenteiro", é celebrado. Assim, no poema, "a visão" liga-se também ao folclore de adivinhações sobre o futuro matrimonial de moças núbeis. Nas estrofes consecutivas, exalta-se o tom pueril na descrição das três garotas e é notório o flerte das jovens com o eu-lírico, sobretudo, quando este, ao longe, as observa no caminho de volta da escola. Cora, Fanny e Augusta com júbilo

e olhar ardente para aquele que as mira, imagem que insinua o desejo físico, arrematam a cena lançando-lhe beijos com os dedos.

É válido mencionar que a insinuação amorosa entre um homem mais velho e moças mais jovens também está presente no poema *Leila*¹²¹, o qual descreve eroticamente uma garota de apenas treze anos. Embora essa temática hoje possa nos parecer polêmica, por remeter a pedofilia, no século XIX ela não seria estranha pois era comum moças muito jovens serem consideradas já prontas para o casamento, conforme bem observa Marcus Vinícius de Freitas sobre a publicação de *Leila* no Periódico *Aurora Brasileira*, encabeçado pelos estudantes brasileiros na Universidade de Cornell¹²².

Ainda sobre a fala de Cora em *Flirtations*, é curioso observar a semelhança com a *Young-Lady* do canto décimo d'O Guesa:

(O GUESA escrevendo *personals* no HERALD e consultando
as SYBILLAS de NEW -YORK :)

— *Young-Lady* da Quinta Avenida,
Celestialmente a flirtar
Na igreja da Graça . . .
— Tal caça
Só mata-te *almighty dollár*.

(canto décimo, p. 237)

Na estrofe supracitada, o Guesa escreve para a coluna *Personals* do Herald, jornal nova-iorquino da época, e consulta videntes na cidade em busca de uma jovem senhora residente da Quinta Avenida - endereço nobre em Nova York já naquela época - que teria flertado com ele na Igreja da Graça. Vale lembrar que a menção à Quinta avenida também aparece em *Flirtation* quando Cora diz que, mediante a cortejos ou galanteios (*flirtation*), ali se casará.

¹²¹ Sousândrade publicou quatro poemas intitulados *Leila*. Dois deles aparecem na obra *Liras Perdidas*, publicada postumamente em 1970, mas que apesar do título em comum são distintos. Já as outras duas publicações de *Leila* se deram em *Impressos, Vol. I* (1868) e *Obras Poéticas* (1864) sendo o segundo uma versão ligeiramente modificada do primeiro.

¹²² Cf: FREITAS, 2011, pp. 99-100

As vozes presentes na estrofe acima sugerem dois pontos de vista distintos sobre essa *Young-Lady*. A primeira parece enfeitada por seu gesto e qualifica o flerte como celestial, isto é, em consonância com o recinto religioso. No entanto, a segunda voz, talvez a resposta a publicação no *Personals*, ou uma profecia da sibila consultada, satiriza a busca do Guesa pela moça afirmando que a mesma só se renderia ou seria abatida nesta “caça” amorosa pelo *almighty dollár* ou dinheiro todo poderoso, expressão (cunhada por Washington Irving na crônica *Creole Village*, de 1837, na qual o dólar todo-poderoso é descrito como objeto de devoção generalizado em todo o país¹²³) geralmente utilizada para satirizar a obsessão por bens materiais e enriquecimento. Portanto, a jovem nova-iorquina de boa estirpe flertaria indiscriminadamente, mas só se interessaria por homens ricos e, por isso, não estaria interessada no Guesa. Apesar do que nos explica Miller sobre o cunho dessexualizado do *flirt*, de acordo com os relatos de estrangeiros analisados pela pesquisadora, Frederick G. Williams¹²⁴ ao comentar essa mesma estrofe sousandradina sugere que a *young-lady* fosse uma prostituta e que Sousândrade iria em busca de aventuras amorosas na Igreja da Graça, análise com a qual não concordamos.

O Guesa também frustra-se com o comportamento da nova-iorquina fútil (*cosmetic woman*) em outra passagem do poema, no Canto Epílogo d’*O Guesa*:

È Lala livre ; electrica scintilla
 ‘ Perigosa ’ e gentil : ora, bucolica
 A’s sombras ; d’entre satyros sbrazila
 A fazer desespêro ; ora, diabolica,

 Fúlguro o olhar e o cincto, de repente
 Desapparece por de tras das trevas —
 E alta noite ainda escutam-se das selvas
 Cantos de amor. Co’o dia, ao descontente

¹²³ Cf: HENDRICKSON, Robert. **The Facts on File Dictionary of American Regionalism**. New York: Facts On File, 2000. p. 595; FOLSOM, George; Shea, John Gilmary, Stiles, Henry Reed at alli. The Historical Magazine. Vol. X, Second Series. numb. 1. July, 1871. p. 139. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=skGeGikQMwIC&dq=Creole%20Village%20de%20Washington%20Irving%20\(1837\)%2C%20almighty%20dollar&pg=PA1#v=onepage&q=Creole%20Village%20de%20Washington%20Irving%20\(1837\),%20almighty%20dollar&f=false](https://books.google.com.br/books?id=skGeGikQMwIC&dq=Creole%20Village%20de%20Washington%20Irving%20(1837)%2C%20almighty%20dollar&pg=PA1#v=onepage&q=Creole%20Village%20de%20Washington%20Irving%20(1837),%20almighty%20dollar&f=false)> Acesso em 21. maio.15

¹²⁴ Cf: WILLIAMS, Frederick G. Sousândrade em Nova Iorque: Visão da Mulher Americana. **Hispania**, Vol. 74, Nº. 3. Sep., 1991, p. 554.

Estende a linda mão, quer um presente
 De quem lhe è ' gloria e guarda, ' e amores seja
 ' Na mesma hora — se não, Clary a deseja,
 Fred a requesta ' ...
 "Oh, sólta a viridente

Aza da borboleta ! ”
 Estava o ' Guesa '
 Qual ao rebaixamento de desgosto
 De um que, em terreno a crer-se de pureza,
 Subito afunda no infernal esgôto.

(Canto Epílogo, p. 345-346)

O comportamento inconstante de Lala encanta o Guesa, mas ela quer dele mais que afeto e segurança, Lala quer “presentes”, mimos materiais que pressupõe considerável condição financeira do seu parceiro. O Guesa, na impossibilidade de atender o pedido da mulher desejada, a perde, pois cobiçada que é (“Clary a deseja, Fred a requesta”), Lala abandona o Guesa com a rapidez do bater de asas de uma borboleta. Por essa razão, a pureza da *Young-Lady*, ou Lala, de maneira semelhante à estrofe do Canto Epílogo supracitada, é questionada pelo Guesa que vê-se em terreno de podridão, ou “infernal esgôto”, como ele define seu sentimento sobre o que considera desvirtude feminina.

Jose Martí em suas crônicas sobre os Estados Unidos também registrou semelhante impressão em relação à jovem americana. Para Martí elas possuíam “prácticas nociones de la vida” e por isso agiam menos com paixão que com razão. As jovens americanas estariam interessadas apenas em bens materiais, assim como a personagem Lala, pois “las mujeres americanas parecen sólo tener un pensamiento fijo cuando conocen a un hombre: “¿Cuánto tiene ese hombre? (MARTÍ, 1991 [1880, vol. 19], p.117) ”. Em outra crônica publicada seis anos mais tarde, em 1886, Martí repete esta ideia quando escreve que: “la desvergonzada y odiosa avaricia de la neoyorquina moderna, que cuando se la toca, como esos maniqués de ladrones llenos de campanillas, suena toda a moneda (Martí, 1991 [1886, vol.10], p. 429)”.

Martí e Sousândrade nas passagens citadas referem-se a nova-iorquina moderna, ou seja, à mulher jovem. Para o cronista cubano, as mulheres mais velhas, especificamente as da Nova Inglaterra, ainda carregavam a moral e valores de seus antigos antepassados, imigrantes puritanos. Martí associava essas mulheres à majestosas estátuas gregas, em oposição as jovens bonecas ordinárias que circulavam por Nova York, conforme as duas visões dicotômicas da figura feminina que nos fala Nicola Miller.

3.1.2 O imaginário da nova-iorquina benevolente

A mulher virtuosa endeusada por Martí identifica-se com a *philanthropic woman*, na definição de Miller. Em *O Guesa* também encontramos imagens dessa que é o contraponto da “prática” Lala, como podemos conferir na seguinte passagem:

Ide às escholas, Damas da grandeza,
Superintendei, sêde as conductoras
Voluntarias dos filhos da pobreza,
Enquanto as mães trabalham ! defensoras

Sêde vós da Republica ! dos pobres
Fazei, dos filhos seus, amigos vossos :
E vereis quaes prazeres são mais nobres,
Se os do bem, se os da ostentação vaidosos.

(canto décimo, p. 263, grifo nosso)

A “dama da grandeza”, mencionada no poema, ajusta-se ao perfil da mulher benevolente, pois ela está em condição de ajudar os “filhos da pobreza”. Essa mulher, normalmente branca, de origem puritana de classe média ou rica, é aquela que pôde estudar e dedicar-se a alguma obra de caridade, pois não precisaria submeter-se ao trabalho duro e de longa jornada nas fábricas, como era

o caso das mulheres proletárias, normalmente imigrantes, como já foi dito. De acordo com a passagem, fazer o bem e dedicar-se ao próximo trataria mais prazer às mulheres que a exibição vaidosa do luxo. Os dois últimos versos opõem os dois tipos de mulheres que temos tratado, as “damas da grandeza” e as damas vaidosas.

Em outra passagem do canto décimo, encontramos na didascália da décima oitava estrofe menção a mulher que zela pela recuperação dos princípios cristão do seu marido, um viciado em whiskey e morfina:

(Fiéis esposas encomendando preces por seus
maridos que só teem gôsto pelo wiskey e a morphina ;
MOODY :)

— Ai ! todo o Hippodromo os lamente !
Resai, Mister Moody, p'r'os reus . . .
== Temp'rança, cães-gosos
Leprosos !
Sois que nem conversos Judeus !

(canto décimo, p. 234)

De acordo com Miller, a imagem da mulher benevolente serviu para sustentar o argumento de que as convicções morais eram o que distinguiam o sexo feminino. Assim, considerando que nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX as mulheres já possuíam o direito de estudar e trabalhar fora de casa, conceder-lhes direitos políticos, como por exemplo o sufrágio, era visto como algo sem relevância. Contrariando esse *status quo*, em 1872, Victoria Woodhull foi a primeira mulher a lançar candidatura para a presidência dos Estados Unidos, mas, como se pode imaginar, sua iniciativa não foi apenas mal recebida, mas também duramente criticada. Woodhull e sua irmã Tennessee Claflin, além de defensoras do sufrágio feminino, estiveram à frente do movimento *Free Love*, igualmente atacado pela sociedade da época e cuja repercussão encontramos também em *O Guesa*, como veremos na sequência.

3.2 As mulheres e o movimento *Free Love* nos Estados Unidos

O Movimento *Free Love* remonta ao período do *ante-bellum* americano e criticava a instituição do casamento por convenção social e sem amor. A condição da mulher casada era o principal foco de discussão por parte dos defensores do movimento, que se opunham à anulação desta enquanto indivíduo em prol do marido e dos filhos, frutos de relações sexuais não raro forçadas pelo homem. Acreditava-se mesmo que os filhos concebidos sem amor nasceriam doentes ou seriam adultos com propensão a desvios de caráter. No entanto, o *Free Love* não se definia como um movimento de viés feminista.

Victoria Claflin Woodhull foi a mais polêmica entusiasta feminina do *Free Love*. Woodhull fora casada com um alcoólatra com quem teve dois filhos, um deles com problemas mentais, razão pela qual ela fazia da sua própria experiência argumento na defesa de que as mulheres possuíam desejos sexuais - contrariando os discursos religiosos da época que privilegiavam a alma em detrimento dos prazeres do corpo -, que deveriam ser satisfeitos numa relação com amor, pois o *bad sex* seria a origem de muitas enfermidades.

Woodhull era adepta do espiritismo e também acreditava na troca de energias durante a relação sexual, as quais fluiriam para manter a harmonia entre o corpo e a alma. De outro modo, o sexo sem amor e prazer seriam as causas do padecimento do corpo. Ela ainda defendia que mulheres que se submetiam a um casamento por convenção eram equiparáveis às prostitutas, com a diferença que estas últimas ainda podiam escolher quando ter relações sexuais. De acordo com os preceitos do *Free Love*, a estabilidade financeira trazida pelo casamento que as mulheres oitocentistas almejavam deveria ser substituída pela a independência dessas mulheres. Argumentava-se que as mesmas deveriam estudar e trabalhar para o seu próprio sustento e optar pelo casamento apenas quando houvesse amor. Portanto, o *Free Love* advogava o amor livre das convenções sociais e não necessariamente uma oposição à monogamia, embora também a questionasse.

O sentido do termo *Free Love* n'O *Guesa* parece ter sido ignorado pelos mais respeitados críticos sousandradinos, como Luiza Lobo e os irmãos Campos.

Esses últimos, no glossário elaborado para o *Inferno de Wall Street*, contido no livro *Re Visão de Sousândrade*, informam simplesmente “ (...) free-love (ing): amor-livre; Sousândrade aplica, usualmente, a expressão para designar a mulher adepta do amor livre ...” (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 414). Como se nota, o verbete não explica o que foi o movimento *Free Love* nos Estados Unidos oitocentista, além de dar margem à ambiguidade do termo “amor livre”.

Luiza Lobo, por sua vez, em *Épica e Modernidade em Sousândrade* escreve que o maranhense “deve ter sido um pioneiro no uso de um termo que define o amor livre de então, “freelove”, e que ainda hoje é atual” (LOBO, 2005, p. 159). Ou ainda, na primeira edição atualizada de *O Guesa*, lançada em 2012, lemos: “No Canto Décimo, volta a condenar o comportamento feminino, desta vez das ‘freeloves’, as namoradas norte-americanas, que desdenha com moralismo (...)” (LOBO, 2012, p. 17). Nessa mesma edição, nas notas adicionadas ao canto décimo, a autora define “freeloves” como “mulheres de costumes livres de Nova York, que decepcionam *O Guesa*” (LOBO, 2012, p. 529). Lobo também demonstra desconhecimento em relação aos preceitos e reivindicações do movimento contestatório do casamento como contrato social que foi o *Free Love*, sobretudo quando atribuí de modo improcedente a Sousândrade o pioneirismo no uso do termo em inglês.

Frederick G. Williams, que defendeu tese de doutorado sobre a vida e obra de Sousândrade, comenta as menções ao *Free Love* no artigo *Sousândrade em Nova Iorque: Visão da Mulher Americana*, publicado em 1991. Mesmo que tardiamente, Williams foi o primeiro a contextualizar historicamente o movimento e relacioná-lo a Victoria Woodhull e sua irmã Tennessee Claflin. Contudo, os comentários de Williams são enviesados, pois, sem citar nenhuma fonte, ele associa o *Free Love* somente às mulheres inclinadas à devassidão e à prostituição, o que caracterizaria as menções ao *Free Love* no poema como sinônimo de infidelidade feminina. Apesar disso, o pesquisador americano acerta quando diz que as seis citações ao *Free Love* no *Inferno de Wall Street* contêm sentido negativo “embora tenha o aspecto bizarro e jocoso” (WILLIAMS, 1991, p. 552).

FIGURA 10 - "Get thee behind me, (Mrs.) Satan!"

Wife (with heavy burden). "I'd rather travel the hardest path of matrimony than follow your footsteps."

A figura acima¹²⁵, publicada no jornal *Harper's weekly* em fevereiro de 1872, faz crítica ao *Free Love*. Na imagem, em primeiro plano, vemos Victoria Woodhull travestida de demônio segurando um cartaz no qual se lê "Seja salva pelo Free Love". A mulher que aparece no segundo plano afasta-se de Woodhull carregando nas costas o marido bêbado, que segura uma garrafa de rum, além de dois filhos pequenos também pendurados a ela. Na legenda da parte inferior da imagem lê-se a resposta dessa esposa resignada à Woodhull: "Eu prefiro percorrer o caminho mais difícil do matrimônio do que seguir os seus passos". Assim, a partir dos elementos contidos na imagem, é possível compreender qual o papel que se esperava da mulher na sociedade da época e como que as ideias propagadas por meio da figura de Woodhull foram negativamente recebidas.

¹²⁵ In: *Harper's weekly*, v. 16, no. 790, 1872 Feb. 17, p. 140. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA <http://hdl.loc.gov/loc.pnp/pp.print>

Em *A Masculine View of Women's Freedom: Free Love in the Nineteenth Century*, a autenticidade das posições sustentadas por Woodhull são, entretanto, colocadas em dúvida, pois essas seriam, na realidade, manipuladas por seu segundo marido, Colonel Blood¹²⁶. De acordo com o artigo, a maioria daqueles que advogavam e organizam o *Free Love* eram homens, haja vista que os preceitos do movimento seriam mais convenientes a eles. Haveria pelo menos duas razões para tanto, primeiro por que naquela época, dada a má aceitação do divórcio pela sociedade, desfazer-se de um casamento era mais penoso para as mulheres¹²⁷; segundo por que o *Free Love* promovia um discurso individualista que para a maioria das mulheres, criadas para servirem ao outro, era difícil de ser acolhido (SPURLOCK, 1994, p. 39). Talvez isso explique o motivo pelo qual, mais tarde, Woodhull viria a renegar toda a sua atuação contra o matrimônio à frente do *Free Love*, ao casar-se pela terceira vez, quando também se converteu ao catolicismo e foi viver na Inglaterra.

Embora os estudiosos apontem que o número de homens responsáveis pela organização e elaboração de ideias do *Free Love* fosse maior que o de mulheres, o movimento era popularmente associado às mulheres tidas como exibicionistas (*flamboyant women*, SPURLOCK, 1994, p. 37.) e Victoria Woodhull indubitavelmente encaixava-se nessa categoria. Como militante do *Free Love* ela defendia o sufrágio feminino e os direitos de participação política às mulheres, por isso, lançou-se como candidata à presidência dos Estados Unidos em 1872, pelo *Equal Rights Party*. O líder negro Frederick Douglass - abolicionista, orador, escritor e feminista - foi indicado pelo partido como vice-candidato de Woodhull, mesmo sem o consentimento dele. No entanto, Victoria foi presa na véspera das eleições pela publicação da denúncia de adultério envolvendo o Reverendo Beecher no jornal semanal do qual ela era responsável, o *Woodhull & Claflin's Weekly*, sob a alegação de propagadora de conteúdo obsceno. A lei que permitiu a prisão temporária de Woodhull enquadrava como crime o envio por correio de material com conteúdo sexual.

¹²⁶ Apparently much of Victoria Woodhull's career as a reform activist was managed by Col. Blood and Stephen Pearl Andrews. It is difficult to tell how much Woodhull contributed to the ideas she expressed. It is clear, however, that in the end she rejected free love (SPURLOCK, 1994, p. 37).

¹²⁷ Women faced informal social sanctions as well as legal difficulties if they ended even bad marriages (SPURLOCK, 1994, p. 39).

Conforme os estudiosos das ideias de Woodhull, o interesse dela ao fazer a denúncia não era desmoralizar o reverendo da igreja de Plymouth, mas sim trazê-lo para o lado da causa *Free Love*, uma que vez que ao envolver-se como uma senhora casada ele estava praticando o que pregava o Movimento, a saber: o sexo por amor longe das amarras das convenções do matrimônio. Vale lembrar que o caso *Tilton/Beecher* teve grande repercussão na época, tanto que Sousândrade faz menção a ele diversas vezes no *Guesa*. No *Inferno de Wall Street*, encontramos referências à candidatura de Woodhull e ao direito de voto às mulheres, em diferentes momentos do poema:

(*Thanksgiving* ao progresso, CORONEL MISS CLAFFIN :)

— Eleita do meu regimento,
Eleição direitos perfaz :
 Nos céus bem convexos
 Os sexos
Se não guerram . . . lá reina a paz.

(canto décimo, p. 237)

(Candidata á presidencia americana e rainhas europeas
luctando contra a dureza dos positivos tempos :)

— Subir, é melhor para a gloria ;
Descer, para a respiração . . .
 — A Bíblia escachaça
 Em fumaça,
Se é cabeça e não coração ! (idem)

(EMERSON philosophando :)

— Descer . . . é tendencia de principe ;
Subir . . . tendencia é do vulgar :
 Faz um stagnação ;
 Da nação
O estagno, o outro faz tempestar. (canto décimo, p. 238)

na didáscalia sugere um diálogo entre elas, muito embora chame atenção na passagem a ausência do travessão duplo usado geralmente por Sousândrade para marcar a intervenção de uma segunda voz nas estrofes. Woodhull reflete sobre os perigos do seu anseio pela ascensão política, pois o movimento de subida ao poder, bom para glória, é também uma ameaça à respiração, ou à vida. As rainhas europeias, vivendo na era do embate positivista entre subjetividade e ciência, percebem a ruptura que ocorreria caso os preceitos religiosos fossem questionados à luz da razão. Talvez aqui haja um questionamento sobre a teoria do direito divino dos réis, que seriam representantes de Deus na terra, pois, como se sabe, Sousândrade era avesso ao sistema monárquico. Essa hipótese de leitura é reforçada pela terceira estrofe, na qual Emerson - muito provavelmente o ensaísta, poeta e filósofo transcendentalista Ralph Waldo Emerson, bastante conhecido na sociedade americana na segunda metade do XIX - fala sobre a queda da Monarquia e a ascensão da democracia republicana.

Na sequência, há referência à mediunidade de Victoria Woodhull que se encontra no mundo dos espíritos em contato com grandes personagens políticos. A questão levantada na passagem concerne aos direitos das mulheres, que é diminuída em sua importância pela associação com a política do *panem et circenses*, praticada no Império Romano para alienação do povo em relação aos problemas políticos correntes. Na última estrofe, o tema do sufrágio feminino reaparece e a ironia da passagem está na sugestão de que pouco importaria que os candidatos ao posto maior da república fossem as mulheres adeptas do *Free Love* ou seus maridos, porque o que todos almejavam era somente a glória do poder. O único cidadão que se desprenderia dessa ambição é o referido Emerson, admirado por Sousândrade¹²⁸.

Outras referências ao *Free Love* ocorrem nos seguintes excertos do *Inferno de Wall Street*:

(DUQUE ALEXIS recebendo *freeloves* missivas;
BRIGHAM :)

¹²⁸ Emerson é citado quatro vezes no Canto Décimo. A versão londrina, a última, inclui versos sobre sua morte: "Segue ao Poeta o Philosopho — estalaram/ Todas da america harpa as grandes chordas !/D'Emerson pensador a filha ás bordas/ Do tum'lo e os lirios de Platão acharam." p. 272.

— De quantas cabeças se fórma
Um grande rebanho mormão ?
== De ovelha bonita,
Levita,
Por vezes s'inverte a equação.

(Hymnos de SANKEY chegando pelo telephono a STEINWAY HALL :)

— *O Lord ! God ! Almighty Policeman !*
O mundo é ladrão, beerrão,
Burglar e o vil vandalo
Escandalo
Freelove ... e hi vem tudo ao sermão !
(canto décimo, p. 234)

(Astronomicas influencias, CANCRO e CAPRICORNIO :)

— São *freeloves* Ursas do Norte ;
 Ped'rasta o Cruzeiro do Sul ...
 == A *yanky* ! o *carioc* !
 Stock, stock,
 Minotauro e de Io o ôlho azul !
(canto décimo, p. 235)

(MACDONALD, SHWAB, DONAHUE ; *Freeloves* CALIFORNIAS
e *Pickpockets* pela universal revolução :)

— De asfalto o ar está carregado !
== Hurákan ! o raio ora cae !

— Canicula mez,
De uma vez,

Vasto Storm-god em Fourth-July !

(canto décimo, p. 237)

$$(\dots)$$

(*Freeloves* meditando nas *free-burglars* bellas artes :)

— Roma, começou pelo roubo ;
New York, rouba a nunca acabar,
O Rio, *anthropophago* ;
== *Ophiophago*
Newark . . . tudo pernas p’ra o ar . . .

(canto décimo, p. 243)

O movimento *Free Love* é associado à poligamia praticada pelos mórmons. Duque Alexis, quem recebe cartas de “freeloves”, parece estar interessado em compor seu harém, por isso pergunta a Brigham sobre quantas mulheres, chamadas de ovelhas, seriam necessárias para tanto e este responde que, dependendo do caso ou da inversão da equação, seriam as mulheres *freelovers* a formar o seu rebanho. Enquanto isso, na estrofe posterior, o pregador cristão Ira Sankey, evocando Deus e as autoridades, condena em seu sermão pecados como o roubo, o vício pelo álcool e o *Free Love*.

Na sequência ocorre um trocadilho entre a constelação da ursa maior e a figura das mulheres ianques como ursos da bolsa de valores (*freeloves* Ursas do Norte), lembrando que os *bears* são os especuladores que provocam baixa nas ações. A presença do pederasta carioc(a), parece sugerir alguma transação financeira entre ambos (*stock, stock*). Nos chama atenção a menção ao comportamento sexual do carioca no contexto em que as *freelovers* também são mencionadas. O tom aqui, mais uma vez, é de censura a ambos. Ainda em tom negativo, as duas últimas estrofes supracitadas associam o *freelove* com contravenções como o roubo, dada a referência aos *pickpockets*, batedores de carteira em inglês, e aos *free-burglars*, algo como ladrões à solta ou ladrões impunes, livres. Portanto, todas essas associações do *Free Love* com transgressões da lei, além das questões de conduta moral e sexual, talvez se justifiquem pelo fato de Victoria Woodhull e sua irmã Tennessee Claflin serem consideradas as primeiras mulheres a atuarem em *Wall Street* com a corretora *Woodhull, Claflin & Company*, que elas teriam aberto com a ajuda do magnata Cornelius Vanderbilt (HOROWITZ, 2000, p. 411)¹²⁹.

As referências ao *Free Love* n’*O Guesa* concentram-se no canto décimo, situado em Nova York, e são mormente negativas, consoantes com a visão geral da sociedade americana da época. Mas no canto segundo, no fragmento do

¹²⁹ O interesse de Cornelius Vanderbilt por Tennessee, irmã de Woodhull, e as sessões espiritualistas conduzidas por esta última, nas quais ele buscava contato com a mãe, teriam feito com que o milionário nutrisse certa estima pelas irmãs e, por conta disso, as teria ajudado a abrir a corretora em Wall Street. Cf: HOROWITZ, 2000, pp. 403-434.

Tatutrema, na versão derradeira¹³⁰ do poema, Sousândrade acrescenta ali também uma referência ao *Free Love*. Vejamos o trecho:

(*Moral educação práctica* :)

— A mulher é Jovita ;
O homem, Bennettetão :
Oh ! faz Hudson-*manbusiness*,
Freeloves ;
Amazonas, poltrão !

(canto segundo, p. 29)

Jovita Alves Feitosa (1849-1867) ficou conhecida pela sua coragem e patriotismo ao disfarçar-se de homem para alistar-se aos Voluntários da Pátria na guerra do Paraguai. Mesmo depois de descoberta sua identidade, ela foi aceita como sargento e embarcou junto ao batalhão em Teresina com destino ao Rio de Janeiro em agosto de 1865. A cearense Jovita, com apenas 18 anos na época, foi associada à Joana d'Arc e recebida na Corte como heroína¹³¹. A estrofe do canto segundo mencionada fala de uma educação moral prática e contrasta a moral da mulher a do homem tomando o exemplo de Jovita e *Bennettetão*, corruptela do sobrenome de James Gordon Bennett, diretor do jornal nova-iorquino *The New York Herald*¹³².

Jovita foi sinônimo de coragem, ao passo que o termo “tetão” aglutinado ao nome de Bennet remete ao aumentativo da palavra *teta*, cujo significado, além de *mama* ou *peito*, pode também referir-se a “homem mole¹³³”, ou covarde. Os três últimos versos, todavia, parecem inverter os valores da lição dos dois primeiros sobre moralidade. Iniciada pela interjeição de espanto ou admiração “Oh! ”, a

¹³⁰ O Tatutrema recebeu quatro versões: *Semanário Maranhense* (1867); *Impressos v. I* (1868); *Obras Poéticas – Guesa Errante* (1874); *O Guesa* (1887).

¹³¹ Cf.: GALVÃO, Walnice Nogueira. *A Donzela Guerreira*: Um Estudo de Gênero. São Paulo: Editora Senac, 1998. p. 104-112; FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Mulheres na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 33-37.

¹³² CAMPOS; CAMPOS, 2002, P. 402

¹³³Cf: Dicionário Antonio de Moraes Silva (1789). Disponível em:
< <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/2/teta> >

terceira estrofe menciona o rio Hudson, que banha a ilha de Manhattan, e sua ação de *fazer* ou produzir homens de negócio, os “manbusiness”, e “freeloves”, enquanto o rio Amazonas, no norte do Brasil, seria produtor de poltrão ou covarde. A passagem soa irônica, pois as rimas em A-B-C-C-B contradizem o exposto e reforçam a primeira lição dos versos iniciais, pois os atributos de *Bennettetão* (covarde *versus* coragem, de Jovita) são reforçados pela sonoridade da rima em B que liga “Bennettetão” a “poltrão”, ou seja, o produtor do “poltrão” não seria o Amazonas, como está posto, mas o Hudson. Desse modo, o ensinamento prático em questão afirma que “manbusiness” e “freeloves” são moralmente inferiores a Jovita, a donzela guerreira e patriota brasileira.

Por fim, de volta ao canto décimo, as *freelovers* são contrapostas ao protótipo da mulher virtuosa, ou da **nova-iorquina benevolente** como a temos chamado até aqui, exemplificado na figura de *Lady Hayes*, conforme veremos abaixo.

Acompanhai Lady Hayes, a fronteira
Mulher-intelligencia, amor, acção.

Pre-sente-se que o ides : sois os lares
Da sacra chamma patria — Oh, creio e te amo
Joven America ainda a delirares,
E mais de ti, portanto, é que reclamo :

De ti depende o mundo do futuro ;
Es o destino, a ti prende-se o homem,
Qual á magia a estar de um verbo puro,
Que desdenha do error, que á fôrça o tomem. . .

Em commum. . . não *commum*, que hi fórma a Davis
E a *freeloves* das liberdades-vicios
(*Corrupted free men are the worst of slaves*)

(canto décimo, p. 196)

Lady Hayes mencionada por Sousândrade como símbolo da “Mulher-intelligencia, amor, acção”; a mulher educada, que se dedica ao cuidado dos seus e que também é dotada de atitude, trata-se Lucy Ware Webb Hayes (1831-1889). A

esposa do Rutherford B. Hayes, 19º presidente dos Estados Unidos entre 1877 a 1881, ficou conhecida por ter sido a primeira dama a possuir formação em nível superior. Lucy Hayes, apesar das ocupações domésticas e cuidados com os oito filhos que tivera, também impressionou a sociedade da época pelo apoio a carreira política de seu marido, tendo inclusive assumido agenda de visitas independentes quando em viagens oficiais com o presidente. Uma das anedotas mais profícuas em torno da figura de lady Hayes foi a proibição de bebidas alcoólicas na Casa Branca, o que lhe atribuiu a alcunha de *Lemonade Lucy*, embora a proibição tenha partido do presidente, tendo a primeira dama apenas o apoiado. Por todos esses elementos, Lucy Hayes entrou para a história como símbolo de mãe exemplar, esposa dedicada, além de mulher culta. Sua posição de destaque na sociedade da época chamou atenção de movimentos pelo direito da mulher, que tentaram atraí-la para suas causas.

Contudo, a primeira dama sempre se eximiu do apoio público a qualquer movimento, fosse feminista, da temperança ou religioso. Em relação ao sufrágio feminino, por exemplo, Lucy Hayes corroborava a posição de seu esposo, quem defendia que as mulheres não possuíam educação suficiente para exercer o voto, além das atividades da maternidade serem incompatíveis com o exercício da cidadania. Assim, lady Hayes, contrariando as expectativas daqueles que a vislumbraram como modelo da "New Woman" americana, afirmava-se enquanto uma mulher tradicional, elogiada por todos os lados como modelo dona de casa, uma anfitriã encantadora, e esposa atenciosa. (SCHNEIDER; SCHNEIDER, 2010, p. 131). Lucy Hayes, na posição de primeira dama, recebe no poema o epíteto de lar da sagrada chama pátria, o modelo de mulher condizente com o ideal da sociedade republicana de Sousândrade.

Nas estrofes citadas, em tom de destino manifesto a supremacia política dos Estados Unidos é enfatizada nos versos "De ti depende o mundo do futuro/ Es o destino, a ti prende-se o homem/ Qual á magia a estar de um verbo puro". É com esse tom de devoção ao seu ideal sociopolítico que o bardo se vê na obrigação de condenar os erros daquele país. Ao final do excerto, salta aos olhos que o exemplo de "vícios" a ser combatido é resumido ao *Free Love*. De acordo com o poema, a intolerância com a fraqueza moral naquele contexto, ocorre por tratar-se da terra

da liberdade, do regime político onde não falta educação e religião, ou nas palavras do poeta: “Mas, d'onde vem o mal, quando a Republica/ Bem cumpre seu dever — a escola, o templo?”, quando o uso da conjunção adversativa “mas” indica a decepção do poeta frente à expectativa dessa união de fatores. E, por fim, lemos em inglês a conclusão condenatória da passagem que diz que homens livres corruptos são os piores escravos.

Portanto, ao desfocar o *Inferno de Wall Street* pretendemos mostrar que a bolsa de valores de Nova York e o sistema financeiro dos Estados Unidos não são centrais no poema. O tema dos valores da família e o papel da mulher na sociedade estadunidense, bem como as críticas ao compartimento feminino são, por exemplo, temas mais presentes no canto décimo. Esse zelo pelo ideal da mulher enquanto mãe de família talvez decorra da clássica associação da mulher com a alegoria da República, a espartana da liberdade, na Revolução Francesa, que remonta à Roma antiga¹³⁴.

Efetivamente, no canto décimo a república é referida como a “bella e pudica Mãe moral” (canto décimo, p.197) e pela variante “da família a mãe, sagrada e pudica” (canto décimo, p. 263). Igualmente, no poema *Canção do Almoço*, de Liras *Perdidas*, Sousândrade escreve “Minha mãe, ó Cidadãos, é a República” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 468). Nesse poema o eu poético comunga “entre Gentil Homem e Tavares Bastos” uma tarde de almoço e troca de ideias políticas, com direito a um brinde à República e ao futuro do Brasil livre da escravidão. A referida frase possui duas ocorrências entre aspas, o que no *corpus* sousandradino indica tratar-se de uma citação. Por isso, podemos afirmar que este verso faz referência a *Os Miseráveis*¹³⁵, de Victor Hugo, quando uma personagem profere a frase: “Minha mãe, cidadãos, é a república”; outrossim citada no original em artigo publicado em *O Novo Brasil* em 1889¹³⁶, onde Sousândrade escreve “(...) e Victor Hugo aos Miseráveis, diz aos sons da Marselhesa: Ma mère, citoyens, c’est la République. ” (Sousândrade, 2003, pp. 508-509).

¹³⁴ Cf. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2011. 2ª Reimpressão.

¹³⁵Cf: **Os Miseráveis**. In: Gallica/ Biblioteca Nacional da França – BnF. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6566991v/f375.textePage.langFR>

¹³⁶ Cf: **O Novo Brasil**. Centelhas. 25.jul.1889, p.1 in: SOUSÂNDRADE, 2003, p. 508-509.

4. O Éden republicano no Brasil

4. 1. “Vinde à meditação, jovens do mundo!”: o modelo da liberdade republicana dos Estados Unidos para o Brasil

Se entendermos o deslocamento geográfico de Sousândrade como característica constitutiva d'*O Guesa* não seria demais associá-lo ao gênero literatura de viagem, recorrente entre os escritores latino-americanos no século XIX, dos quais nos fala Julio Ramos em *Desencontros da Modernidade na América Latina*. Escritores como Sarmiento e Martí¹³⁷, este quando do seu primeiro contato com os Estados Unidos, buscariam no deslocamento para o estrangeiro modelos para a civilização e modernização nacional, no movimento contrário das elites europeias que buscavam nas viagens sua formação cultural, a construção do saber do outro, “de uma ‘estranheza’ subalterna e dominável” (SAID *apud* RAMOS, 2008, p.169). Ramos observa que no caso, por exemplo, de Jose Martí o impacto do:

deslocamento da viagem, do baixo em direção ao alto, do caos para a ordem, possibilita uma perspectiva privilegiada: **o poder de escrever – no presente do “caos” – sobre o futuro.** A viagem é um exercício prospectivo, um deslocamento rumo ao futuro que permite ao viajante se distanciar das carências do passado. Em sua visão curiosa e ávida de instituições, monumentos e máquinas da modernidade, **o viajante anunciava a seus destinatários, que permaneciam “atrás”, os signos de um futuro cujo momento – superados os vestígios da tradição – haveria de chegar para a América Latina. Nessa topografia simbólica, os Estados Unidos ocupam um lugar proeminente.** Possivelmente com maior direito sobre a Europa, eles figuravam como o espaço moderno por excelência, uma sociedade nova, na qual o progresso havia conseguido se liberar do peso da tradição (RAMOS, 2008, p. 170-71, grifo nosso).

¹³⁷ Conforme Ramos, o relato de viagem é historicamente ligado ao discurso modernizador, mas Martí subverte isso ao se colocar como crítico da modernidade estadunidense. Jose Martí estabelece nas suas crônicas, por meio da voz literária que se constitui uma autoridade que narra, um “eles” norte-americano em oposição a um “nós” latino-americano, que têm sua identidade definida nessa oposição, adiantando em boa medida o arielismo de Rodó. Cf. Ramos, Julio. 2008, p.168-176.

As colocações de Julio Ramos são adequadas para pensar também Sousândrade, que busca traduzir a sua experiência da modernidade ao longo das suas viagens pelo mundo, especialmente pelos Estados Unidos, para aqueles que a desconheciam no Brasil. O poeta assume a função de intermediário na transição do Brasil ainda “bárbaro”, pois ainda monárquico e atrasado, para o progresso da república moderna e próspera que o futuro lhe reservava.

Sousândrade dedicou-se a propaganda republicana na sua volta dos Estados Unidos e a pouco mais de um mês da queda do Império definia o seu país como “**ainda semi-bárbaro** e horivelmente affeito a aceitar todos os factos consummados dos governos, sem julgamento do mal, e antes com festanças continuando-lhes as loucuras” (*Centelhas*, 02 Set.1889, grifo nosso). Para ele, a barbárie nacional só não era completa por que a abolição, o açoite despertador da liberdade republicana¹³⁸, já havia sido consumada. Sobre isso também lembramos do trecho da didascália da estrofe 169 do *Inferno* do canto décimo, edição londrina, onde Sousândrade escreve: “Barbaria saindo do CEARÁ ; civilização entrando em PARIS (...)”, provável referência ao pioneirismo do Ceará na abolição da escravidão ocorrida em 25 de março de 1884 e a menção de Victor Hugo sobre o fato no mesmo dia, publicada no jornal francês *Le Rappel*. Nesta nota o autor de *Os Miseráveis* comentava o seguinte:

Une province du Brésil vient de déclarer l'esclavage aboli.C'est là une grande nouvelle. (...) Avant la fin du siècle, l'esclavage aura disparu de la terre. La liberté est loi humaine. Nous constatons d'un mot la situation du progrès. **La barbarie recule, la civilization avance.** (VICTOR HUGO, 1884, s/n)¹³⁹

Não passa despercebida a semelhança entre a didascália sousandradina “Barbaria saindo do CEARÁ ; civilização entrando em PARIS “ e a frase final de Victor Hugo “La barbarie recule, la civilization avance”, que pode não ser apenas

¹³⁸ SOUSÂNDRADE, em *Centelhas*, 02 Out.1889.

¹³⁹ A referida nota teria sido parte de um discurso que Victor Hugo lera em evento no dia anterior. A citação completa pode ser conferida no original on-line, no exemplar digitalizado do *Le Rappel* no acervo da Biblioteca Nacional da França disponível em: < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7542985j/f1.zoom>>. Acesso 29 Set. 2014.

coincidência. Em 1884 Sousândrade esteve na Europa¹⁴⁰, saído dos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em 4 de outubro, conforme mencionado anteriormente neste trabalho, no vapor Brunswick. Portanto, é possível que ele tenha tido conhecimento da manifestação do escritor francês na imprensa parisiense. O modo como Sousândrade se apropriou da frase de Hugo na didáscalia soa irônico, visto que a barbárie recua, ou sai do Ceará, mas a civilização que deveria então tomar o seu lugar adentra Paris e não a província brasileira, afinal, para Sousândrade, não bastava a instituição do trabalho livre para a transição do Brasil à modernidade, era urgente o fim da monarquia.

No canto décimo d'*O Guesa* o poeta explora o modelo de “civilização” para o Brasil, ainda monárquico, pautado na experiência dos Estados Unidos, por isso o seu afincamento em enaltecer os acertos daquele país, ao mesmo tempo que não lhe poupa os deslizes. A missão do bardo era aprender com o exemplo estadunidense, cujas semelhanças geográficas e históricas com o Brasil deveria pautar as estratégias deste também rumo à modernização e progresso, ou em outras palavras, a superação da “barbárie”. Assim, o *Guesa* faz um convite à juventude brasileira:

Vinde a New-York, onde ha logar p'ra todos,
 Patria, se não esquecimento, — crença,
 Descanso, e o perdoar da dor immensa,
 E o renascer-se á luta dos denodos.
 A Republica é a Patria, é a harmonia :
Vós, que da religião ou da realeza
Sentis-vos á pressão de barbaria,
 Vinde ! a filha do Deus não vos despreza.

(canto décimo, p. 187, grifo nosso)

E ainda, na passagem do *Guesa* por Washington, DC ele se deslumbra com a capital da política estadunidense e dessa vez exorta os jovens do mundo:

¹⁴⁰ "O vapor inglez Brunswick passou hontem em Lisboa. Vem a seu bordo o dr. Joaquim de Sousa Andrade." *Pacotilha*, jornal da tarde. São Luís, 19 de Set.1884. p. 03
 <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&PagFis=3176>

Do Cap'tolio no firmamento — oh ! quanto
 De affecto ás tardes do luar de junho,
 Da Republica ao seio e n'este incanto
 Em que no amor do extranho a lyra empunho !
 (...) — Vinde á meditação, jovens do mundo !

(canto décimo, p. 214)

Lembrando da citação de Julio Ramos, Sousândrade, escrevendo no presente do caos, sob a “pressão da barbaria” da monarquia do Brasil, mas nos Estados Unidos, projeta para o seu país o momento em que a liberdade política e desenvolvimento social e econômico fossem implantados e chama esse seu ideal de um **novo éden**, moderno e promissor.

4. 1. 1. A ideia de um éden republicano

Na primeira estrofe do *Inferno* do canto décimo, na passagem do Guesa pela região da bolsa de valores de Nova York em fuga do sacrifício ao qual ele fora destinado, fala “a Voz dos desertos”. Essa voz adverte que ali não existiria esperança, que essa ficava pelo caminho, em versos que aludem ao *Inferno* da *Divina Comédia*¹⁴¹. Insistente, o *Guesa* evoca o místico sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772) e lhe pergunta sobre a esperança no futuro:

(O GUESA, tendo atravessado as ANTILHAS, crê-se livre
 dos XÊQUES e penetra em NEW-YORK-STOCK-EX
 CHANGE ; a Voz dos desertos :)

— Orpheu, Dante, Æneas, ao inferno
 Desceram ; o Inca ha de subir . . .
 == *Ogni sp'ranza laciare,*
Che entrate . . .
 — **Swedenborg, ha mundo porvir ?**

(canto décimo, p. 231, grifo nosso)

¹⁴¹ No canto III do *Inferno* da *Divina Comédia*, Dante, guiado por Virgílio, assombra-se com a inscrição da entrada do Inferno cuja última frase diz precisamente: “DEIXAI TODO ESPERANÇA, Ó VÓS QUE ENTRAIS” Cf: ALIGHIERI, Dante. *Inferno/ A Divina Comédia*. Edição bilíngue, trad.e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014 (3ª edição), p.37.

Após a evocação no início do *Inferno*, mais de cem estrofes depois, Swedenborg responde positivamente ao Guesa e fala sobre a existência de “mundos futuros” e dos desafios nos “mundos presentes”:

(SWEDENBORG respondendo depois :)

— Ha mundos futuros : República,
Christianismo, céus, Lohengrin.
São mundos presentes :
Patentes,
Vanderbilt-North, Sul-Seraphim.

(canto décimo, p. 248, grifo nosso)

Entendemos as estrofes acima como uma reflexão sobre os entraves para a concretização de uma sociedade republicana ideal, na ótica sousandradina, embora não ignoremos o tom metafísico da passagem envolvendo o místico. Curiosamente, nos Estados Unidos do século XIX, não era raro o espírito de personalidades célebres como Swedenborg serem evocados por médiuns para opinar sobre polêmicas contemporâneas¹⁴². A resposta de Swedenborg envolvendo a trindade “Christianismo, céus, Lohengrin” representa um só conjunto de ideias, a saber: redenção; transição de tempos difíceis para “mundos futuros”; a ordem prometida, em suma, a República tão sonhada. Lohengrin é o nome do protagonista da ópera homônima de Wagner, que enquanto filho de Parsifal e membro da comunidade do Graal¹⁴³ é incumbido da missão de manter a nobreza do ameaçado ducado herdado por Elsa, personagem acusada injustamente do desaparecimento de seu irmão para subir ao poder. Lohengrin casa-se com Elsa e restabelece a ordem daquele domínio, assim, sua missão cristã o torna uma espécie messiânica de reformador social. É essa característica de Lohengrin que nos interessa na estrofe sousandradina.

¹⁴² GUTIERREZ, Cathy. **Sex in the City of God**: Free Love and the American Millennium. in: Religion and American Culture: A Journal of Interpretation, Vol. 15, No. 2 (Summer2005), p. 189.

¹⁴³ Cf: Macedo, Iracema. **Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 194-96

É preciso notar também que o místico responde ao Guesa falando sobre “mundos futuros” em oposição aos “mundos presentes”, este associado ao par *Vanderbilt-North* e *Sul-Seraphim*, polos cujo antagonismo é patente. A oposição entre as coordenadas norte e sul nos remete a divisão entre a região norte dos Estados Unidos, industrializada e próspera, em contraste com a situação agrária e pobre do sul, posteriormente à guerra civil e abolição da escravidão. Apesar da situação desfavorável do sul, é do norte a impressão negativa que depreendemos da estrofe pela menção a Vanderbilt e Seraphim que, pela sugestão sonora, joga com a ideia de fim por vir, de “será fim” do sul, mas também nos remete ao *seraphim* arcanjo, com sentido de puro ou inocente¹⁴⁴, o que parece ressaltar o carácter benigno do sul. Por outro lado, a vileza ou cupidez do norte é expressa pela menção a Cornelius Vanderbilt, magnata das ferrovias ligado a negócios ilegais e corrupção. A ele é atribuída, por exemplo, a frase: “What do I care about the law? Hain’t I got the power”? (WEYMOUTH, 1976, p. 218), que expressa a arrogância e prepotência daquele que também ficou conhecido como o rei das estradas de ferro ou *railway king*. Desse modo, a República ideal ainda estava por vir, pois a sociedade do presente era desigual e dominada pelas grandes fortunas dos *robber barons*, mencionados no segundo capítulo.

Apesar das frustrações do *Guesa* em terras republicanas, ele mantém a crença no protagonismo dos Estados Unidos e nos “mundos futuros”. Dito isso, é interessante notar que posteriormente à passagem do Guesa pelo *Inferno* ele também assume a posição de reformador dos costumes, a semelhança de Lohengrin, ao tratar dos vícios da sociedade americana. Consideremos as estrofes:

¹⁴⁴ O adjetivo *seráfico* é usado várias vezes na obra de Sousândrade, geralmente no sentido de belo, puro, sublime, conforme os diversos exemplos: “céus seraphicos” (O Guesa, I:5.); “lagoa seraphica” (O Guesa, IV:85); “aromas seraphicos” (O Guesa, V:109); “manhans seraphicas e puras” (O Guesa, V:120/ XII:322); seraphica fragrância (O Guesa, VI:145) “seraphica luz” (O Guesa, X:265); “Raio amigo e seraphico” (O Guesa, XIII:349); “auras seraphicas” (Novo Éden, p. 42); Véstias doiradas e nudez seraphica (Novo Éden, p.43); “rir seraphico” (Novo Éden, p.81); “seraphica voz”; (Harpas Eólias, p.61 e Harpas Selvagens, p. 28) “Mão seraphica” (Harpas Selvagens, p. 214); “seraphico e bello luar” (Impressos – Vol.1, p. 103). Agradecemos a Carlos Torres-Marchal por nos ter alertado para essas referências, corroborando nossa interpretação do sentido de Seraphim na estrofe 108 do canto décimo.

Honra à nação, porém, que não occulta
 Os vícios moraes seus, antes descobre
 E reclama à luz pública ! e resulta
 Que sara ela tão só, nobre e mais nobre.

Oh, co'os vossos principios absolutos
 Sois a nação primeira do universo !
 Iludindo-os, por motos dissolutos
 De *liberdades* . . . semelhai, transgressos,

Aquele que tesoiros desperdiça
 Herdados de seus pais. Sois a República,
 Sede só as virtudes e a justiça
 E da família a mãe, sagrada e pudica.

Mas o sois, porque contra cada ofensa
 Erguem-se **as vozes que resoam forte** —
 Que a justiça, o Evangelho, à indiferença
 De bastardos, reergam-se da morte !

(canto décimo, p.263)

São os “princípios absolutos”, isto é, a constituição republicana dos Estados Unidos que lhes conferem o primeiro posto entre as nações do mundo. Mas, ao não honrar aqueles princípios, a nação assemelha-se ao filho transgressor que desperdiça a herança herdada de seus pais, provável referência a Washington e Lincoln, que lutaram pela independência e integração da república dos Estados Unidos, respectivamente. Desse modo, o Guesa-poeta acredita que deve intervir expondo “os vícios morais” da nobre nação ao invés de ocultá-los para que assim ela os superasse e sарasse pela “luz pública”, como lemos acima.

Sousândrade assistiu ao pleno desenvolvimento do liberalismo socioeconômico nos Estados Unidos e foi observador atento das falhas daquele sistema que ele almejava como substituto da monarquia brasileira. No entanto, o poeta não deixou de exaltar os Estados Unidos como um exemplo de sociedade livre e democrática na qual o Brasil deveria inspirar-se. Por isso, acreditamos que as críticas de Sousândrade aos Estados Unidos funcionavam como alerta para percalços similares que a república brasileira possivelmente enfrentaria. Não por

acaso a ideia de que os problemas político-sociais seriam eliminados ao serem expostos, presente no canto décimo d'O *Guesa* quando o bardo acredita estar cumprindo sua missão civilizadora ao denunciar os "vícios moraes" da República norte-americana, também aparece em artigo de 1892 em relação à corrupção na República brasileira, conforme o trecho a seguir:

Nem se chame tolerância dos governos, ao que é condescendência, ofensiva aos sentimentos republicanos, e ao o que é latrocínio dos poderes aos tesoiros públicos; porque as massas populares ainda não saíram da indiferença da escravidão em que viviam. Quem dá o direito a uns gatos-pingados-juizinhos que em nome da lei, sem respeito dela extorquem-nos o pão e os lares, para um senhor ministro, do pão de mil de nós, fazer um só quinhão imoral a outro senhor ministro, que vai bem-viver à custa de nossas mágoas? A gatunagem que vê-se lavrar na República, não terá sua razão nesses hediondos exemplos? Uma pedrinha basta para fazer voltar as grandes ondas do oceano, diz Homero; e para derribar as estátuas de Nabucodonosor, relembramos nós. **Se nos tempos imperiais tínheis que esconder os cancros da sociedade pela causa (*monos*) de um só, nos tempos da liberdade tendes de os mostrar à luz, que sarem pela causa pública.** A república protesta contra vossos arbítrios de outrora! Ou lhe dais satisfação plena de eterna moral, ou os seus lares se converterão em chamas contra vós! Assinam Tell, Washington, o Cristo. (SOUSÂNDRADE, 2003, p.515, grifo nosso)

Sousândrade critica o sistema financeiro dos primeiros anos da República no Brasil e assinala que se problemas como esses eram encobertos no Império, em favor do monarca, o mesmo era inadmissível na nova conjuntura política, pois o cidadão republicano não deveria ser conivente com condutas que alienavam a moral e a ética do governo. A exemplo do canto décimo, quando o *Guesa* se soma ao coro de "vozes que resoam forte (sic) " em defesa da República virtuosa e justa, vozes que não silenciam frente às "ofensas" sofridas pela "sagrada e pudica" mãe de família.

É curioso notar que essas vozes retumbantes que desaprovam o *establishment* nos Estados Unidos, ouvidas ao final do canto décimo, *opõem-se* ao “coro dos contentes”, que ficaram para trás, no *Inferno*, na estrofe:

(Côro dos contentes, TYMBIRAS, TAMOYOS, COLOMBOS,
etc., etc. ; música de C. GOMES a compasso da
sandalia d'EMPEDOCLES :)

— ‘ A mui poderosa e mui alta
Magestad do Grande Senhor ’
Real ! == ‘ Semideus ’ !
— São Matheus !
== Postrou-se o Himavata, o Thabor !

(canto décimo, p. 241)

O “côro dos contentes” faz referência, aos escritores brasileiros Gonçalves Dias, Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre, dentre outros (“etc., etc. ”), por meio do título de suas obras. Esses escritores adequavam o conteúdo dos seus escritos aos interesses Dom Pedro II, quem patrocinava-lhes o trabalho, e por isso precaviam-se de qualquer visão crítica em relação ao governo imperial, adquirindo um “conformismo palaciano” (CANDIDO, 2002, pp. 31-32)¹⁴⁵. Portanto, essas duas manifestações de vozes no poema representam posturas políticas divergentes: passiva na monarquia brasileira e crítica na república estadunidense. É na toada das vozes que ressoam forte que a voz épica, após o *Guesa* atravessar o *inferno*, desabafa:

— Este é o joven povo da vanguarda ;
E na patria ideal, quanto soffrera,
Pelo quanto de amor e crença houvera,
Sedo o Guesa esqueceu. Da dor á guarda,

Elle na tempestade s'involvia
Social, a que teem de resolvidos
Ser **problemas, a que ora destruidos**

¹⁴⁵ A análise dessa estrofe foi realizada por nós na dissertação de mestrado. Cf: CARNEIRO, 2011, p.44-45.

Serem céus pela terra se diria.

(canto décimo, p.264)

O Guesa sofre com os problemas da sociedade estadunidense encarados no *Inferno*, mas ele esquece rapidamente e enfrenta a tempestade de problemas sociais com a certeza de que uma vez resolvidos e destruídos tais entraves o céu na terra se instalará. A ideia de *inferno* associada a vida estadunidense de meados do século XIX sugere a crença na existência de um éden, quando o que predominava era a imagem da República democrática, a terra da igualdade e da oportunidade, conforme as imagens no início do canto quando Sousândrade - Guesa chega em Nova York:

Sêde bemvidos ! há logar p'ra todos
E lar e luz e liberdade e Deus —
E a cada filho em dor, miseria e apodos,
Abre a formosa Mãe os braços seus !

A Espartana gentil ! da liberdade
Amostra os horizontes aos escravos ;
Diz aos que eram cobardes 'sejam bravos!'

(canto décimo, p. 187)

A República, representada na figura da “espartana gentil” recebia os imigrantes de braços abertos e reaviva-lhes a dignidade oferecendo-lhes “lar e luz e liberdade e Deus”, metáforas para: a moralidade da família, a luz do conhecimento/educação, a liberdade política e os valores da religião. Em outra passagem desse mesmo canto, há menção específica aos imigrantes europeus, que por essa época eram a maioria que chegavam à América do Norte:

Joven America ! (...) És, briosa,
És a nação contente, onde infelizes
Descanso teem e é a alma esperançosa :
Porque acceitas nos braços sempre abertos

O colono, os galés, os proletários,
Tudo que atira a Europa aos teus desertos,
E os resuscita homens, bons, agrários.

(canto décimo, p. 190)

Os europeus que imigravam para os Estados Unidos até a primeira metade do século XIX viam naquele destino a esperança de reconstruir suas vidas onde não lhes faltasse emprego, liberdade civil e religiosa. Todavia, as ideias de liberdade e oportunidade em relação aos Estados Unidos foi posta em cheque com o advento da Guerra de Secessão, quando passou-se a questionar se o país conseguiria manter sua estabilidade econômica devido às consequências do conflito. Esse temor foi superado no período do *post bellum*, que foi marcado pelo desenvolvimento econômico e modernização do país.

A imagem dos estados unidos como “land of opportunity” (SMITH, 2012) foi mais uma vez posta à prova na década de 1870 devido os casos de corrupção na política e economia no governo do General Grant, como a fraude nas eleições de 1876 entre Tilden e Hayes, e desvios de dinheiro público, como no caso do *Tweed ring*. Esse é precisamente o período que Sousândrade reside em Manhattan e compõe o canto décimo. Mesmo diante desse cenário, quando muitos admiradores do modelo estadunidense passam a desacreditá-lo, na Europa as imagens da crise eram tomadas como a exímia reação dos Estados Unidos à corrupção e aos interesses contrários à democracia. Vale observar, então, que a firmeza sousandradina na crença da excepcionalidade dos Estados Unidos mesmo durante o momento crítico que o país atravessava não foi exceção.

Adam I. P. Smith cita o exemplo do jornal britânico *Reynolds's Newspaper*, o qual defendia que os Estados Unidos eram o contraponto da aristocracia e da corrupção não importando quais fossem suas falhas, pois a solução para os seus desvios só poderia ser encontrada nele mesmo. Conforme esse jornal: “it is absurd for any sane person to pretend that the American system is not better, whatever may be the social and economic flaws in the American structure” (Reynolds's Newspaper, 1892 *apud* SMITH, 2012, p. 32). Havia ainda a interpretação de que as falhas da república estadunidense eram, na verdade, interferência da aristocracia

do velho mundo, que pretendia abafar o seu excepcionalismo junto à classe média inglesa. Esse comentário é relevante, pois mostra que mesmo com a percepção dos problemas gerados pelo sistema capitalista nos Estados Unidos, entre os entusiastas do desenvolvimento e progresso desse país a crença na sua superioridade enquanto modelo político e econômico não foi abalada, como foi também o caso de Sousândrade.

O poeta preconizava um éden republicano pela renovação da sociedade presente, pois a sociedade ideal, a realização plena da República, estava no futuro. Portanto, vale ressaltar, o imaginário do éden terrestre não implicava o retorno ao passado de uma época pré-industrial apartada da vida urbana. Assim, já de volta ao Brasil, Sousândrade cantou o éden político republicano, também sinônimo de modernidade, no poema *Novo Éden*, publicado como saudação ao novo regime político brasileiro. Também em *O Guesa, o Zac*, continuação do canto décimo segundo d'*O Guesa*, publicado em 1902, o poeta anuncia o despertar de um “brasílio novo éden” posterior ao exílio da família real:

(...)
 Brasílio novo Éden em seu despertar.
 Já dos paços reais se apagaram
 Todas as luzes; já todos deixaram
 Dom Pedro aos destinos. Que triste embarcar!

(SOUSÂNDRADE, 2003, p. 204)

Essa associação entre república, éden e modernidade pode ser entendida com base nas reflexões suscitadas pelo artigo *A Modernidade Republicana*, de acordo com o qual a designação **República** foi semanticamente expandida no segundo quartel do século XIX brasileiro, quando passou associar-se à ideia de “progresso, ciência, democracia, termos que apontavam para um futuro desejado” em oposição a “tirania (...) privilégios (...), atraso, centralização e teologia”, todas essas ideias evocadas pela Monarquia (MELLO, 2009, p. 16). De acordo com Mello, esses dois termos formavam um “par antônimo assimétrico” (KOSELLECK *apud* MELLO, 2009) que revelava uma mudança na consciência histórica daquele século

em relação ao esgotamento da Monarquia. Assim, a palavra República remetia ao **futuro**, chegando mesmo a ser o correspondente de **modernidade** (MELLO, 2009, p. 31). O proposto por Mello é válido para pensarmos a apropriação da palavra República por Sousândrade, que igualmente a associava à liberdade, à democracia e, sobretudo, à uma nova fase de desenvolvimento da nação, em suma, ao **éden moderno**.

4.2 A construção de uma narrativa legitimadora da República brasileira em *Novo Éden*, *Harpa de Ouro* e *O Guesa*, *O Zac*

Se em *O Guesa* Sousândrade traça um modelo para a República brasileira, conforme já afirmamos neste trabalho, os poemas posteriores como *Novo Éden: Poemeto da adolescência* (1888-1889), *Harpa de Ouro* (1888-1889) e *O Guesa, O Zac* buscam construir uma narrativa legitimadora para a República já inaugurada no Brasil. A primeira contribuição de Sousândrade nesse sentido é *Novo Éden*, publicado em 1893, no qual o poeta trabalha, pela primeira vez, a construção do imaginário de fundação da República ligando-a historicamente à Inconfidência Mineira (1789) e à Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. Também em *O Guesa, o Zac*, de 1902, e *Harpa de Ouro*, publicado postumamente, Tiradentes ou Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792) é exaltado como o inspirador de Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant, ao lado da Princesa Isabel, que é surpreendentemente caracterizada como mártir republicana por ter assinado a sentença de extinção da Casa de Bragança ao libertar os escravos, de acordo com os poemas. Sousândrade procurou construir nessas obras, escritas ao longo dos primeiros anos da República no Brasil, um panorama da luta e dos heróis pela emancipação da nação livre e democrática.

Novo Éden é dividido em sete cantos, ou dias, de acordo com o mito bíblico da criação do mundo, cada um desses cantos é acompanhado por epígrafes, além de uma espécie de glosa ao final dos mesmos, reforçando a feitura divina de cada dia descrito. As epígrafes, mais de uma por canto, deixam o texto ainda mais

hermético, sem que sua relação com o contexto narrado seja evidenciada. Ali são citados, por exemplo, Milton, Victor Hugo, Gonçalves Dias e o bíblico livro de Genesis. Com apenas 88 páginas, o poema apresenta estrutura intrincada, mesmo para aqueles já iniciados no universo sousandradino e, por isso, cientes do processo de criação poética do autor que se apropria de inúmeras referências literárias, históricas e pessoais sem, contudo, facilitá-las ao leitor. Temos a constante impressão de não conseguir adentrar o enredo, ficando quase sempre na superfície do narrado. Antes de partirmos para as análises dos elementos que se ligam imediatamente ao imaginário dos primeiros anos da República no Brasil, faz-se necessária uma breve incursão pelos comentários dos principais críticos acadêmicos de Sousândrade acerca de *Novo Éden*, pois estamos cientes que nosso foco de interesse no poema está longe de esgotar suas possibilidades de leitura.

A crítica sousandradina é unânime em reconhecer o fechamento semântico desse *poemeto da adolescência*. Por exemplo, em *Revisão de Sousândrade*, os irmãos Campos escreveram o seguinte sobre *Novo Éden*:

homenagem à República nascente, se caracteriza pelo uso da alegoria e de um maravilhoso compósito (com personagens de extração mitológica ou imaginadas livremente pelo autor), ao qual se somam as figuras históricas. **O "Novo Éden" é a jovem República**, propiciatória de uma nova era de liberdade; preludia-o, no texto, a recriação poética do Éden primitivo e do tema de Adão e Eva. (CAMPOS & CAMPOS, 2002, p. 445, grifo nosso)

No estudo *Épica e Modernidade em Sousândrade*, resultado da tese de doutorado de Luiza Lobo, publicado em 1984, a autora aponta que :

"Novo Éden oferece um emaranhado semântico ininterrupto no qual o ritmo se aproxima da prosa, e as palavras compostas se aglutinam numa **linguagem que deseja simular a modernidade do progresso político e da industrialização do país** (...) Torna-se, portanto, mera listagem de referências eruditas à bíblia, à história da Europa, à mitologia greco-

romana e às **invenções industriais, demonstrando o progresso da nova era**, ou a autores e personagens literários." (LOBO, 2005, p. 57-58, grifo nosso)

Como vemos, ambos os estudiosos da obra de Sousândrade ressaltam os vários eixos constitutivos desse poema, seja a partir de uma apreciação valorativa de um “maravilhoso compósito”, ou de uma afirmação que parece negar a organicidade desse dito “emaranhado semântico”. Em *Sousândrade: Vida e Obra*, por outro lado, Frederick Williams assume a dificuldade em entender o texto:

Mas não importa que seja extremamente difícil saber exatamente o que está acontecendo ou que(m) está sendo descrito e por qual razão. Ao que parece, Sousândrade não pretende mais que sugerir suas ideias e experiências que sabe únicas e portanto, incomunicáveis. Basta apenas que o leitor receba **uma impressão geral** e sinta a expressão fluida e poderosa da riqueza verbal do autor. (WILLIAMS, 1976, p. 59, grifo nosso)

Antes de irmos adiante é preciso citar ainda Clarindo Santiago em *Souza-Andrade: O solitário da Vitória*, artigo de 1932 no qual o crítico destaca o enredo (ou um deles) de *Novo Éden* ligado à liberdade da Armênia e lhe confere, de maneira geral, o sentido de:

(...) **eclosão, no seio humano do sentimento de liberdade**, que é a mais bela conquista da civilização da terra. Heleura é a personificação desse ideal, que viria cristalizar-se numa das suas formas mais sublimes — **a República**. (SANTIAGO, 1932, p. 199, grifo nosso)

Nomeada por Williams no excerto acima, Heleura é heroína de *Novo Éden*. No poema, ela é associada *en passant* à “Evangalina”, do poema homônimo de Henry Wadsworth Longfellow, quando Sousândrade escreve: “Pois, se edenea é a

minha “Evangeline”/ De nome Heleura; se o meu rio é bíblico, / De luto co’os luctuosos... E prosigo.” (SOUSÂNDRADE, 1893, p. 07). O bardo da poesia estadunidense inspirou não apenas Sousândrade, seu admirador, mas, como nos ensina Hélio Lopes, os escritores românticos brasileiros no geral. *Evangeline* (1847) foi, por longo tempo, responsável por disseminar na literatura brasileira uma “visão idílica do amor alimentado na serena paisagem da vida campestre. Os costumes, as crenças e as crendices dos aldeões revivendo aquela sempre sonhada Idade do Ouro” (LOPES, 1997, p. 239). Essa idade de ouro, ou éden, é também referida no poema como *Paraíso Perdido*, alusão à obra de John Milton.

Embora sejamos tentados a relacionar a tópica romântica sob influência de Longfellow e o significado para o éden ou Idade de Ouro no poema sousandradino, considerando o paralelo estabelecido entre Heleura e Evangeline, a simbologia do éden no poema não se relaciona à vida campestre em oposição à modernidade urbana¹⁴⁶. Concordamos com Luiza Lobo quando ela afirma que na poesia do maranhense o éden:

marca um topos de conjugação entre o real (a tese política a provar) e o simbólico (a América voltou a ser, para o romântico, como era para a primeira literatura colonial, o local do sonho paradisíaco) (LOBO, 2005, p.12).

Entendemos que esse topos do real tem como tese política a superioridade da República em relação à Monarquia. No plano simbólico, a República caracterizaria a sociedade perfeita, pois democrática, moderna e próspera. É nesses termos que interpretamos as imagens do éden no poema, pois esse não é mais primitivo e passadista, mas civilizado e moderno, como vimos afirmando até aqui. Assim, vale reforçar, para este trabalho interessa em *Novo Éden* o eixo narrativo referente aos elementos que se ligam imediatamente ao imaginário da

¹⁴⁶ Para o brasilianista inglês David Treece, Sousândrade almejava o retorno ao Éden em oposição às mazelas do mundo moderno capitalista (TREECE, 2008, pp. 316-319). Leitura da qual discordamos, conforme a dissertação de mestrado. Cf: CARNEIRO, 2011, pp.15-16.

República no Brasil. Temática que também exploraremos adiante neste capítulo em *O Guesa*, *O Zac* e *Harpa de Ouro*, poemas menos estudados pela crítica.

Destacamos em *Novo Éden* as figurações de personagens históricas e contemporâneas à escrita do poema ligadas ao advento da República no Brasil, a exemplo da estrofe abaixo:

(...) e o eterno Tiradentes,
Que a noite secular desperta co'o meteoro
Do exercito senhor, que envia em bem, Deodoro
O grande braço, unido á sublimada fronte
De Benjamin, (o ideal d'America ao horizonte),
De paz guerreiro maior que o marcio Napoleon,
Que onde há revoluções a flores, liberdade
Proclama á luz social, inverso da vaidade
Que em livre principiando, acaba em Waterloo !
Oh! da humana erupção riram, a Tempestade,
Orco-Vesuvio, o Etna, e só não riu-se Job
Cidadão victorioso ! E ao fructo da Republica,
A virgem que há cem annos 'spera-o d'entre arcanos,
E em gloria o Novembral, o seu novo Eden fez (...)

(*Novo Éden*, p. 04)

O excerto acima trata da queda da monarquia e exalta simbolicamente Tiradentes ao lado de Marechal Deodoro e Benjamin Constant. Os ideais do mártir Tiradentes são despertados pela ação militar de 1889, após cem anos da Inconfidência Mineira (1789), revolta inspirada na independência dos Estados Unidos em relação à Inglaterra¹⁴⁷, não obstante a coincidência cronológica com a Revolução Francesa. Desse modo, Sousândrade oferece a sua narrativa para o advento da República com destaque para personagens históricas com papéis definidos, ao contrário do que efetivamente foi a Proclamação. No poema, a

¹⁴⁷ “Às mãos do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, chegou um livro sobre a Revolução Americana, contendo leis locais, o ato de Confederação das treze colônias e a Declaração da Independência, que apreenderam no seu bolso e serviu como forma de delito ... Esse livro, trazido da Europa, ao que parece, por Domingos Vidal Barbosa ou por José Álvares Maciel, andou de mão em mão, como literatura de debate. Confiscaram, na casa do cônego Luiz Vieira da Silva, outros dois livros sobre os Estados Unidos, entre muitas obras de pensadores franceses ...”. Cf: BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil** (Dois séculos de História). 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. pág. 17.

participação de Deodoro é definida pela sua força, simbolizada pelo “grande abraço”, e ação meteórica de seu exército (ou “eclosão inesperada”, conforme Carvalho, 2014, p. 51), ao passo que Benjamin aparece como estrategista, o idealizador pacífico da República. Conforme o poema, Deodoro é “meteoro”, Benjamin é “horizonte”.

Em *A formação das Almas*, José Murilo de Carvalho fala em “proclamações da República” para dar conta da divergência sobre quem efetivamente foi o protagonista do 15 de novembro de 1889. Sem nos alongarmos nessa discussão histórica, vale notar no fragmento acima que Sousândrade, escrevendo cronologicamente próximo a esse cenário de disputa por uma narrativa oficial, amalgama duas “proclamações” as quais, conforme Carvalho, podem ser chamadas de “militar”, com o Marechal Deodoro à frente, e “sociocrática”, representada pelo positivista Benjamin Constant. A proclamação representada pelo primeiro implicava uma ação militar sem respaldo popular ou projeto político definido, pois lutava-se contra a ameaça do fim do exército por determinação do Império, findada a Guerra do Paraguai. O segundo, o guerreiro da paz que “liberdade/ Proclama á luz social” ou ainda o “De paz guerreiro maior que o marcio Napoleon”, era positivista, contra o militarismo e titubeou em apoiar Deodoro na véspera do golpe. A República idealizada por Benjamin Constant:

(...) absorvia do positivismo uma visão integrada da história, uma interpretação do passado e do presente e uma projeção de futuro. Incorporava, ainda, uma tendência messiânica, a convicção do papel missionário que cabia aos positivistas, tanto militares como civis. A história tinha suas leis, seu movimento predeterminado em fases bem definidas, mas a ação humana, especialmente a dos grandes homens, poderia apressar a marcha evolutiva da humanidade. (CARVALHO, 2011, p. 42)

Sousândrade corrobora essa visão integrada da história, tanto nos poemas republicanos, quanto nos seus artigos políticos publicados na imprensa maranhense, além da postura de civil missionário defensor da república como já discutimos neste trabalho. No entanto, a afinidade do poeta com o Positivismo não era incondicional, pois o projeto de uma ditadura republicana sustentada por essa

doutrina político-filosófico era oposto à república liberal defendida por Sousândrade. Seu ideal de república, inspirado nos Estados Unidos, era próximo ao modelo promovido pelos republicanos históricos, situados mormente em São Paulo, representados por Quintino Bocaiúva, chefe do Partido Republicano brasileiro à época da proclamação. Esse último grupo teve participação mínima no advento da República, mas sua associação ao movimento foi necessária para tirá-lo do pejo de ter atendido unicamente aos interesses dos militares. É importante atentar para o posicionamento de Sousândrade nesse contexto de disputa pela construção do “mito original da República”, pois tratava-se de estabelecer a narrativa oficial da passagem do Brasil à era moderna, ao que o poeta maranhense respondeu não só politicamente, mas também literariamente, com seus poemas posteriores ao *Guesa*.

Embora considerado uma louvação à República, o sentimento que Sousândrade expressa em relação ao novo regime político instaurado no Brasil em *Novo Éden* não é de alumbramento. No plano simbólico do poema, a partir do sétimo dia, feito o éden republicano e com o descanso do divino, o trabalho não estava terminado, pois para a sua plenitude era necessária a ação humana para dar prosseguimento àquela grandiosa obra, conforme lemos nos últimos versos do poema:

Vede o formoso incêndio! O resplendor ideal
Da liberdade , aos céus raiando o Novembral!

Da noite de fulgor e a bella hora de sestas
Ceus reflectente luz, o azul prateando, festas,
E' feito o do descanso, o do Senhor, o dia
Septimo, o em que termina; e do homem principia
O trabalho: e antevê necessidade ás obras
Humana, ao horizonte as defensoras cobras

(*Novo Éden*, p.88)

Novo Éden deve ter começado a ser escrito antes do “resplendor da liberdade ideal” que raiou em 15 de novembro de 1889, pois no dia 22 de novembro desse mesmo ano, uma semana após a proclamação, Sousândrade já anunciava em artigo publicado no jornal *O Globo* que iria “entrar para o prelo o (Novo) Éden” (Sousândrade, 2003, p. 512). No entanto, o referido poema só foi

publicado em 1893, já passados os primeiros anos de funcionamento da república brasileira. Dessa maneira, é compreensível que Sousândrade indique no poema práticas escusas com o fito de deturpar o caráter do novo regime político, conforme o excerto:

“Ai dos ladrões que julgam a Republica
Ré d’elles p’ra ser d’elles loucos *publica*
Justiçada! A Mãe-Pública! A Mãe-Patria!”

(*Novo Éden*, p. 83)

Acima, Sousândrade trabalha com a etimologia da palavra República, do latim *res publica* ou coisa pública, e lança sua pena contra aqueles que intentavam transformá-la em “ré”, ou culpada pela insatisfação com o novo *status quo*, como foi o caso dos monarquistas e escravocratas. É notório que Sousândrade posiciona-se criticamente no poema sobre o modo como o regime político republicano foi instaurado no Brasil, apesar de todo o seu entusiasmo com o que ele considerava o éden na terra. Isso nos permite pôr em questão a afirmação de Luiza Lobo, segundo a qual Sousândrade “ se decepcionou com a república norte-americana, mas teve novo alento com a proclamação da República brasileira” (LOBO, 2005, p.58). Diferentemente de Luiza Lobo, Jomar Moraes e Frederick Williams escreveram que os problemas com o republicanismo nacional também perturbaram Sousândrade mais tarde, quando ele escreve *Harpa de Ouro*. Mas, como vimos, ponderações sobre o novo governo já aparecem em *Novo Éden*, mesmo que a expressão mais contundente do seu sentimento esteja em *Harpa de Ouro*, conforme a estrofe abaixo:

Armas com que fiz a república
Pontas voltaram contra mim:
Antes deixasse a raça lúbrica
Em seu hediondo chifrim,
Do que estar *Libertas* tão púdica
Envergonhada.

(*Harpa de Ouro*, 2003, p.445)

O poeta-político, o Guesa-Sousândrade, desejou não ter trilhado seu “suna” pela liberdade e democracia republicanas, preferiu ter deixado o povo na ignorância em face daquela república que havia se feito. Por essa razão, um dos seus contemporâneos o apelidou-lhe de “Benjamin Constant do Maranhão”, pois aquele que ajudou a proclamar a república encontrou-se “desamparado e atado de pés e mãos; sem nada poder fazer para que se instituisse no seu paiz uma republica conforme seu ideal” (*Pacotilha*, 29 abr. 1896).

4.2.1 Mártires republicanos: Tiradentes e Princesa Isabel

Com a queda da Monarquia e a urgência em forjar os novos símbolos para a República, Tiradentes foi a figura predileta das várias correntes republicanas pelo potencial manipulável que carregava. Ao inconfidente mineiro foram atribuídos traços religiosos que, de rebelde, o transformaram em mártir associado a Jesus Cristo, já que para o novo governo militar: “Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim como herói cívico-religioso, como mártir integrador, **portador da imagem do povo inteiro.**” (CARVALHO, 2014, p. 70). As referências a Tiradentes enquanto o primeiro idealizador da República foi, portanto, recorrente e sua versão cristianizada também está presente em Sousândrade, assim como em outros escritores do período, a exemplo do drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas* (1875), de Castro Alves, como bem nos lembra José Murilo de Carvalho. De *Harpa de Ouro* citamos as seguintes referências¹⁴⁸ a Tiradentes e à construção do mito republicano:

Sou Órion! Em meu talabarte

¹⁴⁸ Observar que todos os grifos nas estrofes citadas são nossos.

Brilham, amor, amor, amor,
Teologias – o Dentista – Mártir;
Floriano e a Redentora Flor –

(*Harpa de Ouro*, p. 430)

Donde o rir lírios-Tiradentes,
Çucenais coroas; de amor
Às Eucaristias contentes.
Porque **Washington** o lavador
É o Batismo dos continentes
Da Liberdade – ao peito a flor,
(*Harpa de Ouro*, p.441)

Das pátrias de ambos: do diamante
A amorosa Minas Gerais;
E a da magnólia latejante
A livre Virgínia – imortais
De George e Joaquim-José, de ante
As duas pátrias ideais –
(*Harpa de Ouro*, p. 442)

Acima, Tiradentes e a Princesa Isabel, além do Marechal Floriano Peixoto são transformados em corpos celestes que emanam “amor” junto à Constelação de Órion, no entanto, observamos que essa tríade mítica da República é referida por epítetos, com exceção de Floriano (sucessor do Marechal Deodoro a partir de 1891 a 1894) referenciado apenas pelo primeiro nome. A ênfase da passagem é dada ao “Dentista-mártir” e à “Redentora Flor”. A estrofe pode também ser entendida como uma alusão à atual bandeira nacional estabelecida pelos republicanos positivistas à época, que traz estampada uma esfera celeste, conforme nos é sugerido pela associação semântica entre talabarte, suporte para bandeira, o brilho dos astros e Órion. Na sequência, após cantar as riquezas naturais dos dois maiores países das Américas por meio das referências aos diamantes do estado de Minas Gerais e das magnólias do estado americano da Virgínia, Brasil e Estados Unidos, representados por Tiradentes e Washington, são exaltados como “as duas pátrias ideais”.

Em *O Guesa, O Zac*, publicado mais de dez anos depois da proclamação da república, também encontramos exemplo da apropriação cristã que se fez da imagem de Tiradentes:

Tiradentes, o grande Martírio
 Bem honrada a quer cândido círio
 Nas asas ardentes da Revolução
 Tal começa a nova era o Dentista
Sagrada a boca à bela conquista
Dos dentes divinos.

(*O Guesa, O Zac*, p. 375)

Assim como aconteceu com Tiradentes, a Princesa Isabel foi igualmente associada à imagem de Cristo, mas para atender ao interesse do Império em promover o Terceiro Reinado, de acordo com que escreve Daibert Junior em *Isabel, a "redentora dos escravos"*. Foi patente a supervalorização da atuação da princesa na abolição da escravatura como forma de manipular o imaginário popular que pudesse dar força à sua ascensão ao trono do Brasil. Assim, o governo imperial procurou associar a almejada Imperatriz à imagem daquela:

que redimiu os oprimidos, tirando-os do inferno (...) A analogia com o cristianismo se dá a partir da afirmação da igualdade dos homens, entendida pelos abolicionistas como igualdade civil a ser alcançada por meio de uma reforma social. Cercava-se Isabel de um discurso que apelava para imagens religiosas que de fato traduziam expectativas de atuação política, dentre as quais destacava-se a luta pela igualdade civil. (DAIBERT JUNIOR, 2004, p. 148-149)

Como é sabido, a abolição foi resultado do desenrolar de uma gama de fatores que se acentuaram na década de 1880 como, especialmente, as revoltas dos escravos que amedrontavam a Monarquia com a iminência de uma revolução na estrutura social do país. Assim, de acordo com Daibert Junior, a afirmação do protagonismo da Princesa Isabel na Abolição constituiu-se uma estratégia para reprimir a força de todos os anos da campanha abolicionista, os quais, por fim, foram reduzidos à Lei Áurea. Aos negros escravizados foi atribuída a pecha de passivos agraciados pelo ato benevolente da herdeira de Dom Pedro II. Ao assumir o protagonismo pela Abolição a Monarquia desafiava os grandes latifundiários que se sentiram lesados em seu patrimônio, entretanto, foi mais urgente atender aos

anseios de uma parcela expressiva da população e caracterizar, por meio daquele ato, uma nova era da política Imperial.

Malgrado os esforços do Império, o golpe militar veio frustrar os planos de Isabel enquanto Imperatriz do Brasil e o que se seguiu foi a tentativa de apagamento da sua figura de redentora junto à população liberta. Uma das estratégias para tanto foi negar a abolição como obra genuína da Monarquia, caracterizando a ação da Princesa como algo excepcional que a tornava quase uma republicana. Conforme lemos em *Isabel a “redentora dos escravos”*, a República ainda incipiente e insegura procurou, então, usar da mesma estratégia da Monarquia e afirmar-se enquanto continuidade da Abolição. Como se vê, a ousadia de Sousândrade em louvar em seus poemas a Princesa Isabel como a fundadora da República brasileira tinha precedentes ideológicos partidários, entretanto, não conhecemos na literatura nenhuma representação semelhante a da Princesa como aquela traçada pelo poeta maranhense.

Sousândrade trabalhou pela aclimação das ideias republicanas oriundas dos Estados Unidos no Brasil e a isso dedicou-se concreta e abstratamente, conforme também notamos pela continuação histórica que ele estabelece entre George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos, considerado pai da liberdade estadunidense, e Tiradentes, conforme citação anterior de *Novo Éden*. Também a Princesa do Brasil, foi chamada de “irmã” de Washington por lançar as bases para o estabelecimento da República, conforme depreendemos do poema:

Rugindo de Columbia o hymno do Livre a fé
 A que **Izabel christã**, que é **precursora** estrella
 E' aurora, é a formosa, é a de oiro aberta rosa,
Firmou lançando a coroa fora pela janella:
Que a lenda se cumprisse; e era o mysterio, que é
 Aquela “rosa de oiro”. Heis-lhe o duplo thesoiro:
 Vingando aurea oliveira; e o hippódromo de guerra
 De americano horror – Eden de gloria e amor,
No sabio Benjamin, no illustre heroe Deodoro
Buscam o fundador? Porém, na rosa de oiro,
De Washington eu vejo a irmã. E' de Isabel,
 A inconsciente gentil suicida, em formosura
 Que raiou liberdade e gloria, e por ventura
 Revolução de paz; a flor ella em que o annel,
Que a um martyr degolara, abriu; ella é Libertas

A nova effigie, a que, das trevas sempre incertas,
 Faz a directa luz: da pátria seja a vã,
 A *doida Joanna*; mas, **de Washington a irmã!**
Elle, as luctas do raio; Ella as rosas de Mayo;
 Doce Venus de Milo a triumphar sem braços;

(*Novo Éden*, p. 45, grifo nosso)

Embalada pelo “Hail, Columbia¹⁴⁹”, hino patriótico executado na cerimônia de posse de George Washington, a Princesa lança fora o símbolo maior da realeza fazendo cumprir a lenda, a “revolução de paz” **“que a um martyr degolara”**, isto é, a República pela qual morreu Tiradentes. De acordo com o poema, Isabel foi mártir tal qual o inconfidente, pois a “inconsciente gentil suicida”, abdicou da sua condição de herdeira do trono do Brasil quando libertou os cativos. Ainda na estrofe supracitada, é afirmado o caráter pacífico da proclamação da República, considerado consequência da abolição da escravidão, como no verso “Elle, as luctas do raio; Ella as rosas de Mayo”, em referência ao caráter bélico da revolução estadunidense, com George Washington à sua frente, em oposição a pacífica firmação da Lei Áurea. As rosas de maio são alusão à condecoração da *Rosa de Ouro*, concedida à Princesa pelo Papa Leão XIII em decorrência da mesma lei. Em outra passagem Isabel é novamente associada a Washington, dentre outros grandes revolucionários do nosso continente:

“Acordar! não entristeças
 Ao esplendor de tanta luz!
 Sou o ideal em que pensas.”
 - Oiço Isabel ou Jesus? ...

“Acordar! floram Desertos!
 De Washington, Bolívar, Tell,
 De O’Higgins – os teus exércitos!”
 - Jesus! é a voz d’Isabel! ...

(*Harpa de Ouro*, p. 435)

¹⁴⁹ Também mencionado no canto décimo d’*O Guesa*, p. 186. “Hail Columbia” era considerada o hino extraoficial dos Estados Unidos até a década de 1890, mas o concorrente “The Star-Spangled Banner” transformou-se em hino oficial em 1931.

A voz da Princesa é ouvida com surpresa ao convocar tropas filiadas para a floração dos desertos. Essa imagem primaveril foi, por vezes, evocada pelo poeta para referir-se à proclamação de 1889 e gerou, inclusive, a anedota que Sousândrade, assim que soubera da boa nova, telegrafou para o Marechal Deodoro os seguintes dizeres: “República proclamada, paus d’arco em flor” ¹⁵⁰. No entanto, não localizamos nos jornais ludovicenses da época nenhuma referência a esse fato, podendo tratar-se simplesmente de uma das muitas inexatidões que se conta sobre o poeta.

Ainda em *Harpa de Ouro*, a Princesa Isabel é personagem de destaque, aparecendo como metamorfose da musa Heleura/Helê, de *Novo Éden*:

“Doces miragens, adeus! Vejo
Na profundez do coração,
O interno oceano do desejo,
D’Heleura a ideal solidão;
Vos deixo a Deus. Deixai-me o beijo
Preço da livre sem senão:

“Doutra dona... oh, a inteligência
Dona... mas, cetim branco e flor!
‘Menina e moça’, áurea existência
Musa cívica a Musa- Amor!

(...) - quão parecida!
Ela era: hei de noutra a encontrar
Helê que dos céus é descida,
Céus! **A borboleta solar!**

(*Harpa de Ouro*, p. 429, grifo nosso)

Heleura dá lugar a “menina e moça”, a “musa cívica” ou a “borboleta solar” (metáfora sobre a qual comentaremos oportunamente) que desce dos céus, todos

¹⁵⁰ Domingos Barbosa parece ter sido o primeiro a contar essa anedotada em crônica de 1910 sobre Sousândrade, reproduzida no *Jornal do Brasil* em 1912, na qual ele escreveu: “A 15 de novembro de 1890 quando os paos de arco, que então assombravam as nossas praças, se vestiram, como em todos os fins de anno, da sua alegre floração de zarcão e de oiro, o velho poeta saudou a Deodoro em um telegrama que dizia apenas: Paos d’arco em flor”. Cf.: *Jornal Do Brasil*, 24-01-1912. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&PagFis=10895>. Conforme pudemos apurar em pesquisa nos jornais da época, a mensagem real teria sido: “Generelissimo. Amor patrio, sabedoria, probidade, coroas civicas governo provisorio. Souzandrade”. A mesma foi enviada por Sousândrade ao Governo Provisório em decorrência no aniversário de um ano da república e divulgada no jornal *Pacotilha* de 15 de novembro do mesmo ano.

esses atributos e formas que parecem relacionar-se à Princesa enquanto cidadã promotora da república. A passagem sobre a “menina e moça” e “musa cívica” nos remete a epígrafe desse poema sobre “a menina bonita, diamante incorruptível”, que é a República, aludida de maneira semelhante em outra passagem do texto:

Oh! noite gloriosa! Oh, fulgores
Da Ilha Fiscal! Quando da mão
Cai, da Princesa, o leque; e a amores
Libertas hasteia o pendão
Menina bonita das dores,
Incorruptível diamante!

(Harpa de Ouro, p.441, grifo nosso)

Acima, a Princesa Isabel é a menina bonita que içava a bandeira da liberdade republicana. O poeta recria o gesto da Princesa situado no último baile promovido pelo Império apenas seis dias antes da sua queda, na Ilha Fiscal-RJ, conferindo à festividade um prenúncio do fim da Casa de Bragança. Outras imagens para a Lei Áurea ocorrem no poema:

Assim, pela janela fora
Lançando dindinha a coroa,
Encanecera a essa mesma hora
A sempre mártir, sempre boa,
A rosa de oiro e redentora
De Leão Treze. A bela Coroa!

E o seculo viu a esta e Vitória
Civis mulheres – honras suas –
Oh, mais que dos homens a glória!
- Tronos: ou desça o andar das ruas;
Ou morra à vergonha da história –
Quão belas destronadas duas!

(Harpa de Ouro, p.449)

A Princesa perde a vitalidade e tem os cabelos embranquecidos imediatamente ao lançar sua coroa pela janela, outra imagem para a assinatura da

Lei que enfraquecera o trono. Em substituição, a *Rosa de Ouro* passa a servir-lhe de “a bela coroa”. Na sequência, surpreende o adjetivo “civis mulheres” atribuído à Princesa do Brasil e à Rainha da Inglaterra, visto que no século XIX brasileiro o reconhecimento da participação civil das mulheres era praticamente nulo. Sousândrade é hiperbólico ao chamar a rainha Vitória de “destronada”, já que a Abolição da Escravidão no Império Britânico (1838) promovida na recém iniciada era Vitoriana não ocasionou, como no Brasil, o fim da Monarquia. A Rainha Vitória reinou até 1901. Em *O Guesa, o Zac*, encontramos referências semelhantes à essas comentadas:

Cai o leque das mãos da Princesa,
Que sorriu-te: oh! dolentes surpresas!
Das do Imperador caiu o cetro – fatal!

(*O Guesa, o Zac*, p. 374)

Dos verdugos, cristã descendente
Doce e humilde – que suba a Regente
À posteridade coroada de luz:
Dos escravos o trono quebrado,
Se o dos livres s’está levantando
De ferro fundido co’as formas da Cruz.

(*O Guesa, o Zac*, p.375)

O paralelo entre a abolição da escravidão e a proclamação da República é estabelecido pela queda trivial do leque da Princesa e a queda fatal do símbolo do poder imperial, o cetro. A bondade de Isabel é contrastada com a crueldade do seu progenitor, chefe da Monarquia, e ao negar a continuação daquele trono de escravidão é para sempre coroada de luz, imagem que insinua a santificação de Isabel.

Concluimos que são recorrentes e semelhantes as figurações tanto da Princesa Isabel quanto de Tiradentes como mártires republicanos nos poemas sousandradinos sobre o tema da República brasileira. Por fim, vale ressaltar que haja vista o esforço da monarquia em manter-se no poder aproveitando-se justamente da grande popularidade da herdeira do trono junto à população negra

liberta, que ameaçava a estabilidade do Império, o poeta apropria-se desse fato histórico para afirmar o seu contrário, precisamente: o suicídio da dinastia.

4.2.2 Princesa Isabel: a Marianne tupiniquim

Sousândrade buscou criar o mito de fundação da nossa república nos poemas *Novo Éden*, *Harpa de Ouro* e *O Guesa, o Zac*, no entanto, ele expressou visão contrária a que encontramos da princesa Isabel nesses poemas em artigos políticos publicados na imprensa no derradeiro ano do Império. O escritor maranhense criticou duramente a associação da Princesa com a imagem da redentora dos escravos, e consequentemente como a mártir republicana. Para ele a Abolição era um acontecimento histórico inevitável e intrínseco à queda da monarquia, governo que a perpetrou por três séculos. Por exemplo, em 12 de janeiro de 1889 Sousândrade escrevia para o jornal *O novo Brasil* criticando como a Monarquia conduziu a abolição, dizia ele:

Ora, quem fez o 13 de Maio foi a aproximação da República, a aurora que surge espancando as trevas; e o espírito republicano, o incorruptível espírito de civismo e de equidade que inspirava, teria associado os libertos à família e nunca desorganizaria as vivas indústrias da Pátria, se escrevesse a lei. A Monarquia, porém, sancionado o público decreto, que aceitou em delírios, não podia fazer senão obra imperfeita - vinho novo que fez estoirar os odres velhos (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 498-499)

Acima, a Princesa Isabel sequer é nomeada, além da lei assinada por ela “em delírios” ser duramente criticada. A afirmação do poeta republicano sobre a República iminente como força propulsora da libertação dos escravos também ocorre em outro texto do mesmo ano, onde ele afirmava que “por medo da

República, que não quer escravos, assinou-se o decreto popular da abolição¹⁵¹” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 509). Para o poeta, se junto com a abolição o novo regime político tivesse sido instaurado ter-se-ia evitado o prejuízo às famílias e à economia nacional, efeito da ação mal planejada do Império.

Em outro texto de agosto de 1889, anterior a queda do trono, Sousândrade repudia a possibilidade do Terceiro Reinado¹⁵² e refere-se à Princesa como “uma valiosa beata no trono da América”, visto que era de amplo conhecimento a religiosidade excessiva da Princesa Isabel. Entretanto, Sousândrade escreve sobre possibilidade de a Princesa promover a República como complemento à abolição da escravidão. Dizia ele:

(...) Colocasse-se aquela mesma senhora sentinela republicana, e vigilante a essa mesma porta destrancada por ela auroral, **deixasse a beatice pela beatitude cristã**, e às outras mães de família que choram na miséria, bradasse: **Isabel, a católica, a redentora, a Princesa americana, deixa o Paço pelo Povo**, a rosa de oiro dos tronos pela fragrância divina dos jardins da humanidade, ela é o caminho vinde por ela, entremos todos, floresçamos de nossos corações e de nossos esforços as terras aridécidas pelo cativo. - Ora, o venerando Saldanha Marinho, o Quintino Bocaiúva, o Silva Jardim, o Paula Duarte, o Justo Chermont e o autor destas linhas, e de todos que respiram liberdade repetiriam uníssonos: **não é debalde que os símbolos republicanos sempre foram a representação augusta da mulher sagrada e bela!** (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 509, grifo nosso)

Assim como nos poemas mencionados, no trecho acima o escritor maranhense expressa a ideia de Isabel como símbolo feminino da liberdade republicana, caso ela deixasse o Paço imperial pelo povo e se tornasse a presidente da república; lembrando que essa imagem feminina remonta à Roma Antiga e também esteve presente na Revolução Francesa, quando a figuração feminina da liberdade se opunha a figura masculina tirânica da Monarquia (CARVALHO, 2014).

¹⁵¹ Reclamava ainda que os abolicionistas contavam com total apoio dos republicanos, sendo por isso inadmissível que se refutasse a ascensão do novo regime, então criticado inclusive por aqueles que por ele foram libertos. Cf. *O Novo Brasil*. 17 de agosto de 1889, p.1, in: SOUSÂNDRADE, p. 509.

¹⁵² Idem.

Desse modo, Sousândrade buscou construir na literatura o mito de origem republicano baseado no sacrifício da Princesa herdeira do trono, a continuação histórica de Tiradentes e Washington, transformando-a em uma espécie de Marianne tupiniquim.

Outra solução para o fim da Monarquia vislumbrada por Sousândrade foi a abdicação de D. Pedro II a exemplo de Dom Pedro I:

Que o imperador segundo imite o primeiro imperador, elevando-se no coração dos brasileiros, como o seu pai elevou-se ao trono(...). Não quer-se república *depois da morte* do velho rei, coisa que alembra sapatos de defunto e que num matusalém assinara; quer-se a república de todos vivos e gloriosos. (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 504)

Assim como Sousândrade, também os republicanos de inclinação positivista nutriam a expectativa de que D. Pedro II protagonizasse "lealmente a eliminação da ficção dinástica" (MENDES *apud* TORRES, 1943, p. 60). Sentido análogo ao trecho supracitado pode ser depreendido da seguinte estrofe do canto segundo d'*O Guesa*:

(BRUTUS do último círculo do Inferno de DANTE :)

— Oh será o mais sabio
Cæsar, que inda hade vir,
Quem, descendo do throno,
A seu dono
Diga, ao povo, subir !

(canto segundo, p. 34)

Como sabemos, o fim da era monárquica não aconteceu como o poeta idealizara. Mesmo assim, a República instaurada não podia prescindir de uma narrativa simbólica que a legitimasse, pois conforme José Murilo de Carvalho muito bem escreveu: "a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a

cabeça mas, de modo especial, o coração (...) de um povo” (CARVALHO, 2014, p.10). Para esta tarefa Sousândrade aliou militância política à literatura na criação do mito fundador do Brasil republicano.

4.2.3 A interlocução com Joaquim Nabuco, República e Positivismo

Sousândrade revelou a Joaquim Nabuco sua intenção em ressignificar por meio da literatura a imagem histórica da Princesa Isabel, transformando-a em figura essencial para a história da República. A afirmação foi escrita em carta inédita do maranhense enviada ao monarquista pernambucano em 26 de agosto 1896, localizada na Fundação Joaquim Nabuco. Considerando o ineditismo do material e a pertinência das declarações do poeta para a nossa argumentação, vale a longa citação:

Joaquim Nabuco: (...) Me deveis amor; Aff. Celso me deve amor; a princeza Izabel me deve amor, e hei de reconduzila á nossa patria não imperatrix do Brazil, mas como a melhor mãe de familia brasileira (**vereis no Novo-Eden que ella é a predestinada rosa de oiro, a irmã de Washington e fundadora da Republica da Sul-America, a suicida dynasta para ser a revivente Libertas**). Nas democracias verdadeiras, Helvecia, Estados Unidos, Chile, Uruguay que é a nossa irmã mais velha, sente-se a Acção eterna eternamente guiando os povos. Já a presinto entre nós. O periodo lagarta vai passando e temos penetrado no periodo chrysalida = Christ-cross-row = e o da borboleta solar, **o seculo XX, será nosso**. E assim como os individuos, as nações teem de atingir á maioridade: do glorioso militarismo representado por Floriano, passamos ao septenio da magistratura, **e o das universidades nos espera então** . . . Attesta-o o brilhante corpo de cavallaria que impondo a paz activa ahi vejo desfilar ao amanhecer, porque toda a noite velara e nem saber pode dormir quem guarda o seu posto de honra.

O Dentista Mineiro, o saneador da bocca, é a grande Voz; Pedro 1º quiz ser-lhe e foi, o braço d'independencia (e 2º qual o periodo actual, de necessaria demora, magistratura em fim ou de arrumações, **é o imperial depois do colonial e antes do republicano**); D. Izabel sua neta e com o leque partido e as rosas de mayo terminou a Revolução, que é secular como a franceza: **se a redemptora do imperio fosse rodeiada da tribu de**

Benjamin ou dos verbos em e qual dos α α o avô, tudo estaria diferente. Porém, a escola das desgraças, como o exemplifica S. Paulo, sendo a que conduz a humanidade á gloria — gloriosos havemos de ser todos. (...) Saude e fraternidade. O cidadão Sousândrade. (SOUSÂNDRADE, 1896)¹⁵³

Sousândrade menciona na carta a presença da Princesa Isabel em *Novo Éden*, publicado três anos antes do envio da mesma. Na quarta linha da citação, quando ele escreve “vereis no Novo-Eden”, a presença do verbo no futuro pode indicar que juntamente com carta seguia um exemplar do livro como presente a Nabuco. Já o poema póstumo *Harpa de Ouro* é dedicado ao monarquista, Sousândrade escreve na dedicatória que o mesmo se tratava de um: “inteligente *post scriptum* de uma carta político-republicana ao Dr. Joaquim Nabuco, em sinal de grande estima”¹⁵⁴. Não podemos ser assertivos sobre a relação entre a carta mencionada no prefácio e aquela que tivemos acesso, mesmo assim, pela coincidência temática, acreditamos tratar-se da mesma correspondência. Por conseguinte, a carta confirma a continuação entre *Novo Éden* e *Harpa de Ouro*, que em conjunto com *O Guesa*, *O Zac* devem ter feito parte de um mesmo projeto de poemas republicanos escritos a partir de 1893, considerando a convergência temática entre os três. Entretanto, para além do que foi exposto atrás, nos intriga o motivo que levou Sousândrade a endereçar a Nabuco o reavivamente literário de Isabel como uma republicana, pois, conforme Daibert Júnior (2004) é sabido que o monarquista apoiava a possibilidade do Terceiro Reinado da Princesa.

É importante também destacar na carta a continuidade histórica que o autor estabelece entre Tiradentes e D. Pedro I. Tiradentes é descrito como a “voz” e D. Pedro I o “braço” do 7 de setembro, um é a idealização e o outro a concretização do mesmo ideal. Argumento oposto a esse está presente no canto segundo d’*O Guesa*, publicado dez anos antes:

(2.º Patriarcha :)

— Bronzeo está no cavallo

¹⁵³ Carta inédita de Sousândrade a Joaquim Nabuco. Ver anexos.

¹⁵⁴ Idem.

Pedro, que é fundador ;
 Ê ! ê ! ê ! Tiradentes,
 Sem dentes,
 Não tem onde se pôr!

(canto décimo, p. 31)

Acima, ambas as figuras históricas são antagônicas pela tentativa do Segundo Reinado em apagar a memória do inconfidente em favor da exaltação da imagem de D. Pedro I, o proclamador efetivo da Independência¹⁵⁵. A decisão tardia de Sousaândrade em não romper com o legado de D. Pedro I pode ter sido influência do Positivismo que, em se tratando da evolução política da humanidade, considerava a monarquia o primeiro estágio do seu desenvolvimento, plenamente concretizado pelo republicanismo (TORRES, 1943, p. 60).

Essa concepção positivista das fases do progresso histórico também guiou, por exemplo, a junta provisória republicana na escolha da nova bandeira para o Brasil, já que o pavilhão da república foi uma adaptação da bandeira imperial sob a divisa positivista *Ordem e Progresso*. A manutenção dos elementos da bandeira do antigo regime político foi defendida pelos positivistas sob a alegação de que a bandeira de uma nação era “símbolo de fraternidade” e um elo do “passado ao presente e ao futuro” (CARVALHO, 2014, p.113). Portanto, não se devia negar o que veio antes porque fora essencial para o desenvolvimento do estágio presente da história. Sousaândrade escreveu na carta a Nabuco que natural era vir “o imperial depois do colonial e antes do republicano”, o que nos possibilita afirmar que ele também compartilhava dessa visão positivista da história nacional.

O borboletear do rir da menina bonita: República e Positivismo

As palavras que o maranhense endereça ao pernambucano evidenciam a afinidade das suas ideias com o que Auguste Comte no seu *Cours de Philosophie Positive* (1830) chamou de *A Lei dos Três Estados*. Esses são referente aos

¹⁵⁵ Cf. CARNEIRO, 2011, p. 57-58.

patamares de desenvolvimento mental do ser humano, segundo a qual existiriam “três estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato; o estado científico ou positivo” (COMTE *apud* SOARES, 1998, p.44). Cada um desses estágios mentais caracterizariam um regime político distinto, também evolutivo, compreendidos respectivamente pela monarquia, pelo parlamento liberal-democrático e, finalmente, pela república, positivista e tecnocrata. A filosofia positivista de Comte ligava-se a uma tradição de pensamento que incluía:

Kant, Hegel, Spencer, Marx, Darwin, Haeckel, e um sem número de pensadores, que com maior ou menor êxito, desenvolveram o princípio de que a humanidade tende a **uma "idade de ouro", situada no futuro**. (TORRES, 1943, pp. 62-63, grifo nosso)

Conforme discutido anteriormente, essa noção de “uma ‘idade de ouro’, situada no futuro”, está presente na poesia sousandradina nas referências ao *Éden*. Outrossim, a concepção das fases do desenvolvimento político das nações para os positivistas figura na obra do maranhense como os estágios da metamorfose da borboleta, que é mais uma metáfora para a plenitude republicana. Segundo o poeta, os primeiros anos da República experimentados no Brasil eram apenas o rastejar do seu ideal, “o período lagarta”, mas “o período chrysalida” não tardaria e logo alcançaríamos a fase definitiva da “borboleta solar”, ou a configuração plena desse regime político. Essa metáfora presente na carta a Joaquim Nabuco também está presente em *Harpa de Ouro* sob a variação de “borboleta girassol” (p. 434, verso 55); “borboleta moral” (p. 435, estrofe 80-81); “solar borboleta que integra a tão gentil revolução” (p. 446, estrofe 231) e, mais explicitamente, na estrofe seguinte aos versos sobre “menina bonita das dores/ Incorrutível diamante! A hão”:

Truth e o do mar, 'velho verídico',
Passado - Presente - Porvir,
Aí vendo o tesouro brasílico
À colonial lagarta, - o aurir
Do Império crisális, - e o edílico

Borboletear do teu rir,

Ó Liberdade, flor senhorita
(...)

(*Harpa de Ouro*, p. 441)

Sousândrade consegue reunir no excerto a noção de “Passado - Presente - Porvir” da Lei dos Três Estados com a imagem feminina da liberdade republicana. Assim, a verdade que emerge do mar, berço das transformações da vida e da “colonial lagarta”, é o do porvir do sorriso da “moça bonita”, um dos avatares da República, sorriso idílico que encanta como o bater de asas da borboleta livre do casulo imperial.

4.3 Educação para a formação dos cidadãos republicanos

Ainda com referência à carta de Sousândrade a Joaquim Nabuco, no trecho que diz “se a redemptora do imperio fosse rodeiada da tribu de Benjamin (...) tudo estaria diferente”, Sousândrade está se referindo a uma formação científica positivista, com a qual a princesa, de formação religiosa católica, não teve contato. De acordo com o que escreve o poeta republicano, essa característica da instrução daquela que aboliu a escravidão limitou o alcance do seu ato, visto por ele como uma porta de entrada para a República. Em outra correspondência de 1881 endereçada à *Sociedade brasileira contra a escravidão*, presidida pelo mesmo Joaquim Nabuco, Sousândrade mais uma vez opõe a formação positivista com a católica, ao argumentar que os ex-escravos deveriam receber instrução “das sciencias positivas e não das superstições”, para que não se corrompessem depois de libertos e pudessem servir ao desenvolvimento da nação brasileira.

Essa carta-artigo de Sousândrade foi publicada em janeiro de 1881 em *Correspondência dos Estados Unidos*¹⁵⁶, jornal mensal publicado em Nova York sob a direção de Herculano de Aquino, e no periódico ludovicense *O Paiz*. Nela o poeta expressa entusiasmo pela publicação do manifesto assinado pela *Sociedade* e

¹⁵⁶ Jornal mensal dirigido por Herculano de Aquino e publicado em Nova York.

informa que havia se encarregado de distribuir cópias que recebera do mesmo a importantes personalidades estadunidenses, como o poeta Longfellow e o presidente Hayes.

Sousândrade expressou afinidade com o Positivismo em outras situações como, por exemplo, enquanto superintendente da província de São Luís, cargo para o qual foi nomeado em função da instauração da República. Conta-se que nessa época ele teria mandado escrever a divisa positivista no gabinete que ocupava na Intendência¹⁵⁷. Ainda em 1889, o superintendente ou prefeito, na nomenclatura atual, da capital maranhense publicava a nota *Antes da Universidade*, na qual apresentava a proposta do cronograma de disciplinas dos cursos de três anos em Letras/Artes Liberais e Ciências/Artes Mecânicas. Ao final dessa nota ele escreve: "Aos professores cabe o estudo criterial do methodo de concisão, ordem e progresso, divisa magnifica do pavilhão da nova Patria" (SOUSÂNDRADE, In: A República, São Luís, 23 dez.1889). Positivista ou não, a Educação era concebida pelo poeta como condição *sine qua non* para o progresso do país, pois:

A forma republicana de governo requer o mais amplo derramamento das luzes de todos os conhecimentos científicos, de modo que os Estados federativos em sua autonomia possam ser cada qual uma capitania distinta na grande União; - e considerando que ao desanimo e às descrenças que lavram na sociedade, tão só as reações as verdadeiras ciências são salutareas. (SOUSÂNDRADE, [1894] 2003, p. 519).

Para o maranhense, uma vez adotado o regime republicano, era necessário investir na Educação para o progresso, capacitando a população e, conseqüentemente, descentralizando a economia e a política do país.

Enquanto prefeito de São Luís, Sousândrade dedicou-se com afinco à melhoria do sistema educacional da região e "criou de uma assentada várias escolas públicas municipais, uma para cada bairro da cidade, destinadas a atrair e ensinar as primeiras letras para crianças pobres de ambos os sexos" (MARQUES,

¹⁵⁷ Cf. Lins, Ivan Monteiro de Barros. **História do Positivismo no Brasil**. Edição: 2 - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 113.

2008, p.440). Além de possibilitar o acesso à educação básica de forma irrestrita, sem imposição rigorosa no procedimento das matrículas ou em código de vestimentas, visto que era inclusive permitido que as crianças fossem descalças para as aulas, Sousândrade foi também o idealizador da primeira universidade no Maranhão. A construção da Universidade de Atlântida foi proposta no *Projeto de constituição do Estado do Maranhão*, firmado por uma comissão liderada por Sousândrade em dezembro de 1890. O artigo 89 das *Disposições Gerais* do documento estabelecia que: “logo que o permitam as finanças do Estado será fundada uma universidade” a qual “será franca a todos os habitantes a frequência” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 536).

Antes que recursos oriundos do governo federal fossem disponibilizados para a construção da universidade, Sousândrade propusera ao governador do Maranhão o funcionamento de uma “Academia de Letras e Ciências” já em 1889, nas dependências do Liceu da cidade de São Luís. Os cursos da Academia teriam duração de três anos ao longo dos quais se ensinaria, por exemplo, a disciplina sobre “Governos republicanos”. Já em outro artigo de 14 de julho de 1894 intitulado “Universidade de Atlântida”, Sousândrade parece criticar o governo republicano pela insistência em investir nas formas arcaicas da lavoura, a qual não estava dando lucro sequer para pagar os trabalhadores. O autor menciona que esse era um modelo que remontava ao Império, logo, inapropriado para a realidade da nova ordem política, que exigia o emprego de novas tecnologias na Agricultura. Segundo ele:

Emprestar à lavoura rotineira, cujos resultados mal chegam para o pagamento honesto dos braços livres, como pensava fazer o Império depois da abolição? É continuar o *ram-ram* imperial: melhor é dar educação agrícola antes (...). Os dois ramos universitários indicados, Minas e Agricultura, são os verdadeiros empréstimos, a aurora da lavoura e de atração para as riquezas da terra. (SOUSÂNDRADE, 2003 p. 518)

Para Sousândrade o caminho da prosperidade brasileira estava no investimento de profissionais capacitados, como aqueles das áreas das ciências

práticas que poderiam contribuir para a industrialização do país, emancipando a economia brasileira dos métodos da lavoura antiga, marca do Império não condizente com a nova situação política da nação. Conforme discutido no primeiro capítulo desta tese, essa perspectiva em relação às ciências aplicadas era compartilhada entre os brasileiros que estiveram nos Estados Unidos na década de 1870. Desse modo, em ata da reunião sobre a fundação da Universidade Nova Atenas, publicada em *O Federalista* em 1895, ele sugeria:

(...) que o cônsul dos Estados Unidos, correspondendo-se com a legação brasileira em Washington, obtenha informações precisas acerca de um professor, condigno lavrador da Geórgia ou da Luisiânia que, com o auxílio de alguns de nossos homens de boa ciência, venha fundar a nossa Academia de Agricultura; “ – que semelhante o cônsul do Chile obtenha informações da vinda de um mineiro, da Universidade de Santiago (que reúna a ciência da educação dos índios) para, com auxílio dos nossos, fundar este urgente ramo entre nós. (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 520).

A ideia de fundar uma Academia de Agricultura em São Luís demandava a contratação de professores capacitados no ramo. Sousândrade deixa, então, indicado no excerto que os agricultores do sul dos Estados Unidos, região outrora escravocrata e cuja economia mormente assentava-se no cultivo de algodão, eram referência no assunto e por isso os brasileiros deveriam aprender com os mesmos as técnicas da Engenharia Agrícola. Para a área de Engenharia de Minas a indicação era que o profissional viesse do Chile e que o mesmo, curiosamente, também fosse experiente na educação dos autóctones.

Esse requisito nos chama atenção e faz lembrar um outro artigo publicado no mesmo jornal um ano antes, em 1894, assinado por Sousândrade e Augusto O. Viveiros de Castro, onde figurava a proposta de se trazer um especialista chileno para assumir a “cadeira de Direito Índio na Faculdade de Direito” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 519). Notamos uma mudança substancial entre a formulação dessa primeira proposta, focada em um especialista dedicado aos direitos indígenas, e a reformulação da mesma um ano depois, que sugere a vinda de um especialista na

extração de minérios que, como aspecto secundário, entendesse da educação dos nativos, possivelmente para treiná-los como mão de obra nessa tarefa.

Portanto, Sousândrade via o atraso do Brasil já na sua fase republicana como consequência da falta de investimento em novas tecnologias para a extração de recursos minerais e desenvolvimento da agricultura, assim como na ausência de trabalhadores qualificados. Por isso, além de investimento na formação de profissionais em ciências aplicadas, o governo republicano deveria aproveitar o potencial que os índios e negros libertos apresentavam, porque esses poderiam contribuir para o crescimento e modernização do país, desde que devidamente preparados, conforme discutiremos ainda neste capítulo.

Em 1895 o projeto da universidade, rebatizada de Nova Atenas, ainda não havia se concretizado, entretanto, em nota publicada em *O Federalista*, em maio de 1895, Sousândrade comunicava a instalação da Faculdade de Direito em sua própria residência, na Quinta Vitória (SOUSÂNDRADE 2003, p. 520). Mas, de acordo com uma outra nota, até março de 1896 a mesma ainda não havia funcionado por falta de alunos¹⁵⁸. Por essa época, exaurido por não ver o resultado do seu empenho, Sousândrade disparava no texto *E a Universidade!?* que já havia feito tudo que lhe cabia para alavancar a Educação na região e que se a universidade não tinha vingado era por que o Brasil ainda vivia sobre os resquícios do obscurantismo monárquico. Ele advertia:

Senhores, n'esta continuação do Imperio, fatal ainda por longos annos: tão somente a criação educadora e com algum sangue novo pode, também por mágico *quero já*, adiantar a maioridade da Republica. (*A Pacotilha*, 14 de março de 1896 – p.03)

O supracitado “quero já” é referência à campanha para a antecipação da Maioridade de D. Pedro II, que ao ser consultado em 1840 se queria assumir o trono quando completasse 15 anos, ou imediatamente, ainda aos 14, teria respondido: “- Quero já!”. No entanto, Lilian Moritz Schwarcz em *As Barbas do*

¹⁵⁸ Cf: *A Pacotilha* (São Luís), 14 de março de 1896 – p.03

Imperador (1998) considera essa versão oficial dos fatos pouco crível, pois intentava-se atribuir ao príncipe ainda garoto uma personalidade *sui generis* que foi sustentada pela propaganda política ao longo do Segundo Reinado. Sete anos após a proclamação da república, Sousândrade constata que a situação política do país era uma prolongação do Império a se arrastar ainda por algum tempo caso a população não fosse emancipada por meio da Educação. A república estava feita, faltava a “formação das almas” que dariam vida aquele ideal político, para usarmos a expressão de José Murilo de Carvalho (2014).

4.3.1. Educação para os negros e indígenas

O investimento na modernização dos métodos de exploração e produção de riquezas no Brasil não poderia prescindir da existência de mão de obra abundante e apta. Com o fim da escravidão, a vinda de imigrantes para trabalhar na lavoura foi um projeto oficial do governo. Apesar disso, Sousândrade via na população indígena e negra a melhor alternativa para a cooptação de força de trabalho.

No conhecido artigo *O Estado dos índios*, publicado em *O Novo Mundo* em 1872, Sousândrade condenava o descaso do Império brasileiro pela situação degradante em que viviam os índios das comunidades ribeirinhas do Amazonas. Ele também falava contra o desastroso processo de aldeamento dos nativos, ao passo que propunha que os mesmos recebessem educação em sua tribo, pois uma vez civilizados buscariam naturalmente viver nas cidades. O argumento de Sousândrade nesse artigo é que o governo deveria investir mais em missionários e educadores capacitados para atuarem junto aos índios pois, se bem preparados, eles seriam trabalhadores livres mais adequados à substituição do trabalho escravo, na iminência do seu fim, que a vinda de imigrantes europeus:

(...) O africano escravo tinha feito esquecer o índio, que não se pôde escravizar. Hoje pois que se trata de libertar o escravo, é natural e generosa a atenção que se volta para o livre – são corolários da emancipação já nesse primeiro passo dado para ela. (...) o professor Hartt¹⁵⁹ (...) acrescenta esse distinto naturalista e amante da natureza e dos índios do Brasil, que são estes muito mais inteligentes que os irlandeses, e que serão melhor elemento de população do que esse que para aqui [Estados Unidos] mais vem (SOUSÂNDRADE, [1872], 2003, p. 497)

Claudio Cuccagna, em *A Visão do Ameríndio na Obra de Sousândrade*, foi quem primeiro observou o projeto neocolonialista do autor d'*O Guesa* por trás da sua defesa da cultura indígena. Cuccagna analisa que o interesse do maranhense pelo índio traduzia-se pela lógica do “conhecer melhor para colonizar melhor”, uma vez que Sousândrade incorporava a figura do “típico intelectual latino-americano da segunda metade do século XIX que lutava com firmeza para fazer triunfar a civilização sobre a barbárie no próprio país” (CUCCAGNA, 2004, p.172). O objetivo último do projeto integracionista do índio na ótica sousandradina era inseri-lo no processo do desenvolvimento econômico do Brasil. Embora já tenhamos ponderado estas considerações de Cuccagna na dissertação de mestrado¹⁶⁰, acreditamos que suas afirmações são também válidas em relação ao negro no pensamento sousandradino.

Em *A sociedade brasileira contra a escravidão*¹⁶¹, Sousândrade argumentava que os negros deveriam ser aproveitados como trabalhadores livres no processo de modernização do Brasil e propunha que a abolição se desse de maneira imediata e com indenização aos ex-proprietários:

¹⁵⁹ Sousândrade refere-se ao naturalista estadunidense Charles Frederick Hartt, professor na Universidade de Cornell, que em 1871 realizou sua terceira Expedição Científica no Brasil. Marcus Vinicius de Freitas menciona as conferências proferidas por Hartt, além do periódico de José Carlos Rodrigues, como os responsáveis pela divulgação daquela instituição de Ensino entre os brasileiros no Império. Cf. FREITAS, 2011, p. 33.

¹⁶⁰ Cf. CARNEIRO, 2011. p. 14-22.

¹⁶¹ Trata-se de uma carta-artigo de Sousândrade que ficou de fora das compilações de textos publicadas do autor em *Poesia e Prosa Reunidas* (2003), com organização de Frederick G. Williams e Jomar Moraes. A mesma foi publicada nos anexos da minha dissertação de mestrado.

(...) deixando habilitados os possuidores com o seu capital a qualquer industria, em proveito do Estado, e utilizando os libertos, transformando-os de escravos em colonos nas próprias fazendas e terras, que continuariam sem interrupção à lavoura, também em proveito do Estado, tudo ao mesmo **tempo sem dar-lhes ocasião a passarem da escravidão aos vícios (como acontecera na Jamaica e nos Estados Unidos nos primeiros dias da emancipação alli, e dando-se-lhes logo o missionário educador, das sciencias positivas e não das superstições.** (Sousândrade, 1881)

Destacamos na passagem acima o argumento de Sousândrade para a necessidade de instrução dos ex-escravos para transformá-los em cidadãos produtivos para república. Ele afirma no mesmo documento, fazendo coro às ideias vinculadas no manifesto da *Sociedade*, que o atraso nacional, em boa medida, devia-se a existência de escravos, o que conferia:

a academia como uma sciencia artificial e “pelas ramagens”, a escola sem educadores, a sociedade sem mais familia, a igreja sem religião tudo influencias da escravidão. (...) o homem não é livre nem quando é escravo nem quando é senhor. O cysne de Socrates, na escravidão, sentio que havia quem fosse mais infeliz ainda que os escravos — os senhores. (SOUSÂNDRADE, 1881)

Comparando as afirmações de Sousândrade sobre a população indígena, caracterizada por ele como: “os filhos da natureza, e da absoluta liberdade (...) os infantes da criação – que entretanto uma vez presos às virtudes morais, dão por elas a vida” (SOUSÂNDRADE, [1872] 2003, p. 496-7) e a população negra em ambos os documentos percebemos o reconhecimento do universo cultural da primeira, mas não da segunda. Embora, sua proposta de inserção de ambas na sociedade branca, enquanto força de trabalho com vistas ao desenvolvimento e modernização do Brasil, fosse a mesma. Em 1872, o poeta parecia acreditar que a libertação dos escravos daria espaço para a substituição dos seus postos de trabalho pelos índios, enquanto trabalhadores livres sob a tutela do Estado. Passados dez anos, frente à iminência real da abolição, ele já considerava o

reaproveitamento dos ex-escravos como trabalhadores livres e insiste que sem isso não poderia haver pátria livre. Por fim, concretizada a abolição e proclamada a república ele escreveu:

Em nome da sociedade, fazem todos compreender aos libertos que a lei republicana os quer homens laboriosos, felizes pais de família, na comunhão geral dos civilizados e não inimigos; pois, das escravidões a escravidão pior é a dos livres que se põem fora da lei e é a dos cegos que não querem ver. (SOUSÂNDRADE, [1889], 2003, p. 513)

Era urgente convencer a população liberta da legitimidade da república que não pretendia excluí-la da nova ordem social e econômica e muito menos negar-lhe a liberdade que o Império havia concedido. No poema *Novo Éden* Sousândrade reafirma a necessidade de fazer do negro liberto cidadão da República:

Não educar ao livre, é estar sem cidadão,
Sem virtudes a mãe, sem respeitos o ancião;
Abandonar o livre, é iluminar Sodoma,
Patria sem lei nem Deus, de Coesar-Nero a Roma

(*Novo Éden*, p. 85)

Na carta de 1881 o escritor caracteriza a escravidão como corruptora dos valores éticos e morais da sociedade. Do mesmo modo, acima, abandonar “o livre” ou os ex-escravos comprometeria a cidadania, virtude e respeito, o que nos levar a entender que esse descaso acarretaria o mesmo ônus social daquele sistema econômico. Portanto, era urgente incluir os negros, assim como os índios, no processo de desenvolvimento do Brasil, pois do contrário os mesmos poderiam representar ameaça para a marcha nacional rumo à modernização, relegando o território ao caos da bíblica cidade de Sodoma ou da Roma antiga sob a tirania de

Júlio César¹⁶² e Nero. De todo modo, podemos concluir que a proposta de Sousândrade para a educação desses grupos funcionava menos como ferramenta que pudesse lhes emancipar enquanto cidadãos no pleno gozo de seus direitos civis, que formação prática dos mesmos como mão de obra.

O engajamento de Sousândrade em promover o ensino não estava apenas ligado ao seu cargo de prefeito de São Luís, mas também à sua atuação como de homem de letras. Para ele cada um deveria fazer a sua parte na construção da nação livre, democrática e próspera e o posto de honra dos literatos era cuidar da educação, assim como era missão dos lavradores fazer “florescer os campos da República”. (SOUSÂNDRADE [1889], 2003, p. 514). O autor d’*O Guesa* ao reivindicar essa atuação dos literatos no Brasil republicano acabava também por forjar um lugar para os intelectuais naquela nova conjuntura política, social e econômica do país.

Embora crítico da subserviência dos escritores românticos aos interesses do Estado Imperial e dos cargos públicos que aqueles assumiam em detrimento da liberdade da criação literária, conforme o maranhense expressou em relação ao seu conterrâneo Gonçalves Dias¹⁶³, ele não defendia, na República, a cisão entre a literatura e a política. Pelo contrário, a liberdade republicana deveria elevar o gênio literário nacional por meio da priorização da educação, a base não só para o desenvolvimento econômico mas também para a expansão da cultura, conforme os exemplos das repúblicas do Chile e dos Estados Unidos onde, respectivamente:

Ao lado de Mackenna e de Lastarria, pensadores da inteligência, D. Ramos e a princesa de Lota, representantes sem dolo da riqueza industrial; **ao lado de Longfellow e Emerson, os Gay (sic - Jay) Goulds e os Vanderbilts.** (SOUSÂNDRADE [1889] 2003, p. 506)

Podemos concluir que a cultura, no último quartel do século XIX, não era para o nosso poeta “antítese do utilitarismo da vida econômica” (RAMOS, 2008,

¹⁶² No canto segundo d’*O Guesa* Sousândrade concebe Júlio César como um ditador e exalta Brutus, seu assassino, como justiceiro. Cf: CARNEIRO, 2011, p.58-59.

¹⁶³ Cf: Idem, pp. 77-78

p.236), como o foi para escritores latino-americanos como Martí e Rodó, os quais temiam a perda da legitimidade do seu lugar de intelectuais no processo de modernização na América Latina, que “retirava dos letrados a responsabilidade central de administrar o projeto de racionalização, o ordenamento da “bárbara natureza” americana” (RAMOS, 2008, p. 239). O cenário brasileiro por essa época era diverso ao das demais repúblicas do continente e não podia prescindir da atuação dos homens de letras.

Considerações Finais

Na epígrafe que abriu esta tese lemos versos do canto décimo sobre a guerreira "mãe moral" republicana que esmagaria as serpentes do éden, metáfora para os problemas políticos e sociais que assombravam os Estados Unidos, e sairia vencedora. Conforme argumentamos ao longo deste trabalho, nesse canto, é preponderante a exaltação do país republicano do Norte pelo Guesa-poeta como modelo de civilização para o Brasil moderno, visão comum entre a rede de brasileiros reunidos em torno de José Carlos Rodrigues nos Estados Unidos, por volta de 1870.

Assim, foi nosso objetivo discutir a presença do imaginário republicano, além d'*O Guesa*, em *O Guesa, o Zac*, continuação do canto décimo segundo, bem como *Novo Éden* e *Harpa de Ouro*. A instauração de uma nova ordem social no Brasil por meio da mudança de regime político foi tratada por Sousândrade metaforicamente como o alcance do éden, sinônimo de futuro e modernidade política, econômica e social, conforme verificamos nos poemas republicados escritos a partir de 1893, quando Sousândrade já estava de volta ao Brasil.

Vimos, no segundo capítulo, que no *Inferno de Wall Street* são apontados os desajustes da sociedade estadunidense que não condiziam com o ideal sousandradino de país democrático, livre e promissor. A crítica à especulação na bolsa de valores, concentradas nas cinco primeiras estrofes das 176 que constituem o Inferno, é associada à transgressão das práticas protestantes de dedicação ao trabalho, visto com o único meio aceitável para acumular riquezas. Também entre os escritores estadunidenses da época, o imaginário em torno da bolsa de valores envolvia frequentemente forças malignas, pecado e condenação ao inferno. Essa recorrência de ideias em torno de *Wall Street* foi possível devido ao processo de secularização da ética puritana impulsionada pela rápida transformação dos Estados Unidos nos anos posteriores ao fim da Guerra Civil.

Entretanto, o sistema econômico não constitui o objeto central da incursão infernal do Guesa, pois essa concentra em maior medida, por exemplo, questões relativas à disfunção social, como o esfacelamento da família em decorrência da

mudança do papel social da mulher, desejosa de estudar e trabalhar fora de casa. Essa situação foi associada pelos observadores da época à crise da sociedade, pois não se tinha mais assegurada a formação de homens íntegros, educados com moralidade conforme os preceitos cristãos, responsabilidade atribuída à mulher. Nesse sentido, Sousândrade reproduz a visão conservadora daquele período em relação ao sexo feminino, partilhada também com Jose Martí, por exemplo.

Na segunda estrofe da epígrafe inicial, a recorrente imagem feminina como símbolo da liberdade republicana, também representada pela estátua fixada na cúpula do capitólio, em Washington, DC, é avistada pelo Guesa saudoso, ao longe, que projeta naquela visão toda a paixão pelo seu ideal político. O Guesa, o amante de todo o continente, coloca-se entre a índia Pocahontas, personagem histórica dos Estados Unidos, e Moema, a personagem literária nativa do Brasil, que afogada expirou na tentativa de alcançar sua paixão, cena imortalizada na pintura por Victor Meireles. Como Moema, Sousândrade também foi engolido pelo mar a partir do qual ele vislumbrou o seu ideal político e social para o Brasil, pois a república que se fez, continuação do império, não era aquela que ele desejou.

Sousândrade, de volta ao Brasil, engajou-se na política pelo fim da era imperial, sempre mirando aquela “terrível mulher sagrada e bella” do outro lado do Atlântico. E é do mar que uma das imagens da república proclamada no Brasil surge em *Harpa de Ouro*, quando a borboleta solar, outrora “colonial lagarta”, livra-se do casulo imperial e funde-se no borboletar do rir da república-moça, conforme analisamos no quarto capítulo em relação a visão positivista evolutiva da história presente no pensamento sousandradino.

Mesmo frustrado com a república brasileira, o poeta entendeu a necessidade de criar uma simbologia para a realidade política em voga e nos poemas escritos quando do seu retorno à pátria assistimos à construção do mito de fundação de um éden moderno, assim como de um panorama da luta e dos heróis pela emancipação da nação republicana livre e democrática. Nesse contexto, são recorrentes as figurações de Tiradentes e da Princesa Isabel, especialmente, como mártires republicanos, ambos associados pelo poeta ao primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington, criando assim uma genealogia para a república brasileira.

Novo Éden, *Harpa de Ouro* e *O Guesa*, *O Zac* também vinculam-se à militância política de Sousândrade, que assumiu o cargo de superintendente da província de São Luís depois que a república foi proclamada, quando iniciou mudanças no sistema educacional da região e concebeu o projeto da fundação da primeira universidade no Maranhão, que nunca se realizou. Sousândrade via o atraso do Brasil, já na sua fase republicana, como consequência da falta de investimento em novas tecnologias para a extração de recursos minerais e desenvolvimento da agricultura, assim como na ausência de trabalhadores qualificados. Por isso, além de investimento na formação de profissionais em ciências aplicadas, o governo republicano deveria aproveitar o potencial que os índios e negros libertos apresentavam, pois esses poderiam contribuir para o crescimento e modernização do país, dispensando a vinda de trabalhadores imigrantes.

Em 1899 o poeta e político lançava pela última vez candidatura ao Senado Federal, porém sem sucesso, o que nos revela que até próximo do fim da vida Sousândrade manteve-se lúcido e ativo na política, bem como na literatura, lembrando que *O Guesa*, *O Zac* foi publicado em 1902, apenas um mês antes do seu falecimento.

Por fim, vale dizer que a ruptura formal alcançada n'*O Guesa* não ocorre da mesma maneira nos poemas posteriores. Mas o fechamento semântico que caracteriza o *Novo Éden*, pelas referências inter e extra-textuais difíceis de serem recuperadas na leitura, em muito lembra o primeiro. O uso de palavras estrangeiras, sobretudo em língua inglesa, pode ser encontrado nos poemas posteriores a *O Guesa*. De todo modo, foi o elo temático entre essas obras de Sousândrade que nos interessou neste trabalho.

Referências Bibliográficas

De Sousândrade

SOUSÂNDRADE. **O Guesa**. Londres: Cooke & Halsted, 188?. Disponível no site do Instituto de Estudos Brasileiros/ IEB-USP em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/COG/Media/COG9544.pdf>>. Acesso: 1 dez.2015.

_____. **Novo Éden**: Poemeto da adolescência. 1888-1889. São Luís, MA Typ. a vapor de João d'Aguiar Almeida & C. 1893.

_____. **Obras Poéticas**. Vol.I. New York (sem editora), 1874. Disponível na Brasiliana Digital em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00074000>>. Acesso: 09 agos. 2012

_____. **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. Frederick G. WILLIAMS & Jomar MORAES (Org.). São Luís: Edições AML, 2003.

_____. **A sociedade brasileira contra a escravidão**. *O Paiz: jornal catholico, litterario, commercial e noticioso* (São Luís), 26 de janeiro de 1881. In: CARNEIRO, Alessandra da Silva. Do tatu fúnebre ao lar-titú. 2011. p. 11-13. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-27052011-160658/>>

_____. **O Guesa**. Introdução, organização, notas, glossário, fixação e atualização do texto da ed. londrina, LOBO, Luiza; revisão técnica, MORAES, Jomar. Rio de Janeiro: Ponteio; São Luís, MA: Academia maranhense de Letras, 2012.

Sobre Sousândrade

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAMPOS, Augusto. RE-WWW-VISÃO: GIL-ENGENDRA EM GIL-ROUXINOL. In: **Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015, pp. 217-236.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. **Do tatu fúnebre ao Lar-titú**: implicações do Indianismo no Canto Segundo do poema *O Guesa*, de Sousândrade. Dissertação (mestrado). 2011. 135 f - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. A New York de Sousândrade e Walt Whitman. In: **Miscelânea**: Revista de Pós-Graduação em Letras. UNESP – Campus de Assis. Assis, vol.7, jan./ jun.2010. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v7/alessandra.pdf>> Acesso: 09 nov.2015

CUCCAGNA, Claudio. **A Visão do ameríndio na obra de Sousândrade**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

DUARTE, Sebastião Moreira. **Épica Americana**: O Guesa, de Sousândrade e o Canto General, de Pablo Neruda. Tese (doutorado). 1993. 346 f. Graduate College of the University of Illinois at Urbana-Champaign, 1993.

LIBRANDI-ROCHA, Marília. O “caso” Sousândrade na história da literatura brasileira. In: **Maranhão-Manhattan**: ensaios de literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LIMA, Costa. O campo visual de uma experiência antecipadora: Sousândrade. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Re Visão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LOBO, Luiza. **Épica e Modernidade em Sousândrade**. 2ª Ed. rev. Rio de Janeiro: 7Letras. 2005

SANTIAGO, Clarindo. Sousa Andrade: O Solitário da “Vitória”. In: **Revista da Academia Brasileira de Letras**. v. 39, n. 120. 1932.

TORRES-MARCHAL, Carlos. Crônicas do Inferno. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v. I, n. 01, p. 7-31, Jul. 2008.

_____. Crônicas do Inferno II: O Guesa em Wall Street. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v. I, n. 02, p. 7-35, dez. 2008.

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade. In: **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, ano 3, ed. 1, p.1-20. Jul. 2010.

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade II: As errâncias e os pousos do Guesa. **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v.11, n.1, Jan/Jun. 2013 Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/240/202>>. Acesso: Jul. 2015

_____. Contribuições para uma biografia de Sousândrade - III. As filhas do poeta. **Eutomia**: Revista de Literatura e Linguística, Recife, v.1, n.13, p. 5-31, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/585/414>>. Acesso: 26 nov. 2015.

TREECE, David. **Exilados, Aliados, Rebeldes**: O Movimento Indianista, a Política Indigenista e o Estado-Nação Imperial. São Paulo: Edusp/ Nankim, 2008.

WILLIAMS, Frederick G. **Sousândrade: vida e obra**. Sioge: São Luís. 1976.

_____. The Wall Street Inferno: A poetic Rendering of the Gilded Age. In: **Chasqui: revista de literatura latinoamericana**, v. 5, n. 2, pp. 15-32, fev.1976. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/20778161>>. Acesso: 20 jun. 2015.

_____. Sousândrade em Nova Iorque: Visão da Mulher Americana. **Hispania**, v. 74, n. 3, p.548-555, set. 1991. Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature, and Culture. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/344181>>. Acesso: 5 agos.2014

Periódicos

A Aurora Brasileira. Periódico Litterário e Noticioso (Syracuse, New York, 1873-1875).

A Mulher. Consagrado aos Interesses e Direitos da Mulher Brasileira (New York, 1881). Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=732907&PagFis=0>.
 Acesso: 01 out. 2015.

Diário de Belém. Folha política, noticiosa e comercial (Belém-PA, 1868-1889). Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=222402&PagFis=1>.
 Acesso: 01 out. 2015

Diário do Maranhão, jornal do comércio, lavoura e indústria. São Luís. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720011&pesq=>>

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro - RJ). Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&PagFis=10895. Acesso: 01 out. 2015.

O Novo Mundo. Periódico Ilustrado do Progresso da Edad (New York, 1870-1879). Disponível em
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=122815&PagFis=0>.
 Acesso: 01 out. 2015.

O Paiz. Jornal Catholico, Litterario, Commercial e Noticioso (São Luís - MA, 1860-1889). Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=824283&PagFis=0>.
 Acesso: 01 out. 2015.

Pacotilha, jornal da tarde. (São Luís). Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=168319&pesq=>>. Acesso: 01 out. 2015.

Geral

ALIGHIERI, Dante. Inferno/ **A Divina Comédia**. Edição bilíngue, trad.e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014 (3ª edição)

Assis, Machado. **Esau e Jacó**. São Paulo: Cultrix, 1961.

ALVES DE LIMA, José Custodio. **Recordações de Cousas e Homens do meu tempo**. Rio de Janeiro: . Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos, Spicer & Cia, 1926.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil** (Dois séculos de História). 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

BAS, Natalia. **Brazilian images of the United States, 1861-1898: A working version of modernity?** - PhD thesis, University College London –UCL, Out. 2011. <<http://discovery.ucl.ac.uk/1324514/1/1324514.pdf>> Acesso em 14 ago 2012.

BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. **Anotações sobre leitura e nonsense**. Tese (Doutorado) 1996. 127 f. Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1996.

BENJAMIN, Walter, **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo** - Obras Escolhidas - Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989

BEZERRA, Carlos Eduardo Oliveira. **Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2009. p. 66. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

BOEHRER, George C. A. Jose Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879. In: **Journal of Inter-American Studies**, Vol. 9, No. 1 (Jan.,1967), pp. 127-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/165161>>. Acesso 11 set. 2013

BRIDGES, Hal. The Robber Baron Concept in American History. In: **The Business History Review**. Vol. 32, No. 1 (Spring, 1958).

BROCA, Brito. Marába, o Romance de Salvador de Mendonça. In: **Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo**. Campinas: Editora da Unicamp. 1991.

CAMPOS, Gabriela. **O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado “O Novo Mundo” (Nova Iorque, 1870-1879)**. Campinas, PPG Letras, Unicamp-IEL, 2001 (Dissertação de Mestrado).

CAMINHA, ADOLFO. **Nos Pais dos Ianques**, 1894. In: Domínio Público (site).
Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000136.pdf>>

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: Momentos decisivos. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. 3^a Ed. São Paulo: Humanitas, 2012.

CARDIM, Elmano. José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra. In: **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, v. 185, out/dez/1944.

CARRUTHERS, G.; BABB, Sarah. The Color of Money and the Nature of Value: Greenbacks and Gold in Postbellum America. In: **American Journal of Sociology**, Vol. 101, No. 6, pp. 1556-1591, May 1996. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/stable/2782112>> . Acesso: nov. 2013.

CARVALHO. José Murilo de. **A formação das Almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 23^a Reimpressão.

CHARTRAND, René. **The forts of colonial North America**: British, Dutch and Swedish colonies. 2010.

CALHOUN, Joshua. Democracy in American Poetry: Longfellow, Whitman, and the "Tyranny of the Majority". In: **South Atlantic Review**, v. 70, n. 1, Winter, 2005.

CALHOUN, Charles W. The political Culture: public life and the conduct of politics. In: **The Gilded Age**: Perspectives on the Origins of Modern America. New York: Rowman & Littlefield, 2007.

CORDERY, Stancy A. Woman in Industrializing America. In: **The Gilded Age**: Perspectives on the Origins of Modern America. New York: Rowman & Littlefield, 2007.

DAIBERT JUNIOR, Robert. **Isabel, a "Redentora" dos Escravos**: Uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

DOBSON, John M. **Bulls, bears, boom, and bust: a historical encyclopedia of American business concepts**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, Inc, 2007

DWIGHT, M.A. **Grecian and Roman Mythology**. A.S Barnes & CO: New York, 1855.

Encyclopaedia Britannica, Or, A Dictionary of Arts, and Miscellaneous Literature. Vol. XII, Ed. 6^a. London: Edinburgh, 1911
Online Encyclopedia <http://encyclopedia.jrank.org/MAL_MAR/MAMMON.html>

Failure in the rubber trade. **The Sun** (Nova York), 25 set. 1884.

FRANCO, Jean. **The Modern Culture of Latin America: Society and the Artist**. Revised Edition. Penguin Books, 1970.

FRANK, Michael B.; SMITH, Harriet Elinor (editors). **Mark Twains's letters**. Vol.6 - 1874-1875. University of California Press: Berkeley; Los Angeles, 2002.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Contradições da modernidade: O jornal Aurora brasileira (1873-1875)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

FOLSOM, George; SHEA, John Gilmary; STILES, Henry Reed *at alli*. **The Historical Magazine**. v. X, Second Series. n. 1. July, 1871.

GABRIELAN, Randall. **Along Broadway**. Arcadia: Charleston SC, 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A Donzela Guerreira: Um Estudo de Gênero**. São Paulo: Editora Senac, 1998.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Mulheres na Guerra do Paraguai**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GARFIELD, JAMES A. The currency Conflict. In: **The Atlantic Monthly**, pp. 219-236, feb. 1876. Disponível em:
<<http://www.unz.org/Pub/AtlanticMonthly-1876feb-00219>> Acesso: nov. 2013

GAULD, Charles Anderson. José Carlos Rodrigues. O patriarca da imprensa carioca. In: **Revista de História**, São Paulo ano IV, nº 16, pp. 427-438, Out/Nov 1953. Disponível em:
< <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/35784/38500>> Acesso 30 nov.15.

GEISST, Charles R. **Wall Street: A History** . Oxford University Press. Updated Edition, 2012.

GIDDENS, Anthony. Max Weber: o protestantismo e o capitalismo. In: **Capitalismo e moderna teoria Social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber**. Lisboa: Presença, 1984.

GLEDSON, John. Esaú e Jacó. In: **Machado de Assis: Ficção e História**. Trad. COUTINHO, Sônia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GONZALEZ, Manuel Pedro. **Jose Martí: Epic chronicler of the United States in the eighties**. 2nd Edition. The University of North Caroline Press, 1953.

GUTIERREZ, Cathy. Sex in the City of God: Free Love and the American Millennium. In: **Religion and American Culture: A Journal of Interpretation**, v. 15, n. 2, Summer, 2005.

HENDRICKSON, Robert. **The Facts on File Dictionary of American Regionalism**. New York: Facts on File, 2000.

Heavy Rubber Dealers Fail. **New York Times** (Nova York), 25 de setembro de 1884

HOROWITZ, Helen Lefkowitz. Victoria Woodhull, Anthony Comstock, and Conflict over Sex in the United States in the 1870s. In: **The Journal of American History**, v. 87, n. 2, Sep., 2000.

HIRSH, Jeff. **Images of America: Manhattan Hotels 1880-1920**. Arcadia: Charleston SC, 1997.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. In: Gallica/ Biblioteca Nacional da França – BnF. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6566991v/f375.textePage.langFR>

JOHNSON, W.R. **The Idea of Lyric**: Lyric modes in Ancient and Modern Poetry. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, 1982.

JUNQUEIRA, Juliana Ribeiro. **Permeando a curva da trajetória de José Carlos Rodrigues** (1867-1923). in: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307022756_ARQUIVO_TEXTOATUALIZADOANPUH2011-JULIARIBEIROJUNQUEIRA.pdf

KORNER, Axel; MILLER, Nicola; SMITH, Adam I. P. (Editors). **America Imagined**: explaining the United States in the nineteenth-century Europe and Latin America. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

LEAR, Edward. **The Complete Verse and Other Nonsense**, Ed. NOAKES, Vivien. London: Penguin, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=r2qvhZQqSMwC&lpg=PT948&dq=limerick%20verses&pg=PT5#v=onepage&q&f=false>

LEAR, Edward. **Book of Nonsense**. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/982/982-h/982-h.htm>

LINS, Ivan Monteiro de Barros. **História do Positivismo no Brasil**. Edição: 2 - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

LOPES, Rodrigo Garcia. A Poética de Fohas de Relva. In: WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2008. pp. 292-313.

MACEDO, Iracema. **Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos**. São Paulo: Annablume, 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Rui: o homem e o mito**. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro. 1964.

MARSH, Linda (Ed). **The Wordsworth Book of Limericks**. Kent, Great Britain: Wordsworth Editions, 1997.

MARTÍ, Jose. Obras Completas. **En los Estados Unidos**: Escenas norte-americanas (1881-1883). Vol. 9 La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso: 1 jun. 2015.

_____. Obras Completas. **En los Estados Unidos**: Escenas norte-americanas (1884-1886). Vol.10. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso: 1 jun. 2015.

_____. Obras Completas. **En los Estados Unidos**: Escenas norte-americanas (1886-1888). Vol. 11. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso: 1 jun. 2015.

_____. Obras Completas. **En los Estados Unidos**: Escenas norte-americanas (1888-1891). Vol. 12 (1881-1883). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso: 1 jun. 2015.

_____. Obras Completas. **Viajes/ Diarios/ Crónicas/ Juicios**. Vol.19. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar>>. Acesso: 1 jun. 2015.

_____. **Nossa América**. São Paulo: HUCITEC, 1983

MARX, Karl. Dinheiro. In: **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 157-161.

MARX, K.; ANGELS, F. **Sobre Literatura e Arte**. 4ªEd. Trad. LIMA, Albano. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

MARSH, Linda (Ed). **The Wordsworth Book of Limericks**. Kent, Great Britain: Wordsworth Editions, 1997. p. IX

MEDBERY, James K. **Men and Mysteries of Wall Street**. Boston: Fields, Osgood & Co., 1870.

MENDONÇA, SALVADOR. **Marába: Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Gomes de Oliveira, 1875.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A modernidade republicana**. *Tempo*[online]. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31. ISSN 1413-7704. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042009000100002>. Acesso: 11 Jun. 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PREUSS, Ori. Discovering “os ianques do sul”: towards an entangled Luso-Hispanic history of Latin America. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 56 (2): 157-176 [2013]. Disponível em <http://ref.scielo.org/4p3rgq>. Acesso 24-09-2015

PRICE, Rachel. **The object of the Atlantic**: Concrete Aesthetics in Cuba, Brazil, and Spain, 1868-1968. Northwestern University Press: Evanston, Illinois. 2014. Disponível em < <http://escholarship.org/uc/item/1h66c1p2>> Acesso: 24 fev. 2015

REBOUÇAS, André. **Diário e notas autobiográficas**. FLORA, Ana; VERÍSSIMO, José Veríssimo (Org.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympo editora, 1938. (Coleção Documentos Brasileiros, organizada por Gilberto Freyre.)

REED, Langford. **The Complete Limerick Book**: the origin, history and achievements of the limerick, with about 350 selected examples. Illustrate by BATEMAN, H. M. London: Jarrolds Publishers, 1925. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/ReedLangford-1925>>. Acesso: 24 nov. 2015.

RETAMAR, Roberto Fernández. Para la historia de Calibán. **Guaraguao**, v. 2, n.4; PRISMA (Publicaciones y Revistas Sociales y Humanísticas) 1997.

SCHUMACHER, SCHUMA; Brazil, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

SOARES, Mozart Pereira. **O Positivismo no Brasil**: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: AGE Ed; Editora da UFRS, 1998.

SPURLOCK, John C. A Masculine View of Women's Freedom: Free Love in the Nineteenth Century. In: **International Social Science Review**, Vol. 69, Nº 3/4 (1994), pp. 34-44. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41882150>>. Acesso: 23 set. 2014.

STEDMAN, Edmund Clarence . **The Poems of Edmund Clarence Stedman**. Boston; New York: Houghton Mifflin Company, 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/poemsecstedman00stedmiss>>. Acesso: 3 jul. 2015.

SCHOLNICK, Robert J. "Edmund Clarence Stedman". In: **Dictionary of Literary Biography**. John W. Rathbun and Monica M. Grecu (eds.), 1988.

SUSSEKIND DE MENDONÇA, Carlos. **Salvador de Mendonça**: Democrata do Império e da República. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

SKIDMORE, Thomas E. Brazil's American Illusion: From Dom Pedro II to the Coup of 1964. In: **Luso-Brazilian Review**, v. 23, n. 2, pp. 71-84, Winter, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3513241>>. Acesso: 05 fev. 2014

TAVARES BASTOS, Aureliano C. **Cartas do Solitário**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Typ da Actualidade. 1863.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1943.

TRINDADE, Alexandro Dantas. **André Rebouças: da Engenharia Civil à Engenharia Social**. Tese de doutorado, f 314. Unicamp – IFCH, 2004.

UNGER, Harlow, G. **Encyclopedia of American Education**. 3ª Ed. New York: Infobase, 2007

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WESTBROOK, Wayne W. **Wall Street in the American Novel**. New York; London: New York University Press, 1980.p. 06.

WOODMANSEE, Marta; OSTEN, Mark. **The New Economic Criticism**: Studies at intersection of literature and economics. London; New York: Routledge, 1999.

ZOLA, émile. L'argent dans la littérature. In: **L'encre et le sang**: littérature et politique. Bruxelles: éditions Complexe, 1889.

Anexo A

Poesia Inédita: O Oiteiro-da-Cruz¹⁶⁴

Publicado no Diário do Maranhão em 16 de novembro de 1897.

O Oiteiro-da-Cruz

1889 — Falhando a conferencia republicana do hotel de França, causa do Conde d'Eu: ao passar o andor da imagem da Senhora da Victoria, rememoremos a lenda d'infancia. "Formosa era a tarde do dia de gloria!

Imagem celeste, com mantos azues
Vestida, acenava divina á victoria —
A postos estavam no Oiteiro-da-Cruz"

(A mãe nos contava, sentada no batente
Da antiga Victoria, do grande casal):
— Em linhas formaram, olharam de frente.
E o fogo ao combate rompera final!

" Que lucha horrosa! Medonha Batavia !
Abriam sepulchros! Gigantes de Nor!
Perdidos os Lusos — que pallida ignavia! ..."
Bradava o commando! rugia estridor!

" Em tal desespero, sem polvora — esforços
Invocam de Nossa Senhora o poder —
E logo por entre fuzis e destroços.
Um astro de luzes, de Deus a Mulher !

"Gritavam de um lado: "Por Nossa Senhora!"
E de outro gritavam: " Por Conde Nassau! "
(Remoto horizonte, profunda deshora,
Os índios diziam, gritava uhruthau)

"Tirai Dona Clara!" clamava o inimigo;
contra ella apontavam: e os tiros em vão !
E a luz fulminosa por entre o perigo
correndo as fileiras, da guerra a visão !

"E os Lusos não vendo entre elles Bellona;
Mas n'alma sentindo bravura, altivez
E em bom cartuchame pesadas patronas —
vencido o rojado por terra o Hollandez !

" Dos últimos vivos o peito arquejava !
Caiu Caledonio gentil Sandalim
Que a vida regeita, que humano lhe dava
Guerreiro de Nossa Senhora, Moniz !

" — Depois da batalha, na paz da victoria,
Narrando vencidos a lenda de luz:
Então, vencedores aos ceos a "memoria",
Que existe, erigiram do Oiteiro-da-Cruz.

" — Portanto, ó meus filhos, se fordes á
guerra,Levai n'alma a crença das armas de
Deus !Porque vencereis, e no mar e na terra
— Depois se chamaram os lares dos meus

" Os novos desertos da grande Victoria."
E a Mãe se calava. Eu fui visitar
O Oiteiro, na tarde de um dia de gloria:
Na cruz o meu nome gravei, que ha de estar.

Sousandrade.

15 Novembro, 1897.

¹⁶⁴ Agradeço ao pesquisador maranhense Luiz de Mello pela indicação desta referência.

Anexo B

CARTAS INÉDITAS

Sousândrade a Ferdinand Denis¹⁶⁵

Senhor Ferdinand Denis.

Paris.

Algumas palavras de um grande escriptor bastam para inspirar um longo poema.

O Guesa já tem, como aqui vereis, quatro cantos impressos; mais dois a dois, que cedo vos enviarei, e que trazem o errante até cá.

O Guesa desceu os Andes, percorreu o Amazonas, penetrou nas selvas do equador; atravessou os mares das antilhas e visitou a Republica americana. D'aqui seguirá ás costas dos Pacífico, os paizes dos Incas, pelo Cabo d'Horne ao Rio da Prata, até o Brazil.

O Suna que percorre o moderno Guesa que inspirastes, é pois ao em torno da America. Seja elle condigno á formosa lenda do "Universo."

J. de Souza- Andrade

New York –

P.O Box 5501

- O Novo Mundo -

¹⁶⁵ Material consultado no acervo de obras raras da Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris – França.

Sousândrade a Henry Wadsworth Longfellow¹⁶⁶

H. W. Longfellow

My dear Sir:

I have the Greatest pleasure of sending to you a collection of poems from a young poet, Emil Schwerdtfeger, of N.J.

He is eighteen years and studies in Cornell University, where he has got the first premium last year for the English verb.

By the included letter you will see that he knows now about twenty languages and dialects.

As his friend I wished to make for him a book of all poems which in different times he had sent to me and that are corrected now.

Here is because I ask you to read this collection and with a cordial sympathy to say some words of benevolent criticism, to be printed on the front page of the volume, that I hope and expect will succeed¹⁶⁷.

I am, dear sir,

Your very respectful

J. de Souza-Andrade

Sep. 1875
N.Y
Cure of
Burdett and Pound
174 Water St.
N.Y

¹⁶⁶ Material consultado na *Houghton Library*, biblioteca de manuscritos e obras da Universidade de Harvard, Cambridge – EUA.

¹⁶⁷ *Sic* - succeed

Sousândrade às editoras do periódico *A Mulher*

Correspondencia dos Estados Unidos¹⁶⁸
New York, 14 de março de 1881

Album do Journal (sic) brasileiro *A Mulher*,

Compilado pela “Correspondencia dos Estados Unidos”

Estimaveis Sras. Academicas:

Respondo á bondosa carta que me dirigistes com o primeiro numero de vosso periodico “A Mulher” que com grande alvoroço do espirito li, escripto e dictado como o dever ser, tão somente pelo entusiasmo e as crenças do futuro. Sois as auras precursoras de melhores dias á nossa querida patria; abençoadas sois. Amostras os vossos corações nobres em que vê-se a verdade, sem dialectica nem fórmulas; e a verdade ahi é a elevação da mulher pelas virtudes e pelas sciencias. Ninguem que ame seu paiz deixará de ver como vós, que d’esses principios depende a sociedade brasileira: e todo o que tiver uma filha, prepare a para a revolução da Academia das Senhoras.

Em bôa hora desaparecerá a escravidão no Brazil e com ella o seu cortejo de trevas: que surja pois a liberdade com o seu sceptro de luz . . . e a liberdade são as virtudes e são as sciencias, que bem mais vale serem possuidas do que possuir negros: e nem serão as dispendiosas leis escriptas dos governos de S. M., porém a bem educada mulher que hade educar a probidade cívica dos nossos futuros cidadãos. *

O vosso mal alinhavado periodico (já vos estais rindo da franqueza de quem ouviu dizer no Brazil, que não liam o “Novo Mundo,” que tantos serviços prestava á causa da civilização, por ser mal escripto.—como si não fossem as ideas e sim á grammatica que governasse o mundo alli) produzirá mui salutaes resultados porque é raio directo de uma grande idea, qual a de reanimar vossas irmãs brasileiras, aterradas e abatidas á decadencia moral da patria, E tendes razão. Ainda são os mesmos homens de quando o Homem-Deus na hora da morte dizia ao discipulo:—eis ahi tua Mãe,—que vieram e, talvez mais engenhosos do que supersticiosos, fizeram da Mãe responsavel a caseira irresponsavel, o que é o contrario do que disse o Moribundo: e nunca se viu homem verdadeiramente grande que não fosse educado por mãe como aquella. Portanto á sociedade moderna não é bastante o perfeito coração maternal, e só a mulher scientifica será

¹⁶⁸ Cópia fornecida por Ivone Morais Pinho a Carlos Torres Marchal, quem gentilmente nos disponibilizou.

a mulher emancipada; somente as sciencias lhe poderão preservar esse coração glorioso n'aquella esphera de belleza moral, especie de calma divina, a qual crealhe a felicidade forte da consciencia e é a bemaventurança da familia.

E começais bem a propaganda; é na Republica d'onde sempre deve-se de partir para as glorias do porvir: a America uma, é de todos nós como o era de Colombo, e são os Estados Unidos a actual metropole do progresso. Vergonha a aquelles que a um bairrismo pharisaico e mesquinho pretendem limitar, amesquinhar o seu torrão, em vez de ampliar-lhe os horizontes da sagrada ambição sempre mais, sempre mais, como quem buscasse, o primeiro, alcançar os primeiros claros do sol através de tarda e lenta rotação da terra.

Minha filha assigna ao vosso periodico; e eu como quem sinceramente sympathisa com a vossa causa de denodo.

Respeitosamente,

J. de Souza Andrade.

Jan. 12, 1881.—New York.

Sousândrade a Joaquim Nabuco¹⁶⁹

Depois de olhar nos ceos obscuros a mancha torva da lua e antes do raiar do sol — que sempre afigura-se-me levantar na direcção d'onde erguera-se o patibulo do Dentista, o meigo Xavier.

Praça da Republica (47) em 26 de Ag. 96.

Joaquim Nabuco:

— leis “marcar com pedra branca a hora em que me vistes” — Seja. Quando visitei a V. Hugo, quando depois certo jornal parisiense disse: la Gueuse c'est la république, tambem o jornal dos amigos do Poeta respondeu, soit! como o faço agora.

Me deveis amor; Aff. [Affonso] Celso me deve amor; a princeza Izabel me deve amor, e hei de reconduzil-a á nossa patria não imperatrix do Brazil, mas como a melhor mãe de familia brasileira (vereis no Novo-Eden que ella é a predestinada rosa de oiro, a irmã de Washington e fundadora da Republica da Sul-America, a suicida dynasta para ser a revivente Libertas).

Nas democracias verdadeiras, Helvecia, Estados Unidos, Chile, Uruguay que é a nossa irmã mais velha, sente-se a Acção eterna eternamente guiando os povos. Já a presinto entre nós. O periodo lagarta vai passando e temos penetrado no periodo chrysalida = Christ-cross-row = e o da borboleta solar, o seculo XX, será nosso. E assim como os individuos, as nações teem de atingir á maioridade: do glorioso militarismo representado por Floriano, passamos ao septenio da magistratura, e o das universidades nos espera então . . . Attesta-o o brilhante corpo de cavallaria que impondo a paz activa ahi vejo desfilar ao amanhecer, porque toda a noite velara e nem saber pode dormir quem guarda o seu posto de honra.

¹⁶⁹ Sousa Andrade [Sousândrade, Joaquim de]. Correspondência para Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro 26 de Agosto de 1896. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: N° 1722 [CP P39 DOC 906].

O Dentista Mineiro, o saneador da bocca, é a grande Voz; Pedro 1º quiz ser-lhe e foi, o braço d'independencia (e 2º qual o periodo actual, de necessaria demora, magistratura em fim ou de arrumações, é o imperial depois do colonial e antes do republicano); D. Izabel sua neta e com o leque partido e as rosas de mayo terminou a Revolução, que é secular como a franceza: se a redemptora do imperio fosse rodeiada da tribu de Benjamin ou dos verbos em *ε* qual *dos α α* o avô, tudo estaria differente. Porém, a eschola das desgraças, como o exemplifica S. Paulo, sendo a que conduz a humanidade á gloria — gloriosos havemos de ser todos.

Hoje mesmo: querem guerra e anarchia? alli ateia-se incendio de anarchia e guerra. . . Tambem eu não marcaria com pedra preta o dia em que viestes apertar-me a mão.

Saude e fraternidade.

o cidadão Sousandrade

Anexo C

Artigo Inédito: Mais Elementos

*Não recolhido em volume e indisponível na *Hemeroteca Digital Brasileira*.

O Federalista (São Luís) 25 de outubro de 1898 – p.03

Mais elementos

Passando um gato, duas sentinellas de sobre as barricadas philosopharam («MISERAVEIS» de V. Hugo, a mais intensa arte social do XIX seculo): Deus creara o rato; vendo logo que sua obra era má, para não a desfazer creou ao gato. Fabulistas acharam boa a criação, porque o roedor livra ao leão rei dos animaes esboracando as redes em que são apanhados. Itamaraty e Cattete.

Então vimos todo um povo amotinado á quèda de Moreira Cesar, cujos rumores foram precisos para *ensurdecer* a antiquaria acustica do “Ouvidor” destruindo a imprensa *do* Liberdade; depois, a *do* Republica.

As duas grosseiras preposições, zombando das duas mágicas femininas, tinham de responder por Pentapolis antiga: e a nova geração que está surgindo, os novos cidadãos, que hão de formar-se o novíssimo gato, que é a mocidade christã, philosopham também, lavam a casa em água do Jordão e clara fronte alevantada erguida nos mandamentos da lei de Deus—são as sentinellas da Liberdade e da Republica.

Sublime democracia pura !

Jesuchristo ensina o «renascer de novo em espírito e verdade»; e a natureza o scientifica no gyro do sangue - em 3 minutos e em 7 annos- toda a revivente revolução do corpo humano. Augusto Comte ante a corrupção do seu tempo vendo os homens fracos para as terríveis e sagradas violências da Religião Christã, traçou a da Humanidade, mais contemporânea, pelas novas fórmulas e sem o manto real dos Kzares nem a dor immortal da nudez dos raios da Cruz. Os propagandistas na

nova éra que, como a solar borboleta deixando a nympha do Imperio, por fim raiou em 15 de Novembro, são responsáveis do porvir da bella pátria e querem em linha recta cooperadores venham ou da rosa de ouro-de Leão XIII, ou dos familiares de Luthero, ou dos discipulos de Benjamin.

D'estas considerações universitárias, dos cidadãos responsáveis, irradiam as fôrças que animam o trabalho das industrias; illuminam a actividade social, a policia da intelligencia — assim como a mesa dos paes reunidos a tractarem cooperativamente das presentes necessidades dos filhos e transportando os a destino melhor, pelas escholas modelos, pelos gymnasios correctos, pelas faculdades livres e austeras das sciencias; cumpramos o dever dos legítimos que não cantam os hymnos do seculo que nasce risonho sem primeiro haverem entoado a elegya saudosa do seculo no accaso que legou nos quanto possuiu.

Abençoada gratidão dos que honram a memória dos seus maiores !

Intromettidos brazões de um alem-mar campo d'Ourique, ou a suggestão educadora do eterno fundador da Liberdade Americana ?

Ora, somos de America: e Mac-kinley acaba de bombardear á Europa em justíssima causa por uma perola das Antilhas, assim como a outros intromettidos brazões Floriano mandava receber à bala.

Porem, como o gato das barricadas, contam que passava a *manguda* Sentinella municipal, philosophando também, alinhou suas praças: cortou mangas da linda ermida dos Remedios, que tencionavam estender ainda mais para o largo; e emendou na quinta Victoria (1866) nesga das cajaseiras.

N'esses tempos da opulência, antes da trezena de Maio e do Novembral saude e fraternidade, ajudando ao embelezamento da praça, o proprietário, e em bem da moral publica e do chão vasio que até então era monturo de pestilência (e vai sendo de novo abandonado) e de accordo municipal:

Pelo alinhamento da lei fez muralha frondosa de bambusaes, que desapareceram deixando à mostra roto cotovello indecente na praça hoje da Justiça. Da vingadora deusa revelam se os decretos, ja caindo sobre os juizes e ja, por exemplo, em factos

delirantes assim! — Os medidores da intendência, cujo mangudissimo recibo de 125:000 há de estar com a petição na Alfandega, assignados por todos cinco e entre elles o chefe dos fiscaes, dizem mediram de sul a norte... e *de norte a sul* ...;—um subdelegado animava os seus trabalhadores a desembarcarem, a depositarem pedras e madeiras e a transitarem as carroças pela quinta, porque eram terrenos seus arrematados em *hasta publica*;—outro despachante geral, toma algum dinheiro para inteirar o preço de uma gorda vacca leiteira, que vai a toda pressa comprar antes que outros a comprem, e volta, sem mais dinheiro, com umas cabrinhas magras com seu bode a que as crianças chamavam *Antonio Conselheiro*;—outro arrendatário da quinta, porque os correspondentes commerciaes lhe *disseram apenas*, que havia quem d'esse [sic] mais, sente-se logo ameaçado e muda se sem lembrar-se do tracto de garantia que tem assignado e os rendimentos passaram a ser de *menos da metade* ! e se o proprietário ausente telegraphar manda pelo que presume ja haver do seu; além de epistolas *mangudas* respondem *fios seccos*, que *não podem mandar supprimentos* !... Então ouvia-se: «O' Deocleciano, como vai o *negocio* ?...» quando bradávamos pela mudança temporária da Capital Federal para Theresopolis—*God save the President*—

P.S. Rejubila a esperançosa mocidade sabendo que o nobre director da Faculdade de Direito e o gentil governador do Estado tomam ao seu cuidado a instalação do primeiro ramo da Universidade de Atlantida.

Quinta Victoria 5 Oit. 1898

Souzandrade